



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E DA SAÚDE
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM TERAPIA OCUPACIONAL

PAULA TATIANA CARDOSO

**(R) EXISTÊNCIAS AFIRMADAS EM TERAPIA
OCUPACIONAL:
VESTÍGIOS E FABULAÇÕES**

São Carlos-SP
2023

PAULA TATIANA CARDOSO

**(R) EXISTÊNCIAS AFIRMADAS EM TERAPIA OCUPACIONAL:
VESTÍGIOS E FABULAÇÕES**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Terapia Ocupacional da Universidade Federal de São Carlos, para obtenção do título de doutora em Terapia Ocupacional.

Orientadora: Prof. Dr^a. Carla Regina Silva

Volume I

São Carlos-SP
2023



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS

Centro de Ciências Biológicas e da Saúde
Programa de Pós-Graduação em Terapia Ocupacional

Folha de Aprovação

Defesa de Tese de Doutorado da candidata Paula Tatiana Cardoso, realizada em 10/02/2023.

Comissão Julgadora:

Profa. Dra. Carla Regina Silva (UFSCar)

Profa. Dra. Eliane Dias de Castro (USP)

Profa. Dra. Elizabeth Maria Freire de Araujo Lima (USP)

Profa. Dra. Sabrina Helena Ferigato (UFSCar)

Profa. Dra. Monica Palacios Tolvett (Usach)

Dedico esse trabalho a todas as (r)existências que me atravessaram durante o período da pesquisa - múltiplos seres e acontecimentos que compuseram em mim potência de combate, afirmação e comunidade.

AGRADECIMENTOS

Sobre o antes, o agora e o depois, sobre o tempo e a eternidade, obrigada mãe, pai e irmãs, amo vocês.

Sobre toda a família, mas especialmente as mulheres desse bando em ancestralidade, que ativaram desde o início em mim a força de combate e afirmação das nossas existências e potências - é por/para nós e aquelas que virão!

Sobre um parceiro de vida que todo dia me encanta em sua deliciosa singularidade - Bento, meu filho, obrigada por tantas conversas sobre a pesquisa, pelas inspirações e criações que compõem esta tese, e acima de tudo, obrigada por existir!

Sobre o amor generoso, cuidadoso, que sustenta, acolhe e ensina como nenhum outro - Pedro, meu amor, você é tão maravilhoso e importante!

Sobre as vidas outras que nos atravessam, marcam e constituem, em passagens, relampejos e rastros - Patos, Fungos, Filhxs, minha co.movida gratidão!

Sobre outros afetos importantes: Téo e Lu (que bom que vocês compõem nossa família, meus amores); Zé Moreira e Marivone (entre saladas de frutas e outros gestos de atenção, celebro a sorte de ter vocês no caminho); amigas e amigos da vida (que de perto ou de longe vibram com meus acontecimentos).

Sobre meu bando de magas e nossos malabares alegres - Marina, Grasi, Bia e Clau, tem tanto de vocês aqui, em mim. Daqui até o infinito, meninas! Obrigada por sonharem e criarem passado, presente e futuro comigo.

Sobre um coletivo que sonha e experimenta o comum na beleza de gestos que ativam e acolhem a germinação de singularidades plurais e suas resistências - queridas pessoas do AHTO, seguimos juntas!

Sobre uma pessoa faísca, que ativa micélias, transforma mundos e esparrama amor por todos os lados. Nunca foi sobre fazer isso com outra pessoa - Carlinha, minha inspiradora-orientadora, amo e não largo nunca mais, você sabe, né?!

Sobre um ninho de nós, que costura terapia ocupacional com linhas de afetividade, sensibilidade e crítica, e que me faz sentir em casa - Isadora (minha grande parceira-arqueira-presente), Fernanda (minha artisTO preferida), Lê (força imensa de vida que quero sempre perto para um pão de queijo e *podcasts*), Carol (contadora de histórias e encantadora de gentes), Rô (das janelinhas do *meet* para o mundo), Tati (de punhos cerrados e poesia bordada, que bom te conhecer) e Inés (nossa bela unicórnica).

Sobre uma mulher e um encontro que mudaram meu rumo, ainda bem. Mari Quarentei, lá se vão quase 20 anos - amar, pensar e realizar terapia ocupacional com você é uma das minhas atividades favoritas na vida, e fazer isso tão junto nesta pesquisa foi muito mais do que eu poderia imaginar.

Sobre as Bancas de qualificação e defesa desta tese, que em apreciação, expressam uma ética rigorosa baseada na sensibilidade e na generosidade e me enchem de gratidão.

Sobre uma profissão e o que ela me trouxe de mais precioso - as terapeutas ocupacionais. Queridas participantes deste estudo, que experiências incríveis vocês compartilharam, obrigada, obrigada, obrigada...

Sobre presentes deste percurso: Inda (aquela existência linda que enxergou minha alma) e Ana Godoy (quem eu não queria parar de encontrar).

Sobre pousos alegres com Marina, Bruno, Mirela, Evandro e seus respectivos filhotes. E sobre um grupo que experimentou a leveza e a alegria de encontros de partilha, apoio e celebração na universidade - Jaime, Rê, Vivi, Antônio e Silvani, para quando aquele brinde de doutoras e doutores?

E, por fim, sobre outros apoios importantes para a realização de um estudo com tamanha entrega e comprometimento - Programa de Pós-Graduação em Terapia Ocupacional (PPGTO/UFSCar), Departamento de Terapia Ocupacional (DTO/UFTM) e Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES/Brasil), obrigada.

*As rosas da resistência nascem no asfalto.
Nós recebemos rosas, mas estaremos com os
punhos cerrados, falando de nossa existência
contra os mandos e desmandos que afetam
nossas vidas.*

*(Marielle Franco, Dia Internacional da
Mulher, 2018)*

RESUMO

Esta tese considera a implicação do campo da terapia ocupacional na produção das subjetividades e dos modos de vida, agenciados hegemonicamente por eixos estruturais de controle e dominação. Destaca-se especificamente os efeitos desses eixos no cotidiano de diferentes pessoas, grupos e populações, e as resistências envolvendo processos normativos, opressores e colonizadores vivenciados nas relações entre poder sobre a vida e potências de vida. Trata-se de uma investigação baseada na experiência, que considera a imanência da relação pensamento e vida nos processos de produção de conhecimento, no sentido da experimentação e do fazer-pensar. Em uma abordagem cartográfica, buscou-se reconhecer experiências de terapeutas ocupacionais, tendo como linha analítica central as resistências acompanhadas e vivenciadas na prática profissional, que entrelaçam dimensões micro e macropolíticas considerando as estruturas e as dinâmicas de organização e exploração da vida, suas relações, produções e impactos cotidianos. O acompanhamento de processos que compuseram o plano comum da pesquisa aconteceu a partir de três territórios relacionais que se entrelaçaram: a) encontros e vivências com o grupo de pesquisa Atividades Humanas e Terapia Ocupacional; b) participação de terapeutas ocupacionais colaboradores do estudo, com narrativas partilhadas em formulários, expressões livres e cartas; c) movimentos de um corpo cartógrafo multidão - vivo, aberto, em experiência. Em andanças, sobrevoos e mergulhos foi possível produzir vestígios sobre a resistência com a terapia ocupacional, em uma atitude micelial de propagação, ativação e conexão, que realizou maneiras singulares de produzir materialidades e operar análises no processo cartográfico. Tais vestígios apontam para modos combativos, afirmativos e coletivos de resistir, e fomentam atos fabulatórios de uma pesquisadora que caminhou com patos. As fabulações apresentadas convocam terapeutas ocupacionais a um

posicionamento multidimensional, situado e inventivo, comprometido com a defesa da vida e a afirmação de singularidades plurais, na realização de práticas sensíveis-críticas sustentadas na experiência singular-comum-partilhada e seus múltiplos sentidos.

Palavras-chave: terapia ocupacional; hegemonia; resistência; cartografia; invenção de mundos.

**(R)EXISTENCIAS AFIRMADAS EN TERAPIA OCUPACIONAL:
RASTROS Y FABULACIONES**

RESUMEN

Esta tesis considera la implicación del campo de la terapia ocupacional en la producción de subjetividades y modos de vida, gestionados hegemónicamente por ejes estructurales de control y dominación. Específicamente, se destacan los efectos de estos ejes en la vida cotidiana de diferentes personas, grupos y poblaciones, así como las resistencias que implican procesos normativos, opresores y colonizadores vividos en las relaciones entre poder sobre la vida y potencialidades de la vida. Es una investigación basada en la experiencia, que considera la inmanencia de la relación entre pensamiento y vida en los procesos de producción de conocimiento, en el sentido de experimentación y hacer-pensar. En un abordaje cartográfico, buscamos reconocer experiencias de terapeutas ocupacionales, teniendo como línea central de análisis las resistencias acompañadas y vivenciadas en la práctica profesional, que entrelazan dimensiones micro y macro políticas considerando las estructuras y dinámicas de organización y exploración de la vida, sus relaciones, producciones e impactos cotidianos. El acompañamiento de procesos que conformaron el plan común de la investigación se dio a partir de tres territorios relacionales que se entrelazaron: a) encuentros y experiencias con el grupo de investigación Actividades Humanas y Terapia Ocupacional; b) participación de terapeutas ocupacionales que colaboraron en el estudio, con narrativas compartidas en formularios, expresiones libres y letras; c) movimientos de un cuerpo de cartógrafo de multitudes - vivo, abierto, en experiencia. En caminatas, sobrevuelos e inmersiones, fue posible producir rastros de resistencia con terapia ocupacional, en una actitud micelial de propagación, activación y conexión, que llevó a cabo maneras

únicas de producir materialidades y análisis operativos en el proceso cartográfico. Tales vestigios apuntan a formas de resistencia combativas, afirmativas y colectivas, y fomentan los actos legendarios de un investigador que caminaba con patos. Las fábulas presentadas convocan a los terapeutas ocupacionales a un posicionamiento multidimensional, situado e inventivo, comprometido con la defensa de la vida y la afirmación de las singularidades plurales, en la realización de prácticas sensitivo-críticas sustentadas en la experiencia singular-común-compartida y sus múltiples significados.

Palabras-clave: terapia ocupacional; hegemonía; resistencia; cartografía; invención de mundos.

**(R) EXISTENCES AFFIRMED IN OCCUPATIONAL THERAPY:
VESTIGES AND FABULATIONS**

ABSTRACT

This thesis considers the implication of the field of occupational therapy in the production of subjectivities and ways of life, hegemonically managed by structural axes of control and domination. Specifically, the effects of these axes on the daily lives of different people, groups and populations are highlighted, as well as the resistance involving normative, oppressive and colonizing processes experienced in the relationships between power over life and potentialities of life. It is an investigation based on experience, which considers the immanence of the relationship between thought and life in the processes of knowledge production, in the sense of experimentation and making-think. In a cartographic approach, we sought to recognize experiences of occupational therapists, having as a central analytical line the resistances accompanied and experienced in professional practice, which intertwine micro and macro political dimensions considering the structures and dynamics of organization and exploration of life, its relationships, everyday productions and impacts. The accompaniment of processes that made up the common plan of the research took place from three relational territories that were intertwined: a) meetings and experiences with the research group Human Activities and Occupational Therapy; b) participation of occupational therapists who collaborated in the study, with shared narratives in forms, free expressions and letters; c) movements of a crowd cartographer body - alive, open, in experience. In walks, overflights and dives, it was possible to produce traces of resistance with occupational therapy, in a mycelial attitude of propagation, activation and connection, which carried out unique ways of producing materialities and

operating analyzes in the cartographic process. Such vestiges point to combative, affirmative and collective ways of resisting, and foment the fabled acts of a researcher who walked with ducks. The presented fables summon occupational therapists to a multidimensional, situated and inventive positioning, committed to the defense of life and the affirmation of plural singularities, in the performance of sensitive-critical practices sustained in the singular-common-shared experience and its multiple meanings.

Keywords: occupational therapy; hegemony; resistance; cartography; invention of worlds.

SUMÁRIO

ABRINDO CAMINHOS	14
TRILHA I - PERCURSOS, PRODUÇÕES E EMERGÊNCIAS	
1 DEVIR CARTÓGRAFA	42
1.1 HABITANDO O CAMPO DA TERAPIA OCUPACIONAL	45
1.2 EM MOVIMENTOS CARTOGRÁFICOS	53
2 ANDANÇAS E SOBREVOOS	64
2.1 EXPERIÊNCIAS COM O GRUPO DE PESQUISA AHTO (ATIVIDADES HUMANAS E TERAPIA OCUPACIONAL)	65
2.2 EXPERIÊNCIAS COM OS FORMULÁRIOS - FASE 1	79
2.3 EXPERIÊNCIAS COM AS CARTAS E OUTRAS EXPRESSÕES - FASE 2	92
3 MERGULHOS	103
3.1 NARRATIVAS E TRANSVERSALIDADE	103
3.2 ENTRE QUESTÕES, EMERGÊNCIAS E ANALISADORES	105
TRILHA II - VESTÍGIOS E FABULAÇÕES EM TERAPIA OCUPACIONAL	
1 O PODER SOBRE A VIDA	118
1.1 AS MÁQUINAS E AS GENTES	123
1.2 CORPOS E COTIDIANOS	130
2 LUTAR E RESISTIR	134
2.1 SOBRE COMBATES	134
2.2 AS LUTAS EM TORNO DA CIDADANIA: ENTRE CONTRADIÇÕES E POSSÍVEIS	143
2.3 PENSAMENTO, CONSCIÊNCIA E CRÍTICA	148
3 (R)EXISTÊNCIA E INVENÇÃO DE MUNDOS	154
3.1 MODOS DE SER, SABER E FAZER AMEAÇADOS	154
3.2 A AFIRMATIVIDADE DAS RESISTÊNCIAS	158
3.3 (R)EXISTÊNCIA, CRIAÇÃO E TERAPIA OCUPACIONAL	164
4 ENCONTRO, COLETIVIDADE E MULTIPICIDADE	176
4.1 ACOLHER E COM-VIVER	176
4.2 A COLETIVIDADE COMPONDO FORÇAS E FORMAS DE RESISTÊNCIA	180

4.3 CORPOS COLETIVOS EM EXPERIMENTAÇÃO	186
4.4 O RESGATE DO NÓS.COMUM: POR UMA ÉTICA DA MULTIPLICIDADE INSPIRADA NA FLORESTA	191
5 FABULAR	199
5.1 A DIMENSÃO SENSÍVEL-CRÍTICA	200
5.2 TERAPIAS OCUPACIONAIS SUSTENTADAS NA EXPERIÊNCIA	210
TRANS.BORDAMENTOS	223
REFERÊNCIAS	229
APÊNDICE A - EXPERIÊNCIAS COM O AHTO (DETALHAMENTOS)	253
APÊNDICE B - FORMULÁRIO VIRTUAL	268

ABRINDO CAMINHOS

Resistência é uma palavra polissêmica, que implica forças, movimentos, e desta forma pode ter sentidos e direções múltiplas. Neste trabalho, que se realiza no campo da terapia ocupacional, ela será abordada no contexto das relações entre *poder sobre a vida* e *potências de vida*, tendo em vista processos micropolíticos e macropolíticos de produção e sustentação das hegemonias patriarcais, coloniais e neoliberais, considerando os efeitos que produzem na vida das pessoas principalmente.

Interessam-me as resistências às hegemonias e à hegemonia de toda ordem. Além disso, é importante dizer que como mulher, branca, brasileira, mãe, terapeuta ocupacional só posso falar de resistência do lugar da contradição - forjada que sou em um mundo racista, machista, capacitista e capitalista. Escolho fazer essa afirmação desde já para que não haja expectativas de vestígios e fabulações fora da contradição fundamental que me/nos constitui.

A contradição, entretanto, não me impede de sonhar outros mundos, é com ela que me lancei neste percurso chamado doutorado, e nele aprendi um pouco mais a encará-la de frente, incluí-la, em busca de uma honestidade para com o vivo e a experiência. E assim me reconheço nas palavras de Eliane Brum - "Em todos esses anos escutando gentes muito diversas e observando diferentes mundos, aprendi que nunca dá certo desviar das contradições. É preciso enfrentá-las e seguir com elas" (BRUM, 2021, p. 239). Contradições que se materializam nesta experiência de pesquisa na habitação e coprodução de um campo, a *terapia ocupacional*, e no farejamento de uma temática, a *resistência*.

É assim que atravessam e se entrelaçam na realização deste estudo duas linhas fundamentais: a luta compartilhada contra os fascismos colossais e a resistência cotidiana contra os fascismos miúdos, inclusive em mim. "Como liberar nosso discurso e nossos atos, nossos corações e nossos prazeres do fascismo?"

Como expulsar o fascismo que está incrustado em nosso comportamento?" (FOUCAULT, 1977, p. 13). Talvez a mais difícil das tarefas, porém das mais necessárias, e só possível pela experimentação comprometida. Tomei-a para mim há muitos anos, e esta pesquisa é (também) uma experiência e um compromisso nesse sentido.

Mobiliza-me conhecer, compreender e criar com a terapia ocupacional. Há mais de dez anos exercendo a docência na universidade pública, muito se passou até o momento em que me vi na urgência de mergulhar no tema da resistência. De tantas formas me entreguei às linhas que compõem contextos diversos envolvendo a extensão, o ensino e a pesquisa, que entrelaçam afetos, corpos, mecanismos e estruturas variadas, ressaltando em mim o papel da universidade no apoio às lutas e resistências daqueles que mais sofrem com os interesses dominantes e as desigualdades. Foi assim que me voltei para a problemática de como os poderes operam em dimensões múltiplas e de como resistir à sua soberania, tendo em vista a complexidade da produção das subjetividades, das relações, dos fazeres, dos cotidianos, das possibilidades, da vida. Um retorno à um embaraço que me constitui.

Muitas foram as parcerias no caminho, muitas também as pedras. Quanto mais discutia a hegemonia, mas sentia a dor do seu corte na pele. Peles, dores, resistências. Para mim, sempre se tratou de um problema da terapia ocupacional, que envolve na produção do cuidado a luta por justiça, direitos, oportunidades, assim como a busca pela afirmação e ampliação da potência de agir, diferenciar, criar, alegrar.

Assim, este trabalho versa sobre pessoas, grupos, coletivos e populações com as quais pude com-viver como terapeuta ocupacional, sobre mulheres, estudantes, professoras, crianças, sobre mim, sobre nós, sobre várias outras, outros e outres que ressoam. Na teia paradoxal, e ao mesmo tempo assimétrica da produção das hegemonias e das resistências, e perante o que há de belo e bom nas forças que resistem, chego até aqui, chegamos.

Foi seguindo rastros de potência com a terapia ocupacional que realizei e produzi esse caminho, em parcerias afetivas e cotidianas, acadêmicas e não acadêmicas. Como diria Tim Ingold (2015), não se faz uma tese sem o chão que a gente pisa, o ar que se respira, as pessoas e outros seres que nos ajudam a sustentar a vida. Trata-se disso, afinal, da vida e dos modos de viver.

Se compartilho aqui um tanto das motivações e trajetórias que inspiram este trabalho, também cabe a mim abrir os caminhos para que outros possam adentrá-lo, percorrê-lo, desfrutá-lo e se misturar a ele.

Nesse sentido, penso que vale fazer algumas contextualizações históricas e políticas em torno da ideia central disparadora da pesquisa e sua relação com o campo da terapia ocupacional, bem como, localizar alguns eixos de discussão com os quais me moverei na maior parte desta caminhada que se inicia, e para a qual você é convidada(o).

Caminhada essa que levará a diferentes paisagens, que evocam a ação de emaranhar, mais que observar. Isso porque este texto-tese-coisa, como corpo não-humano, tem a potência de afetar e ser afetado na relação com corpos humanos, como bem nos lembra Márcia Cabral da Costa (2017). Nessas relações de afetação fabricam-se novos corpos, em emaranhados de linhas de conectividade e subjetivação. Trata-se, assim, de encontrar e tornar-se paisagem.

Notas sobre a resistência

Politicamente, o significado do termo *resistência* tem sua origem associada ao contexto da Segunda Guerra Mundial.

Na linguagem histórico-política, se designam sob o termo *Resistência*, entendido em seu significado estrito, todos os movimentos ou diferentes formas de oposição ativa e passiva que se deram na Europa, durante a Segunda Guerra Mundial, contra a ocupação

alemã e italiana [...]. (BOBBIO; MATTEUCCI; PASQUINO, 1998, p. 1114).

No seu cenário de origem, a resistência envolvia tanto a defesa da nação contra a ocupação e a exploração econômica (externa), quanto a defesa da dignidade do homem contra o totalitarismo. E, no caso específico da resistência comunista, almejou-se ainda a construção de uma sociedade socialista. Os diferentes tipos de resistência identificados na Europa, nesse contexto, se voltavam contra o inimigo externo (estrangeiro) ou também envolviam guerras civis, que buscavam uma profunda renovação política interna, como o caso emblemático da Itália tomada pelo poder fascista. Entrelaçando militares e civis, as resistências podiam ser classificadas em ativas, que atacavam o inimigo para desmoralizá-lo (tendo a guerrilha como sua máxima manifestação), ou passivas, que se limitavam a sabotar as iniciativas do inimigo em contextos diversos (BOBBIO; MATTEUCCI; PASQUINO, 1998).

De toda forma, o termo trata mais de reação que de ação, de defesa que ofensiva, de oposição que revolução, e remete a fenômenos espontâneos ou atos voluntários de conscientização de indivíduos e pequenos grupos "dispostos a rebelar-se" (BOBBIO; MATTEUCCI; PASQUINO, 1998, p. 1115).

Muito se desdobrou e se diversificou em torno dessa temática depois da Segunda Guerra Mundial, tanto no que diz respeito às práticas quanto às reflexões e teorizações em vários âmbitos do conhecimento. Dentre tais desdobramentos, se destacam, nos estudos políticos ocidentais, as resistências ao modo de produção capitalista, especialmente pautadas nos ideais socialistas.

Nesse cenário, o século XX celebrou em seu fechamento uma certa hostilidade em relação ao tema. Alguns fatores inter-relacionados contribuíram para a secundarização e o questionamento dos movimentos históricos de resistência. Um deles é a análise das resistências a partir do poder, e do

paradoxo que coloca as resistências como “silhuetas reversas das dinâmicas do poder” (ALVIM, 2011, p. 13), que atuam para limitar seus efeitos negativos. Outro aspecto é que, com a queda do Muro de Berlim e o fim do socialismo soviético, declarou-se não ter mais sentido falar em resistência ou alternativas diante do sistema capitalista que triunfou.

As últimas décadas do século XX foram marcadas por sintomas dessa nova aclimatação. O recuo da filosofia marxista, tentativas de despotencializar as lutas do presente e, no mesmo sentido, promover uma visão histórica generalizada dos mais diversos tipos de enfrentamentos, rebeliões e revoluções do passado, anunciando seus supostos horrores e finais infelizes. (ALVIM, 2011, p. 14).

No entanto, os tempos atuais sinalizam um cenário mais propício para se pensar as resistências, e talvez também mais urgente do que nunca. Davis Alvim destaca dois pontos na direção de uma “vitalidade social das resistências” (ALVIM, 2011, p. 15): 1) os sentidos do termo não estão mais reduzidos à dialética de classes; 2) e deixou de ser pensado exclusivamente como reação, bloqueio ou impedimento de algo.

Vê-se aí uma dobra importante que destaca a resistência não apenas em seu caráter político estrutural e combativo, mas também multidimensional, conectivo, inventivo. Soma-se à essa reflexão, no ressurgimento da resistência como pauta contemporânea central, as urgências da crise climática e ecológica (KRENAK, 2019, 2020); a constatação cada vez mais clara de que “enquanto modelo social, o capitalismo não tem futuro” (SANTOS, 2020, p. 24); e a efervescência dos movimentos sociais – tanto aqueles organizados em torno de uma pauta específica, e que muitas vezes relacionam identidade, diversidade e sustentabilidade, quanto aqueles que ressoam ao redor do mundo com pautas múltiplas, e que revelam “explosões de descontentamento econômico, social e político sem organização definida, que começam como uma centelha

e rapidamente se propagam” (CENTELHA, 2019, p. 99), unindo pessoas e grupos separados pela ideologia dominante.

Assim, epistemes outras foram e estão sendo pensadas e experimentadas para encarar não apenas as velhas e novas formas de violações e explorações, mas também a insustentabilidade de perspectivas exclusivistas ou que prioritariamente mantém toda centralidade dos problemas nas relações de classe.

O mundo hegemônico vive um estado de crise permanente (SANTOS, 2020) com agravamento das desigualdades, das violências, da precarização e da destruição da vida em sua pluralidade. É justamente aí, no cerne do ressurgimento do debate em torno das resistências, em sua relevância central, que surgem as discussões que convocam a: a) aprofundar, rever e ampliar as compreensões sobre as hegemônias contemporâneas interconectadas e globalizadas - o capitalismo neoliberal, o colonialismo e o patriarcado, tendo em vista seus efeitos que afetam de maneira desigual pessoas e outras formas de vida em todo o mundo; b) fortalecer o posicionamento no combate com as forças que buscam minar as singularidades e pluralidades; c) pensar e experimentar a criação de dispositivos que possibilitem ver, afirmar, assegurar e ampliar as existências e alternativas silenciadas, invisibilizadas e excluídas; d) criar outros modos de viver mais justos e sustentáveis.

Em distintas abordagens, os mais diversos campos do saber (e não só científico) têm se debruçado em torno dessas questões. Destaco aqui algumas dessas linhas reflexivas.

Eixos de dominação, interseccionalidade e articulação das resistências

Inúmeros pensadores têm chamado a atenção para os processos coloniais que formaram e ainda formam o cenário hegemônico atual às custas da produção de separações e ausências que justificam

a exploração e a dominação de uns sobre outros (SANTOS, 2007a, 2007b).

Sob essa perspectiva, para compreender as violências atuais, é preciso antes de tudo compreender a relação ontológica entre colonialismo, capitalismo e modernidade - que cria a ideia de raça a partir da colonização das Américas, instala o capitalismo como forma de organização e controle econômico mundial e coloca a Europa como centro de dominação capital, cultural e de conhecimento (QUIJANO, 2005).

Anibal Quijano (2005) desenvolve o conceito de colonialidade do poder para descrever e pensar tais fatos e processos que constituíram a organização global moderna e o atual padrão de poder mundial. O autor latino-americano aponta que a incorporação de tão diversas e heterogêneas histórias culturais a um único mundo dominado pela Europa significou, para esse mundo, uma configuração cultural e intelectual que possibilitou a articulação de todas as formas de controle do trabalho em torno do capital, sustentando assim o estabelecimento do capitalismo mundial. Com efeito, todas as experiências, histórias, recursos e produtos culturais terminaram articulados numa só ordem cultural global em torno da hegemonia europeia ou ocidental. Em outras palavras, como parte do novo padrão de poder mundial, a Europa também concentrou, sob sua hegemonia, todas as formas de controle da subjetividade, da cultura, e em especial do conhecimento e de sua produção (QUIJANO, 2005).

Diante disso, é preciso enfrentar os sistemas hegemônicos que produzem opressão de forma assimétrica a partir de um debate profundo e contextualizado sobre os processos de colonização e colonialidade que envolvem a produção simbólica e material de relações, subjetividades e culturas (QUIJANO, 2005; SANTOS, 2007a; MIGNOLO, 2010).

Nesse sentido, em um exercício de compreensão da produção histórica e social da organização mundial atual e seus processos de dominação e produção das desigualdades, destaque, na pesquisa,

os estudos do sociólogo Boaventura de Sousa Santos - que tem contribuído inclusive no campo da terapia ocupacional (GALHEIGO, 2014, 2020; LUSI, 2020, dentre outros) para o entendimento das relações fundamentais entre colonialismo, capitalismo e patriarcado e seus efeitos.

O autor português analisa os processos de dominação do sistema mundial capitalista a partir da interconexão desses eixos, arquitetados e sustentados pela racionalidade moderna ocidental. Nesse contexto, afirma que o pensamento moderno é baseado em distinções visíveis e invisíveis. Dentre as distinções invisíveis está aquela produzida pelas linhas abissais, que separa de um lado aqueles que podem ser considerados humanos e existir, e que produzem verdades e valores; e do outro, as sub-humanidades invisibilizadas, aqueles que não existem e suas realidades que desaparecem, mas que, no entanto, mantêm a partir de sua exploração, a hegemonia política, econômica, epistêmica e cultural de determinados interesses (SANTOS, 2007a, 2007b)

Tais linhas são dinâmicas, e é possível estar de um lado e de outro ao mesmo tempo, dependendo da situação e da referência. Por exemplo, uma mulher branca, europeia, de classe média pode viver situações de opressão, violência e invisibilidade nas relações de poder patriarcais, e ao mesmo tempo ocupar o lado hegemônico na produção de opressões envolvendo raça, nacionalidade e classe (SANTOS, 2007a, 2007b).

Diante desse quadro, as resistências precisam estar articuladas considerando os diferentes eixos de dominação, e devem promover visibilidade, afirmação e fortalecimento das formas de vida, expressão e criação daqueles que são invisibilizados e de suas epistemologias. São muitas as lutas nesse sentido, e ocorrem em diferentes esferas em conexão, locais e globais, o que demanda a produção de resistências e alternativas múltiplas que afirmem a produção de experiências,

saberes e práticas não reconhecidas ou marginalizadas (SANTOS, 2004; 2007a).

Nessa direção, é importante ressaltar também os movimentos feministas negros que evidenciam a natureza interligada das opressões (sobretudo ligadas ao gênero, à raça e à classe). De acordo com Patrícia Hill Collins (2016), tais contribuições alteram de forma significativa os estudos políticos, uma vez que, diferentemente de teorias que privilegiam um eixo e tentam articular os outros de forma secundária, o pensamento feminista negro tem como objeto de investigação a luta e a interação entre múltiplos sistemas de opressão.

Carla Akotirene (2019), em consonância com a feminista negra norte-americana, destaca a interseccionalidade como um sistema de opressão interligado, cujo ponto fundamental são os corpos das mulheres negras. A ideia nasce essencialmente de movimentos feministas negros, que há mais de 150 anos evocam a interseccionalidade em suas lutas que, não de maneira uniforme, articulam racismo, capitalismo, cisheteropatriarcado, etarismo, geopolítica, entre outros. No entanto, é a partir da matriz teórica apresentada inicialmente por Angela Davis, em *Mulheres, raça e classe* (1981), ajustada por bell hooks, em *Ain't I a Woman* (1981), que a interseccionalidade se desenvolve como teoria, método e instrumento prático, ajudando a enxergar, reconhecer e combater as opressões (AKOTIRENE, 2019).

A interseccionalidade impede aforismos matemáticos hierarquizantes ou comparativos. Em vez de somar identidades, analisa-se quais condições estruturais atravessam corpos, quais posicionalidades reorientam significados subjetivos desses corpos, por serem experiências modeladas por e durante a interação das estruturas, repetidas vezes colonialistas, estabilizadas pela matriz de opressão sob a forma de identidade. (AKOTIRENE, 2019, p. 39).

Nesse contexto, numa perspectiva analítica interseccional e no que concerne aos eixos de dominação em sua articulação estrutural, Collins (2016) destaca uma marca essencial que

merece atenção - a diferença dicotômica por oposição que sustenta o pensamento moderno, expressa na construção de binarismos como homem/mulher, branco/negro, razão/emoção, homem/natureza, que se baseia na categorização de pessoas, coisas e ideias, numa relação sempre de subordinação e dominação de um em relação ao outro. Para a autora, a "opressão vivenciada pela maioria das mulheres negras é moldada por seu *status* de subordinadas em meio a uma série de dualidades do tipo isto ou aquilo" (COLLINS, 2016, p. 109).

Tal constructo é reproduzido por diversos dispositivos de produção da vida social, dentre eles e com importância singular na teia das relações entre saber e poder, destaca-se o contexto acadêmico, que, como expoente da ciência moderna, assenta hegemonicamente a produção de leituras de mundo e verdades na lógica dicotômica binária e hierárquica cartesiana.

Nesse cenário, Santos (2009, 2011a) pensa com destaque a ciência e a universidade como dispositivos fundamentais na legitimação das hegemonias e dominações; e analisa esse e outros constructos na produção do que chama de epistemicídio, no exercício da monocultura do saber e do poder.

Trata-se de uma provocação para pensarmos as reproduções da diáde saber-poder a partir do dispositivo conhecido como academia, tendo em vista a interseccionalidade das opressões sustentadas no sistema moderno capitalista-colonial-patriarcal. Ao mesmo tempo, tal debate nos convoca a ampliar as resistências que emergem desse e de outros contextos, no sentido de contribuir com as diversas lutas a favor da vida e da justiça social.

Subjetividade e micropolítica

Ainda no âmbito das reflexões sobre a (re)produção das hegemonias contemporâneas e das resistências, muitos estudiosos vão chamar atenção para as subjetividades e para os processos de subjetivação que articulam dimensões micropolíticas e

macropolíticas no campo social. Nesse sentido, destaco estudos que envolvem a filosofia da diferença e que se dedicam especialmente a pensar as resistências micropolíticas ou as micropolíticas da resistência.

Foucault, Deleuze e Guattari são, dentre outros, considerados filósofos da diferença pelo desenvolvimento do conceito de diferença como oposição a um modo de pensar representacional, que parte do princípio que existe uma verdade absoluta. No rompimento com a verdade - igual a si mesma e em repetição - essas abordagens colocam a diferença como princípio e, assim, afirmam a ética da multiplicidade, da invenção e das resistências (SCHÓPKE, 2004).

As obras desses autores se entrelaçam em conversas e coproduções diversas, e se distinguem também em muitos termos¹. No entanto, tais emaranhados conceituais geram uma "co-participação no plano conceitual" (CARDOSO JR, 2005, p. 185), e ressonâncias que ativam pensamentos e outras ações no campo da terapia ocupacional, de forma geral, e mais especificamente na produção desta pesquisa.

Diante disso, considero as contribuições de suas obras para pensar e atuar no mundo a partir de deslocamentos, rupturas e resistências perante as formas normatizantes, colonizadoras e hegemônicas de (re)produção e controle da vida. Busco, porém, nos diálogos propostos no estudo entre autores e abordagens diversas, tecer críticas em torno das limitações de cada autor-obra-contexto. Interessa-me, sobretudo, produzir conhecimento a partir de múltiplas conexões teórico-metodológicas, em uma perspectiva ética, estética e política (GUATTARI; ROLNIK, 2013) - "múltiplas perspectivas e interpretações que, ao contrário de afirmar a identidade da vida e da experiência, afirma a diferença como aquilo que as relaciona" (GODOY, 2008, p. 46).

¹ Inclusive em termos de método e objetivo (DELEUZE, 2013), e especialmente nas produções partilhadas entre Deleuze e Guattari em relação aos trabalhos de Foucault.

Dito isso, retomo o destaque da subjetividade para pensar os processos de opressão e dominação. Para Foucault, o sujeito é compreendido no contexto das relações de saber-poder como uma produção social complexa e processual, e a subjetividade é resultante de processos e mecanismos que agenciam formas de vida a partir de dispositivos sociais. Dessa forma, é necessário analisar o poder na sua operacionalização, não apenas localizado em uma estrutura superior (como o rei, o déspota, o Estado), mas em múltiplas formas de relação, produção e reprodução da vida (BRUTSCHER; SCOCUGLIA, 2017).

Nesse sentido, o autor analisou a sociedade disciplinar, que teve seu apogeu no início do século XX. Nessa configuração social, para o controle dos corpos e da vida, as relações de poder operam a partir da produção de saberes e tecnologias disciplinares, definidas de acordo com sua função (vigiar, punir, curar) e exercidas em espaços de confinamento bem delimitados, como a família, a escola, a fábrica, o exército, a prisão e o hospital (DELEUZE, 2013; BRUTSCHER; SCOCUGLIA, 2017).

Tal modo de organização, condução e governança da vida se encontra em crise, como já sinalizava Foucault. Para Deleuze, o que se configura atualmente é uma *sociedade de controle*, que funciona de forma contínua e em comunicação instantânea, com características nômades e fluidas, em produção no campo social, onde "o homem não é mais o homem confinado, mas o homem endividado" (DELEUZE, 2013, p. 227). Diante de novos modos de operar o poder, é preciso compreender e afirmar as resistências também de outras maneiras, pois não nos "cabe temer ou esperar, mas buscar novas armas" (DELEUZE, 2013, p. 224).

Sabe-se, entretanto, que as relações de poder e os modos de controle se dão de formas diversas em contextos diversos, o que vale para o Norte global, nem sempre é uma opção para o Sul (SANTOS, 2007a). Assim, a análise nunca deve perder de vista as desigualdades

É verdade que o capitalismo manteve como constante a extrema miséria de três quartos da humanidade, pobres demais para a dívida, numerosos demais para a confinamento: o controle não só terá que enfrentar a dissipação das fronteiras, mas também a explosão dos guetos e favelas. (DELEUZE, 2013, p. 228).

De toda forma, os processos de controle e dominação agem diretamente na constituição dos sujeitos, ou seja, na subjetivação. Essa, por sua vez, pode ser compreendida como um processo que trata da relação da força de si, consigo - processo aberto aos encontros, na constituição de modos de existência, capazes de resistir e se recriar. Porém, as estratégias de poder tentam se apropriar de tais movimentos, especialmente na sociedade de controle, que atua em espaço aberto, não confinado, invadindo a relação entre "eu e mim mesmo" e produzindo o controle da subjetivação (DELEUZE, 2013; GUATTARI; ROLNIK, 2013).

É diante de tais mecanismos que não podemos nos abster de considerar as cooptações das forças de resistências, que muitas vezes acabam por servir aos interesses hegemônicos, na sustentação e cristalização do paradoxo inerente às práticas da vida - nós (re)produzimos as hegemonias, nós produzimos as resistências. Isso porque imbricado na cultura e na subjetividade, o regime dominante amplia suas fontes de força para além dos processos econômicos, "o que lhe confere um poder perverso mais amplo, mais sutil e mais difícil de combater" (ROLNIK, 2019, p. 33). Desta forma, "tudo é político, mas toda política é ao mesmo tempo macropolítica e micropolítica" (DELEUZE; GUATTARI, 2012a, p. 99).

Nesse ponto, vale explicitar a conceituação de macro e micropolítica e como Deleuze e Guattari a desenvolvem em suas obras. Para os autores, toda sociedade e todo indivíduo são compostos, atravessados, por duas segmentariedades: uma molar e outra molecular, que produzem modos de vida e formas de viver em acontecimentos inseparáveis/coexistentes, porém distintos. Dessa maneira, todas as atividades cotidianas são

segmentarizadas: habitar, circular, trabalhar, brincar. Por segmentariedade molar, dura ou macropolítica, pode-se entender aqueles processos instituídos, que tendem a sobrecodificação-reterritorialização, centralização, organização, estratificação, representação, consciência, com categorias estabelecidas, binarismos ou classes. Já segmentariedade molecular, flexível ou micropolítica, pode se referir a forças instituintes, inconscientes (fabricantes), móveis, nômades, decodificação-desterritorialização, crenças e desejos, fluxos ou massas (DELEUZE; GUATTARI, 2012a; ROLNIK, 2014).

Em interconexão e produção complexa, essas noções não devem ser reduzidas a uma compreensão dual, binária (bem versus mal) ou de escala, como se bastasse ser flexível para ser melhor, ou como se o micropolítico, por operar no detalhe, não fosse coextensivo a todo o campo social.

Assim, no que diz respeito às resistências, além dos combates contra as formas estruturais de poder, há sempre um movimento que se faz (ou um trabalho a se fazer) sobre si mesmo, no nível do desejo, do inconsciente (GUATTARI; ROLNIK, 2013).

A resistência, nesse momento, não é apenas uma resistência dos grupos sociais, é uma resistência das pessoas que reconstroem a sensibilidade através da poesia, da música, pessoas que reconstroem o mundo através de uma relação amorosa, através de outros sistemas urbanos, de outros sistemas pedagógicos. (GUATTARI, 2016, p. 120-121).

Se é preciso resistir ao regime dominante também em nós, temos aí um desafio para cada existência humana, o que inclui o universo relacional e a construção do comum (ROLNIK, 2019).

Outras resistências para suspender o céu e adiar o fim do mundo

Na revisão das ações humanas na modernidade e de como operam e produzem as opressões, outros pontos de vistas (CASTRO, 1996)² trazem para a cena formas diferentes de compreensão, experimentação e produção da vida. E alertam para a iminência do fim do mundo, (in)sustentado nos princípios de recurso infinito, de objetificação e mercantilização de tudo e todos, de individualização e de cisão profunda entre homem e natureza (KOPENAWA; ALBERT, 2015; KRENAK, 2019; POTIGUARA, 2019).

Se os brancos pudessem, como nós, escutar outras palavras que não as da mercadoria, saberiam ser generosos e seriam menos hostis conosco. Também não teriam tanta gana de comer nossa floresta. (KOPENAWA; ALBERT, 2015, p. 414).

Davi Kopenawa, importante xamã e porta-voz Yanomami, referência nas lutas em defesa da permanência das florestas e da vida dos povos originários, chama os brancos de *Povo da Mercadoria*, um povo que maltrata uns aos outros, é hostil com as populações indígenas e come a floresta por causa da mercadoria.

² Utilizo no estudo o termo "ponto de vista" com base nos estudos de Eduardo Viveiros de Castro em torno do perspectivismo, conceito desenvolvido a partir de uma experiência etnográfica rigorosa que destaca uma outra perspectiva (ameríndia) que desconstrói o próprio conceito hegemônico de perspectiva. A partir da realidade de cosmologias não ocidentais, o autor questiona o "multiculturalismo", que congrega a maneira até então dominante de concepção das relações entre diferentes modos de vida. É necessário um outro entendimento para a compreensão das realidades que se apresentam, e para isso propõe o "multinaturalismo", que desafia a separação clássica entre Natureza e Cultura (CASTRO, 1996; FREITAS, 2018). A partir do seu desenvolvimento conceitual, o perspectivismo ameríndio possibilita um questionamento de verdades assumidas em concepções dominantes da filosofia e da ciência e, em especial, coloca em cheque a supremacia de formas hegemônicas de ver e pensar a subjetividade e a alteridade. Nesse contexto, é possível encontrar pistas sobre como operar formas outras de relação com a diferença - "O *perspectivismo ameríndio* inclui não só a ideia de que existe uma singularidade dos pontos de vista própria de cada espécie, mas de que toda definição ontológica é posicional e provisória. A noção de múltiplos pontos de vista não implica que toda perspectiva é igualmente válida, menos ainda que uma representação correta e verdadeira do mundo não existe. O que essa análise pretende elucidar é a não existência de um ponto de vista absoluto, independente dos entes, ou uma natureza externa e unificada que seria diferentemente representada pelos vários sujeitos. Nesse aspecto, o *perspectivismo* não é nem universalista nem relativista, mas relacionalista" (FREITAS, 2018, p. 396).

Sobre essa relação predatória e suas consequências, Davi faz um alerta para a catástrofe anunciada pelos *xapiri* (espíritos da floresta) - "Se destruírem a floresta, o céu vai quebrar de novo e vai cair na terra" (KOPENAWA; ALBERT, 2015, p. 494).

Em uma sociedade baseada em dicotomias hierárquicas que justificam a dominação de uns sobre os outros, as opressões, explorações e destruições não se limitam àqueles nomeados hegemonicamente como humanos. Nesse contexto, o filósofo indígena Ailton Krenak (2019), chama atenção para a ideia que temos de humanidade, apontando a sua criação na essência da separação entre humano e natureza. Articulada a outras dicotomias, essa cisão operada pelos dispositivos de produção da vida moderna sustenta a concepção de humano que temos atualmente e justifica a colonização e a exploração do que é considerado não-humano ou sub-humano.

Esse pacote chamado de humanidade vai sendo descolado de maneira absoluta desse organismo que é a terra, vivendo numa abstração civilizatória que suprime a diversidade, nega a pluralidade de formas de vida, de existência e hábitos. (KRENAK, 2020, p. 82).

Na lógica do capitalismo, toda essa pluralidade é convertida em uma coisa só - os humanos e as relações humanas, os seres vivos, os recursos naturais, a força de trabalho, tudo é mercadoria (LIMA, 2019). A hegemonia da mercadoria submete tudo que é vida aos interesses neoliberais, na sua ideia própria, delirante e insustentável de recursos infinitos e à disposição do capital. No entanto, cosmovisões plurais de diferentes populações revelam outras maneiras de compreender a vida e viver - alternativas, resistências que subvertem as cisões com a natureza, questionam os modos de produção hegemônicos e denunciam seus efeitos.

Se estamos diante do risco de vivenciar o fim desse mundo, como o conhecemos, é fato que o mundo já acabou para muitos outros povos. Vidas e cosmologias dos povos originários ou povos indígenas resistem há séculos à extinção de seus modos de ser,

fazer, saber, é o que nos conta Krenak (2019, 2020). Muitas delas já não existem mais, outras tantas trazem marcas da colonização violenta e perversa que impôs em suas maneiras de viver os vícios da civilização - racismo, machismo, homofobia, abuso de drogas etc. (BRITO et al., 2021).

Não se trata de idealizar outras realidades, mas antes de tudo perceber que não há apenas um modo de compreender a vida e viver como prega o modelo capitalista neoliberal ocidental, mesmo diante da obviedade de sua falência enquanto modelo sustentável. Trata-se de buscar comunicações mais justas em meio a essa diversidade de pontos de vista, questionando o antropocentrismo e criando aberturas para conexões e trocas não colonizadoras.

Nesse sentido, a expansão da subjetividade, a insistência em contar sempre mais uma história, em se manter na conexão profunda com a terra, em cantar, dançar e fazer chover de muitos povos (KRENAK, 2019) dão pistas sobre a possibilidade de se viver de outras formas, por isso os povos que resistem sendo quem são fora da lógica hegemônica colonial capitalista são tão perseguidos e cotidianamente exterminados. Entender a urgência dessas lutas é perceber a insustentabilidade do mundo como está, na iminência da queda do céu (KOPENAWA; ALBERT, 2015).

Entretanto, a percepção dos dispositivos e mecanismos de opressão e seus efeitos não garante a realização de práticas capazes das rupturas necessárias por si só. É preciso afirmar saberes, fazeres e modos de ser plurais de grupos e populações historicamente invisibilizados e marginalizados. Há que se comprometer com a ampliação das potências desses modos de vida plurais e coproduzir resistências.

E o que a terapia ocupacional tem a ver com isso?

Perante diferentes formas de conceber a produção das hegemonias e pensar a ideia de resistência, ousou traçar uma linha comum - trata-se de uma temática que convoca a uma abordagem multidimensional.

Nesse sentido, entendo o campo da terapia ocupacional como favorecido, uma vez que se coloca atento e partilha as atividades de pessoas, grupos e populações diversas no mundo, na produção da vida cotidiana contextualizada e de seus múltiplos sentidos, entrelaçando o singular e o coletivo na expressão das hegemonias, das colonialidades e também das resistências (GALHEIGO, 2003, 2020; COELHO *et al.*, 2021).

Como campo de saber-fazer entre as várias ciências humanas aplicadas, que desenvolve práticas em saúde, educação, trabalho, cultura e na esfera social, a Terapia Ocupacional constrói sua forma própria de atuação e de pensamento com base em uma perspectiva singular que a caracteriza. [...] O terapeuta ocupacional olha para as pessoas e situações problemáticas que se apresentam a ele da perspectiva da vida ativa [...]. (LIMA, 2020, p. 1048).

Envolve a temática da resistência, de onde a compreendo, pensar os efeitos e os impactos dos sistemas hegemônicos articulados - como invisibilidade, violação, desigualdade e exclusão - considerando as teias de interesses econômicos e políticos que os constituem na trama sociocultural e histórica da modernidade. Pois entende-se que desvelar os processos de opressão e dominação estruturalmente construídos e sustentados especialmente nas desigualdades de raça/etnia, gênero, classe e espécies, favorece o reconhecimento de resistências e transformações que afirmem a vida, as diferenças e os direitos (sociais, civis, humanos, culturais).

Sendo a terapia ocupacional uma prática social implicada com a produção do cuidado de pessoas que sofrem de maneiras diversas esses efeitos, é um desafio para o campo profissional

construir maneiras de intervir que enfrentem as injustiças e desigualdades que se apresentam nos contextos sociais diversos (ALGADO, 2015). Isso porque “acredita-se que é o estudo das práticas sociais, que atravessam o cotidiano, que possibilita a compreensão da realidade social e abre as portas para sua transformação” (GALHEIGO, 2003, p. 105).

O convite para que terapeutas ocupacionais pensem e exerçam suas práticas no sentido de produzir e fortalecer resistências aos modos hegemônicos e opressores de produção da vida tem sido reiterado de diversas formas (HAMMELL, 2011; SILVA, 2016; LIMA, 2017; SILVESTRINI; SILVA; ALMEIDA PRADO, 2019; LUSSE *et al.*, 2019; COELHO *et al.*, 2021, dentre outros).

Nesse sentido, o cenário epistemológico da terapia ocupacional registra, nos últimos anos, uma intensificação nas reflexões e problematizações dos seus fundamentos, práticas e contextos, especialmente no que se refere: a) à problemática da colonização, do neoliberalismo, do patriarcado e da globalização na produção das desigualdades, vulnerabilidades e violações de direitos; b) ao questionamento de modelos hegemônicos de prática e produção do conhecimento; c) à realização de práticas contextualizadas e à valorização e afirmação de saberes e fazeres singulares e plurais; d) à experimentação e criação de outros modos de viver³.

Observa-se, nesse contexto, a construção de um campo crítico que congrega diferentes países em uma síntese de ideias, experiências e discussões (POLLARD; SAKELLARIOU, 2016). Antes de tudo, “um campo de possibilidades que busca entender e desvelar

³ Alguns pesquisadores destacam o Congresso Mundial de Terapeutas Ocupacionais, realizado no Chile em 2010 como marco de expressão, compartilhamento e afirmação de movimentos e reflexões nesta direção (CÓRDOBA, 2016; CÓRDOBA; ALGADO, 2010; GALHEIGO, 2011; GALHEIGO; ALGADO, 2012; MORÁN; ULLOA, 2016); o que foi retomado com evidência no Congresso Mundial de Terapeutas Ocupacionais realizado na África do Sul em 2018 e no Congresso Latino Americano de Terapia Ocupacional, que aconteceu em 2019 na Argentina, e ressalta a latência e necessidade desse debate na profissão em escala global, ainda que minoritário.

alternativas de lidar com as condições concretas da vida cotidiana dos sujeitos e coletivos" (GALHEIGO, 2020, p. 12).

Em várias partes do mundo, identificam-se movimentos na profissão que, a partir de diferentes perspectivas, "se voltam para exploração de conceitos no intuito dar suporte ao esforço de pensar uma perspectiva crítica para o campo" (LIMA, 2017, p. 3). Talvez, diante da complexidade e diversidade dos contextos, das experiências e das discussões teórico-práticas, seja mais pertinente falar em perspectivas críticas para as terapias ocupacionais.

Nesse âmbito, diversas são as abordagens, discussões e experiências desenvolvidas no cotidiano da profissão. Destacam-se movimentos, tendências e produções fundamentadas em vertentes como: o materialismo histórico; os estudos pós-estruturalistas baseados nas filosofias da diferença; os estudos decoloniais; os estudos feministas e feministas negro; as epistemologias do Sul, dentre outros.

Perante esse cenário, importa-nos destacar em concordância com Sandra Galheigo (2020, p. 11), que

[...] a apresentação de argumentos teóricos tem a função de servir de inspiração e colaborar com a construção de perspectivas críticas e emancipatórias de Terapia Ocupacional, ao invés de buscar linhas demarcatórias entre certos e errados, sob o risco de se produzir atitudes dicotômicas e discriminatórias.

Assim, parte-se da compreensão de que perspectivas críticas e contra-hegemônicas em terapia ocupacional se desenrolam em práticas e na construção de conhecimento, a partir de uma pluralidade de campos, áreas e abordagens que se conectam pelo compromisso ético-político e a necessidade de alternativas e transformação social, dados os processos de exclusão e desigualdades da atualidade.

Nesse movimento, as reflexões e ações vão na direção da urgência de responder aos desafios contemporâneos colocados às práticas sociais, diante de situações de exclusão e sofrimento

de grande parte da população mundial no aprofundamento da exploração e da dominação (GALHEIGO, 2012, 2020; CÓRDOBA, 2012; CÓRDOBA; KRONENBERG; RAMUGONDO, 2015; MORÁN; ULLOA, 2016).

Para tais enfrentamentos, a produção conjunta de práticas e conhecimentos precisa considerar centralmente a cultura e a diversidade de saberes envolvidos, no reconhecimento de necessidades e desafios locais que demandam respostas contextualizadas e inventivas (CÓRDOBA, 2012) e ser capaz de “potencializar movimentos de resistência contra-hegemônicas” (SILVESTRINI; SILVA; ALMEIDA PRADO, 2019, p. 929).

Com isso, volta-se para a promoção de resistências e transformações diante do aniquilamento da diferença e da diversidade (sexual, cultural, racial, étnica), da violação dos direitos e da crise ecológica. Isso demanda à terapia ocupacional mover-se no sentido da qualificação teórico-metodológica para o desenvolvimento de metodologias e técnicas de intervenção consistentes e efetivas no enfrentamento dos problemas sociais e desafios epistêmicos contemporâneos (CÓRDOBA, 2016; LOPES et al., 2012).

A efetivação de intervenções transformadoras requer abordagens que acolham a complexidade dos contextos de atuação na produção do conhecimento, levando em conta os processos socioculturais, políticos e econômicos que produzem as colonizações, injustiças, exclusão social e vulnerabilidades. Para isso, é importante considerar uma desobediência epistêmica na terapia ocupacional contemporânea (MORÁN; ULLOA, 2016), pensar o pensado, analisar criticamente as “verdades” sociais e da profissão (CÓRDOBA, 2016).

Considerando os desafios epistêmicos e sociais contemporâneos que levantam questionamentos sobre os papéis das práticas no âmbito das relações entre saber e poder e na (re)produção da vida, das opressões, desigualdades e vulnerabilidades, volta-se para uma crítica aos saberes e

práticas da profissão, (re)produzidos a partir de uma lógica hegemônica dominante, com pretensões universalistas.

Tal compromisso implica (re)pensar o campo da terapia ocupacional e suas hegemonias. Hammell (2011) no artigo *Resisting theoretical imperialism in the disciplines of occupational science and occupational therapy* faz uma relevante discussão nesse sentido, ao questionar teorias dominantes nos campos da terapia ocupacional e da ciência ocupacional que refletem perspectivas ocidentais no exercício de poder e de dominação global epistêmica. A autora destaca o risco de tendências universalizantes, que sugerem a produção de consensos intelectuais, uma vez que existe uma diversidade e pluralidade de perspectivas culturais que devem ser consideradas na produção de teorias mais inclusivas e construtivas (HAMMELL, 2011).

No mesmo sentido nos convocam tantos outros estudiosos em terapia ocupacional, que além de sinalizar hegemonias em perspectivas macro e micropolíticas, experimentam outros caminhos e dão pistas de práticas resistentes (KRONENBERG; ALGADO; POLLARD, 2006; ALGADO *et al.*, 2016; LOPES; MALFITANO, 2016; SILVA, 2019, ACEVEDO, 2021, dentre outros).

Nessa direção, identifica-se no contexto brasileiro a sinalização de práticas pautadas no compromisso ético-político que buscam tecer uma escuta sensível para as experiências de sujeitos e coletivos acompanhados, em uma leitura crítica dos contextos sociais e políticos.

Sensível pelo acolhimento das ideias, afetos e experiências desses sujeitos e *crítica* pela leitura problematizadora dos macroprocessos nos quais suas vidas e cotidianos estão imbricados. Um compromisso ético, por intervir no plano da vida, em seus movimentos de resistência e afirmação; um compromisso político, pela contínua explicitação dos jogos de forças macro e micropolíticas existentes, pela defesa da autonomia, da cidadania e do direito e pela busca de novas estratégias de construção e/ou fortalecimento dos coletivos. (GALHEIGO, 2016, p. 65).

Tal posição se associa à dimensão estética - que entende a vida como obra de arte - e se liga à uma estética da existência (DELEUZE, 2013; FOUCAULT, 2004; GUATTARI; ROLNIK, 2013), na produção de subjetividade como processo de heterogênesse e autocriação (LIMA, 2017), afirmando assim um compromisso ético, estético e político para o campo da terapia ocupacional (ALMEIDA; COSTA, 2019; LIMA, 2017).

O céu como guia⁴

Foi movida pelo interesse em produções éticas, estéticas e políticas de terapeutas ocupacionais que a pesquisa se voltou para práticas de terapia ocupacional e seus repertórios teórico-metodológicos ou saberes-fazeres. Considerando a inserção da profissão nos processos contemporâneos de produção de subjetividades e subjetivação, em um contexto marcado pelo aprofundamento das desigualdades, exclusões, opressões e violações, que se manifestam em pessoas, povos e outras formas de vida ao redor do mundo de maneiras diversas.

Diante do cenário exposto, busquei investigar experiências de terapeutas ocupacionais, tendo como linha analítica central as resistências acompanhadas e vivenciadas na prática profissional, que entrelaçam dimensões micro e macropolíticas considerando as estruturas e os processos de organização, controle e exploração da vida, suas relações, produções e impactos cotidianos.

Para isso, realizei uma cartografia com algumas constelações que compõem o céu da terapia ocupacional contemporânea no contexto brasileiro.

Pela observação do céu, os indígenas determinavam o tempo das chuvas, do plantio e da colheita, a duração

⁴ Inspiração: Cuaracy Ra'Angaba - O céu Tupi Guarani (documentário). Ficha técnica - Ano: 2011; Direção, produção e roteiro: Lara Velho; Direção e roteiro: Germano Bruno Afonso; Animações: Leandro Tadashi Duração: 26 minutos Apoio: Iphan/CNFCP. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=obuRxNgAh6c&t=1275s>.

do dia, mês, ano e das marés. Associam as fases da Lua com a agricultura local, para o controle natural das pragas. Desenhavam no céu suas constelações, fazendo do firmamento o esteio de seu cotidiano. Segundo os pajés, a terra nada mais é do que um reflexo do céu. (AFONSO, 2014, p.1).

As constelações, formadas por terapeutas ocupacionais, me guiaram no reconhecimento de experiências que expressam resistências perante os modos hegemônicos de produção e governo da vida nos nossos tempos, me possibilitando criar vestígios e fabular com a profissão.

Foi no emaranhado de experiências, incluindo as minhas como pesquisadora, que essas criações se deram. Deste modo, se configuram essencialmente como expressões coletivas que se singularizam em meus modos de relacionar, perceber, sentir e narrar.

A trajetória que compartilho neste texto desponta para uma composição entre céu e terra em paisagens múltiplas e variadas, sem perder, porém, a referência das constelações. Quem chega para a caminhada é muito bem-vinda(o), e está convidada(o) a farejar rastros e (con)fabular.

A tese apresenta-se em dois volumes. No volume 1, a primeira trilha levará a conhecer os percursos metodológicos do estudo e suas inspirações e sustentações teóricas, éticas e políticas. Será possível por esse caminho se movimentar com *micélias*, *patos* e *terapeutas ocupacionais*, se emaranhar em *territórios habitados* e *materialidades* da pesquisa, bem como apreciar *emergências* que as análises processuais e temáticas produziram. Fique atenta(o) aos rastros deixados por toda parte, para isso convoque a sensibilidade para perceber e acolher afetações e ressonâncias múltiplas.

Esse percurso levará à segunda trilha, por onde circulam expressões e criações plurais em interação e integração. Apresenta-se aí uma análise composicional da pesquisa na produção de *vestígios* sobre a resistência que apontam, a partir de experiências no campo da terapia ocupacional, modos

combativos, afirmativos e coletivos de resistir. Em intersecção, esses modos e suas expressões me inspiraram a *fabular*. A *dimensão sensível-crítica* e a *experiência* são pontos fabulatórios do caminho que emanam energia transversal inventiva no convite a uma parada sem pressa.

Vale ressaltar que é possível percorrer as duas trilhas de modo independente, mas não recomendo, pois penso que o encontro com as personagens e as paisagens da primeira trilha ajudará a(o) caminhante a constituir um outro corpo, com o qual poderá desfrutar mais intensamente dos vestígios e das fabulações produzidas na trilha II.

Por fim, a caminhada terminará ali onde as trilhas *transbordam*. O volume II da tese compõe esses transbordamentos apresentando em linguagens múltiplas narrativas plurais de terapeutas ocupacionais e outras expressões⁵.

Antes de seguir adiante, ofereço um mapa para acompanhar os caminhos e apoiar o caminhar.

⁵ As narrativas em texto das terapeutas ocupacionais envolvidas no estudo aparecem principalmente no volume II, e estão destacados entre aspas para possibilitar sua distinção em relação aos demais textos. É uma escolha coerente com os processos metodológicos e as análises realizadas não identificar as narrativas por participante, contexto ou fase da pesquisa. Algumas exceções acontecem, entretanto, no sentido de esclarecer o fragmento narrativo em seu contexto de aparição no texto.

Figura 1 - Mapa ao caminhante.



Fonte: elaborado pela autora (2022).

TRILHA I

PERCURSOS, PRODUÇÕES E EMERGÊNCIAS

É como lançar o barco na direção de um mundo ainda não formado - um mundo no qual as coisas ainda não estão prontas, são sempre incipientes no limiar da emergência contínua.

(Tim Ingold)

1 DEVIR CARTÓGRAFA

Este é um estudo sensível-crítico de natureza exploratória e qualitativa, baseado no método da cartografia e inspirado na bricolagem, que realiza uma atividade investigativa a partir da implicação entre pesquisadora, objeto e entorno, em que se afirmam a experiência e o contexto situacional (FERIGATO, 2013)⁶.

São referências para o desenvolvimento do método cartográfico nesta pesquisa, em especial, a obra *Mil Platôs*, de Deleuze e Guattari (DELEUZE; GUATTARI, 2011a; 2011b; 2012a; 2012b); o livro *“Cartografia sentimental”*, de Suely Rolnik (ROLNIK, 2014), e as pistas do método da cartografia, desenvolvidas por um grupo de estudiosos brasileiros e que estão publicadas nos volumes *“Pesquisa intervenção e produção de subjetividade”* (PASSOS; KASTRUP; ESCÓSSIA, 2020) e *“A experiência da pesquisa e o plano do comum”* (PASSOS; KASTRUP; TEDESCO, 2016a).

Referenciada nas formulações de Deleuze e Guattari e orientada por uma matriz de natureza ético-estético-política, a atividade cartográfica não compreende o método como algo a ser aplicado. Volta-se para a realização de uma experiência metodológica processual, que acontece a partir do engajamento em um determinado universo, no compartilhamento de territórios existenciais em que sujeito e objeto se relacionam em coprodução (ALVAREZ; PASSOS, 2020).

Em um mapeamento vivo de práticas, produções, discursos e enunciados, que *“investiga a experiência a partir da experiência”* (PASSOS; KASTRUP; TEDESCO, 2016b, p. 9), abarca-se tanto a objetividade quanto a subjetividade (BARROS; BARROS, 2016). Para isso, é importante que se opere um corpo atento e

⁶ O projeto de pesquisa foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de São Carlos - (CEP/UFSCar, número do parecer 4.692.379), com sede localizada no prédio da Reitoria (área sul do campus São Carlos) na Rodovia Washington Luiz, km 235 - Caixa Postal 676, CEP 13.565-905 - São Carlos - SP - Brasil (016) 3351-8028. Endereço eletrônico: cephumanos@ufscar.br.

sensível aos processos e problemas que emergem nas/das experiências (PASSOS; KASTRUP; TEDESCO, 2016b).

Seu exercício, porém, não se limita a revelar sentidos, intenta sim produzir um movimento contínuo de (re)significação e criação de sentidos - uma experiência micropolítica que procura linhas, processos e devires, em uma análise política da produção de subjetividade (ROLNIK, 2014).

Nessa perspectiva, a análise é antes de tudo uma leitura crítica sobre o próprio processo de pesquisa. Contínuo, o processo analítico está presente durante todo o tempo e percurso, ou seja, não se configura enquanto uma etapa. Se move a partir de problemas, que são focos de atenção e também resultados, na busca por visibilizar forças e relações que emergem na constituição de uma realidade, nunca dissociada da pesquisadora (BARROS; BARROS, 2016).

Na cartografia, questiona-se a fragmentação opositiva entre teoria e prática, produção de conhecimento e produção de realidade, pesquisa e intervenção. O ato cognitivo que compõe a experiência investigativa é encarnado e não se evoca a abstração da realidade, na compreensão de que conhecer pressupõe implicar-se e comprometer-se com a produção do mundo, para muito além de representar objetos e processar informações (ALVAREZ; PASSOS, 2020).

Assim, na chave da implicação mútua sujeito-objeto na produção da pesquisa e do conhecimento, o estudo transcorre em experiências e reflexões com terapeutas ocupacionais produzindo atenção para afetos, relações e processualidades emergentes em territórios existenciais que compõem um campo comum - a terapia ocupacional.

Por fim, quanto à inspiração *bricouler* (KINCHELOE; BERRY, 2004; DENZIN; LINCOLN, 2006) na pesquisa, se opera em uma abertura, experimentação, interação e integração com diferentes linguagens e abordagens - nos campos da filosofia, da sociologia, da antropologia, dos saberes de povos originários, de estudos

feministas, de estudos decoloniais e das artes - que a(fe)tivam (ROLNIK, 2014) forças na composição de sensibilidades, pensamentos, criação e resistências, muitas delas expressas neste texto.

A bricolagem pode ser entendida como uma criação constituída por partes, que muitas vezes divergem entre si, na formação de um todo heterogêneo e singular - como uma colcha de retalhos (DENZIN; LINCOLN, 2006). Enquanto experimentação teórico-metodológica, estética e política, se tece em movimentos sensíveis e rizomáticos, que acessam afetos, perspectivas, ferramentas e elementos plurais disponíveis e desejáveis contextualizados no processo da pesquisa.

Assim, não se enquadra em uma estrutura universal, não segue um plano previamente definido e não trabalha exclusivamente com referências científicas. Compreendendo a complexidade dos fenômenos sociais e dos processos com os quais nos relacionamos e desejando evitar o reducionismo, busca-se o rigor teórico-metodológico na multiplicidade e na pluralidade da bricolagem (KINCHELOE; BERRY, 2004).

O percorrer cartográfico e *bricouler* na pesquisa refere-se, de toda forma, a experimentação, experiência e aprendizado. Movimento em transformação processual, que não se detém em técnicas e procedimentos pré-definidos (ALVAREZ; PASSOS, 2020).

1.1 HABITANDO O CAMPO DA TERAPIA OCUPACIONAL

O percurso metodológico aqui relatado diz sobre a experiência de habitar *territórios existenciais*, enquanto lugares de passagem, sentidos, modos de expressão e de vida (DELEUZE; GUATTARI, 2012b), em constante processo de produção, na composição não dicotômica entre paisagens e personagens (ALVAREZ; PASSOS, 2020).

No estudo, contrária a uma posição em que se analisa e sintetiza o campo estudado - externo e capaz de ser representado

- a pesquisadora habita, partilha, constitui territórios existenciais, realidades em movimento, expressão, criação e conflito. Assim, "não se trata de uma pesquisa sobre algo, mas uma pesquisa com alguém ou algo" (ALVAREZ; PASSOS, 2020, p. 135), que acontece em imersão e produz mapas referentes a encontros, afetos e sensações que emergem no percurso trilhado (LIBERMAN; LIMA, 2015).

Desta forma, eu, pesquisadora em composições constantes nesse campo profissional, habito diferentes territórios em conexão, seguindo os pistas/rastros da resistência com a terapia ocupacional e com terapeutas ocupacionais. O que me move diz de um engajamento composto por afetos, experiências, relações, desafios e invenções cotidianas, que não se inicia e nem termina na pesquisa, mas por ela passa e abre passagens.

Vou seguindo rastros, ao mesmo tempo em que produzo vestígios, com uma disponibilidade comprometida com a afirmação das potências do vivo, já que se lançar a essa aventura implica "conectar-se com o pulsar da vida em seu corpo e com caminhos para os quais esse pulsar aponta" (LIBERMAN; LIMA, 2015, p. 183).

Nesta caminhada, destaco o acompanhamento de experiências e processos em três vetores distintos que se relacionam, articulam, conectam, entrelaçam, embaraçam, distanciam e engendram em um campo partilhado de forças e formas, saberes e poderes, reproduções e invenções. Chamo esses vetores de *territórios relacionais*, entendidos como lugares de passagem e encontros, que em coprodução expressam linhas do plano comum investigado que compõe, de maneira singular e localizada, a terapia ocupacional e seus processos contemporâneos na produção do real social (ROLNIK, 2014).

[Território 1] Encontros e experiências com o grupo de pesquisa AHTO (CNPq) de 2019 a 2021

O grupo de pesquisa AHTO - Atividades Humanas e Terapia Ocupacional (registrado no diretório do CNPq - Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico) foi criado em 2013 a partir de mobilizações entre terapeutas ocupacionais docentes de diferentes universidades brasileiras, interessadas⁷ em aprofundar os estudos sobre as atividades humanas como eixo central e norteador da ação profissional e ativadas na criação de redes. Desde então, a professora Carla Regina Silva se manteve como líder do grupo.

Inicialmente foram propostas três linhas de pesquisa interconectadas: 1) As atividades, a formação e o ensino em Terapia Ocupacional; 2) Atividades e práticas terapêuticas ocupacionais; 3) História e epistemologia do uso das atividades e das concepções de atividades em Terapia Ocupacional. Atualmente o grupo se encontra em movimento de reformulação de suas linhas, acompanhando as transformações do coletivo de pesquisadoras envolvidas, seus interesses e produções que refletem urgências e resistências das populações e dos contextos com os quais a terapia ocupacional se relaciona na produção da vida e do cuidado.

Nesse sentido, mais uma linha foi incluída em 2020 - "AAAfroNTO: Atividades Afroreferenciadas e Afroacessibilidade Cultural, Negritudes e Terapia Ocupacional", como resposta à urgência de pautar, visibilizar e priorizar as atividades e epistemes ligadas às culturas africanas e/ou afro-brasileiras, assim como as relações étnico-raciais na terapia ocupacional. As demais linhas seguem em processo de revisão.

⁷ Nesse trabalho utilizaremos a denominação de gênero feminino da língua portuguesa para nos referir a conjuntos de terapeutas ocupacionais, ainda que neles se encontrem homens ou outras expressões de gênero. Essa decisão semântica encontra justificativa na preponderância de mulheres dentre terapeutas ocupacionais em todo o mundo (FIGUEIREDO *et al.*, 2018).

A composição desse grupo considerado atípico, registrou na página do CNPq (espelho) em março de 2022 a participação de 117 membros de diferentes campos do saber em terapia ocupacional, entre pesquisadores (32), estudantes de graduação e pós-graduação (66), terapeutas ocupacionais técnicos (16) e colaboradores estrangeiros (4). Estando representadas Instituições de Ensino Superior do Brasil, do Chile e da Espanha, além de uma variedade de serviços assistenciais e outros coletivos.

Dentre as diversas práticas produzidas pelo grupo em sua rede de conexões - as *constelações*, identificam-se projetos que interligam a pesquisa à formação, à extensão e a outros movimentos de transformação social, em torno do "propósito de investigar, produzir e experimentar as potencialidades na relação entre as atividades humanas e a Terapia Ocupacional" (SILVA, 2019, n.p.). O livro "Atividades Humanas e Terapia Ocupacional: saber-fazer, cultura, política e outras resistências" foi publicado pelo grupo em 2019 e conta algumas dessas experiências em diversidade transversalizada pelo compromisso ético, político e cultural.

Nesse caminho, tecemos composições com os campos da história e da epistemologia, dos saberes e fazeres plurais, da formação engajada e das aprendizagens significativas. Conscientes de nosso compromisso ético-político, buscamos reafirmar a potência dos sujeitos e coletivos com os quais compartilhamos produções de vida (SILVA, 2019, n.p.).

Desde 2014 como membro do grupo e desde 2019 como vice-líder, venho acompanhando criações e transformações do coletivo de pesquisadoras que formam o AHTO, e me envolvi em diversos processos que o conecta a outros coletivos com interesse nos estudos sobre a pluralidade do saber-fazer e suas expressões no campo da terapia ocupacional e das atividades humanas.

Em minha relação com criações e discussões relacionadas ao coletivo de membros do AHTO, e com a própria gestão do grupo,

destaco os seguintes processos acompanhados e materialidades produzidas no período entre março de 2019 a dezembro de 2021, que compõem a cartografia aqui realizada: Grupo de Trabalho (GT) Cultura, Arte, Corpo e Terapia Ocupacional (2019-2020); Estudos e criações em Terapia Ocupacional como Produção de Vida (TOPV) (2019-2021); Grupo de estudos sobre Boaventura de Sousa Santos (2020); Encontros de reconhecimento, planejamento e atualização do Grupo de Pesquisa (2020-2021); Experiência da criação artística “Fissuras que curam: do silenciamento às urgências do gênero que sangra” (2020-2021).

[Território 2] Experiências e percepções de participantes colaboradoras: formulários, expressões livres e cartas

Terapeutas ocupacionais foram convidadas a colaborar com o estudo a partir da participação em duas fases de produção de dados distintas, citadas a seguir e detalhadas no capítulo 2.

Formulário virtual (fase 1)

Terapeutas ocupacionais de diferentes perfis, campos e contextos de atuação participaram da pesquisa respondendo a um formulário disponibilizado na plataforma *google forms*®. As questões versavam sobre perfil pessoal e profissional, aspectos das práticas realizadas e percepções em relação à temática da resistência.

Envio de expressões diversas e cartas (fase 2)

Das 113 terapeutas ocupacionais que responderam o formulário, treze foram selecionadas e convidadas por meio de correio eletrônico e/ou contato telefônico disponibilizado, a se expressarem sobre pelo menos uma experiência profissional que, para elas, se articulou ou se articula como resistência. As formas de expressar e contar sobre essa(s) experiência(s) foram

escolhidas por nove participantes que nos retornaram o convite enviando poesias, colagem, cartas, coreografia de dança, cartazes, materiais informativos, apresentações animadas e fotografias.

As expressões enviadas compuseram um processo de fruição entre as nove participantes, em que cada colaboradora recebeu as expressões de outra. Nessa etapa, as terapeutas ocupacionais foram convidadas a nos enviarem uma carta (narrativa escrita) contando sobre o encontro com as expressões partilhadas e suas ativações (afetações, mobilizações, reflexões etc.). Todo o processo ocorreu por meio de correio eletrônico, embora também tenha sido aberta a possibilidade de envio via correio postal caso desejassem⁸.

[Território 3] Movimentos de um corpo cartógrafo multidão: vivo, aberto, em experiência

Este estudo, este campo, este tema, estes métodos, todos estes caminhos dizem da minha implicação nessa pesquisa - mulher, brasileira, branca, docente, latino-americana, terapeuta ocupacional desde 2004 - na constituição de um corpo-pesquisadora, imerso nos planos de forças e formas da terapia ocupacional brasileira. Apresento-lhes o terceiro território

⁸ Uma terceira fase foi prevista inicialmente, porém a quantidade e profundidade das materialidades e emergências produzidas nas fases 1 e 2 e suas relações no levaram a uma revisão da proposta. Tratava-se de um encontro remoto único via plataforma virtual, em que seriam apresentados para as participantes da fase 2 dados produzidos e analisados no estudo, como disparadores para uma conversa coletiva em torno da temática "resistências na/com a Terapia Ocupacional". Nesse encontro, seria realizada uma mostra das expressões enviadas na fase 2 (excluindo as cartas) e uma conversa em torno do tema que orientou as experiências partilhadas na pesquisa. Esta fase tinha como objetivo ampliar as possibilidades de investigação sobre o tema em um exercício de composição, a partir de diferentes leituras e reflexões sobre experiências e estratégias que se articulam como resistência na/com a Terapia Ocupacional. Pretendia-se promover um encontro em que fosse possível realizar discussões ancoradas no saber-fazer-pensar o mundo e a profissão. Na implicação entre prática, teoria e ética, intentava-se afirmar e ampliar as ressonâncias sensíveis e críticas observadas com vistas em uma produção partilhada do conhecimento. Ainda permanece o desejo de promover um encontro entre as participantes para partilha dos resultados do estudo e conversa, porém em momento posterior ao encerramento da pesquisa.

deste estudo, que em movimento se entrelaça aos demais de maneira inseparável, em coprodução e, portanto, não neutra.

Aqui se anuncia uma oposição radical às pretensões de neutralidade analítica do pesquisador, que já está implicado no campo de pesquisa. O método analítico consiste, então, em dar visibilidade às relações que constituem uma dada realidade, na qual o pesquisador se encontra enredado. (BARROS; BARROS, 2016, p. 178).

Desta forma, considerando que os processos investigativos mais intervêm sobre a realidade do que a representa, e que o conhecimento é produzido em um campo de implicações cruzadas (PASSOS; BARROS, 2020a), entende-se a pesquisa cartográfica como pesquisa-intervenção indissociada da análise de implicação.

Se as formas instituídas se constituem pelas forças que as atravessam - valores, interesses, expectativas, compromissos, desejos, crenças - o campo implicacional vai evocar mais a relação entre forças que entre formas, em uma dinâmica de contágio ou propagação que se distancia da projeção, da decisão ou do propósito guiado pela vontade de alguém (PASSOS; BARROS, 2020a).

Diante disso, reafirmo aqui um posicionamento sustentado no plano da experiência, que questiona a separação entre sujeito e objeto de pesquisa na produção de uma falsa ideia de neutralidade. Assumindo que o ato do conhecimento e o produto desse conhecimento são inseparáveis, reconheço o caráter autobiográfico e auto referenciável da ciência.

A singularidade, a porosidade e a incerteza da produção do conhecimento, tomadas pela ciência moderna hegemônica como limitação técnica a ser superada, transformam-se, deste modo, "na chave do entendimento de um mundo que mais do que controlado tem de ser contemplado" (SANTOS, 2009, p. 85-86).

Nesse processo, em que se acolhe a experiência admitindo suas faces subjetivas e objetivas (BARROS, BARROS, 2016), e em que se busca a contemplação da coemergência entre sujeito e mundo

(PASSOS; EIRADO, 2020), meus afetos e memórias são também materialidades produzidas e cartografadas que compõem a pesquisa. Uma teia de enlaces entre experiências e memórias do ontem, do hoje e do porvir, que buscam possibilidades de registro em diários de campo, no corpo, em trabalhos acadêmicos, em artigos, em projetos e relatórios, em criações artísticas, em conversas com outras pesquisadoras e outras terapeutas ocupacionais, em uma tese.

Assim, teço ao longo da trajetória do estudo (re)encontros com essas materialidades múltiplas, atenta às forças, aos desejos, às intensidades que pedem passagem nos tempos em que a pesquisa se desenrola. Tempos tão singulares, por sinal.

Tempos de ameaça à democracia brasileira, tempos de desmonte da cultura, de ameaças às universidades, aos direitos básicos, às vidas diversas que habitam o país - matas, rios, montanhas, povos, culturas, mulheres, Marielles. Tempos de morte, vírus, queimadas, desmatamento, fascismo, genocídio, pandemia.

No livro "Cartografia Sentimental", Suely Rolnik (2014) leva quem o lê a acompanhar um processo cartográfico. Sobre os movimentos do cartógrafo ela conta que em expedição, até chegar a uma cidade escolhida, ele percorre uma paisagem - fabricas, motéis, galpões, *outdoors* e "sente no ar uma mistura nebulosa de potência e fragilidade. Fica intrigado e quer entender o que provoca sensações tão paradoxais" (ROLNIK, 2014, p. 85). Mas aqui, nessa trajetória que lhes convido a acompanhar, a *cartógrafa* é também parte da paisagem, ela a vive cotidianamente, ela a produz. Essas são sensações familiares, das suas habitações nessa cidade-campo-terapia ocupacional - *sente no ar uma mistura nebulosa de potência e fragilidade*.

Entre golpes, desterritorializações e afetos buscando passagem, os anos de desenvolvimento deste estudo de doutoramento são 2019, 2020, 2021, 2022 e o país é o Brasil de Bolsonaro atravessado por uma pandemia. Mas também, se "o pleno funcionamento do desejo é uma verdadeira fabricação incansável

de mundos” (ROLNIK, 2014, p. 43), me sinto convocada a farejar nesse entrelaçamento de planos, temporalidades, intensidades e territórios, partindo de algumas questões:

Como nós, terapeutas ocupacionais, estamos sendo atravessadas por todas essas forças? O que de tudo isso gruda, centraliza em máscaras, sentidos e valores já conhecidos e o que encontra (outras) passagens em nós? Como achar novas intensidades e linguagens capazes de dar passagem para os afetos e fluxos de desejo? O que e como estamos criando nesses tempos, que são os nossos? O que de tudo isso nos aponta para a reprodução das hegemonias em curso e o que se ilumina na direção da invenção e da afirmação de modos/mundos outros?

Mobilizada por essas e outras perguntas, caminho neste estudo atenta ao plano coletivo de forças que revela o processo de produção das formas (ESCÓSSIA; TEDESCO, 2020) ou das coisas no mundo, sensível às dinâmicas do desejo, suas produções e contradições, em um exercício contínuo de experimentar com o corpo vibrátil, tentando exercer o fator de a(fe)tivação diante dos encontros múltiplos estabelecidos ao longo do percurso e seus efeitos (ROLNIK, 2014), inclusive em mim.

Isso porque a atenção voltada exclusivamente ao plano das formas instituídas se revela insuficiente ao negligenciar parte constituinte do que investiga (ESCÓSSIA; TEDESCO, 2020). Porém, só posso estar sensível às forças, suas relações e produções a partir de mim mesma - ou seja, das experiências que me trazem até aqui, multidões em mim, expressas em singularidade. E se cada um de nós é vários, já é muita gente (DELEUZE; GUATTARI, 2011a).

1.2 EM MOVIMENTOS CARTOGRÁFICOS

Foi na relação que não cessa de variar entre o plano de forças e o plano de formas, entre as práticas não discursivas (visibilidade) e as discursivas (dizibilidade), entre formas

individualizadas e uma realidade pré-individual ou transindividual, entre o constituído e o constituinte (ESCÓSSIA; TEDESCO, 2020), que me desloquei com a intenção de reconhecer rastros e produzir vestígios sobre as resistências que envolvem experiências de terapeutas ocupacionais.

A partir dos três territórios supracitados, que se compuseram como planos moventes e relacionais dessa pesquisa, diferentes materialidades foram produzidas e reúnem os elementos expressivos apreciados e analisados no estudo, a saber: a) perfis e outras caracterizações das participantes colaboradoras (formulário); b) escritas sobre experiências profissionais e sobre as percepções em torno da ideia de resistência (questões abertas do formulários e cartas na fase 2); c) diários de campo e registros de encontros; d) textos acadêmicos: relatórios de extensão, trabalhos publicados em eventos científicos, artigos; e) expressões artísticas, materiais informativos e outros: colagens, coreografia, cartazes, imagens, poesias, instalação artística, apresentações animadas, conversas registradas.

No processo cartográfico aqui experimentado e na escrita do texto, tais materialidades se compõem na busca pela criação de um plano comum da pesquisa (FERIGATO, 2013). Nesse contexto, as expressões plurais são compreendidas como diferentes formas de narrar a experiência no âmbito da terapia ocupacional, e não foram analisadas separadamente. Assim, na relação com a temática das resistências, as narrativas se realizaram como zonas de passagens e paragens, a partir delas muitas coisas ditas, e outras tantas deixadas de dizer. Nos encontros com essas materialidades e seus processos de produção e cuidado, muito acessei e muito fui incapazes de acessar.

No percurso e enquanto compromisso, tentei me manter aberta a fluxos e experiências, exercitando uma atenção às coisas ditas, mas também àquelas silenciadas, em *movimentos cartográficos* que foram se constituindo enquanto pistas metodológicas do estudo.

Esses movimentos interligados dizem de um processo contínuo de acompanhamento-análise-intervenção, na experimentação-invenção de um modo singular de percorrer, fazer, cartografar e existir.

Sobre eles faço um primeiro exercício de *fabulação*, em uma “abertura de novos mundos, que leva ao movimento e que é por si só também movimento” (ZACHARIAS; ZEPPINI, 2018, p. 281).

[Movimento 1] Devir micélias e a ética do cartógrafo

Figura 2 - Há vida por todos os cantos.



Fonte: “A poética dos fungos”, Eggert (2021).

A pesquisa se realizou em uma experimentação partilhada e sustentada na porosidade e na intensificação de contágios, comunicações e conectividades. Tais processos me remetem à *ética do cartógrafo* (ROLNIK, 2014; ESCÓSSIA; TEDESCO, 2020; COSTA, 2020), que enquanto ato

possui um poder de amplificação, de propagação e ressonância que o inscreve na rede de outros atos. Agir eticamente significa se colocar como ponto singular de uma infinidade aberta de relações, sem que sua ação se ampare em normas que funcionem como formas a priori, impostas do exterior à ação. (ESCÓSSIA; TEDESCO, 2020, p. 106).

Isso porque a cartografia não nos convoca somente “a pensar ou agir sobre determinado campo, mas a vivenciá-lo em suas múltiplas dimensões, num movimento ético de porosidade e composição” (COSTA, 2020, p. 13), que se volta para a sustentação da vida em sua potência de expansão (ROLNIK, 2014). Esse posicionamento ético, e as maneiras de fazer pesquisa que se tecem em propagação e complexidade, me conectam aos modos de vida dos fungos e seus micélios, que escolho chamar de micélias⁹.

Pensar a partir de existências fúngicas e miceliais me interessa e ajuda a reconhecer e nomear processos que compõem os movimentos metodológicos do estudo. Por isso, aprofundarei um pouco nesse universo, porém tateando como quem chega delicada e humildemente diante de um saber novo e altamente complexo.

As micélias são a estrutura filamentosa dos fungos multicelulares, que se desenvolvem no interior do substrato. No estudo, a imagem micelial que me inspira mais especificamente se refere aos ciclos de reprodução e expansão dos cogumelos nas florestas. As micélias, nesse caso, são redes de filamentos microscópicos (hifas) que se alastram horizontalmente no subsolo, enquanto os cogumelos são suas frutificações visíveis.

As redes miceliais formam uma espécie de existência partilhada, que conecta a um só tempo existências múltiplas. Permitem, por exemplo, a comunicação entre diferentes árvores. Seriam como uma espécie de inteligência coletiva, compartilhada e construída por várias espécies ao mesmo tempo. Além de ser parte fundamental da ciclagem de matéria orgânica do solo (PINHEIRO *et al.*, 2019).

⁹ Pinheiro *et al.* (2019), que assinam o editorial do Dossiê Fabulações Miceliais publicado na revista *ClimaCom Cultura Científica* em 2019, defendem uma transformação taxonômica ao abordarem o assunto dos fungos e do micélio, que será também assumida por mim na pesquisa - “Contrariando o habitual da taxonomia das ciências biológicas em português, optamos pelo nome no plural e feminino. A intenção é tanto se endereçar à pluralidade das micélias evidenciada na escolha do plural latino *mycelia* em detrimento do singular *mycelium* como é também combater a universalidade do gênero masculino nas palavras plurais em português (marca indelével do antropocentrismo que fez do Homem seu herói linguístico)” (PINHEIRO *et al.*, 2019, n.p.).

Para Anna Tsing (2022), que investiga possibilidades de vida nas ruínas do capitalismo, o estudo dos fungos e suas micélias possibilita uma outra maneira de pensar a vida, menos antropocêntrica. Não é exclusividade dos humanos a fabricação de mundos e, nesse sentido, os fungos nos ensinam sobre a produção de vida a partir da precariedade e da contaminação colaborativa.

A antropóloga contribui ainda ao destacar que os fluxos que envolvem a digestão micelial se compõem em narrativas de degradação e criação. A decomposição que se produz torna possível a criação de novos mundos (PINHEIRO, *et al.*, 2019). Na lógica dos fluxos naturais da matéria, decompor é recompor. Desta forma, nos processos de decomposição, toda a vida que sobra segue existindo - eis a poética dos fungos (EGGERS, 2021).

Outro autor que fabula com as micélias é Tim Ingold¹⁰, quando defende que melhor imagem para pensar a multiplicidade da vida e operar o conceito filosófico de rizoma, desenvolvido por Deleuze e Guattari¹¹, é o micélio fúngico ou a malha de fungos. Segundo o antropólogo, a existência micelial diz mais sobre os pressupostos do conceito que a própria imagem botânica do rizoma. A descentralização de fluxos que possibilita a transmissão de informações ao longo da floresta e a capacidade de reconstrução das micélias em qualquer ponto, são características que se destacam nesse sentido e são questionáveis quando se pensa em

¹⁰ Tim Ingold é um antropólogo inglês ainda vivo, filho de um importante especialista em fungos. Influenciado por estudos de Deleuze e Guattari, sua *itinerância* causou muito estranhamento no meio antropológico tradicional. Crítico do dualismo moderno e do termo interdisciplinar, defende a antropologia como uma *filosofia com gente dentro* em que confluem arte, educação e psicologia (JOB, 2021).

¹¹ Deleuze e Guattari forjam o rizoma como conceito que possibilita pensar as multiplicidades fora da totalidade, da hierarquia e da inflexibilidade das formas *arbóreas* de pensar (e viver) o mundo. Se Descartes usou a imagem da árvore para pensar a filosofia - tudo se multiplica a partir de um fundamento, de uma verdade - para a dupla de autores a imagem do rizoma subverte essa ideia ao destacar como princípios a conexão, a heterogeneidade e a multiplicidade. Não há ali um fundamento, mas múltiplas conexões e heterogênese; o fluxo (da vida) não depende do centro, se uma linha se rompe, o rizoma se reconstrói em outras linhas; não há representação, mas mapa (DELEUZE; GUATTARI, 2011a). Com múltiplas aberturas e saídas, o rizoma é movente e se expande para todos os lados, afirmando as conectividades e intensidades.

rizomas, como a bananeira por exemplo - uma vez que esses se formam no entrelaçamento de raízes que se reproduzem criando uma rede de semelhanças, se uma parte for destruída toda a rede se desmonta (JOB, 2021).

Tim Ingold não discorda do conceito em si e de sua potência para produzir outras formas de pensar, o que problematiza é o empréstimo da biologia, que julga inadequado. O conceito de rizoma na imagem das micélias o ajuda, inclusive, a elaborar seu próprio conceito de *malha* que se refere à vida, compreendida enquanto textura de fios entrelaçados, linhas emaranhadas em crescimento, movimento, comunicação e integração (INGOLD, 2012, 2015).

Voltarei a esse tema oportunamente em outro capítulo, por ora, na composição com Ingold, ressalto que entendo a cartografia como o acompanhamento e o estudo de linhas emaranhadas, suas relações, correspondências e criações, e me considero enquanto pesquisadora como parte dessa malha.

Ao retomar as experiências de pesquisas aqui partilhadas e seus *movimentos ético-metodológicos*, me conecto assim à imagem da atmosfera das micélias - em contágio, propagação, conectividade e comunicação descentralizada, na produção de narrativas de decomposição e criação. O que me lança a outro conceito, o de *devir*. *Poderíamos falar de uma experiência de pesquisa atravessada por um devir micélias?*

Talvez sim, especialmente considerando que o devir envolve o fascínio pela matilha ou pela multiplicidade. "Fascínio do fora? Ou a multiplicidade que nos fascina já está em relação com uma multiplicidade que habita dentro de nós?" (DELEUZE; GUATTARI, 2012b, p. 21).

Mas, além disso, *o que mais me leva a pensar em devir quando estamos dizendo dos movimentos cartográficos aqui registrados como experiências desta/nesta pesquisa?*

Devir é conteúdo próprio do desejo. Devir é mudar, não sentir e avaliar as coisas do mesmo jeito, é viver o todo de outro modo

(ZOURABICHVILI, 2019). Não se trata de imitação ou identificação, mas de uma outra forma de ser-sentir que nos assombra, envolve e desterritorializa, fazendo algo escapar (ZOURABICHVILI, 2004).

Molecular, o devir é

a partir das formas que se tem, do sujeito que se é, dos órgãos que se possui, ou das funções que se preenche, extrair partículas, entre as quais instauramos relações de movimento e repouso, de velocidade e lentidão, as mais próximas daquilo em que estamos em vias de devir, e através das quais devimos. É nesse sentido que devir é processo do desejo. (DELEUZE; GUATTARI, 2012b, p. 67).

Diante disso, é pertinente ressaltar que na pesquisa o *devir micélio* não se refere a uma forma de fazer (planejada), ou de um modo capaz de ser reproduzido, diz sobretudo de forças e processualidades que me atravessaram e que fui capazes de reconhecer na leitura e afirmação dos processos (metodológicos).

Diz sobre uma imersão porosa em contato com acontecimentos, subjetividades e outras produções, formas e coisas no campo da terapia ocupacional. Ativações conectando pontos de afetação e referência, em habitação, germinação e afirmação de territórios da terapia ocupacional e do estudo.

Movimentos que se realizaram entre *interações* e *itinerâncias* das linhas e seus emaranhados. Interação como alternância de ações e itinerância como aquilo que junta em correspondência (JOB, 2021)¹². No entanto, penso que se sobressaíram movimentos itinerantes ao longo do percurso, na realização de uma pesquisa compartilhada e autoral, que buscou constantemente afirmar conexões, composições e singularidades em uma coprodução da realidade.

¹² Para ilustrar sua proposição conceitual, Ingold apresenta como exemplo o jogo de xadrez, em que interação seria a alternância de resposta entre os jogadores, e a correspondência seria a itinerância de ambos no amor pelo xadrez (JOB, 2021).

Muito foi possível no movimento cartográfico micelial experimentado, que contribuiu para se traçar um plano comum da pesquisa (KASTRUP; PASSOS, 2016), no acolhimento de pulsos e caminhos (não lineares, previsíveis ou controlados) e no alargamento de brechas para a emergência e a comunicação de expressões diversas (dizibilidades e visibilidades). Foi a partir desse movimento que o território relacional do AHTO foi incluído na pesquisa, assim como a *multidão em mim* se afirmou como terceiro território.

Se o mapa se opõe ao decalque é por estar inteiramente voltado para uma experimentação ancorada no real. O mapa não reproduz um inconsciente fechado sobre ele mesmo, ele o constrói. Ele contribui para a conexão dos campos para o desbloqueio dos corpos sem órgãos, para sua abertura máxima sobre um plano de consistência. Ele faz parte do rizoma. (DELEUZE; GUATTARI, 2011a, p. 30).

Ao meu ver, a realidade ética na cartografia se constitui como malha, na ressonância e correspondência dos atos, e cabe ao pesquisador se deixar levar pelo plano coletivo. Trata-se de uma "atitude atencional própria do cartografo" (ESCÓSSIA; TEDESCO, 2020, p. 105), que não pode ser confundida com falta de rigor, muito pelo contrário, pois nela se configura um modo de mover que favorece a ativação do plano de forças.

Minha experiência investigativa diz sobre a experimentação dessa ética, mas também sobre o desafio de acolhê-la diante das duras formas de fazer pesquisa aprendidas e reproduzidas a partir de perspectivas dualistas, hierarquizantes e não amorosas. Sobressai o desejo de afirmar modos outros, no deslocamento de uma dimensão que normatiza para uma dimensão que amplia a potência de agir (ESCÓSSIA; TEDESCO, 2020).

[Movimento 2] Devir mergulhão: andanças, sobrevoos e mergulhos

Figura 3 - Pato-mergulhão.



Fonte: "O pato mais ameaçado das Américas", Silveira (2011).

O Pato-mergulhão¹³ é um animal considerado discreto e arredio, que depende de águas limpas para viver e, por isso, a devastação ambiental faz dele uma das dez espécies de aves mais ameaçadas de extinção do planeta - desmatamento, poluição das águas dos rios, instalação de empreendimentos hidrelétricos e turismo desordenado o colocam *criticamente em perigo*, segundo o livro Vermelho da Fauna Brasileira Ameaçada de Extinção (BRASIL, 2018). Mas o pato-mergulhão resiste!

Espécie singular da América Latina, é classificado como ribeirinho e apresenta várias particularidades em seus modos de viver. Dentre elas: a) tem porte pequeno, acurado senso visual e morfologia bastante específica de bico para fisgar e devorar pequenos peixes e outros animais; b) exímio nadador, ocupa rios claros e encachoeirados, que permitem a visualização e captura de alimento; c) é dependente de áreas úmidas, especialmente em planaltos e serras com mata ciliar de bom porte, pois só nidifica

¹³ Uma das aves mais raras do mundo, o pato-mergulhão (*Mergus octosetaceus*) era encontrado em rios encachoeirados e de água muito limpa nas áreas altas do centro-oeste, sudeste e sul do Brasil, e também na Argentina e no Paraguai. Já foi considerado extinto por pesquisadores e, atualmente, os poucos exemplares restantes sobrevivem em áreas reduzidas de Minas Gerais, Bahia, Goiás e Tocantins (SILVEIRA, 2011; DISCONZI, 2012). Um dos raros lugares no mundo onde ainda é encontrado é na Serra da Canastra, em Minas Gerais, região onde nasci e perto de onde moro - "A população total brasileira é estimada em menos de 250 indivíduos maduros, sendo que na região da Serra da Canastra reside sua maior população conhecida, com cerca de 140 indivíduos" (BRASIL, 2018, p. 30).

em cavidades abertas naturalmente ou por outros animais; (SILVEIRA, 2011; DISCONZI, 2012).

Depois um dia que eu percebi, porque o pato mergulhão é importante. Porque onde é que tem o pato tem água boa, se o pato acabar a água já acabou há muito tempo. (BRASIL, 2015)¹⁴.

Aqui pelas “bandas de Minas” dizem que o pato faz seus mergulhos para encontrar vida. Ele anda nas pedras, na mata, faz sobrevoos, nada na superfície das águas, contempla, mergulha. Modos de ser-fazer Mergulhão.

Nos meus modos de fazer-percorrer a pesquisa me conecto com o pato-mergulhão - *ou ele se conecta a mim?* Enfim, nos conectamos em *andanças* pela superfície, caminhando na terra, botando ovos em buracos já abertos; em *sobrevoos* rasos e atentos aos fluxos das águas, sensíveis aos movimentos; em momentos de *mergulho* em busca de vida e alimento. Assim, o pato-mergulhão e suas afetações em mim ajudam a reconhecer, nomear e pensar o segundo movimento metodológico do estudo.

Interessam, especialmente, os “modos de expansão, de propagação, de ocupação, de contágio, de povoamento” (DELEUZE; GUATTARI, 2012b, p. 20), que dizem de um *devir mergulhão* e configura com o *devir micélia* uma certa ordem ou progressão, compondo movimentos na construção da pesquisa e de suas análises.

O devir-animal é apenas um caso entre outros. Vemo-nos tomados em segmentos de devir, entre os quais podemos estabelecer uma espécie de ordem ou de progressão aparente: devir-mulher, devir-criança, devir-animal, vegetal, mineral; devires moleculares de toda espécie, devires partículas. (DELEUZE; GUATTARI, 2012b, p. 66).

¹⁴ Transcrição da fala de José Baltazar as Silva, produtor rural na Serra da Canastra, entrevistado pela equipe do ICMBIO - Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (BRASIL, 2015).

São três os fluxos que compõem esse movimento cartográfico em percursos de reconhecimento de experiências, produção de materialidades e realização de análises, que aconteceram ao longo de toda a trajetória até aqui e se interconectam de maneiras diversas.

As *andanças* dizem sobre encontros e experiências nos processos da pesquisa-intervenção, me movendo no campo da terapia ocupacional, habitando territórios em conexão-composição de um plano comum. Muito do que foi vivenciado nas andanças encontra-se registrado em criações artísticas, em conversas por áudio gravadas, em relatos de experiência e, principalmente, nos diários de campo, que dentre outras coisas comportam afetação, pensamento e escrita;

Já os *sobrevoos* dizem sobre um modo de me relacionar com as materialidades produzidas nos territórios habitados em conexão (experiências com o AHTO, experiências das participantes colaboradoras e experiências das andanças da pesquisadora). Tais materialidades foram acessadas em diferentes momentos, em leituras flutuantes ou mesmo na produção conjunta de registros acadêmicos das experiências (trabalhos apresentados em eventos, artigos, relatórios de extensão, aulas, cursos e reuniões). E ajudaram na emergência de provocações, inquietações e questionamentos que antecederam os mergulhos.

Por fim, os *mergulhos*, foram guiados por vibrações-perguntas que convocaram a aprofundamentos nas materialidades produzidas. Três "perguntas-guias" compõem especialmente esse movimento, e nortearam encontros com formas específicas e variadas de narrar a experiência na produção de uma análise transversal e conectiva: *como as terapeutas ocupacionais compreendem a resistência? Diante do que resistem? Como resistem?* - todas essas perguntas dizem sobre quem resiste.

Nas andanças, em sobrevoos e mergulhos segui rastros da resistência com a terapia ocupacional, sustentada em uma atitude micelial de propagação, ativação e conexão, criando modos

singulares de produzir materialidades e operar análises no processo cartográfico.

Tais processos de pesquisa aconteceram na habitação dos territórios que constituem o plano comum de investigação, na operação constante de uma atenção ao mesmo tempo flutuante, concentrada e aberta - "Ser que se move, conhece e descreve deve estar atento. Estar atento significa estar vivo *para o mundo*" (INGOLD, 2015, p. 13, grifo do autor).

Forjou-se, assim, um corpo pesquisadora-fungo-pato movente e sensível a forças, formas, vibrações e ressonâncias que indicam onde pousar a atenção (KASTRUP, 2020). Corpo-cartógrafa mergulhado nas intensidades do seu tempo, antropófago (ROLNIK, 2014), na busca por devorar vestígios de vida pulsante que encontra (experiências, narrativas, conceitos), se comendo a eles em transformação e criação do novo.

2 ANDANÇAS E SOBREVOOS

Estão apresentados nos capítulos 2 e 3 os processos acompanhados na pesquisa, as materialidades produzidas ao longo do percurso e as reflexões que emergiram das análises diversas. Lembrando que tudo isso acontece em torno de vivências com o grupo de pesquisa AHTO e das experiências narradas de formas variadas por participantes colaboradoras (nos formulários - fase 1; e em cartas e outras expressões - fase 2).

Importante destacar, antes de prosseguir, que parto da compreensão de materialidade enquanto coisa, e inspirada em Deleuze, Guattari e Ingold, afirmo a vida das coisas e suas processualidades próprias, em movimento, fluxo e variação. Se Ingold fala sobre “seguir o material” (INGOLD, 2012, p. 35), falo aqui sobre acompanhar as materialidades como processo metodológico de análise cartográfica na relação com as matérias-fluxos produzidas. Compreendendo que a vida se produz no emaranhado entre linhas, fluxos e suas diversas materialidades, os encontros analíticos com cada grupo de materiais produzidos nas *andanças* se deram de forma singular, variando entre *sobrevoos* e *mergulhos* ao longo do estudo.

De toda forma, trata-se de experiências de afetação e subjetivação no encontro entre corpos, humano e não humanos, “cheios de forças com capacidades de afetar e de serem afetados” (COSTA, 2017, p. 2).

O presente capítulo relata especialmente as *andanças* (acompanhamento de processos) e os *sobrevoos* (análises processuais) que foram levantando questões, construindo materialidades e consistências, apontando pistas e caminhos que guiaram outros movimentos de análise em *mergulhos*, detalhados no capítulo seguinte.

Essa história é contada em três tópicos: experiências com o grupo de pesquisa; experiências com os formulários: fase 1; experiências com as cartas e outras expressões: fase 2. Cada

tópico apresenta seus processos e materialidades, bem como suas linhas processuais emergentes.

Vale ressaltar que tais movimentos aconteceram entre os anos de 2019 e 2021, especialmente depois de março de 2020, em um contexto de pandemia de Covid-19 e de distanciamento social como medida sanitária de proteção. Desta forma, a conjuntura histórica influenciou de maneira decisiva as possibilidades de realização das andanças no estudo, o que não necessariamente limitou a pesquisa, já que enquanto algumas possibilidades foram excluídas, outras se ampliaram no modo exclusivamente virtual, como a conexão com grande número de pessoas, de variadas partes do Brasil e de outros países. De toda forma, trata-se de um acontecimento global e local que atravessou e compôs de maneira importante os caminhos percorridos e suas emergências.

2.1 EXPERIÊNCIAS COM O GRUPO DE PESQUISA AHTO (ATIVIDADES HUMANAS E TERAPIA OCUPACIONAL)

O conhecimento se dá a partir da implicação e da intervenção no plano constituído, deste modo, a atividade de pesquisa não se configura como um acesso a experiências a serem desveladas, mas como uma ação criadora de mundos e sujeitos (BARROS; SILVA, 2016).

A pesquisa cartográfica é uma atividade humana, e assim, encontra-se em constante análise e reformulação nas aproximações com o campo problemático, o que convoca a pesquisadora ou o pesquisador a lidar com o repertório historicamente construído sobre dos modos de fazer pesquisa e fazer escolhas, ao mesmo tempo em que lida com a singularidade que emerge nos processos (BARROS; SILVA, 2016).

As experiências e emergências aqui descritas refletem essa percepção em torno do ato de pesquisar e produzir conhecimento.

Processos e materialidades

O quadro 1 apresenta processos envolvendo AHTO e materialidades produzidas, reunidas e analisadas a partir de experiências com o grupo de pesquisa no período entre março de 2019 e dezembro de 2021.

Quadro 1 - Experiências com o grupo de pesquisa - processos e materialidades

EXPERIÊNCIAS AHTO¹⁵	VIVÊNCIAS	DADOS PRODUZIDOS	PERÍODO CARTOGRAFADO
GT Terapia Ocupacional, Cultura, Arte e Corpo	Proposta de mapeamento (virtual); evento "I Encontro de Terapia Ocupacional, Cultura, Arte e Corpo: saberes em movimentos" (presencial) ¹⁶	Relatórios (relatório geral do evento; relatório de uma das oficinas ministradas); anotações da pesquisadora	De março de 2019 a fevereiro de 2020
Estudos e criações em Terapia Ocupacional como Produção de Vida (TOPV)	Encontros de estudos e acolhimento (presencial e virtual); criação conjunta de trabalho acadêmico-poético (virtual); criação do projeto de extensão Cristaleira e do projeto ACIEPE "Ocupado, pode entrar!" (virtual)	Registros/memória escrita dos encontros; projetos de extensão (Cristaleira e ACIEPE); artigo e trabalhos publicados em eventos científicos; anotações da pesquisadora	De março de 2019 a dezembro de 2021
Grupo de Estudos sobre Boaventura de Sousa Santos	Encontros quinzenais em plataforma virtual	Relatório de extensão; trabalhos publicados em evento científico; anotações da pesquisadora	De maio a outubro de 2020

(continua)

¹⁵ Registros de encontros anteriores do AHTO (2014 e 2015) e o livro publicado em 2019 foram materiais de apoio às análises, acessados na relação com as emergências de maneira pontual e específica.

¹⁶ Alguns dos processos aconteceram antes de março de 2020 e se deram majoritariamente no modo presencial. A partir de então, foram exclusivamente virtuais em função das regras nacionais sanitárias envolvendo a pandemia de Covid-19.

EXPERIÊNCIAS AHTO	VIVÊNCIAS	DADOS PRODUZIDOS	PERÍODO CARTOGRAFADO
Encontros de celebração, reconhecimento e atualização do Grupo de Pesquisa	Reuniões realizadas em plataforma virtual com membros do grupo de pesquisa (AHTO-CNPq)	Registros/memória escrita dos encontros gerais (2020); registros dos encontros em pequenos grupos/constelações (2020); anotações da pesquisadora	De junho de 2020 a novembro de 2021
Criação artística "Fissuras que curam"	Processo de criação artística e reflexão partilhada (predominantemente virtual)	Relatório acadêmico; trabalho apresentado em evento científico; artigo; anotações da pesquisadora	De dezembro de 2020 a dezembro de 2021

Fonte: elaborado pela autora (2020).

Os processos descritos no quadro 1 compuseram as experiências e análises desta pesquisa de diferentes maneiras. As linhas processuais que emergem das análises contam um tanto dessas composições.

Linhas processuais emergentes

Das vivências nas minhas andanças e nas relações com suas materialidades em sobrevoos, emergiram rastros e reflexões que nomeio como *linhas processuais*. Nos processos com o grupo de pesquisa, destacam-se as seguintes emergências: andanças com o AHTO; encontrando a temática no coletivo; convergências e divergências na constituição de processos e caminhos da pesquisa; e pesquisa intervenção.

Andanças com o AHTO

De acordo com Escóssia e Tedesco (2020, p. 105), a ética do cartógrafo é uma ética transdutiva e transversal, que afirma a conectividade "numa busca de superação das lógicas verticalizadas ou horizontalizadas, elas próprias individualizantes". Aqui, a função de transdução refere-se a

ações e movimentos que se propagam em várias direções produzindo atrações, contágios, encontros e transformações. Enquanto a função transversalização, referenciada em Guattari, evoca a ampliação e intensificação da capacidade de comunicação entre sujeitos e grupos (ESCÓSSIA; TEDESCO, 2020).

As duas funções que compõem a ética do cartógrafo ajudam a tecer leituras sobre processos vividos na pesquisa, especialmente nas *andanças* com o AHTO, que dizem de um modo de habitar territórios a partir do reconhecimento e do investimento em fluxos e conexões que se relacionam de formas variadas com o tema do estudo.

Um exemplo nesse sentido se inicia pouco antes da formalização da pesquisa, no V Seminário Nacional de Pesquisa em Terapia Ocupacional (SNPTO) - "Resistir e avançar: Terapia Ocupacional, democracia e diversidade na atualidade", organizado pela Rede Nacional de Ensino e Pesquisa em Terapia Ocupacional (RENETO) e realizado na cidade de Santos-SP, em 2018. Na ocasião, participei de uma grupo de trabalho (GT) inicialmente denominado "outros", que deu continuidade às discussões e elaborações em torno de suas temáticas e produções diversas, e posteriormente se constituiu como "Grupo de Trabalho (GT) Terapia Ocupacional, Cultura, Arte e Corpo".

O GT trabalhou intensamente no ano de 2019, em especial, e se propôs a olhar para aproximações e distâncias entre suas expressões singulares, incluindo conflitos e disputas do campo, bem como mapear a temática em contexto nacional. O AHTO, enquanto grupo de pesquisa a partir do qual várias componentes do GT se relacionam, teve papel central nas articulações e criações. Acompanhei e compus com bastante envolvimento tais processos na produção de elementos diversos que fazem parte das materialidades analisadas no estudo. No entanto, só veio mais tarde a clareza de que o acompanhamento em coprodução daqueles processos no campo da terapia ocupacional integravam diretamente essa cartografia.

As produções do GT não estavam inicialmente previstas como procedimentos ou caminhos antecipados pelo projeto de pesquisa, a sua inclusão revela uma relação que germina na minha implicação com a produção do campo de estudo – o que não diz do acaso, mas do processo investigativo que tem sua gênese antes mesmo de uma formalização projetiva e seguirá após a defesa de uma tese. Nesse sentido, a pesquisa se confirma como uma passagem.

Nas ações de 2019, os encaminhamentos e intensificações dos processos com o GT se interconectaram em diversas linhas com o estudo em construção, e foi possível inclusive experimentar a temática da resistência e colocá-la em discussão com grupos de terapeutas ocupacionais, ainda que isso não fizesse parte de um planejamento formal da pesquisa. Foi o caso da oficina “Desafios e resistências na pesquisa em Terapia Ocupacional, Cultura, Arte e Corpo: tecendo encontros e outras composições”, proposta e coordenada por mim em parceria com Grasielle Silveira Tavares, professora da Universidade de Brasília (UnB), no “I Encontro de Terapia Ocupacional, Cultura, Arte e Corpo: saberes em movimento”, realizado pelo GT em dezembro daquele ano.

Foi da movimentação cartográfica que emergiram processos singulares-coletivos transversais que compõem o estudo na relação específica com o AHTO. Movimento semelhante se deu com o *ciclo de estudos sobre Boaventura de Sousa Santos* (proposto inicialmente como estudo específico para a pesquisa e que por demanda se abriu e ampliou com a participação de terapeutas ocupacionais de diversas partes do Brasil, entre outras profissionais), com as *criações em torno da Terapia Ocupacional como Produção de Vida – TOPV* (encontros ancorados na concepção de terapia ocupacional desenvolvida por Mariângela Quarentei, que desdobrou em produções diversas no campo, dentre elas textos acadêmicos e projetos de extensão), com as *reuniões do AHTO e suas constelações* e com a *experimentação e criação artística “Fissuras que curam: do silenciamento às urgências do gênero que sangra”*.

Um maior detalhamento destas experiências pode ser acessado no apêndice A. São andanças que afirmam uma ética cartográfica aberta, porosa, atenta e conectiva, guiada pelo caminho e pelo caminhar na produção do plano comum da pesquisa e de muitas suas materialidades.

Encontrando a temática no coletivo

Os encontros e as experiências envolvendo o AHTO e suas conexões plurais no campo da terapia ocupacional, no Brasil e em outros país (especialmente América Latina), possibilitaram um reconhecimento do problema da presente pesquisa como uma problemática coletiva, emergente e de certo modo urgente.

Notou-se nos processos acompanhados, que o enunciado envolvendo as hegemonias (do poder) e as resistências era frequente nas narrativas. O tema se fazia presente na totalidade dos encontros, de formas variadas, mas muitas vezes central, tomando a cena, apontando a urgência, a necessidade de se falar, partilhar, tecer redes de expressão, ressonância, parceria e fortalecimento.

Considerar os tempos em que vivemos talvez nos dê pistas sobre o protagonismo dessa discussão - repercussões do assassinato de Marielle Franco, eleição de Bolsonaro para presidente do Brasil, intensificação do genocídio de povos originários e da devastação ambiental (GORTÁZAR, 2021; BRUM, 2021), aumento da precariedade do trabalho (LIMA; BRIDI, 2019) e de outras violências, principalmente contra a população negra (CERQUEIRA *et al.*, 2021; FBSP, 2022), desmonte de políticas públicas essenciais, ameaça às universidades públicas e à Educação de forma geral (ANESP, 2022), elevadas taxas de feminicídio (FBSP, 2022b) e morte por homofobia (GONÇALVES, 2020), pandemia.

Situações que do Brasil ressoam em várias outras partes do mundo, quando o assunto é intensificação da (re)produção das

desigualdades, opressões e violências na égide do capitalismo, do colonialismo e do patriarcado, em um cenário atual marcado pela governança de extrema direita em diversos contextos e pela crise ecológica. Entretanto, é também nesse cenário que vemos ampliar a ressonância dos movimentos de resistência nas lutas como as do feminismo, em especial o negro, das cosmologias indígenas, dos coletivos LGBTQIA+ e dos países do Sul global.

No percurso inicial da pesquisa, cada vez mais a temática foi se revelando como pauta, coletiva e complexa. Complexas também as formas como emergia ao longo da atmosfera que envolvia as discussões e criações com o AHTO. Maneiras diversas de compreender a palavra "resistência" eram observadas, e refletiam perspectivas teórico-práticas que muitas vezes se apresentavam em contradições e disputas epistemológicas - ainda que nesses encontros o movimento afetivo e as tentativas de conversa e acolhimento se sobressaíssem.

Em um grupo predominantemente branco, envolvido no contexto acadêmico e seus privilégios, também me questionei - *ao pensar em resistência, com que diferenças estamos lidando aqui, e quais não se afirmam nessas discussões?*

Nesse sentido, identifico as especificidades e limites deste recorte - experiências localizadas em um grupo de pesquisa (acadêmico, na reprodução da hegemonia branca, cisgênero, heterossexual, de classe média e com poucas pessoas com deficiência ocupando espaços de saber-poder). Também estou ciente de suas singularidades - um grupo com mais de cem mulheres (em sua quase totalidade) atuantes em diferentes áreas e contextos que representam a profissão e que têm colocado como pauta e sonhado "empretecer e enviar-se, criar resistências, transformação social, descolonizar e ser descolonizado"¹⁷.

¹⁷ Arquivos do AHTO - trata-se de um dos oito compromissos gerados pelo grupo de pesquisa, a partir da composição de falas durante o "círculo dos sonhos", realizado em julho de 2020 (reunião virtual/registo textual). A expressão "empretecer e enviar-se" foi proferida por Le Ambrósio e endossada pelo coletivo.

Diante dessas complexidades, no que diz respeito à validação da inclusão desses processos e suas materialidades no estudo para pensar as resistências com a terapia ocupacional, afirmo as emergências que resultam dessas experiências e reflexões associadas como importantes rastros, tendo em vista o caráter qualitativo cartográfico do estudo, que focaliza “as particularidades e especificidades dos grupos sociais estudados” (BARROS; SILVA, 2016, p. 131).

Das características que levam ao questionamento da diversidade não apenas desse, mas de todos os grupos de pesquisa no Brasil, entendo como mais uma pista para pensar a reprodução das hegemonias nos diferentes contextos de produção da terapia ocupacional e, mais especificamente, no contexto acadêmico, que representa um dos dispositivos mais eficientes de reprodução das dicotomias e hierarquias que sustentam a modernidade e suas estruturas de dominação.

Dito isso, foi possível farejar nas vivências com o AHTO como a temática das hegemonias do poder e das resistências - que joga luz para a produção das violências, das exclusões, das opressões, das desigualdades - pode ser percebida, abordada, operada e disputada a partir de lugares distintos, possíveis mais ou menos de tecerem composições.

As interfaces entre terapia ocupacional, cultura, arte e corpo representadas pelos participantes do GT e do evento compuseram uma linha que, também com suas distinções e divergências, se entrelaçou nas conexões produzidas pela temática das hegemonias e resistências nesses encontros, assim como as discussões em torno da TOPV.

No fim, o que observo nessas experiências, que dizem de uma certa homogeneidade (predomínio de mulheres brancas, classe média, acadêmicas, sem deficiência, cisgênero e heterossexuais), é que o tema percebido e abordado de lugares distintos, mais ou menos convergentes, parece coletivo/transversal, emergente e

urgente em uma trama também heterogênea de produção de sentidos e práticas no campo da terapia ocupacional.

Convergências e divergências na constituição de processos e caminhos da pesquisa

Nas emergências dos processos acompanhados com o AHTO, entre convergências e divergências das formas de compreender e abordar a questão das resistências no contexto das práticas da terapia ocupacional, duas linhas de forças podem ser identificadas como vetores importantes de influência na construção do estudo - nomeio aqui, correndo o risco de operar uma dualidade ainda que compreendendo que elas se compõem, como *linha de afirmação* e *linha de negação*.

A primeira linha diz sobre o reconhecimento da problemática do estudo como uma questão colocada por um conjunto expressivo de terapeutas ocupacionais, o que gerou nas conexões experimentadas nesse contexto a compreensão e vivência da pesquisa em perspectiva mais coletiva e compartilhada. Nesse sentido, a proposta foi ganhando mais consistência a partir de trocas de experiências, referências, abordagens e criações em uma trama conectiva que se propunha a pensar junto o campo da terapia ocupacional na relação com as demandas contemporâneas, expressas nos mais diversos e singulares cotidianos acompanhados.

Tais vivências e as suas reverberações em um estudo exploratório que pretendia desde o início seguir rastros *com* terapeutas ocupacionais muito mais que falar de terapia ocupacional, ativaram ações de composição em diferentes direções, algumas já mencionadas: proposta de oficina temática sobre a resistência no evento do "I Encontro de Terapia Ocupacional, Cultura, Arte Corpo: saberes em movimento"; ampliação do ciclo de estudos em torno da obra de Boaventura de Sousa Santos; escrita de artigos e trabalhos com diferentes

colegas para apresentação em eventos científicos no campo; participação em projetos de extensão; organização de um livro. Processos que revelam novos encontros no campo da terapia ocupacional e (re)significam encontros anteriores, e que foram engendrando consistências teórico-metodológicas para a pesquisa.

Outra linha, que destaco como *negação*, se apresenta mais dura porque fala menos de dar passagens, aberturas e mais daquilo que gruda (ROLNIK, 2014) e faz coagular na produção de impedimento de fluxos. Aquilo que nos leva para lugares-formas conhecidas no contexto da produção da ciência moderna hegemônica, como a necessidade de controle, de neutralidade, de previsibilidade, como a submissão a teorias e referências, o medo da "incoerência teórica", a crença de não ser capaz de falar por si, sendo o si na relação inseparável entre singular-coletivo, um si mulher cientista latino-americana - "Ainda não desaprendi as tolices esotéricas e pseudo-intelectualizadas que a lavagem cerebral da escola forçou em minha escrita" (ANZALDÚA, 2000, p. 229).

Não, não existe neutralidade na pesquisa, estamos implicados e essas forças tiveram influência também na realização do estudo. E para essa pesquisadora, nessa pesquisa, uma questão contemporânea, que atravessa tantos campos de produção do conhecimento científico, operou por muito tempo como linha de captura dos fluxos de criação. Uma importante provocação expressa também no campo da terapia ocupacional e nos processos acompanhados - *de onde estamos abordando as resistências? Quem está "autorizado" a abordá-las, de que lugar e como? Quais são as contradições que se expressam na produção acadêmica sustentada em referenciais hegemônicos para falar de resistência?*

As discussões se fizeram nos encontros de formas diversas, nem sempre duras, mas em mim elas ressoaram no lugar da imobilidade. Muito fundamentada e ativada por referenciais ocidentais, homens, brancos, chego para o doutorado com desejo

de aprofundar nesses estudos. Estudos críticos e decoloniais me possibilitaram encontros que ampliaram a percepção para experiências na vida e, mais especificamente, no campo da terapia ocupacional e da pesquisa - e sem dúvida me mobilizaram para outras camadas de abordagem da temática da resistência.

As críticas voltadas para a produção das hegemonias ocidentais estruturadas nos eixos articulados do capitalismo, no colonialismo e no patriarcado, e como elas operam na reprodução de saberes e poderes hegemônicos e na invisibilização de saberes locais, plurais, são urgentes e necessárias, especialmente quando se pensa em abordar a questão das resistências a partir do Brasil, a partir do Sul global.

Mas no processo da pesquisa, levaram a um conflito entre uma auto interdição de um lado e a afirmação de sentidos múltiplos e potentes do outro. O que diz muito sobre minha forma de relacionar com a questão, mas também sobre uma linha transversal que atravessa tantos processos de pesquisa e outras criações. No meu caso, levavam à experimentação de forças reativas, pouco inventivas, e paralisantes. *Quem sou eu para falar sobre isso? Qual a maneira correta de falar? Como não negar as existências plurais na produção da pesquisa acadêmica, já tão reprodutora de hegemonias?*

Imersa em uma sociedade de controle pautada na ideia da falta, das dicotomias e exclusões, me coloquei as seguintes questões: *para ser coerente não poderei caminhar com intercessores brancos, homens e europeus. Eu, mulher branca, privilegiada, poderei falar sobre quais resistências?* Para a primeira questão, sustentar estudos que seguem compondo potência em meu exercício de fazer-pensar terapia ocupacional (em especial a filosofia da diferença e o próprio Boaventura de Sousa Santos), ainda que tecendo críticas sobre eles e na articulação com outros intercessores diversos, seria afirmar uma incoerência "imperdoável". Mas ao mesmo tempo, abrir mão dessas

conversas teóricas era como negar as experiências e potências que me trouxeram até aqui.

Por muitos meses essa linha me atravessou com coágulos, principalmente, em um embate interno. Embora a questão estivesse também, de alguma forma, colocada nas forças que atravessam o campo.

Esse movimento foi uma aprendizagem sobre reproduções das hegemonias no campo investigado, mas sobretudo em mim, pesquisadora - questão importante de enfrentar quando nos dispomos a pensar nas resistências e afirmá-las. Como mulher latino-americana eu era confrontada ali, onde grudavam máscaras hegemônicas na atividade de pesquisar: a) com a separação entre teoria e prática, produzindo uma sobreposição das reflexões teóricas sobre os saberes da experiência e para onde apontam; b) com a dualidade que produz negação de um para afirmar o outro, que defende o "ou" em detrimento do "e", que segue negando saberes e fazeres, ativando forças reativas; c) com a colonialidade patriarcal que me faz questionar o que posso, o que sou capaz, e que me leva a desacreditar da minha condição de autorar. Marcas dos poderes operando na constituição das subjetividades - *dos silenciamentos às urgências do gênero que sangra*; experimentações na pesquisa que dizem sobre modos de resistir - *fissuras que curam*.

O perigo ao escrever é não fundir nossa experiência pessoal e visão do mundo com a realidade, com nossa vida interior, nossa história, nossa economia e nossa visão. O que nos valida como seres humanos, nos valida como escritoras. O que importa são as relações significativas, seja com nós mesmas ou com os outros. Devemos usar o que achamos importante para chegarmos à escrita. Nenhum assunto é muito trivial. O perigo é ser muito universal e humanitária e invocar o eterno ao custo de sacrificar o particular, o feminino e o momento histórico específico. (ANZALDÚA, 2000, p. 233)

As duas linhas de forças que me atravessaram na relação com esse território relacional (AHTO), de afirmação e negação, se

entrelaçam nessa caminhada de distintas formas. Sabendo das impossibilidades de um compromisso potente entre negação e afirmação (ALVIM, 2011), o resultado até aqui é a experimentação e aprendizagem de um certo desmanchamento da negação, no exercício de a) afirmar os saberes da experiência em pluralidade e centralidade na pesquisa; b) promover conversas teóricas que fortaleçam as resistências que emergem das experiências acompanhadas e seus contextos, a partir de um posicionamento sensível-crítico, atento às singularidades e às lutas sociais; c) buscar caminhos afetivos, conectivos e inventivos para lidar com minhas próprias reproduções; c) autorar, a partir das minhas vivências e percepções como mulher latino-americana - *não é de fato desse lugar que posso falar?* Um movimento que coloca-me mais à vontade no risco da escrita, da autoria, mas ainda com muitas raspagens para realizar.

Em todos esses processos, uma experiência foi fundamental, estar com outras mulheres, tecendo olhares de cuidado para reproduções e resistências na relação com efeitos das opressões e hegemonias, possibilitou deslocamentos nos modos de ser-fazer em uma direção mais afirmativa, inventiva e curativa. *Eis um rastro?*

Pesquisa intervenção

Por fim, é importante considerar as experiências com o AHTO na relação com a pesquisa tendo em vista a proposta cartográfica em seu caráter interventivo. Nesse sentido, os processos se entrelaçaram com influências mútuas, na expansão da malha conectada que produz o plano comum investigado - a terapia ocupacional.

As propostas-intervenções que fui realizando nos encontros que envolveram o AHTO, dizem sobre afetações e ativações das andanças, em direção a uma coprodução do plano comum e na

elaboração de estratégias para lidar com as emergências do processo.

A identificação da abordagem da temática das hegemonias e resistências como transversal e central em vários encontros, por exemplo, me mobilizou a realizar ações específicas para aprofundamentos conjuntos. Assim como a demanda de debater questões delicadas que envolvem o tema no universo acadêmico contemporâneo geral, mas também especificamente no campo da terapia ocupacional - a branquitude, o epistemicídio, os lugares de fala e conflitos relacionados. Essas problemáticas foram bastante debatidas no ciclo de estudos sobre Boaventura de Sousa Santos, em que se pautou a questão dos referenciais europeus e as hegemonias acadêmicas. As discussões possibilitaram experimentar a ressonância do problema naquele conjunto de pessoas e pensar junto.

Tratou-se de responder aos "acontecimentos por meio das próprias intervenções, questões e respostas - em outras palavras, viver *atencionalmente* com outros" (INGOLD, 2016, p. 408). Assim, a pesquisa foi ganhando um traço coletivo, partilhado, ainda que num círculo predominantemente acadêmico e, desta forma, "os atos do cartógrafo, sendo também coletivo de forças, podem participar e intervir nas mudanças, e principalmente nas derivas transformadoras que aí se dão" (ESCÓSSIA; TEDESCO, 2020, p. 106-107).¹⁸

Esse movimento, que engendra processos mais partilhados e interferências no contexto da pesquisa, foi possível também na relação com as participantes colaboradoras, por meio dos formulários, das cartas e outras expressões, mas de maneira distinta.

¹⁸ Andanças, produções e reverberações que não se esgotam em etapas, mas que seguem produzindo linhas de conexão com a pesquisa, como a organização de um livro sobre processos formativos sensíveis-críticos em terapia ocupacional que agrega várias pessoas com as quais me conectei nesse plano comum e suas movências e que, recém aprovado no Edital Hucitec "Terapia ocupacional e interfaces: tradições e inovações", tem perspectivas de publicação em breve.

2.2 EXPERIÊNCIAS COM OS FORMULÁRIOS - FASE 1

Dentre tantas afetações e ativações mobilizadas nas experiências envolvendo o AHTO, uma afirmou a primeira proposta desenhada para o estudo - a vontade de conversar com terapeutas ocupacionais diversas especificamente sobre suas experiências e resistências. Se as expressões partilhadas por profissionais vinculadas de alguma forma ao grupo de pesquisa contaram sobre muitas perspectivas, práticas, contextos e criações, que ajudaram a perceber e pensar as hegemonias e resistências, também deixaram de dizer de tantas outras realidades, considerando as localizações em contextos acadêmicos predominantemente e outras especificidades do comum heterogêneo que compôs aqueles encontros.

Diante disso, confirmamos como proposta do estudo convidar profissionais brasileiras de terapia ocupacional para dizerem de suas experiências e percepções na relação com a temática da pesquisa. Com a intenção de acessar um público diverso dentro dos limites de composição do campo profissional no país, ou seja, sem delimitações de área, contexto de prática, populações acompanhadas, abordagem, faixa etária, etc.

Essas conversas aconteceram em duas fases distintas: *fase 1 - mapeamento com formulário virtual (sem número limitado de participantes); fase 2 - aprofundamento nas experiências com expressões diversas (com número limitado de participação)*. Focarei inicialmente nos processos, nas materialidades e nas emergências da fase 1.

Processos e materialidades

Para realizar um mapeamento de experiências, percepções e perspectivas plurais de terapeutas ocupacionais, foi importante criar estratégias que favorecessem o alcance da pesquisa, em outras palavras, possibilitar que o convite para responder a um conjunto de questões acessasse as pessoas tendo em vista a

diversidade de perfis pessoais e profissionais que compõem o campo no Brasil e pudesse mobilizar interesse na participação.

Nesse sentido, destaco duas estratégias: 1) elaboração de um plano de comunicação para o disparo dos formulários em modo virtual; 2) construção colaborativa do roteiro de perguntas, com participação de oito diferentes terapeutas ocupacionais na elaboração e/ou avaliação e/ou testes pré-disparo, que representaram vinculações acadêmicas e não acadêmicas em diferentes campos, áreas, perspectivas e contextos de atuação.

Plano de comunicação: divulgação e convites

Os convites, para participação na pesquisa respondendo ao formulário, foram restritos ao cenário nacional e enviados por e-mail em pelo menos dois disparos para: a) para coordenações de cursos de graduação (instituições públicas e privadas - levantamento atualizado em 2020), para as quais foi solicitada divulgação entre professoras, técnicas e estudantes egressas; b) para cursos e programas de pós-graduação *stricto sensu* (Programa de Pós-Graduação em Terapia Ocupacional/PPGTO/UFSCar, Curso de Pós-Graduação em Estudos da Ocupação/CPGEO/UFMG, Programa de Mestrado Profissional em Terapia Ocupacional e Processos de Inclusão Social/USP), para os quais foi solicitada divulgação entre estudantes matriculadas, professoras pesquisadoras e estudantes egressas; c) para entidades representativas da categoria de terapeutas ocupacionais (Associação Brasileira de Terapeutas Ocupacionais - ABRATO; Conselhos Regionais de Terapia Ocupacional - CREFITOS, Rede Nacional de Ensino em Terapia Ocupacional - RENETO), para as quais foi solicitada divulgação da pesquisa entre terapeutas ocupacionais associadas; d) para o grupo de pesquisa AHTO.

Por meio das redes sociais, a pesquisa foi divulgada em vários grupos de terapeutas ocupacionais no *facebook*, no *instagram* e no *whatsapp* - nessas redes virtuais os disparos foram

variados, já que muitos deles eram feitos por colaboradores da pesquisa. Aqueles que puderam ser realizados diretamente por mim, aconteceram em quatro momentos distintos.

Foi ainda solicitado às nossas redes de vinculação profissional e afetiva, atuantes em diversos contextos e regiões do país que, além de participarem da pesquisa, partilhassem o convite entre seus pares. Ademais, algumas pessoas nos contataram pedindo autorização para divulgarem a pesquisa em suas redes, demonstrando percepção de relevância para o campo.

Por fim, como última questão do formulário, fizemos um pedido para as participantes que nos ajudassem a divulgar a pesquisa e que, caso conhecessem alguém que poderia se interessar especificamente em participar, nos deixasse um contato (e-mail ou telefone) - através desse canal recebemos quarenta e quatro indicações. Apesar dos esforços em ampliar a divulgação para todas as regiões do país, observou-se que os compartilhamentos se deram em maior volume na região sudeste.

Formulários

O formulário (apêndice B) ficou disponível em plataforma virtual do *google forms*® no período entre 26 de maio e 01 de agosto do ano de 2021 (sem possibilidade de edição direta do participante após envio). Foi critério de inclusão ser terapeuta ocupacional brasileira(o) que desenvolve ou desenvolveu práticas na profissão por pelo menos dois anos (estando incluídas práticas de assistência, pesquisa, formação, gestão, entre outras); e aceitar os termos que declaravam consentimento livre e esclarecido apresentados como questão inicial obrigatória (o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - TCLE, também foi disponibilizado em versão *pdf* ao final do formulário).

As perguntas versaram sobre: 1) *perfil pessoal*: idade; identidade auto percebida - raça/etnia/cor da pele, gênero, sexualidade; 2) *perfil profissional*: tempo de formação graduada;

demais processos formativos; regiões do país onde atua; classificação da prática profissional atual; esferas de desenvolvimento do trabalho (público privado, terceiro setor, movimentos sociais); setores em que localiza a atuação; espaços onde realiza o trabalho; 3) *práticas e percepções*; 4) *conversando sobre resistência com terapeutas ocupacionais*.

Recebemos 116 formulários respondidos, desses, 113 validados. Dois foram excluídos por remeterem à duplicidade de participação e um por apresentar número de identificação pessoal inválido¹⁹. No caso dos formulários em duplicidade, uma situação apresentava respostas exatamente iguais, então a primeira resposta foi excluída; na outra situação as respostas eram bastante diferentes, por isso a participante que ofereceu seu contato de e-mail foi acessada para a tomada de decisão, o que levou à exclusão completa da segunda resposta.

A seleção de profissionais para seguir na próxima fase se deu a partir desse mapeamento, considerando 94 profissionais que demonstraram interesse em participar de processos posteriores (reposta à uma questão específica do formulário).

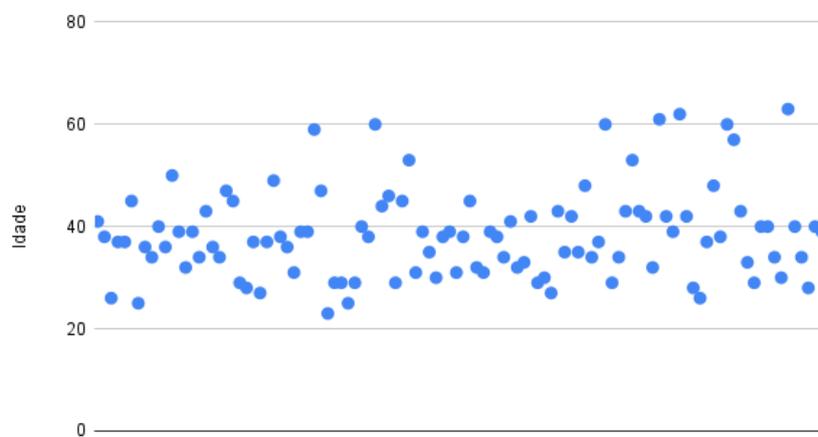
De forma geral, observou-se um investimento considerável das participantes dessa fase nas respostas e na pesquisa - que apresentou um formulário relativamente extenso e complexo. Tal constatação é possível, tendo em vista a relevante adesão em questões optativas; a apresentação de muitas narrativas detalhadas em questões abertas; a quantidade de pessoas que manifestaram interesse em continuar participando; e o significativo retorno na indicação de possíveis pessoas interessadas em participar.

¹⁹ A identificação individual era realizada a partir do cadastro de pessoa física - CPF (obrigatório), já a indicação de um e-mail era opcional.

Sobre os perfis pessoais das participantes

Análises descritivas realizadas com apoio da plataforma virtual do *google forms* apontam que pessoas entre 23 e 63 anos responderam ao formulário, sendo 47% entre 31 e 40 anos; 22% entre 41 e 50 anos; 21% entre 20 e 30 anos e 10% com 51 anos ou mais, conforme ilustra a figura 4 a seguir.

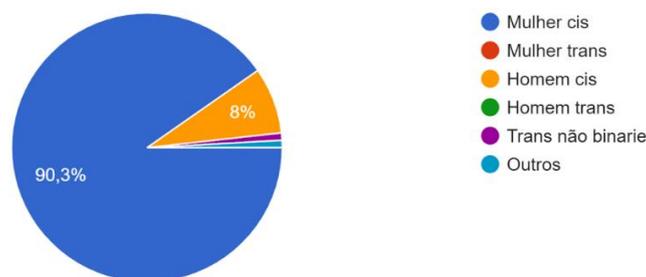
Figura 4 - Idade das participantes (N=113)



Fonte: elaborado pela autora (2022).

A maioria das participantes se declarou como mulher cis, observe a figura 5:

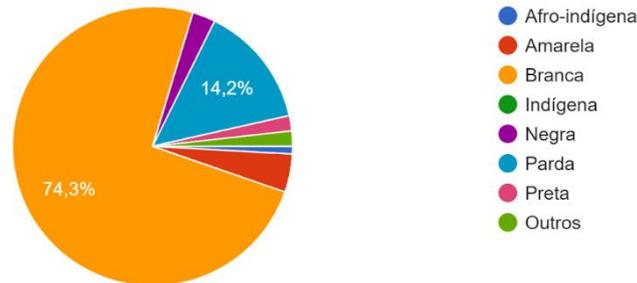
Figura 5 - Identidade autopercebida - gênero (N=113)



Fonte: elaborado pela autora (2022).

Quanto à identidade autopercebida (raça/etnia/cor da pele), participaram pessoas que se declaram brancas, pardas, negras²⁰, pretas e afro indígena; destacando uma maioria branca. Duas pessoas se declararam como "outros" e nenhuma como indígena. Observe:

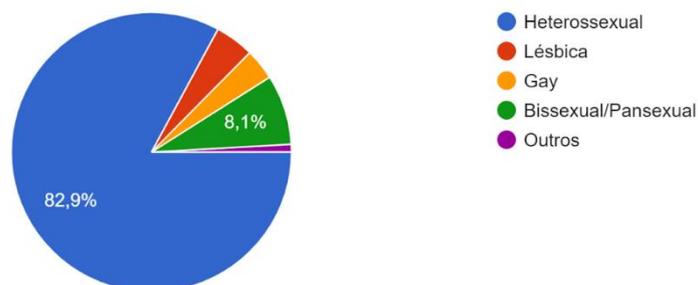
Figura 6 - Identidade autopercebida - raça/etnia/cor da pele (N=113)



Fonte: elaborado pela autora (2022).

Já no que tange à sexualidade autopercebida (resposta não obrigatória), participaram da pesquisa pessoas que se declararam heterossexuais, lésbicas, gays, bissexuais/pansexuais e outros, conforme ilustra e detalha a figura 7 a seguir.

Figura 7 - Identidade autopercebida - sexualidade (N=111)



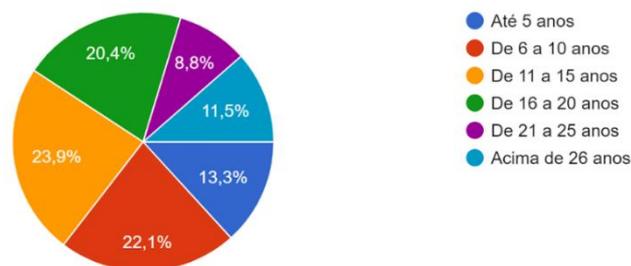
Fonte: elaborado pela autora (2022).

²⁰ Vale destacar que principalmente a partir da década de 1980 há um forte movimento no Brasil que inclui em uma só categoria negros, pardos e pretos - categoria negro. De acordo com Sueli Carneiro (2022), trata-se de uma engenharia política que representa uma resistência do movimento negro brasileiro contra uma estratégia do branco dominador articulada no país desde a escravidão, para rachar e colocar em conflito uma identidade racial.

Sobre os perfis profissionais das participantes

Na seção "Perfil Profissional", a primeira pergunta se referia ao tempo de formação graduada. Observou-se uma aproximação de frequência relativa entre pessoas que se formaram no período de 6 a 10 anos, de 11 a 15 anos e de 16 a 20 anos. A figura 8 que se segue apresenta outras especificações.

Figura 8 - Formação graduada (N=113)



Fonte: elaborado pela autora (2022).

Sobre demais processos formativos, onde se podia marcar mais de uma opção, destacaram-se entre as participantes especializações e aprimoramentos, os grupos de estudos, mestrados e doutorados. Também foram apontadas comunidades de práticas, residências e pós-doutorado. "Outros" processos formativos foram apontados apenas uma vez.

Tabela 1 - Demais processos formativos (N=113)

Processos formativos	Número absoluto (n)	Número relativo (%)
Especialização e aprimoramento	80	70,8
Grupo de estudo	67	59,3
Mestrado	64	56,6
Doutorado	36	31,9
Comunidade de prática	18	15,9
Residência	16	14,9
Pós-doutorado	12	10,6
Outros	13	11,5

Fonte: elaborado pela autora (2022).

Na tabela 1, chama a atenção a alta incidência de pessoas com mestrado, doutorado e até mesmo pós-doutorado participando da pesquisa, isso quando se pensa nessa relação com a quantidade de terapeutas ocupacionais com e sem pós-graduação *stricto sensu* no Brasil (FOLHA, 2019)²¹. Diante disso, entendemos que, mesmo que se faça um esforço para alcançar uma diversidade de profissionais, a estratégia de mapeamento virtual seguindo o plano de comunicação aqui realizado ainda resultou em uma alta participação vinculada de alguma forma à academia.

Em relação às regiões do país onde realizam suas práticas, todas foram representadas por pelo menos um Estado, com predominância da região Sudeste. O Estado de São Paulo se destaca em relação aos demais. Já os Estados de Alagoas, Bahia, Espírito Santo, Goiás, Pará, Paraná e Rondônia tiveram apenas uma participante cada. Acre, Amapá, Ceará, Maranhão, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Piauí, Rio Grande do Norte, Roraima, Santa Catarina e Tocantins não foram apontados. Nessa questão também era possível marcar mais de uma opção, veja a tabela 2 a seguir.

Tabela 2 - Região do país em que atua (N=113)

Unidade Federativa do Brasil (Estados e Distrito Federal)	Número absoluto (n)	Número relativo (%)
São Paulo	69	61,1
Minas Gerais	15	13,3
Pernambuco	6	5,3
Distrito Federal	5	4,4
Rio de Janeiro	4	3,5
Rio Grande do Sul	4	3,5
Sergipe	4	3,5
Paraíba	2	1,8

Fonte: elaborado pela autora (2022).

²¹ Pesquisa de doutorado intitulada "A Terapia Ocupacional como campo de conhecimento científico no Brasil: formação pós-graduada e atuação profissional de seus mestres e doutores" (FOLHA, 2019), que contabilizou 859 mestres e 329 doutores até o final de 2017.

Quanto à classificação das práticas profissionais, em que também se poderia apontar mais de uma opção, destacam-se: assistência/técnica/clínica; docência/formativa; e pesquisa/investigativa. Aparecem também a representação política/atuação em entidades representativas da categoria e a gestão. Demais classificações foram apontadas apenas uma vez, observe a tabela 3.

Tabela 3 - Classificação da prática profissional atual (N=113)

Prática profissional	Número absoluto (n)	Número relativo (%)
Assistência/Técnica/Clínica	84	74,3
Docência/Formativa	48	42,5
Pesquisa/Investigativa	34	30,1
Representação política/Atuação em entidades representativas da categoria	16	14,2
Gestão	15	13,3
Outros	6	5,3

Fonte: elaborado pela autora (2022).

Sobre as esferas de desenvolvimento do trabalho, grande parte das participantes disse realizar suas práticas na esfera pública (88,7%), seguida pela esfera privada (33,6%), pelo terceiro setor (8%) e pelos movimentos sociais (8%).

Sendo que, quando se refere aos setores de atuação (possível marcar mais de uma opção), destaca-se a Saúde, e em menores e mais variadas frequências aparecem a Educação, a Cultura, a Assistência Social, os setores dos Direitos Humanos e do Trabalho (Tabela 4).

Tabela 4 - Setores de atuação (N=113)

Setores	Número absoluto (n)	Número relativo (%)
Saúde	94	83,2
Educação	38	33,6
Cultura	24	21,2
Assistência social	20	17,7
Direitos humanos	20	17,7
Trabalho	10	8,8
Outros	7	6,2

Fonte: elaborado pela autora (2022).

No que diz respeito ainda aos contextos de prática, foi solicitado que as participantes especificassem em questão aberta, espaço(s)/serviço(s)/organização(ões) onde realizam seu trabalho a partir da(s) esfera(s) e setor(es) apontados. Realizada análise do conteúdo das respostas para essa questão, com apoio do *software* ATLAS.ti®, foi possível identificar grupos de códigos textuais que representam a diversidade de locais indicados e estão apresentados na figura 9 a seguir:

Figura 9 - Contextos de atuação**Saúde**

- serviços da rede de atenção primária à saúde (SUS); serviços de psiquiatria e saúde mental; contexto hospitalar; centro especializado em reabilitação ou centro de saúde funcional; ambulatórios (públicos ou privados); serviços da atenção especializada do SUS.

Educação

- universidades (públicas ou privadas); espaços educacionais formais não universitários: educação regular ou especial (públicos ou privados); escola de dança.

Assistência Social e Serviços Socioeducacionais

- serviços socioassistenciais e secretaria de ação social (SUAS): CRAS, CREAS, abrigos, instituições de longa permanência para idosos, centros de convivência, gestão; unidades socioeducativas.

Trabalho

- centros de saúde e trabalho e empresas; Instituto Nacional do Seguro Social; sindicatos e associações de trabalhadores e de categoria profissional.

Organizações não governamentais ou organizações da sociedade civil

- projetos de arte e educação; cultura e direitos humanos; organizações sociais de atenção a pessoas com deficiência.

Outros contextos

- domicílio e território: casas, bairros, favelas e outros espaços públicos e organizações comunitárias; coletivos autônomos culturais de empreendimentos femininos; coletivo autônomo de formação e produção de conhecimento em terapia ocupacional.

Fonte: elaborado pela autora (2022).

As leituras e análises sobre os perfis pessoais e profissionais foram especialmente importantes no processo de seleção de participantes para a fases 2 da pesquisa, já que eram critérios a diversidade de perfis. Também foi utilizado o critério de diversidade narrativa, a partir da análise de uma questão aberta e obrigatória da seção "Práticas e percepções" do formulário, em que foi solicitado ao participante contar uma experiência profissional relacionando processos enfrentados na prática, com objetivos e/ou estratégias realizadas. As respostas a essa questão se apresentaram, de forma geral, com detalhamentos sobre contexto de prática, pessoas acompanhadas, problemáticas enfrentadas, percepções da terapeuta sobre as situações, ações desenvolvidas e reflexões, o que nos levou a defini-la como

referência para a análise de diversidade narrativa e seleção de participantes para fases 2.

As demais análises do formulário foram realizadas em mergulhos disparados pelas “perguntas-guia” sobre a resistência e serão detalhadas no próximo capítulo

Linhas processuais emergentes

Destacam-se como linhas processuais que emergiram nas análises-sobrevoos relacionados à fase 1: o alcance dos formulários; outras intervenções; e a pluralidade de narrativas.

Alcance

A vivência com os formulários na pesquisa possibilitou encontrar experiências mais diversas, ainda que tenha sido observada uma predominância da região Sudeste e uma frequência alta de pessoas vinculadas de alguma forma ao contexto acadêmico.

No processo de divulgação e recebimento das repostas foi possível conversar sobre a pesquisa com muitas terapeutas ocupacionais que não a estavam acompanhando até então, algumas eram pessoas conhecidas outras não. Essa é uma questão importante de se considerar no processo do estudo como um todo - o campo da terapia ocupacional no Brasil tem uma certa circularidade e até mesmo familiaridade, especialmente considerando os nichos de experiência vinculados à academia. Nesse sentido, minhas relações pessoais-profissionais favoreceram divulgações e participações por um lado, e por outro fomentaram uma certa reprodução dessa mesma circularidade em torno dos mesmos nichos.

Tendo em vista que o mapeamento não se propôs a produzir uma representatividade da pluralidade de terapeutas ocupacionais brasileiras, mas sim ampliar e diversificar as conversas em torno da resistência, entendo que foi relevante percorrer esse caminho.

Outras intervenções

O retorno dos questionários indicou uma participação volumosa e interessada, tanto pelo número baixo de respostas invalidadas (n=3), quanto pelo investimento e detalhamento em muitas questões abertas, inclusive quando não obrigatória, e pela elevada apresentação de interesse em participar das etapas seguintes (n=94). De maneiras pontuais, recebi retornos diretos que apontaram de forma ressoante a complexidade das questões. A maioria desses retornos (que não podem ser generalizados, mas que nos dão pistas) versaram sobre a demanda de um investimento de tempo e atenção, assim como o exercício de responder como uma oportunidade de reencontro com experiências possibilitando afetações, reflexões e até mesmo ativações para além da pesquisa.

“Quando fiz a primeira etapa da sua pesquisa, descrevi um relato sobre uma garota que atendo. Me inspirei com a sua pesquisa e mês passado fiz um resumo expandido sobre essa mesma garota”.

Esses elementos remetem mais uma vez à discussão sobre os processos interventivos das pesquisas e seus dispositivos. Mas também sobre a singularidade de uma pesquisa que opera aberta às conectividades em um plano comum que integra a terapia ocupacional no país e seus círculos de afetos, relações e trocas.

Narrativas plurais

Os primeiros encontros com os formulários respondidos e sobrevoos, como a análise da questão aberta para a seleção de participantes para as fases 2, possibilitaram notar a emergência de uma diversidade nas maneiras de compreender, vivenciar, abordar e operar as resistências, assim como as hegemonias e relações de poder. Nesse sentido, uma maior diversidade de perfis, contextos de prática e experiências promovida pelo

dispositivo do mapeamento/formulário, indica uma ampliação das expressões que compõem a pesquisa, contando sobre modos plurais de resistir com a terapia ocupacional.

Isso se destaca em uma variedade de formas de narrar as experiências, presente nas questões abertas. As leituras e análises de algumas dessas questões nos sobrevoos apontam importante rastro sobre a narratividade na relação com as resistências. Pista que segui e aprofundei nas análises e fabulações que se seguem.

2.3 EXPERIÊNCIAS COM AS CARTAS E OUTRAS EXPRESSÕES - FASE 2

Se os formulários ajudaram a conhecer uma maior diversidade de experiências no contexto da terapia ocupacional, bem como uma multiplicidade de sentidos produzidos a partir delas (BARROS; BARROS, 2016), também era minha intenção aprofundar nessas experiências e encontrar outros/novos sentidos. Assim, foi proposta na pesquisa a fase 2, em que algumas pessoas foram convidadas para seguirem conversando sobre suas vivências, agora pensando mais especificamente sobre aquelas que se articulam como experiências de resistência.

Processos e materialidades

Considerando um conjunto de pessoas que poderia me acompanhar nesses aprofundamentos, foi delimitada a quantidade entre sete e dez pessoas como razoável²². Tendo em vista as possibilidades de não aceite, buscou-se selecionar treze pessoas dentre as 94 que informaram no formulário interesse em participar de fases seguintes da pesquisa.

²² Até então, havia a intenção de realizar o grupo de discussões em uma terceira fase do estudo, e o critério de quantidade de pessoas para seguirem nas fases subsequentes considerou também o que a literatura aponta sobre a participação pertinente para grupos desta natureza - entre 7 e 10 pessoas (CERÓN, 2006).

Para chegar nessas pessoas, realizei uma análise que relacionou diversidade de perfil pessoal, com diversidade de perfil profissional e diversidade narrativa. As questões do formulário que compuseram essas análises foram: idade; identidade autopercebida (raça/etnia/cor da pele), gênero e sexualidade; estado onde desenvolve suas práticas; locais de atuação, relato de uma experiência.

A primeira seleção considerou as narrativas apresentados no relato de uma experiência e as várias leituras (flutuantes) realizadas possibilitaram a construção de analisadores, uma vez atentas aos sentidos expressos e às intensidades (BARROS; BARROS, 2016, HUR, 2021).

Esse processo de análise provocou inquietações, desconfortos e questionamentos sobre o risco da produção de uma possível categorização, que poderia qualificar ou classificar experiências a partir de um recorte - uma questão aberta de um questionário, com suas expressividades significativas, mas também limites. *Se a intenção era acessar as experiências, e não as representar, então como dizer, nos processos de análise, das questões que transversalizam e singularizam, de comuns e heterogêneos, sem definir qualidades ou julgamentos à experiência do outro?*

Questão semelhante é colocada por Fonseca e Costa (2016, p. 263) - "como fazemos para constituir estabilidades, ou melhor, metaestabilidades em meio a um mundo em que tudo flui?". Diante do paradoxo da análise, como apresentam Barros e Barros (2016) "de constituir-se ao mesmo tempo como um acesso à objetividade e como um procedimento de proliferação de sentidos e de singularização", tal desafio está colocado a todo momento.

As análises realizadas nesse estudo ajudam a experimentar um percurso em busca de "um mundo em que a criação e a diferença são sempre primeiras, mas no qual se estabelecem durações e coerências no decorrer da dança" (FONSECA; COSTA, 2016, p. 264), porém, sem garantias de inovação, tentei operar a atenção e um

cuidado diante das reproduções de mecanismos de padronização, representação, classificação, hierarquização e neutralidade – tão estruturantes na ciência moderna e que também nos (en)formam em diferentes níveis.

Nesse sentido, uma das pistas que segui destaca a coemergência entre pesquisador e campo de pesquisa na relação com processos acompanhados, o que afirma o saber da experiência e, mais uma vez, questiona a cisão entre subjetividade e objetividade na investigação científica (BARROS; BARROS, 2016, p. 199).

Também ajudam Fonseca e Costa ao afirmarem que, ainda que seja importante ao cartógrafo se desfazer da díade sujeito-objeto, é possível formar “objetificações e durações, ao cartografar arranjos complexos, os quais, em sua tensão relacional, nos provêm de uma determinada gama de sentidos” (FONSECA; COSTA, 2016, p. 263).

Assim, na produção de uma atenção específica e de uma maior aproximação das experiências partilhadas pelas terapeutas ocupacionais participantes, as análises me levaram a compor quatro grupos de sentidos ou analisadores que ajudam a traduzir alguns comuns e heterogêneos emergentes nas narrativas e que pareceram interessantes para a seleção pretendida. Foram elas: *abordagem mais microssocial; abordagem mais macrossocial; percepção/leitura da situação relatada em linhas mais sensíveis; percepção/leitura da situação relatada em linhas mais críticas.*²³

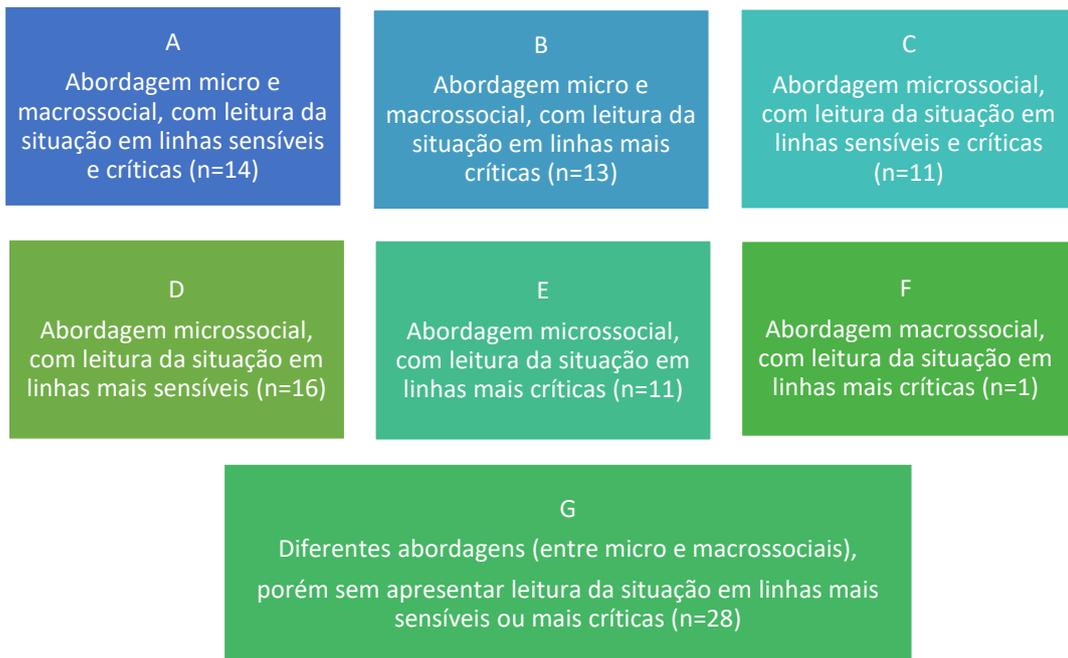
²³ Tendo em vista os objetivos específicos e limites dos textos investigados nesta etapa, as compreensões de “abordagem microssocial” e “abordagem macrossocial” se adequam às emergências da análise realizada, que indicaram contornos contextuais e relacionais de produção dos saberes-fazeres envolvidos nas experiências partilhadas por terapeutas ocupacionais no estudo. Por microssocial entende-se o contexto de vida que entrelaça o individual e o coletivo na produção cotidiana de fazeres e sentidos, assim, as abordagens microssociais dão destaque ao contexto das relações e produções cotidianas de determinadas pessoas e grupos e as ações profissionais nesta dimensão. Já nas abordagens macrossociais, se produz reflexões e ações em âmbitos públicos, considerando as macroestruturas de produção da vida social e as políticas sociais (MALFITANO, 2005). Em muitos momentos essas abordagens se entrelaçam, no entanto, foi possível observar suas distinções e destaques nas narrativas analisadas. Ressalta-se, no entanto, que essa compreensão não se confunde com a compreensão de micro e macropolítica prioritariamente

Não se pode perder de vista o contexto dos relatos analisados: resposta aberta de uma questão que compõe um formulário que retoma questões fechadas anteriores. Desta forma, cada participante apresentou uma maneira singular de narrar que correlaciona as memórias e afetações da experiência que narra, assim como os elementos que se conjugam em um modo determinado de escrever naquele espaço-tempo específico. Diante disso, as dimensões levantadas na análise não dizem de uma prática, ou de uma perspectiva de ação, dizem sobretudo de uma forma de narrar em determinado contexto.

Por exemplo, um relato que destacou uma abordagem mais macrossocial não diz de uma prática de terapia ocupacional em perspectiva macrossocial, mas de uma forma de narrar a experiência que destaca aspectos nesse âmbito. Da mesma forma, uma narrativa de onde emergem linhas mais sensíveis e/ou mais críticas de leitura de uma situação apresentada.

Tais expressões lidas a partir dessas dimensões e seus cruzamentos levaram aos seguintes grupos de narrativas (figura 10):

utilizada no estudo para pensar as dimensões de produção do desejo, das subjetividades e do campo social, embora tenham pontos de intersecção.

Figura 10 - Diversidade de narrativas

Fonte: elaborado pela autora (2022).

Nesse último caso (n=28), o que entendo é que as informações oferecidas não me permitiram fazer identificações das dimensões sensíveis e críticas analisadas em determinados recortes textuais. Os demais cruzamentos possíveis entre as dimensões não foram representados nas respostas analisadas.

Usando o parâmetro que priorizou a diversidade de narrativas nessas dimensões, e tendo em vista que seriam 13 participantes, foram selecionadas duas representantes de cada conjunto (A, B, C, D, E, G). Exceto no conjunto F, que por ter apenas uma resposta, foi incluída automaticamente.

Já na aplicação dos critérios de diversidade de perfis pessoais e profissionais, buscou-se incluir as categorias representadas nos formulários dentro das seguintes questões - idade, gênero, raça, sexualidade, região do país em trabalho, locais de atuação. Pelo critério de exclusão, a seleção iniciou pela identidade autopercebida raça "afro indígena" (com apenas uma representante) - essa escolha já trouxe outros elementos, que foram sendo preenchidos, como o tipo de narrativa, gênero, raça, sexualidade, idade, região do país, atuação; em seguida

identidade autopercebida - gênero "trans não binarie" (com apenas uma representante) - que trouxe também características associadas que foram preenchendo o quadro nos critério de diversidade e apontando caminhos para seguir nessa direção.

A partir daí buscou-se a diversidade de região. Nas relações entre as narrativas e os perfis que faltavam, fui preenchendo o quadro: gênero, idade, contextos de atuação. As idades foram resultado da combinação dos outros quesitos, e apontou uma diversidade pertinente. Na última etapa, foi necessário buscar a correlação entre contextos de práticas e tipos de narrativas que ainda não haviam sido contemplados.

O resultado final (figura 11) apontou uma diversidade em todos os quesitos, que não esgota a diversidade dos participantes (especialmente em idade e contextos de prática), mas acolhe a sua maior parte dentro das combinações possíveis e do que foi sendo colocado como prioritário na relação com as aparições no formulário e suas representatividades e proporcionalidades na pesquisa.

Figura 11 - Diversidade de perfis

Fonte: elaborado pela autora (2022).

Os processos de análise me levaram a perceber uma reprodução de invisibilidades - mesmo em processo colaborativo de construção do formulário, deixamos de incluir como critério de diversidade a deficiência. Não foi perguntado se as pessoas que responderam o formulário tinham ou não alguma deficiência, desta forma, (re)produzindo uma invisibilidade e limitando uma oportunidade de representatividade nas etapas seguintes do estudo. O que provoca à uma autocrítica e à afirmação da

importância de nos manter atentas às próprias hegemonias. Como pista, lembro que não há “pura” resistência, assim como não há “pura” hegemonia. E nesse processo, me sinto mais próxima das minhas participantes, na complexa teia de produção de hegemonias e resistências.

Fase 2: Expressões livres

Das 13 pessoas convidadas, 9 aceitaram o convite realizado por e-mail e participaram da segunda fase, mediante assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

A participação consistiu no envio de pelo menos uma expressão que contasse sobre uma experiência/vivência envolvendo a prática em terapia ocupacional que, para a convidada, se articula ou se articulou como resistência. Aqui, destaca-se uma compreensão que busca não reproduzir a dicotomia de oposição hierárquica que separa teoria e prática, por isso foram incluídas as práticas formativas, investigativas e/ou assistenciais. A maneira de expressar/contar a experiência foi escolhida pelas participantes e poderia ser um material produzido previamente ou criado especificamente para sua participação na pesquisa, ou ainda uma composição entre ambas as situações.

Foram enviadas cartas; colagem; poesia; livro; materiais de sensibilização e informação sobre ações no contexto de políticas públicas; apresentação animada sobre projeto realizado (texto e imagem); cartaz; fotografia; e coreografia em apresentação de dança²⁴.

Fase 2: Fruição das expressões e carta

Com a intenção de possibilitar a circulação das expressões encaminhadas entre as participantes e abrir espaço para outras

²⁴ Parte destas expressões pode ser acessadas no Catálogo que compõe o volume 2 desta tese.

emergências e aprofundamentos, foi produzida uma fruição dos materiais enviados. Cada participante recebeu a(s) expressão(ões) enviada(s) por uma outra participantes, com a seguinte solicitação: *a partir da sua apreciação, pedimos que nos encaminhe uma CARTA (narrativa escrita), contando sobre afetações e/ou ativações e/ou reflexões que o encontro com a expressão partilhada te mobilizou. Convidamos ao exercício de uma escrita mais livre, que possa acolher movimentos e fluxos resultantes do seu encontro com os materiais enviados.*

A distribuição das expressões entre as participantes foi definida por sorteio. Todo o processo ocorreu por e-mail e juntamente com as obras as terapeutas ocupacionais receberam uma ficha de informação²⁵.

Foram encaminhadas cartas por todas as participantes (n=9), uma coreografia de dança e uma poesia (disparadas pelos encontros com materiais recebidos). Também foram enviados depoimentos sobre afetações e ativações provocadas na vivência da pesquisa na fase 2, que versaram sobre: sensações e sentimentos diversos na relação com as expressões; a riqueza do material recebido e o desejo de partilhá-lo com colegas terapeutas ocupacionais e docentes, dada a importância, escassez e necessidade de produções semelhantes no cenário nacional; os deslocamentos produzidos na relação com o estudo, a partir da experimentação de outros modos de fazer pesquisa; as ativações que a participação na pesquisa promoveram e seus impactos nos cotidianos de trabalho e vida.

Linhas processuais emergentes

Emergem desses processos, duas linhas processuais interrelacionadas: entre forças, crises e ambiguidades; e a

²⁵ As fichas de informação e outras expressões envolvendo a fruição podem também ser acessadas no Catálogo que compõe o Volume 2.

força das narrativas e das expressões plurais na afirmação da experiência [ou porque chorei]

Entre forças, crises e ambiguidades

As pessoas se conformam como sujeitos sociais, culturais, históricos e políticos, assim se produzem as subjetividades. Suas ações no mundo dizem das reproduções do que lhes foi ensinado e forjado pelos mais diversos dispositivos disciplinares e de controle. Nesse contexto, constituem-se também subjetividades plurais que vivem a todo instante processos de singularização (GUATTARI; ROLNIK, 2013). Diante disso, a atividade de pesquisa me coloca, mais uma vez, na trama complexa da produção das hegemonias e das resistências.

Dentre as várias tensões, crises e ambiguidades vivenciadas e percebidas ao longo de uma investigação atenta à produção das hegemonias, das opressões e das resistências, duas se destacaram na fase 2 aqui descrita: o receio de reproduzir representações, padronizações e determinações na busca por uma pretensa neutralidade; e a produção das invisibilidades.

Falar sobre resistência não garante nenhum tipo de isenção das reproduções das dicotomias e hierarquias, das relações de saber-poder e seus efeitos, qualquer intenção nesse sentido seria ingênua, ou até mesmo arriscada. Caminho mais coerente, porém desafiador, talvez seja se reconhecer nessa produção complexa e múltipla, tentando produzir uma atenção para tais processos e suas (re)produções, experimentando, traçando e intensificando linhas de fuga.

A força das expressões plurais na afirmação da experiência [ou Porque chorei...]

Este item é composto por linhas emergentes não só a partir das expressões e cartas da fase 2, mas também em diferentes

momentos com o AHTO e com os formulários. No entanto, a cada experiência na pesquisa essas afetações foram se reconhecendo e se configurando no que arrisco nomear como a *potência das narrativas em sua expressão de singularidade e pluralidade*.

Relatos de pessoas atentas ao que se passa, ao que acontece, consigo, com o outro, com o mundo. Dores, sabores, desamparo, injustiças, felicidade, delicadezas, encontros, transgressões, paixões, invenções. Fios entrelaçados no cotidiano de pessoas. Pessoas com nomes, desejo, raça, sexualidade, condições, criações, histórias, culturas, potenciais, dificuldades, raivas, medos, marcas. Pessoas coletivas.

Quando o assunto é resistência, entre histórias, cotidianidades, acontecimentos e formas de narrar, temos muito a conversar.

2 Mergulhos

Este capítulo apresenta os *mergulhos* realizados na relação com questões específicas do formulário virtual, apoiados em uma *análise temática reflexiva*. As emergências desses mergulhos, articuladas às linhas processuais, apontaram três analisadores a partir dos quais foi possível criar os principais *vestígios* sobre a resistência na e com a terapia ocupacional.

3.1 Narrativas e Transversalidade

Parto da compreensão de que as materialidades produzidas e analisadas no estudo dizem de formas diversas de narrar a experiência. Cada narrativa se refere de maneira muito particular a quem narrou, onde, como e quando.

Narrativas disparadas por uma pergunta em um formulário virtual, por exemplo, trazem determinados recortes e continuidades do contexto. Já dizer sem necessariamente precisar usar palavras, poder escolher formas plurais de se expressar, possibilita a emergência de sensibilidades outras. Relatar uma experiência em um ambiente acadêmico formal, ainda que se propondo a desvios, configura modos bastante específicos de enunciar. O diário de campo de uma pesquisadora narra a todo momento um fazer-pensar pesquisa que se entrelaça com as vivências e acontecimentos investigados. Em cada contexto, para cada pessoa, em cada tempo, um modo de narrar.

Ao mesmo tempo, as narrativas trazem em si uma imbricação de experiências. Quando a terapeuta ocupacional conta sobre as resistências de uma pessoa a quem direciona sua prática, está envolvida no relato sua própria experiência. Não faço aqui um esforço em separá-las. É assim que esta pesquisa entrelaça experiências e narrativas diversas - das terapeutas, das pessoas acompanhadas e da pesquisadora.

Ademais, entendo que narrar não se restringe à descrição de vivências, pois incorpora aspectos reflexivos que aprofundam o contexto histórico-cultural das situações (BORRE, 2020). Processo sustentado em modos mais ou menos hegemônicos de dizer. Diante disso, me propus a realizar uma cartografia de narrativas plurais, considerando-as inseparáveis de seus cenários de produção (ou processos de criação), já que o desafio da cartografia é a investigação de formas, porém indissociadas de sua dimensão processual (ESCÓSSIA; TEDESCO, 2020).

Nesse sentido, a apreciação das narrativas realizada na pesquisa, entre *sobrevoos* e *mergulhos*, diz do encontro sensível com experiências contadas, mas também de uma atenção às posições assumidas na maneira de contar (PASSOS; BARROS, 2020b).

Posto isso, e levando em conta que cada terapeuta ocupacional nesse estudo diz de uma singularidade constituída por uma multidão (HARDT; NEGRI, 2004), fui convocada diante das materialidades produzidas no estudo a fazer encontros com experiências e narrativas heterogêneas buscando ampliar o coeficiente de transversalidade (não hierárquico e não homogêneo) nas relações e comunicações percebidas *entre* elas, ou melhor dizendo, *ao longo* delas (INGOLD, 2012).

Segundo Eduardo Passos, é necessário “falar da transversalidade como diretriz metodológica para pensarmos em sintonia com o contemporâneo” (PASSOS, 2019, p. 131). Se o “inconsciente é antes de mais nada um agenciamento social: o agenciamento coletivo das enunciações virtuais” (GUATTARI, 1985, p. 81), busquei modos de analisar tais materialidades que possibilitassem a emergência de comuns no engendramento das singularidades e das diferenças. Aqui, os comuns são compreendidos na perspectiva da comunidade ou da comunhão, composta por suas múltiplas vozes e diferenças em emergência e variação (PASSOS; EIRADO, 2020, p. 117).

Neste capítulo, detalho os *mergulhos* realizados na relação com muitas dessas formas de dizer, mais especificamente com

narrativas disparadas por questões abertas do formulário virtual que compuseram a seção "Resistências", foram elas: 1) Apresente até TRÊS palavras e/ou frases curtas que se relacionem com a ideia de resistência para você; 2) Continue o trecho a seguir - As pessoas e/ou grupos e/ou coletivos relacionados à minha prática profissional resistem quando...; 3) Continue o trecho a seguir - Na Terapia Ocupacional eu resisto quando...

O aprofundamento nessas questões específicas dos formulários foi uma decisão guiada pelos rastros levantados nos movimentos metodológicos anteriores (andanças e sobrevoos). Como o pato mergulhão, percorrer o ambiente, entrar em contato com suas superfícies, vibrações, elementos, movimentos e emergências me possibilitou definir onde e como mergulhar. Tudo isso operando uma "atenção que se desdobra na qualidade de encontro, de acolhimento" (KASTRUP, 2020, p. 39), onde

As experiências vão então ocorrendo, muitas vezes fragmentadas e sem sentido imediato. Pontas de presente, movimentos emergentes, signos que indicam que algo acontece, que há uma processualidade em curso. Algumas concorrem para modular o próprio problema, tornando o mais concreto e bem colocado. Assim, surge um encaminhamento de solução ou uma resposta ao problema; outras experiências se desdobram em microproblemas que exigirão tratamento em separado. (KASTRUP, 2020, p. 39).

Numa superfície ampla, cheia de movimentos, pulsações e expressões, estou cientes de que essa não seria a única possibilidade de aprofundamento, mas foi onde a água vibrou com maior intensidade, me convocando a mergulhar em busca de (mais) vida.

3.2 ENTRE QUESTÕES, EMERGÊNCIAS E ANALISADORES

Para os mergulhos levei três perguntas: *como as terapeutas ocupacionais que responderam os formulários compreendem a resistência? Na relação com o que resistem? Como essas terapeutas*

e as pessoas, grupos e populações vinculadas às suas experiências profissionais resistem?

Na relação com as respostas de 113 participantes, realizei uma análise temática de abordagem reflexiva, que se caracteriza por ser indutiva, fluida e flexível, a partir da imersão e do engajamento com os dados produzidos (BRAUN; CLARKE, 2006; SOUZA, 2019), no exercício de identificação e articulação de códigos textuais. Para isso, utilizei recursos do software ATLAS.ti®, que contribuiu na formação e organização de grupos de códigos e redes relacionais, levando em conta os contextos narrativos.

Aqui vale ressaltar que a utilização desse recurso e de um modo de fazer diz sobre uma experiência metodológica que não se delimita a partir da escolha de suas ferramentas, mas por um percurso e uma direção ético-política, que possibilita que “os instrumentos sejam forjados, (re)situando-os sempre a partir do plano de relações que produz a pesquisa, não a partir de si mesmos” (CÉSAR; SILVA; BICALHO, 2016, p. 155).

Diante disso, para auxiliar nos mergulhos pretendidos, foram criados inicialmente três documentos, cada um com o conjunto de respostas de uma das perguntas da seção “Resistências”, selecionadas do formulário. Na análise 1, a pergunta - *como as terapeutas ocupacionais que responderam os formulários compreendem a resistência?* - foi feita para os três documentos e os grupos de códigos emergentes estão apresentados no quadro 2 a seguir, em ordem de magnitude de aparição. Cada grupo se refere a palavras, significados e sentidos que foram relacionados considerando as aparições em seus contextos.

Quadro 2 - Mergulhos - Análise 1

Grupos de códigos/Análise 1 Compreensões em torno da ideia de resistência
Luta. Enfrentamento. Transgressão. Revolução.
Vida. Produção, afirmação, intensificação do vivo e do viver. Experiência. Desejo.
Direitos e cidadania. Participação social e inclusão social. Democracia. Política.
Singularidade. Subjetividade. Identidade. Realidades e contextos singulares de vida.
Coletividade. Redes. Apoio.
Sobrevivência. Existência. (R)existência.
Pensamento. Consciência. Conhecimento. Crítica.
Contra-hegemônico.
Que cria, desloca, transforma.
Resiliência. Persistência. Acreditar.
Autonomia. Protagonismo. Emancipação.
Compromisso. Responsabilidade. Coerência.
Dialogar. Ecologia dos saberes.
Produção de cuidado. Cuidado de si.
Pluralidade. Diversidade. Diferença.
Cotidiano.
Empoderamento. Poder.
Ética. Valores. Respeito.
Amor. Afeto.
Engajamento.
Decolonizar.
Inteligência emocional.

Fonte: elaborado pela autora (2022).

Na análise 2, a pergunta - *na relação com o que resistem?* - foi feita para os três documentos e os grupos de códigos emergentes estão apresentados no quadro 3 a seguir²⁶:

²⁶ Vale lembrar que se priorizou a transversalidade na análise, e não a separação entre experiências de terapeutas e experiências de pessoas relacionadas às suas práticas. Mesmo na análise 3 em que se operou análises específicas para esses grupos inicialmente, em um segundo momento uma composição foi realizada na criação dos analisadores.

Quadro 3: Mergulhos - Análise 2

Grupos de códigos/Análise 2 Diante do que resistem
De não poder existir sendo quem são: morte, negação de modos de existência (saber-fazer), desvalorização de interesses, necessidades e desejos.
Da manutenção das coisas como são, da reprodução da vida, dos determinismos, da falta de perspectiva, do impedimento de sonhar e criar novos modos/mundos.
Das hegemonias (incluindo as próprias reproduções).
Da individualização da vida, do isolamento, do abandono, do desamparo.
Da negação e violação dos direitos e da cidadania.
Da opressão, das violências, da subjugação, da dominação, da exploração, do abuso, do silenciamento, da vulnerabilização, das práticas de despotencialização, da exclusão, das desigualdades.
Do empobrecimento das experiências: constrangimento, apagamento e mecanização da vida.
Da padronização, classificação, fragmentação das formas de vida. Da negação das singularidades e da diversidade. Do instituído e da lógica imposta como verdade.
Da alienação, da falta de pensamento crítico e de conscientização, do desconhecimento.
Da falta de amor, afeto, cuidado e compromisso (ético e político). Do descaso e da desumanização.
Da realidade em que vivem, das barreiras e das dificuldades cotidianas, da precarização das condições de vida e de trabalho.
Da falta de autonomia, de independência, de protagonismo, de participação, de participação social e de controle social.
De paradigmas limitados e tecnicistas, alienados e alienantes, que não operam em sensibilidade e crítica, que não consideram contextos e complexidade, que não produzem práticas integrais e interdisciplinares.
Da desvalorização e do desconhecimento em torno da terapia ocupacional e de suas práticas.
Da hierarquia de saberes e da monocultura do saber.

Fonte: elaborado pela autora(2022).

A análise 3, disparada pela questão - *Como as terapeutas ocupacionais participantes da pesquisa e as pessoas, grupos e populações vinculadas às suas experiências profissionais resistem?* - foi dividida em duas partes: a) terapeutas ocupacionais - análise do documento referente à questão do formulário "Continue o trecho a seguir - Na Terapia Ocupacional eu resisto quando... b) pessoas, grupos e populações relacionadas à prática - análise do documento referente a questão do formulário "Continue o trecho a seguir - As pessoas e/ou grupos e/ou coletivos relacionados à minha prática profissional resistem quando...". As emergências dessas análises estão apresentadas nos quadros 4 e 5.

Quadro 4: Mergulhos - Análise 3a

Grupo de códigos/Análise 3_a Como terapeutas ocupacionais resistem
Enfrentando hegemonias, dominação, opressão, violação, violências, discriminação, exclusão.
Sendo um elemento de apoio para criação e ampliação das possibilidades existenciais e construção de projetos de felicidade, dignidade e alegria - produção de vida e invenção de mundos.
Se envolvendo e realizando lutas contra a negação das singularidades e das pluralidades. Questionando a padronização, universalização, fragmentação, dicotomias, fronteiras, individualização.
Fazendo, ensinando, pesquisando em terapia ocupacional com base em reflexões críticas da realidade.
Fazendo parcerias, andando em coletivos, bandos.
Produzindo prática e formação sensível.
Estudando, pensando, refletindo sobre as injustiças. Promovendo discussões e outras práticas de conscientização.
Afirmando, explicando e defendendo a terapia ocupacional.
Desenvolvendo práticas para maior participação, autonomia, independência e emancipação.
Existindo (como terapeuta ocupacional, mulher, negra, artista, sapateiro).
Lutando e apoiando lutas pela justiça, inclusão, liberdade e transformação social.
Desenvolvendo práticas contextualizadas, incluindo práticas comunitárias e territoriais.
Produzindo e lutando por um cuidado em perspectiva mais complexa, humanizada, ampliada e integrada.
Desenvolvendo práticas horizontais, realizando projetos com as pessoas, fomentando a produção criativa de formas mais democráticas de intervenção. Afirmando saberes-fazer plurais.
Não desistindo e enfrentando barreiras cotidianas.

Fonte: elaborado pela autora(2022).

Quadro 5: Mergulhos - Análise 3b

Grupo de códigos/Análise 3_b Como pessoas, grupos e populações envolvidos com as práticas resistem
Sobrevivendo. Existindo (sendo quem são). Enunciando, valorizando, afirmando seus modos de existir e outras singularidades.
Criando. Produzindo vida, possibilidades, novas formas de viver.
Estando/fazendo junto. Se organizando em coletivos. Compreendendo a força da coletividade.
Enfrentando barreiras diárias. Buscando formas de destruir barreiras historicamente construídas.
Lutando por direitos, exercendo a cidadania. Afirmando as políticas públicas.
Combatendo a intolerância. Não aceitando, se opondo ao desrespeito, à injustiça, exploração, opressão, despotencialização. Se indignando e denunciando violências a que são submetidos.
Rejeitando, subvertendo, enfrentando hegemonias, verdades impostas. Sustentando práticas contra-hegemônicas.
Buscando cuidado. Se sentindo cuidado. Produzindo cuidado em perspectiva ética, política, integral.
Despertando para uma consciência crítica e política.
Experimentando e permitindo a transformação.
Acreditando em caminhos possíveis, esperando criticamente. Se comprometendo com a transformação social.
Valorizando as diferenças. Exercendo políticas de alteridade.

Fonte: elaborado pela autora(2022).

Na composição entre todos os grupos de códigos identificados e suas redes relacionais, destacam-se as seguintes *linhas temáticas emergentes*, que se interconectam e estão vinculadas às experiências e percepções de terapeutas ocupacionais em torno da temática das resistências:

- 1) Hegemonias (incluindo a próprias reproduções) e práticas contra-hegemônicas;
- 2) Luta, enfrentamento, transgressão, de(s)colonização e transformação social: contra as opressões, violências, violações, explorações, desigualdades e dominações;
- 3) Estruturas sociais, condições de vida e cotidiano: barreiras, precarização e vulnerabilização;
- 4) Direitos, cidadania, política e democracia (emancipação e participação social);
- 5) Pensamento crítico, conscientização, conhecimento e (auto)crítica;
- 6) Sobrevivência e (r)existência: diante da negação, da desvalorização e do aniquilamento de existências, seus modos de ser saber e fazer, seus interesses, desejos e necessidades;
- 7) Produção, afirmação, expansão de/a vida, do vivo e do viver: que ama, experimenta, sonha, cria, desloca, transforma;
- 8) Afirmação das singularidades, pluralidades e da diversidade, considerando as subjetividades, as identidades e o contextos e territórios de produção cotidiana da vida;
- 9) Autonomia, participação, inclusão e protagonismo;
- 10) Coletividade: apoio, parcerias, coletivos de luta e redes;
- 11) Diálogo, ecologia dos saberes e produção de modos mais democráticos de atuação: contra a monocultura e a hierarquia dos saberes;
- 12) Terapia ocupacional em perspectiva mais sensível e mais crítica;

- 13) Produção de cuidado e cuidado de si: ética, estética e política;
- 14) Explicando, defendendo e afirmando a terapia ocupacional.

No entrelaçamento das linhas temáticas emergentes com as linhas processuais emergentes observadas nas andanças e nos sobrevoos (capítulo 2), busquei relacionar frequência e intensidades e cheguei em quatro analisadores (BARROS; BARROS, 2016; HUR, 2021): *o poder sobre a vida; lutar e resistir; (r)existência e invenção de mundos; encontro, coletividade e multiplicidade.*

Pelos analisadores, essas linhas emergentes em suas aparições e intensidades são articuladas e aprofundadas nos capítulos seguintes que se referem aos *vestígios*, a partir de uma experimentação sensível reflexiva que convoca a bricolagens, deslocamentos e criações no (re)encontro autoral com as experiências e narrativas diversas que constituem as materialidades do estudo.

Nesse processo, entretanto, uma nova linha emergente se constitui na relação com a força expressiva dos variados fragmentos estético-poéticos produzidos no estudo. Textos, imagens, poesias, danças, colagens e outras expressões são rastros que percorrem e ao mesmo tempo dão consistência à produção dos vestígios. Parte dessas expressões estão explícitas nos textos-capítulos que se seguem, todas atravessam meu corpo escritora-*bricouler*, e muitas ganham espaço no catálogo que compõe o volume 2 desta tese.

Segundo Passos (2019), na inseparabilidade entre conhecer e intervir, a pesquisa cartográfica em seu rigor inventivo operacionaliza a intervenção em dois dispositivos também inseparáveis: o dispositivo analítico como quebra do já dado; e o dispositivo articulacional ou composicional, no sentido artístico do termo como criação de universos de referência (PASSOS, 2019, p. 133).

É partindo desse pressuposto que os textos-vestígios se apresentam na trilha II, assim como as fabulações que os sucedem, formando uma última linha analítica interventiva da pesquisa, a *linha composicional emergente* que articula as demais na invenção de universos de referência para o campo da terapia ocupacional.

Notas sobre os vestígios: uma conexão entre duas Trilhas

Os modos de ser, fazer, existir vão deixando vestígios, como os rastros do pato mergulhão, que sugerem que ele esteve ali, mesmo que não tenha sido visto. Rastros podem ser pegadas, marcas no chão, nas cavernas, na superfície, no subsolo.

O vestígio é sempre o rastro de um encontro. Pegada é pata-chão, desmatamento é homem-árvore-lâmina. No encontro entre diferentes formas de vida, cria-se um outro, outro espaço, outro tempo, outro modo. Criação incessante de afetação e transformação, expressa em infinitas paisagens.

Através de vestígios entre superfícies e subsolo, estudiosos têm investigado como as paisagens tidas como “naturais” revelam uma história de interações múltiplas e culturais (BRUM, 2021; TSING, 2022).

A floresta amazônica, por exemplo, expressa em suas terras pretas e outras formações botânicas o encontro com pessoas e outros seres há milhares de anos, é o que defendem diferentes pesquisadores. Esses vestígios apontam que parte da Amazônia é uma floresta cultural, o que não apenas possibilita compreender melhor o histórico extermínio de povos originários, mas contribui também para pensar o futuro e resistir ao seu pior cenário, em que a destruição é o nosso principal rastro (BRUM, 2021).

Nem sempre os vestígios são facilmente visíveis ou inteligíveis, nesse caso, é preciso acessar a dimensão múltipla do sensível para reconhecê-los, ou mesmo ativar um compromisso

com a resistência - cheiro, som, marcas, memórias, paisagens, sensação, intuição²⁷.

Na pesquisa vivi um desses encontros pouco acessíveis à racionalidade instrumental (MAFFESOLI, 1998). Fui convocada por um pato, que não conhecia. O pato, que não era qualquer pato, mas aquele mergulhão, atravessou meu corpo enquanto escrevia sobre a metodologia do estudo.

Obedeci aos seus chamados e fui buscar saber alguma coisa sobre esse bicho que brotou em mim. Eu tinha acabado de retornar de uma das minhas idas à Serra da Canastra, em uma região próxima de onde nasci e vivi por muitos anos. Mas nunca tinha ouvido falar do pato por aquelas bandas, pelo menos eu não lembrava conscientemente. Foi nas minhas primeiras pesquisas sobre o animal insistente que descobri que ele resiste à extinção ali mesmo, entre montanhas, rios e cachoeiras da Canastra.

Que vestígios foram esses com os quais eu me conectei e me levaram ao pato? Nunca soube responder à essa pergunta, mas desde então, a cada visita à Serra retorno um pouco mais pato.

Um tanto assim também se deu minha conexão com as micélias. E ao longo da pesquisa encontrei vários outros vestígios do vivo e suas resistências, nas narrativas de terapeutas ocupacionais. É o que conto nos quatro primeiros capítulos da trilha 2 a seguir, que escrevo como quem persegue rastros (DERRIDA, 1973) em abertura aos outramentos, ao que escapa das certezas e das bordas, inclusive em mim.

Traço, assim, um desenho de rastros em bricolagem, a partir de sensações, apreciações, conversas e elaborações teóricas, que entrelaçam o sensível e o inteligível. Ao fazer isso, vou também eu deixando vestígios.

²⁷ Inspirada na performance *Vestígios*, de Marta Soares. Sinopse disponível em: <https://mitsp.org/2019/vestigios/>. Outras informações sobre a performance e o processo de criação constam na tese da autora - "Vestígios: conversas entre o teórico e o artístico", defendida em 2012 junto à Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP).

Dois traçados centrais se embarçam nesse desenho: o *poder sobre a vida* e as *potências de vida*. O primeiro é principalmente abordado no capítulo 1, que discorre sobre as hegemonias, o poder e seus efeitos, apresentando uma linha transversal que percorre os demais vestígios. Já o segundo traço entrelaça os capítulos *lutar e resistir; (r)existência e invenção de mundos; encontro, coletividade e multiplicidade*, na expressão de modos combativos, afirmativos e coletivos de resistir²⁸.

²⁸ Nestes capítulos serão apresentados trechos de narrativas de terapeutas ocupacionais envolvidas no estudo. Estarão sinalizados entre aspas, e com a intenção de ressaltar a transversalidade e produzir um uníssono, não terão priorizadas suas caracterizações e localizações específicas no contexto da produção de dados (salvo em situações que se fazem necessárias). Outras expressões narrativas selecionadas podem ser acessados no Volume II (Catálogo).

TRILHA II

VESTÍGIOS E FABULAÇÕES

La expresividad del hombre deja huellas a su passo que nos inclinan a reconocerlo y a encontrarlo. [...] Es um gesto inherente a la vida que no hace a la utilidade, que transcende toda posibilidad funcional. Los hombres, a su passo, van dejando su vestígio.

(Ernesto Sabato, "La resistência")

Figura 12 - A máquina de moer gente.



Fonte: elaborado pela autora (2022).

1 O PODER SOBRE A VIDA

A questão da resistência pode ser localizada na relação entre o poder que se exerce *sobre* a vida e as potências *da* vida. Os vestígios produzidos na pesquisa entrelaçam essas duas linhas de força de maneiras variadas. Este primeiro capítulo se debruça especialmente na primeira linha ao discorrer sobre as hegemonias e seus efeitos.

No questionário respondido por 113 terapeutas ocupacionais havia uma pergunta cuja resposta era obrigatória e concernia à percepção das participantes sobre a contextualização ou produção dos processos enfrentados pelas pessoas acompanhadas nas práticas em terapia ocupacional. Tais processos haviam sido apontados em questões anteriores, e, entre outros, destacaram-se: despotencialização, vulnerabilidade social, violação de direitos, exclusão, estigma, desigualdade, invisibilidade, alienação.

A pergunta era: *Você percebe relações ou articulações entre os processos que apontou nas duas questões anteriores e os modos e/ou estruturas e/ou sistemas sociais hegemônicos - econômicos, políticos, culturais, científicos, de comunicação, conexão e mídias etc.?* 108 participantes responderam "sim", quatro "em parte", e uma respondeu "não".

Mas não é só nessa passagem que a temática se destaca. A questão da *hegemonia* vai sendo deixada como rastro nos mais diversos momentos do estudo. É uma palavra que insiste em aparecer, em combinações diversas com as palavras "sistemas", "estruturas", "modos", e tantas vezes na combinação "contra-hegemonia" e seus correlatos.

Pode-se localizar a ideia de hegemonia no campo das produções históricas (culturais, políticos, econômicos) que envolvem o exercício de poder, a produção de verdades absolutas, de universalismos, de totalitarismos e da dominação de determinados grupos sobre outros.

Para Gramsci (2002), filósofo e historiador italiano marxista, que escreveu a maior parte de sua obra em cárcere fascista, a ideia de hegemonia se relaciona ao exercício de poder e domínio de uma classe sobre as outras, sustentado na transformação das verdades de um grupo como válidas para toda a sociedade. A manutenção desses processos é prioritariamente baseada no consenso, que leva ao consentimento, e acontece na articulação entre estruturas e supra estruturas compostas pela sociedade civil e pelo Estado (SOUZA, 2013).

Nas sociedades hegemônicas capitalistas, os ditos intelectuais, vinculados aos principais grupos sociais, exercem uma função organizativa e conectiva voltada para a manutenção das lógicas que representam. Isso se dá na reprodução e afirmação de ideias em uma direção *intelectual* - relacionada a uma concepção de mundo que, apresentada como democrática, sustenta os interesses de um determinado grupo; e em uma direção *moral*, que implica valores, modos de viver e se comportar que assimilados pelos grupos subalternos, criam ambiente propício para a manutenção e reprodução do sistema hegemônico (SOUZA, 2013).

Um desses meios de influência se localiza na produção da chamada "opinião pública", que não é espontânea, mas construída e organizada principalmente por organismos (privados) que compõem a sociedade civil, o que ajuda a entender a disputa pelo monopólio dos órgãos de opinião, por exemplo. Nesse contexto, a cultura tem relevância central na manutenção ou mesmo na transformação das hegemonias.

Para Gramsci, a emancipação de grupos sociais subalternos envolve a construção de uma outra hegemonia, sustentada em uma reforma moral e intelectual que afirma uma nova visão de mundo (SOUZA, 2013).

Muito se discute sobre essa compreensão de hegemonia na relação com as resistências, inclusive quando se pensa na substituição de uma hegemonia por outra e os consequentes

problemas de dominação, totalitarismo e supremacia que isso envolve, seja lá qual for a tendência hegemônica no poder.

Boaventura de Sousa Santos (2011b), por exemplo, em um resgate da ideia marxista e gramsciana de hegemonia, pondera que, no mundo atual globalizado, o consenso não é mais uma questão central e deixou de ser necessário, uma vez que há uma confiança das classes dominantes em relação à ausência de alternativas ao que defendem. Em outras palavras, não há preocupação com ideias ou projetos que lhe possam ser contrários ou hostis, pois no contexto global hegemônico (firmado com a queda do muro de Berlim e a hegemonia do capitalismo norte americano neoliberal) tais movimentos estão fadados ao fracasso - "a hegemonia transformou-se e passou a conviver com a alienação social, e em vez de assentar no consenso, passou a assentar na resignação" (SANTOS, 2011b, p. 35), associada ao medo perante um modo de vida que parece não ter saída, alternativa ou fim.

Diante disso, o autor lança a pergunta - "É possível lutar contra a resignação com as mesmas armas teóricas, analíticas e políticas com que se lutou contra o consenso?" (SANTOS, 2011b, p. 35), e assim afirma a necessidade e o desafio de se construir uma nova teoria crítica, que apoie na retaguarda a(s) luta(s) contra as hegemônias modernas globais (SANTOS, B. 2019).

Para o sociólogo, essa nova crítica deve ser necessariamente pluriversal, sustentada em uma ecologia dos saberes, já que, em um mundo constituído pela diversidade epistemológica, é difícil imaginar um conceito de totalidade que dê coerência ao conjunto - ou seja, não se trata de substituir uma hegemonia por outra. Afinal, muito se produz de invisibilidade, exclusão e ausência na defesa de ideias e modos universais, sejam eles quais forem.

A produção da hegemonia não é passiva ou estável, envolve contestação e luta política. É nesse sentido que Raymond Williams introduz a ideia de contra-hegemonia, que destaca a dinâmica de forças em questão e se relaciona especialmente à ideia de

resistência, assim compreendida como prática contra-hegemônica (SOUZA, 2013).

Não é por acaso que essas palavras tiveram tanto destaque nas expressões da pesquisa²⁹, ressaltando a compreensão de que a organização e o governo das formas de vida na sociedade hegemônica atual - em modos estruturais e globais - produzem desigualdades, violações, violências e exclusões. São com esses efeitos e com as resistências que ativam que as terapeutas ocupacionais lidam cotidianamente em suas práticas.

Entende-se, assim, que esse é um debate indispensável para a terapia ocupacional, pois favorece a compreensão das relações de poder e como essas interferem nas possibilidades e potências de ser, fazer e criar das pessoas. O *poder* é um aspecto também bastante citado nas narrativas de terapeutas ocupacionais envolvidas no estudo, especialmente no que diz respeito às desigualdades e violências vivenciadas.

Neste ponto, é pertinente retomar os rastros de Foucault, que trouxe a compreensão de sujeito no contexto das relações de poder como uma produção social complexa e processual, em que a subjetividade é resultante de processos e mecanismos que agenciam formas de vida a partir de dispositivos sociais.

Na leitura de Foucault, tais processos não localizam o poder prioritariamente em superestruturas como o Estado, mas em múltiplas formas de relação, produção e reprodução da vida (FOUCAULT, 1995). Assim, o autor chama atenção para o poder como força difusa, em uma microfísica que indica seu exercício nas relações entre pessoas e grupos, em processos de governabilidade das possibilidades de ação.

Nessa perspectiva, vivemos imersos em relações de força ou relações de poder. Tais relações se explicitam no que o autor designa como *conduzir condutas*, que governa o campo de ações possíveis do outro. Essa perspectiva sobre o poder “coloca em jogo relações entre indivíduos (ou entre grupos)” (FOUCAULT,

²⁹ Ver Volume II (Catálogo).

1995, p. 240), já que só se pode falar de instituições, leis e estruturas na suposição de que alguns exercem poder sobre outros. Diante disso, a análise dos estratos sociais e da dominação é deslocada para a microfísica do poder e para as relações entre indivíduos.

Em outra vertente, Santos (2011b) afirma que o poder não é exercido de um único modo, mas como formação de poderes onde diferentes formas se combinam de maneiras específicas, assim, "as relações de poder não ocorrem isoladas, mas em cadeias, em sequências ou em constelações" (SANTOS, 2011b, p. 267), sendo diversos os elos da cadeia de desigualdade, tais como raça, sexo, classe, idade, nacionalidade, recursos educativos etc.

Tendo em vista a multiplicidade e ao mesmo tempo heterogeneidade das relações de poder e seus modos de produção, Santos (2011b) apresenta um mapa-modelo que relaciona estrutura e ação na estrutura-ação das sociedades capitalistas hegemônicas no sistema mundo, a partir de seis espaços: espaço doméstico, espaço da produção, espaço de mercado, espaço da comunidade, espaço da cidadania e espaço mundial.

Considerando esses espaços como

matriz das múltiplas dimensões da desigualdade e de opressão nas sociedades capitalistas contemporâneas e no sistema mundial como um todo, e, conseqüentemente, como matriz das lutas emancipatórias mais relevantes. (SANTOS, 2011b, p. 274).

Nesse sentido, o autor apresenta uma diferenciação das formas de poder - poder cósmico e o poder caósmico. O poder cósmico, o Estado, por exemplo, se refere ao poder centralizado, com limites formais estabelecidos (sequências, cadeias institucionalizadas de intermediação burocrática). Já o caósmico diz sobre o poder descentralizado, exercido por múltiplos microcentros "em sequências caóticas sem limites predefinidos" (SANTOS, 2011b, p. 288).

É nessas múltiplas relações e constelações de poder que se sustentam os sistemas hegemônicos modernos, em três eixos principais interligados de maneira constitutiva: o capitalismo, o colonialismo e o heterocispatriarcado.

1.1 AS MÁQUINAS E AS GENTES

Na composição do sistema global mundial hegemônico, a dominação econômica, social, política e cultural está relacionada com a desigualdade na distribuição do poder em suas diferentes formas, de modo que as opressões e os efeitos das desigualdades e exclusões incidem sobre os que têm menos poder com consequências nas condições e possibilidades de vida de pessoas, grupos e populações (SEGATO, 2003; SANTOS, 2017).

“De um lado, a máquina de moer gente, do outro, sempre gente”, foi o que narrou poeticamente uma participante do estudo.

Entendendo que a produção e reprodução das hegemonias e opressões acontecem a partir do exercício do poder em cadeias múltiplas e heterogêneas, levantam-se as seguintes perguntas: *que máquinas são essas? E que gente é essa?*

Partindo dos estudos sociológicos com Boaventura de Sousa Santos, podemos pensar que as máquinas se estruturam nos sistemas hegemônicos modernos que representam os interesses do Norte global e produzem desigualdades e exclusões, que incidem especialmente sobre o Sul global.

O Sul global não se trata de um conceito geográfico, ainda que a maioria das populações [que mais sofrem os efeitos das desigualdades e exclusões] vivem em países do hemisfério Sul. Trata-se de uma metáfora do sofrimento humano causado pelo capitalismo e colonialismo global e sobre a resistência para superá-lo ou minimizá-lo. Por isso, é um Sul anticapitalista, anticolonial e anti-imperialista. É um Sul que existe também no Norte global, em populações excluídas, silenciadas e marginalizadas como são os imigrantes sem documentos, os desempregados, as minorias étnicas ou religiosas, as

vítimas do sexismo, da homofobia e do racismo.
(SANTOS, 2011c, p. 35, tradução nossa).

Essa divisão pode ser pensada a partir da metáfora das linhas abissais, que dividem, por definição unilateral, saberes, experiências e agentes sociais entre úteis, inteligíveis e visíveis de um lado (Norte), e inúteis, ininteligíveis, perigosos e objetos de esquecimento de outro lado (Sul); entre humanos e sub-humanos (SANTOS, 2007b).

Tomando esse pensamento como referência, sabemos que as "gentes" ou "não-gentes" do outro lado da linha são diversas, e a produção de opressões nos seus corpos são interseccionais, envolvendo raça, classe e gênero em interação estrutural que produz como efeitos múltiplas violências (AKOTIRENE, 2020).

Compondo as interseccionalidades, identificam-se múltiplos marcadores como sexualidade, deficiência, idade, regionalidade e religião. Nas narrativas das terapeutas ocupacionais, destacam-se as questões de classe, raça, gênero, sexualidade e funcionalidade/incapacidade. Sustentando todas elas, temos a hegemonia da "santíssima trindade" - o neoliberalismo, o colonialismo e o patriarcado.

Desde o acordo firmado pelo consenso de Washington que o neoliberalismo se consolidou como hegemonia econômica global. No entanto, para Santos (2002) a globalização não é apenas econômica, mas um processo multifacetado com dimensões sociais, políticas, culturais, jurídicas e religiosas, e não se configura como monolítica, podendo se falar em globalizações em cenário complexo.

Nesse contexto, em que se identifica uma nova divisão internacional do trabalho baseada na globalização da produção, especialmente centralizada nas empresas multinacionais, as

desigualdades se aprofundam com uma maioria excluída dos processos de produção (SANTOS, 2002)³⁰.

As corporações multinacionais são as novas ditaduras, a globalização é o atual imperialismo e o grande princípio a livre circulação – só que de mercadorias, não de gente, ou pelo menos não de todas as gentes, o que é facilmente verificado na grave situação contemporânea dos refugiados e de tantas outras pessoas que encontram muros diante da sua peregrinação contra o desamparo.

As principais vítimas seguem sendo aqueles considerados “menos desenvolvidos”, e nesse sentido, nós latino-americanos, na relação com o sistema hegemônico capitalista em suas diferentes versões, temos longa história de oportunismo, exploração, opressão e desamparo. Como disse Eduardo Galeano – “Nesse nosso mundo, mundo de centros poderosos e subúrbios submetidos, não há riqueza que pelo menos não seja suspeita” (GALEANO, 2016, p. 371).

Trata-se de um sistema que nas últimas décadas se especializou em produzir crise, insegurança e medo como método político de gestão de populações – como incendiar planícies para acabar com um incêndio ameaçador por falta de combustível. Isso porque a crise cria oportunidades para o capital e justifica intervenções para sanar as inseguranças e temores que provoca (COMITÊ INVISÍVEL, 2016).

Nesse cenário de produção do capital e das subjetividades, “o capitalismo cria um conflito em cada um de nós”, e com a crise permanente previne uma crise efetiva (COMITÊ INVISÍVEL, 2016, p. 26).

O poder, imanente à vida, está cada vez mais organizado de forma descentralizada, tecnológica, material e mercantil – é a face mais atualizada da “máquina de moer gente”. E o Estado tende

³⁰ Para um aprofundamento sobre a temática no contexto brasileiro, ver Dagnino (2004a), no texto “Construção democrática, neoliberalismo e participação: os dilemas da confluência perversa”.

a ser uma caricatura dessa mesma face, sequestrado pelos poderes privados que tem como principal estratégia de governo a corrupção (MBEMBE, 2019), o que intensifica a perversidade da relação entre cidadania e dominação, e muitas vezes torna paradoxal os movimentos de resistência a partir das organizações democráticas representativas (COMITÊ INVISÍVEL, 2016).

No desenvolvimento da compreensão sobre as relações de poder que operam nas organizações hegemônicas dos modos de vida em perspectiva transnacional e com impactos globais, é impreterível considerar os processos de dominação históricos e contemporâneos. Porém, é um erro fazê-lo nos limites do eixo do capitalismo neoliberal sem considerar os demais eixos que o sustentam.

Na intenção de afirmar e fortalecer experiências de resistência e movimentos de transformação, é necessário alimentar um debate profundo sobre a colonialidade que envolve a produção simbólica e material, de relações, subjetividades, culturas e produtos.

De acordo com Mignolo (2010), a matriz da colonialidade de poder opera a partir do controle da economia, da autoridade, da natureza e dos recursos naturais, do gênero e da sexualidade, da subjetividade e do conhecimento. Desta forma, os processos de resistência e transformação implicam a descolonização do ser (subjetividade), mas também do saber (conhecimento).

O colonialismo criou as categorias negro e racismo, e a colonialidade as mantêm, no entanto, não se pode perder de vista que essa matriz de poder coexiste com processos de colonização atuais.

Infelizmente o trecho da canção que se consagrou na voz de Elza Soares, e que diz que "a carne mais barata do mercado é a carne negra"³¹, é mais atual que nunca. É o que revelam dados

³¹ Trecho da canção "A carne" composta pelos artistas Seu Jorge, Marcelo Yuca e Wilson Capellette.

publicados no Fórum Brasileiro de Segurança Pública em 2021, que destacam a violência contra pessoas negras no Brasil.

Se mais mulheres negras morrem vítimas de feminicídio, se a maior parte das pessoas assassinadas em todo país é negra, e se a grande maioria dos adolescentes vítimas de violência letal são negros (FBSP, 2021; FBSP, 2022a, FBSP, 2022b), compreende-se que o racismo mata e que estruturalmente integra a organização econômica e política da sociedade (ALMEIDA, 2019), definindo as possibilidades de vida, mas principalmente as possibilidades de morte das pessoas de acordo com a cor da sua pele. Questões que se gravam quando associadas ao gênero e à classe na produção interseccional das violências. É principalmente dessas gentes que estamos falando, e elas são protagonistas nas experiências partilhadas por terapeutas ocupacionais do estudo.

Dados sobre as mortes na pandemia de Covid-19 no Brasil e tantos outros apontam para a mesma direção (OLIVEIRA *et al.*, 2020). Ainda que não tenhamos sistemas totalmente confiáveis em relação a sistematização de informações no país, o que não faltam são números, dados, estatísticas que demonstram as consequências de uma história marcada pela escravidão de pessoas descendentes de africanos no país sem reparação, com consequências vivas, renovadas, que se perpetuam em violências e violações.

Está incluído nesse genocídio histórico o extermínio de povos originários, que juntamente com as florestas nunca deixaram de ser explorados e perseguidos (BRUM, 2021). O Brasil é um país racista e sexista, que segue discriminando, explorando e violando determinados corpos. Corpos mulheres, corpos negros, corpos dissidentes de gênero, corpos florestas.

Como ressalta Eliane Brum (2021), a compreensão da floresta como corpo a ser violado pelas elites dominantes do país, está historicamente sustentada na lógica colonial capitalista patriarcal que entende determinados corpos como propriedades. São as máquinas de poder e seus operadores que determinam quais corpos estão disponíveis para violação.

Se na relação entre os três principais eixos hegemônicos de dominação, o racismo e o sexismo são parte da estrutura política e ideológica do capitalismo, Lélia Gonzales destaca que “na medida em que existe uma divisão racial e sexual do trabalho, não é difícil concluir sobre o processo de tríplice discriminação sofrido pela mulher negra (enquanto raça, classe e sexo), assim como sobre seu lugar na força de trabalho” (GONZALEZ, 2020, p. 48).³²

Para Paredes (2013), o gênero remete à uma categoria política relacional de denúncia de injustiças, subordinações e explorações nas relações entre homens e mulheres, dado o sistema de opressões do patriarcado colonial-neoliberal. Nesse sentido, o aprofundamento e o agravamento das relações de opressão e subordinação em relação ao gênero, forjadas no colonialismo e mantidas pela colonialidade, irão produzir diversas e múltiplas violências contra mulheres numa perspectiva interseccional, recaindo especialmente sobre os corpos de mulheres negras e indígenas (AKOTIRENE, 2020).

O gênero é uma construção colonial, marcada pelas oposições binárias, dicotômicas, antagônicas e hierárquicas como parte dos componentes do sistema colonial/moderno, nesse sentido, as estruturas patriarcais, machistas e sexistas oprimem mulheres e todas as expressões dissidentes de gênero (OYĒWÙMÍ, 2017).

De acordo com Lugones (2008), o capitalismo global é heterossexual, ou seja, há uma coerência da heterossexualidade no sistema gênero colonial/moderno que produz com profundidade e força as reproduções perversas, violentas e degradantes hierarquizando pessoas a partir dos padrões de classe, raça, gênero e também de sexualidade.

³² Alguns trechos do texto estão publicados no artigo “Poder, patriarcado e (r)existência: notas sobre uma experiência sensível e crítica entre mulheres na academia” (CARDOSO; SILVA; RIBEIRO, 2022), que envolve um trabalho vinculado à pesquisa e realizado em parceria com Carla Regina Silva e Fernanda de Cássia Ribeiro.

Nessas intersecções, ainda é necessário destacar a produção das violências na relação com as deficiências na chave do capacitismo. Produzido a partir de um arranjo entre instituições, mecanismos, discursos e relações, o capacitismo está no cerne da ideia hegemônica de normatividade que distingue hierarquicamente uma classe de sujeitos “típicos e perfeitos”, daqueles que apresentam alguma deficiência, gerando crenças, processos e práticas que produzem marginalizações baseadas na dicotomia capaz/incapaz (TOBOSO-MARTÍN, 2017).

No contexto da produção da anormalidade, bastante trabalhado por Foucault, e que engloba diferentes figurações criadas nos processos comparativos e classificatórios que balizam o comportamento moral, é importante destacar que “o lugar do anormal é produzido ao mesmo tempo em que se produz o lugar do normal, ou seja, o espaço da exclusão está dado pelo espaço da inclusão” (SANTOS; SILVA, 2021, p. 246).

Em sua expressão atual, o sistema capacitista, patriarcal, colonial neoliberal interfere diretamente, e de forma interseccional, nas condições de vida das pessoas ao propor métricas que hierarquizam as populações de acordo com seus interesses econômicos, utilitaristas e produtivistas (MORÁN, 2020). Nesse contexto, muitas vezes

As resistências se desenvolvem como estratégias de sobrevivência dentro da organização social e se tornam um modo de estar-sendo dentro da cultura capacitista que impacta as experiências corporais. Resistir é uma tática afetiva e eficaz pela dignidade da vida [...]. (MORÁN, 2020, p. 274).

Em síntese, o que foge aos pilares da construção da verdade, do universal e do dominante na sociedade moderna ocupa paradoxalmente o lugar do “não lugar” na produção histórica, estrutural e cotidiana de invisibilidade, desvalorização, exploração e destruição de saberes, fazeres, modos de viver e existências.

Vive-se um tempo “especialista em criar ausências” (KRENAK, 2019, p. 26), e na negação de saberes e modos de vida que escapam à concepção hegemônica de verdade, inúmeras formas de viver vêm sendo historicamente exterminadas e silenciadas.

1.2 CORPOS E COTIDIANOS

“Os olhos desta população desassistida e em sofrimento”³³

Ainda sobre as gentes produzidas e moídas pelas máquinas hegemônicas, Santos (2019a, p. 126) vai lembrar que as experiências de injustiça e opressão “causadas pelo capitalismo, pelo colonialismo e pelo patriarcado são sempre experiências corpóreas”. No entanto, a narrativa moderna contemporânea se esforça em separar o corpo de seus afetos (corpo-alma, corpo-mente). O resultado disso é a produção de corpos funcionais hierarquizados no trabalho e no lazer (SANTOS, B. 2019), e definidos de acordo com princípios e valores capitalistas de saúde, normalidade, beleza, utilidade, funcionalidade e produtividade.

Trata-se de corpos mergulhados em um campo de relações complexas, sobre os quais o poder têm alcance imediato, em um investimento político-econômico que os marcam, dirigem e assujeitam como força produtiva, porque “o corpo só se torna força útil se é ao mesmo tempo corpo produtivo e corpo submisso” (FOUCAULT, 1999, p.28).

De toda forma, é sempre no corpo que as forças são exercidas, é sempre sobre suas repartições, potências, utilidades, docilidade e submissão que se trata; corpo que se produz e se move em uma trama complexa de relações que aqui abordarei a partir do conceito de *cotidiano*.

³³ Nos *Vestígios* alguns subtítulos estarão acompanhados por epígrafes referentes a fragmentos textuais narrativos da pesquisa. Elas se relacionam com o texto subsequente como inspiração, ilustração e horizonte.

As atividades e os fazeres das pessoas em seus contextos de vida compõem o cotidiano, que se constitui como uma importante categoria de análise na produção do fazer-pensar em terapia ocupacional. De acordo com Galheigo (2020, p. 8), o cotidiano integra experiência e saber, e representa uma chave de leitura a partir da qual é possível conhecer os modos de pensar, agir e sentir de sujeitos e coletivos.

Tendo em vista a ideologia hegemônica que condiciona as subjetividades e produz a instrumentalização da vida diária, o cotidiano funciona como

[...] um espaço-tempo no qual o sujeito, individual ou coletivo, de modo imediato e nem sempre consciente, acessa oportunidades e recursos, enfrenta adversidades e limites, toma decisões, adota mecanismos de resistência e inventa novos modos de ser, estar, viver e fazer. (GALHEIGO, 2020, p. 15).

O efeito da expansão do capitalismo “na vida das pessoas e no modo como organizam seu cotidiano é evidente e penetra em todas as áreas da experiência” (LIMA, 2019, p. 120). É nas produções cotidianas de significados, sentidos e relações que se opera a (re)produção das hegemonias. Mas é também na tessitura dos cotidianos que se revelam as resistências plurais na relação com as forças de submissão da vida.

Os impactos da fabricação de um mundo neoliberal, colonial, sexista e capacitista estão expressos nos fazeres cotidianos e nas múltiplas demandas das pessoas, grupos e populações acompanhadas pela terapia ocupacional. No estudo, muito se narrou sobre os reflexos das condições e dos modos de vida contemporâneos nos cotidianos, em dimensões e agravamentos os mais diversos - desde a produção de uma vida mecânica, produtivista, alienada da sua capacidade de criar até as mais graves situações de violação e miséria.

As terapeutas ocupacionais lidam com esses efeitos nos cotidianos acompanhados e nos seus próprios, seja nos ambientes

profissionais ou fora deles; e diante da complexidade do seu foco de trabalho e da força das violências institucionais e diárias, compartilham suas dores e reflexões.

Dentre tantas reflexões, há o conflito entre as experiências de vida das pessoas acompanhadas pela terapia ocupacional no Brasil - envoltas em privação e sofrimento resultantes de condições de vida precárias, injustas e violentas - e suas expectativas de uma vida melhor.

Galheigo (2020) pensou esse contexto retomando Boaventura de Sousa Santos na análise da relação invertida entre experiência e expectativa, em que a expectativa de grande parte da população mundial perde seu caráter de positividade diante das perspectivas sempre piores de vida e do desamparo emergente.

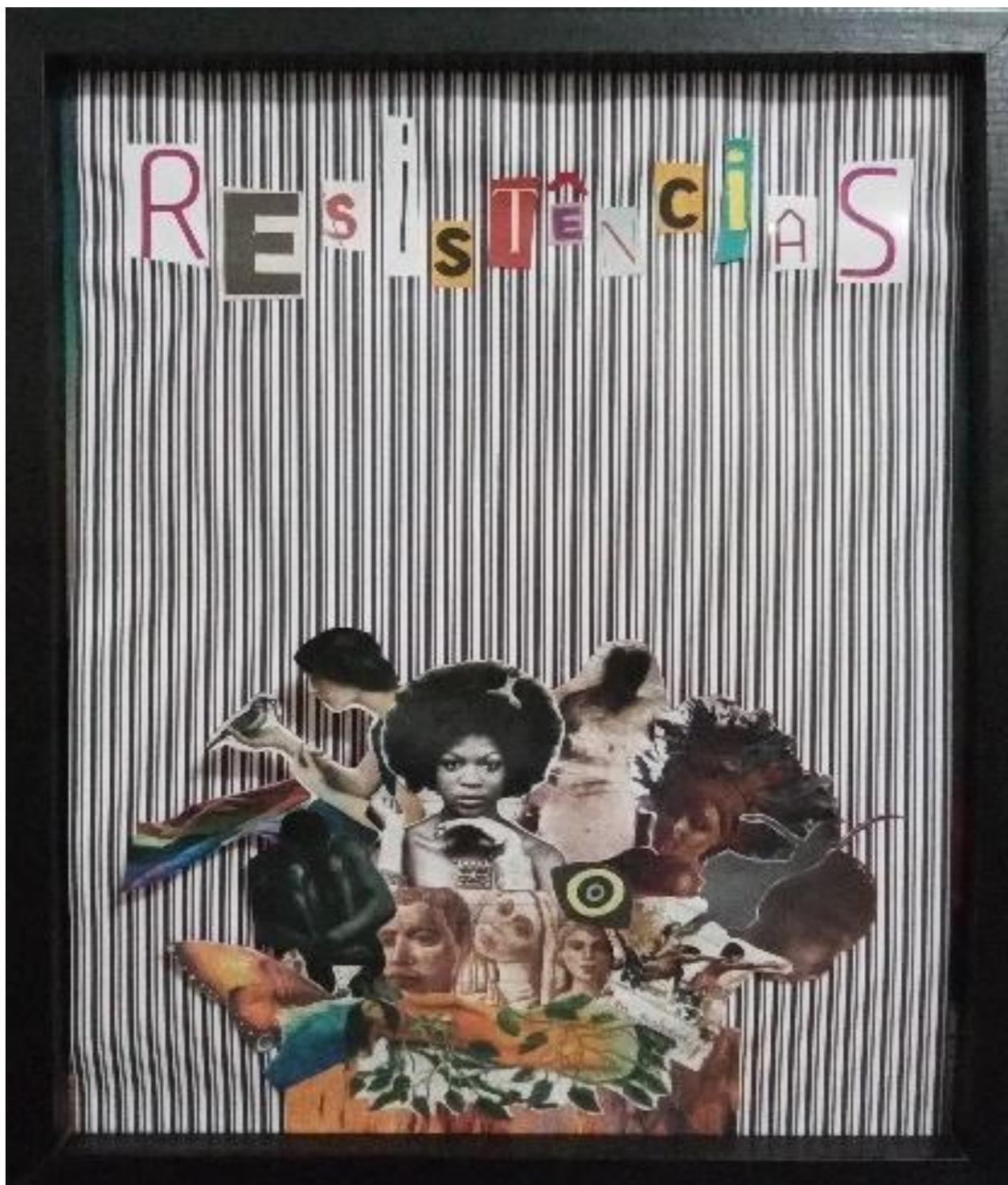
Ainda assim, os desejos de liberdade, igualdade e solidariedade seguem sendo as mais elevadas inspirações ao redor do mundo (SANTOS, 2007a), e muitas expressões das terapeutas ocupacionais que acompanhamos apontam nessa direção.

É no cotidiano que as batalhas, as insurreições e as resistências em torno dessas aspirações acontecem, nos encontros que efetivamente se produzem e no compartilhamento da "repugnância pela vida que somos forçados a viver" (COMITÊ INVISÍVEL, 2016, p. 57). Talvez isso explique um tanto do otimismo trágico que traça um dos rastros desta pesquisa.

Porque se em última análise são os corpos que sofrem as opressões, são também eles que vibram as resistências. Os corpos são acontecimento, por isso "os corpos que resistem são muito mais que a luta e a luta, por sua vez, abarca muito daquilo que se faz crer existir fora dela, seja a dança, o teatro ou a música, o sono, o amor" (SANTOS, B. 2019, p. 138).

É preciso visibilizar e afirmar os corpos que sofrem e lutam. As resistências estão encarnadas e disso não podemos esquecer.

Figura 13 - Resistências.



Fonte: elaborado pela autora (2022).

2 LUTAR E RESISTIR

As lutas contra as hegemonias e seus efeitos tiveram destaque nas narrativas que compuseram as materialidades produzidas e analisadas na pesquisa (não só nos formulários, mas também nas experiências com o AHTO, nas expressões livres, nas cartas e nos diários de campo). Compõem esse vestígio experiências profissionais com diferentes populações, em campos, áreas e contextos diversos, e foram temas relacionados *as lutas cotidianas; a garantia de direitos e o exercício da cidadania; e o pensamento crítico.*

2.1 SOBRE COMBATES

“Enfrentar os sistemas hegemônicos que desvalidam existências”

Nas narrativas das terapeutas ocupacionais emergem diferentes maneiras de resistir relacionadas à ideia de luta, de enfrentamento e de subversão, vivenciadas nos cotidianas das pessoas, grupos e populações acompanhadas. Forças e formas que configuram modos combativos de resistência.

Em relações variadas com as resistências das pessoas acompanhadas, aparece de maneira importante nos relatos o posicionamento contrário a hegemonias de toda ordem, no enfrentamento de processos que geram opressão, dominação, violência, discriminação e exclusão. Seja apoiando e participando de movimentos sociais, seja produzindo enfrentamentos institucionais contra o abuso de poder, de coerção, de invisibilidade, ou no tensionamento pelo acesso e a garantia de direitos.

Retomando alguns estudiosos que pensaram o poder e as hegemonias podemos seguir algumas pistas na literatura acadêmica sobre a resistência em seus modos combativos.

Foucault (1995), além de pensar o poder como relações de forças, funcionando em uma rede de mecanismos ou dispositivos, também destaca a sua condição como força constituinte, que não se limita à função repressiva, já que também incita. Diante disso, torna-se necessário considerar a positividade do poder, tendo em vista que os regimes capitalistas já não pretendem eliminar os homens, mas ampliar sua força de trabalho e diminuir suas capacidades de resistência (FOUCAULT, 1995; MACHADO, 1998; ALVIM, 2011).

Assim, para pensar as resistências ao poder é indispensável considerar seu exercício em rede, não examinando-o meramente como força repressiva (MACHADO, 1998). Nessa relação, o autor pensa as resistências tão difusas quanto o poder – onde há poder, há resistência; e ressalta a importância de tomá-las como ponto de partida, no sentido que, observando as resistências é possível esclarecer as relações de poder (FOUCAULT, 1995).

Em Foucault, a ideia de resistência vai aparecer em boa parte do seu trabalho como relação de contraponto, antagônica ao poder e às práticas de sujeição. Outros estudiosos vão também considerar a resistência como enfrentamento, força contrária ao exercício do poder e seus efeitos, embora o façam a partir de perspectivas distintas e por vezes divergentes. E nessa direção, a ideia de resistência está mais próxima à ideia de luta.

Paulo Freire, por exemplo, voltado para a libertação do oprimido, propõe uma pedagogia outra, contrária ao modelo hegemônico que postula modos educacionais voltados para a manutenção do *status quo*, da exploração e da dominação. Em sua proposta, baseada no desenvolvimento de uma conscientização do povo oprimido sobre si e sobre o mundo a partir da própria experiência e contexto de vida, convoca à luta pela libertação a partir de um posicionamento crítico e político, ancorado no diálogo, na amorosidade e na boniteza (FREIRE, 1997; FREIRE, 2012).

Nessa perspectiva, em Freire, a resistência está diretamente associada à ética e à estética

A ética de que falo é a que se sabe afrontada na manifestação discriminatória de raça, de gênero, de classe. É por esta ética, inseparável da prática educativa, não importa se trabalhamos com crianças, jovens ou com adultos, que devemos lutar. E a melhor maneira de por ela lutar é vive-la em nossa prática. [...]

Qualquer discriminação é imoral e lutar contra ela é um dever por mais que se reconheça a força dos condicionamentos a enfrentar. A boniteza de ser gente se acha, entre outras coisas, nessa possibilidade e nesse dever de brigar. (FREIRE, 1997, p. 17 e p. 67).

Já Boaventura de Sousa Santos (2018, n.p.), ao se debruçar em torno do tema, afirma que "luta é toda a disputa ou conflito sobre um recurso escasso que confere poder a quem o detém". Nesse sentido, é possível observar lutas sociais sempre presentes ao longo da história, com objetivos e protagonistas diversos.

Para o autor, a luta dos oprimidos assume várias formas, dentre elas: a) as lutas organizadas, de confrontação direta contra uma situação ou pessoas específicas, em que se é possível reconhecer com facilidade o motivo, os líderes e seu começo e fim, que são denominadas como lutas ativas; b) e as lutas mais silenciosas, anônimas, denominada como passivas, que dizem das resistências cotidianas (contra dominação material), das transcrições ocultas (contra dominação de status) e do desenvolvimento de culturas dissidentes (contra dominação ideológica) (SANTOS, B. 2019). Santos chama essa luta de infrapolítica, e ressalta que embora distinta, está relacionada com as lutas ativas e confrontacionais, cada uma com seu tempo, condições e conhecimentos específicos.

Na interconexão entre as diferentes formas de lutar, o que está cada vez mais claro é que, contra sistemas de dominação que articulam capitalismo, colonialismo e patriarcado, as lutas e resistências também precisam ser articuladas.

Além disso, assim como Freire (FREIRE, 1997; FREIRE, 2012), Santos destaca a necessidade de as lutas partirem das experiências vividas por aqueles que se encontram sujeitos à dominação capitalista, colonialista e patriarcal - para os quais resistir não é uma opção.

Nessa direção, convoca-nos a refletir sobre os processos que nomeia como "ONGuização das lutas"³⁴, quando organizações que se intitulam a favor das lutas sociais servem aos mecanismos hegemônicos de poder ao se realizarem apartadas dos oprimidos e suas experiências, o que reduz "o exercício da liberdade à liberdade hegemônica" (SANTOS, B. 2019, p. 106).

Talvez as resistências e suas lutas, assim como a emancipação, careçam ainda de uma maior centralidade nos debates filosóficos e políticos contemporâneos (SANTOS, 2018), dadas as urgências dos nossos tempos - o que não reflete a realidade daqueles que não podem optar por um tema em detrimento do outro, pois a resistência combativa é cotidiana e inevitável.

Ailton Krenak (2019) nos lembra que os povos originários resistem cotidianamente ao aniquilamento completo dos seus modos de viver, suas existências e de outros seres que com eles compõem um todo-floresta não dicotômico. Para esses povos, trata-se de defender a vida, suspender o céu um pouco mais para respirar e adiar o fim do mundo.

Em 2018, quando estávamos na iminência de ser assaltados por uma situação nova no Brasil, me perguntaram: "Como os índios vão fazer diante disso?". Eu falei: "Tem quinhentos anos que os índios estão resistindo, eu estou preocupado é com os brancos, como que vão fazer para escapar dessa". (KRENAK, 2019, p. 31).

Povos que, de modos diversos, resistem há séculos ao colonialismo, imaginando um futuro distinto, têm muito a

³⁴ Para um maior aprofundamento no tema em contextualização ao contexto brasileiro, sugiro texto de Evelina Dagnino (2004b) "¿Sociedade civil, participação e cidadania: de que estamos falando?".

contribuir com os grandes debates globais atuais (ACOSTA, 2016). E assim estão fazendo.

A prolongada e profunda resistência faz parte também da história do povo negro vítima da colonização no Brasil, que sempre buscou formas de resistir contra as situações subumanas às quais foi submetido (GONZALEZ, 2020), e ainda é. No entanto, a história da resistência negra a toda ordem de abuso, exploração, aniquilamento e violência é mais um retrato do silenciamento que se produz até os dias atuais.

De acordo com Gonzalez (2020, p. 44), os quilombos como “modo de resistência organizada do povo negro” não têm sua real importância e força relatadas na história oficial. A República Negra de Palmares, por exemplo, que representou o primeiro Estado livre do continente americano no Brasil, como denúncia viva do sistema implantado pelos europeus no continente (entre 1595 e 1695), dispendeu o maior esforço bélico das autoridades coloniais, tamanha sua potência e ameaça à hegemonia colonial. Mas isso está silenciado, assim como a informação de que

[...] Palmares foi a primeira tentativa brasileira no sentido da criação de uma sociedade democrática e igualitária que, em termos políticos e socioeconômicos, realizou um grande avanço. Sob a liderança da figura genial de Zumbi, ali existiu uma efetiva harmonia racial, já que sua população, constituída por negros, índios, brancos e mestiços, vivia do trabalho livre cujos benefícios revertiam para *todos*, sem exceção. (GONZALEZ, 2020, p. 44).

Além desse movimento, destacam-se a participação dos negros nos movimentos de libertação nacional (tanto no período colonial quanto no Império) e os movimentos armados urbanos, que no início do século XIX, culminaram na Revolta dos Malês (mulçumanos) em Salvador. A luta era pela tomada do poder e nela se destacou uma mulher, Luísa Marhin, mãe de Luiz Gama, conhecido ativista abolicionista (GONZALEZ, 2020).

Essas e outras resistências são pouco abordadas na real dimensão de sua relevância histórica, especialmente quando se

trata das resistências femininas³⁵. Na relação entre saber e poder e na produção das dominações que englobam fundamentalmente o controle do conhecimento, uma pluralidade epistemológica no mundo é negada pelas monoculturas que se operam no sistema capitalista-colonial-patriarcal moderno, resultando em epistemicídio e desperdício de experiências sociais em todo o mundo (SANTOS; MENESES, 2009).

Diante disso, torna-se indispensável pensar as resistências e suas lutas (históricas e cotidianas) na afirmação dessa pluralidade, especialmente na valorização das epistemologias marginalizadas, desvalorizadas, suprimidas, destruídas, ou seja, aquelas que constituem o Sul global.

Terapia ocupacional e os combates do Sul

“... a partir da perspectiva cognitiva da ecologia de saberes, criar processos para a inclusão epistêmica trazendo os saberes tradicionais alijados do sistema-mundo moderno para dentro das escolas e universidade”.

Epistemologias do Sul é uma proposta subalterna, insurgente e alternativa, que reúne um conjunto de intervenções que denunciam as supressões e valorizam saberes que resistem, considerando o Sul metaforicamente como um campo de desafios epistêmicos (SANTOS; MENESES, 2009).

As Epistemologias do Sul referem-se à produção e à validação de conhecimentos ancorados nas experiências de resistência de todos os grupos sociais que têm sido

³⁵ No Brasil colonial, por exemplo, a mulher estava presente na força de trabalho produtiva que sustentava economicamente o regime e na prestação de serviços (as mucamas). Sofrendo múltiplas violências, pariu muitos filhos dos senhores brancos que as estupravam e outras tantas vezes se matou para poupar o filho futuro do desamparo da única vida possível. Muitas destas mulheres ainda resistiram silenciosamente na figura da mãe preta que, junto com a figura do pai-joão, “conscientemente ou não, passaram para o brasileiro ‘branco’ as categorias das culturas africanas de que eram representantes” (GONZALEZ, 2020, p. p. 47). Às mães-pretas coube a africanização do português brasileiro e da própria cultura brasileira.

sistematicamente vítimas da injustiça, da opressão e da destruição causadas pelo capitalismo, pelo colonialismo e pelo patriarcado. (SANTOS, B. 2019, p. 17).

Conhecimentos que, muitas vezes, surgem das lutas sociais e políticas e que, em grande parte, não são reconhecidos pelas epistemologias dominantes. Nesse cenário, afirma-se uma dimensão cognitiva das lutas de resistência contra a opressão e contra o conhecimento que a legitima (SANTOS, B. 2019).

Sendo assim, a resistência contra as injustiças e desigualdades sociais envolve as lutas em favor da visibilidade e da afirmação de saberes, modos de vida e existências invisibilizadas e tornadas ausentes pelas hegemonias modernas.

Para o autor, existem cinco modos de produção das ausências operados pelas próprias ciências sociais: *monocultura do saber* - defende que o único conhecimento válido e rigoroso é o científico e define o que pode ser considerado científico a partir de parâmetros hegemônicos e universais; *monocultura do tempo linear* - sustenta a ideia de que a história tem um sentido, uma direção, que associada às ideias de progresso, desenvolvimento, evolução, modernização, globalização coloca alguns país (desenvolvidos) em vantagem e soberania em relação a outros (subdesenvolvidos); *monocultura da naturalização das diferenças* - naturaliza não só as diferenças na produção de classificações e categorias (racial, étnica, de gênero), mas também a hierarquia entre elas; *monocultura da escala dominante* - defende a ideia do universalismo, mais recentemente da globalização, como uma entidade válida independente do contexto, em detrimento do local, do particular; *monocultura do produtivismo capitalista* - determina como única lógica produtiva a da racionalidade ocidental baseada na exploração e no capital (SANTOS, 2007a, 2007b).

Para inverter essa situação, é preciso fazer com que o que está ausente, invisível, não validado esteja presente, visível e se afirme como saber-fazer disponível, o que a sociologia atual

não está preparada para fazer. Por isso, como sociologia insurgente, a sociologia das ausências, proposta por Santos, substitui as monoculturas pelas ecologias: 1) ecologia dos saberes; 2) ecologia das temporalidades; 3) ecologia do reconhecimento; 4) ecologia da transescala; 5) ecologia da produtividade (SANTOS, 2007a, 2007b).

Mas é preciso operar também uma outra sociologia insurgente, a sociologia das emergências - como uma investigação sobre alternativas que busca possibilidades de futuro a partir de experiências coletivas presentes, suas capacidades e potencialidades (SANTOS, 2007a, 2007b).

No contexto da terapia ocupacional, Isabela Lussi (2020) faz uma relação entre linhas do pensamento de Santos e a profissão, especialmente nas chaves das epistemologias do Sul e da emancipação social.

A autora destaca que as discussões que se levanta são importantes para o campo profissional que, especialmente nos países do Sul, se desenvolveu "por meio da prática com pessoas marginalizadas, excluídas, invisibilizadas e distantes de processos de emancipação social" (LUSSI, 2020, p. 1336). Nesse contexto, conclui que a

[...] terapia ocupacional, pela sua característica do fazer junto, do fazer compartilhado, é um campo fértil para que práticas emancipatórias possam ser desenvolvidas junto com as pessoas, na perspectiva de se construir coletivamente. (LUSSI, 2020, p. 1344).

Lussi propõe uma incursão em três ecologias pensadas por Santos (ecologia dos saberes, do reconhecimento e da produtividade) e uma discussão entrelaçando possibilidades no campo da terapia ocupacional. Argumenta que a profissão no Brasil tem contribuído com o processo de visibilidade e valorização de saberes, práticas e agentes, ou seja, de transformar ausências em presenças, e "possibilita também a investigação de alternativas concretas de potencialidades e potências,

particularmente, vinculadas ao fazer humano individual e coletivo” (LUSSI, 2020, p. 1342).

A ecologia dos saberes foi bastante apontada nas narrativas das terapeutas ocupacionais em contextos diversos da presente pesquisa, na relação com a afirmação de saberes-fazeres singulares e plurais como resistência à padronização, homogeneização, hierarquia, invisibilidade, silenciamento, epistemicídio, opressão e dominação. Muitos relatos apontam para uma experimentação nesse sentido, que busca produzir outras formas de se relacionar e criar em terapia ocupacional.

Ainda sobre discussões epistemológicas do campo profissional envolvendo as epistemologias do Sul, Sandra Galheigo (2014), anos antes, teceu articulações ao refletir sobre as identidades das terapias ocupacionais latino-americanas. Na ocasião, a autora retomou a intersecção e a coprodução histórica entre a profissão e os movimentos latino-americanos de luta pela emancipação social e pelos direitos de cidadania nos anos 80, na resistência coletiva ao sistema regulador e excludente daqueles tempos.

Nessa trajetória, terapeutas ocupacionais produziram saberes-fazeres conectados com os movimentos sociais e suas lutas por acesso a saúde, educação, cultura, trabalho, seguridade e assistência social, e seguiram “acompanhando e dialogando com as necessidades e demandas de cuidado, participação e inclusão social das pessoas e coletivos” (GALHEIGO, 2014, p. 219).

Assim, no contexto específico do campo profissional brasileiro comprometido com as lutas sociais contextualizadas, bem como em outros cenários latino-americanos, novas epistemologias passaram a ser produzidas, o que Galheigo identifica com a ideia das *epistemologias do Sul*.³⁶

³⁶ Nesse sentido, alguns autores terapeutas ocupacionais latino americanos têm se debruçado a pensar o que nomeiam como *Terapias Ocupacionais do Sul*. A esse respeito, ver Núñez (2019a); Silva et al. (2019a); Díaz-Leiva e Malfitano (2021).

No arcabouço dessas produções, destaca-se a luta pela garantia dos direitos (humanos, civis, políticos, sociais, culturais) e pelo exercício da cidadania, outro eixo que teve importante destaque nas narrativas do estudo, sugerindo que se mantém como pauta atual, urgente e central em práticas no campo da terapia ocupacional brasileira atreladas à ideia de resistência.

2.2 AS LUTAS EM TORNO DA CIDADANIA: ENTRE CONTRADIÇÕES E POSSÍVEIS

“...onde os sujeitos não conseguem efetivar seus direitos”

No âmbito das hegemonias e resistências, a luta pela garantia dos direitos está envolta em um conflito fundamental, reconhecido em diversos debates contemporâneos inclusive no campo teórico-prático da terapia ocupacional, e que diz respeito à cidadania no Estado neoliberal.

Roseli Lopes (2016) faz uma ponderação nesse sentido, abordando os limites que envolvem as práticas no contexto das políticas sociais, tendo em vista a conformação do Estado capitalista contemporâneo baseado na valorização privada do capital e na venda do trabalho enquanto forma-mercadoria³⁷. Nesse cenário, a autora coloca várias questões para o campo da terapia ocupacional, dentre elas - “Como inserir nesta análise os temas da cidadania, das transformações sociais, no sentido da construção de um mundo socialmente menos injusto?” (LOPES, 2016, p. 33).

São questões que apareceram de maneiras impactantes em algumas narrativas apreciadas e que também me provocam³⁸. Penso ser importante demorar um pouco nelas. Dentre as diversas lentes que focalizam as ambiguidades da cidadania no Estado

³⁷ Uma importante discussão nesse sentido foi realizada por Lea Beatriz Teixeira Soares (1991), no livro “Terapia ocupacional, lógica do capital ou do trabalho?”.

³⁸ Ver Catálogo (Volume II).

capitalista, destacarei reflexões tecidas por Boaventura de Sousa Santos sobre a relação entre regulação e emancipação social em meio à crise do paradigma moderno.

A emancipação social é um conceito central na modernidade, que relaciona subjetividade e cidadania, e tem sido organizado por meio da tensão entre regulação (nos princípios do Estado, do mercado e da comunidade) e emancipação (na racionalidade do direito, na racionalidade das ciências e na racionalidade das artes e da literatura) (SANTOS, 2007a).

Vive-se atualmente uma crise tanto da regulação, com sobreposição do princípio do mercado ao do Estado e da comunidade; quanto da emancipação, na hegemonia da racionalidade cognitivo-experimental da ciência e da técnica sobre as demais racionalidades (SANTOS, 2007a).

Muitos teóricos defendem que não faz mais sentido falar de emancipação social, já que no capitalismo neoliberal a regulação se sobressaiu à emancipação, produzindo um desequilíbrio em ideais modernos. Esse cenário produz uma discrepância entre as experiências e as expectativas, como já mencionado anteriormente - o que se tem de expectativa passa a ser pior do que a própria experiência atual para a grande maioria da população mundial. Parece assim, não haver solução moderna para os problemas modernos (SANTOS, 2007a).

No entanto, se solidariedade e justiça social seguem como fortes ideais sociais. Santos (2007a) aponta que a questão talvez esteja mais na necessidade de se reinventar a emancipação social, ao invés de abandoná-la. Porém, para tal é preciso partir de outro lugar, de outras experiências, especialmente daquelas que acontecem no Sul global (SANTOS, 2007a).

Para o sociólogo, a reinvenção da emancipação, que é antes de tudo a transformação da prática social, passa pela criação de uma nova teoria democrática, que reconstrua o conceito de cidadania, e uma nova teoria da subjetividade, que possibilite um novo conceito de sujeito. Tais transformações envolveriam uma

repolitização das práticas sociais e do campo político, em um trabalho complexo de apreciação das relações de poder e das formas de opressão no sentido de criar outros modos de relação, sustentadas em autoridades partilhadas (SANTOS, 2013).

Para isso, no entanto, seria preciso criar um novo senso comum político que combine formas individuais e coletivas de garantir a cidadania, especialmente tendo em vista os novos mecanismos de exclusão que se operam (SANTOS, 2013, p. 270-271). Nesse cenário, a politização nas dimensões sociais, cultural e pessoais abriria um campo vasto para o exercício da cidadania realmente participativa, envolvendo horizontalidade, solidariedade, coletividade e cooperativismo.

Em diferentes perspectivas, estudiosos apontam a necessidade de se produzir outros modos de organização social no enfrentamento das contradições do Estado neoliberal³⁹. Nesse sentido, as resistências e suas lutas contra os sistemas hegemônicos modernos têm o desafio de recolocar ou reinventar a ideia de emancipação social na relação com a cidadania. Tendo em vista a importância de fazê-lo a partir do Sul global, cabe reconhecer a experiência do Bem Viver, *Buen Vivir* ou *Vivir Bien*.

Trata-se de "um processo proveniente da matriz comunitária de povos que vivem em harmonia com a Natureza" (ACOSTA, 2016, p. 23), que busca compilar conceitos, experiências e práticas

³⁹ Em outra vertente, Nancy Fraser (2011) importante influência para movimentos feministas atuais, também fará uma reflexão nesse sentido. A autora, ao pensar a crise do modelo capitalista neoliberal, retoma os eixos de análise *mercantilização* e *proteção social* e alerta sobre os riscos de uma crítica ao mercado ignorar as opressões também produzidas no âmbito da sociedade, ou seja, da própria proteção social. Ela defende que nos conflitos entre mercado e proteção social, a *emancipação*, já há muito tempo presente nas lutas feministas e anticoloniais, precisa ser o terceiro eixo, pois se trata do combate contra a opressão e a dominação, de onde quer que elas venham. Nesse contexto, os três eixos devem estar sempre presentes e articulados nas análises dos processos de dominação no contexto do neoliberalismo atual. E como caminho, Fraser sinaliza também uma mudança no sentido de intensificar a democracia em termos de paridade participativa, em que haja uma transformação dos modos de proteção, definidos por objetivos democráticos não hierárquicos e não opressivos. No entanto, a paridade participativa deve ir muito além do âmbito político estatal, deve englobar todos os arranjos sociais, nos múltiplos espaços de relação e produção da vida (FRASER, 2011).

existentes no Andes, no Amazonas e em outras regiões do planeta, que representam uma oportunidade para a construção coletiva de novos modos de viver.

Segundo Acosta (2016), o Bem Viver reúne propostas capazes de enfrentar a Modernidade colonial, pois na crítica à ideia de desenvolvimento e suas teorias, opera denúncias e apresenta alternativas de organização social. Como um "ordenamento social fundamentado na vigência dos Direitos Humanos e dos Direitos da Natureza, inspirado na reciprocidade e na solidariedade", não é possível de ser efetivamente realizado dentro do capitalismo (ACOSTA, 2016, p. 25).

O que não significa, entretanto, que seja preciso superar os sistemas hegemônicos por completo para então transformar o Bem Viver em realidade. Já se trata de uma realidade, de longa data, e sua força de resistência e transformação pode ser ampliada. Um dos caminhos, já presenciado, é sua incorporação nas constituições nacionais, como no caso do Equador (LEÓN, 2015).

Para além disso, é preciso seguir lutando pela criação de um novo Estado, plurinacional, que não se sustente nas hegemonias atuais, e para tal é necessário repensar as estruturas estatais e a própria democracia, na construção de uma institucionalidade que materialize o exercício horizontal do poder. "Isso implica 'cidadanizar' individual e coletivamente o Estado, criando espaços comunitários como formas ativas de organização social" (ACOSTA, 2016, p. 26).

Feitos alguns apontamentos em torno das contradições da cidadania no Estado neoliberal, penso que, entre futuros utópicos e alternativas possíveis, temos o hoje - expresso nos cotidianos acompanhados por terapeutas ocupacionais brasileiras que vivenciam e denunciam o cenário ambíguo de uma sociedade capitalista neoliberal, colonial e patriarcal, em que os Estados nacionais são coadjuvantes, e muitas das lutas no âmbito da

cidadania sustentam “marginalizações toleráveis” (SANTOS, 2013, p. 245) dentro do próprio sistema.

A relação fundamental do capitalismo com o fascismo para garantir a liberdade do capital e da propriedade é histórica, teórica e tática. É conhecida a frase de Hayek⁴⁰, referência central do neoliberalismo, de que é preferível uma ditadura liberal à uma democracia sem liberalismo. Disso não se pode esquecer, especialmente estando na América Latina, laboratório da junção entre neoliberalismo econômico e brutalidade política, seja com Pinochet no Chile na década de 1970, seja com Bolsonaro no Brasil mais recentemente. Nessa perspectiva, tratar-se-ia antes de tudo de lutar por uma *ruptura* com o sistema político econômico hegemônico, já que há uma contradição elementar entre soberania popular e capitalismo, com seus princípios, estratégias e mecanismos (CENTELHA, 2019, p. 18).

Nas sociedades capitalistas neoliberais, até mesmo a legalidade, os direitos humanos e a democracia são instrumentos hegemônicos, “portanto não vão conseguir por si mesmos a emancipação social: o seu papel, ao contrário, é impedi-la” (SANTOS, 2007a, p. 69). Diante disso, partindo dos sistemas que nos organizam e controlam atualmente, a questão é se os instrumentos hegemônicos podem ser usados de maneira contra-hegemônica.

No contexto da terapia ocupacional voltada para as questões sociais, Lopes (2016, p. 35) concorda ao afirmar que

Sem ferir de morte os dispositivos exploradores do regime, toda luta contra as suas manifestações sociopolíticas e humanas, a questão, social, está condenada a enfrentar sintomas, consequências e efeitos.

⁴⁰ Friedrich Hayek em entrevista para o jornal chileno “El Mercurio”, realizada em 1981 (HAYEK, 2016).

Entretanto, parece coerente com muitas expressões identificadas nas narrativas do estudo destacar continuidades de sua fala

Todavia, não achamos pouco enfrentá-los e nesse espaço buscamos, também, nos mover [...] e isso se dá, dentro dos limites da sociedade capitalista, pela via da cidadania e dos direitos sociais. (LOPES, 2016, p. 35).

Assim, nas expressões corpóreas e cotidianas de todas essas contradições, ali no cotidiano com as pessoas e suas urgências, o que se afirmam nas lutas em torno da cidadania são as experiências de resistência.

2.3 PENSAMENTO, CONSCIÊNCIA E CRÍTICA

“Problematização e compreensão das situações vividas”

O enfrentamento de processos que resultam em experiências de limitação, constrangimento e sofrimento das pessoas, tendo em vista a produção social da vida sustentada em sistemas hegemônicas de poder, requer abordagens atentas às dimensões sociais, culturais, políticas e econômicas que articuladas produzem injustiças, desigualdades, exclusão e vulnerabilidades.

Se essas são problemáticas que afirmamos se destacarem como demandas e necessidades que envolvem a vida das pessoas que acompanhamos, compreendê-las e problematizá-las, tendo em vista a sua produção estrutural, é um ponto fundamental na realização do cuidado em terapia ocupacional. Essa foi uma questão bastante abordada nas narrativas analisadas no estudo, articulada à ideia de resistência.

Nesse sentido, a resistência envolve o desenvolvimento da conscientização e do pensamento crítico, e esse aspecto aparece não só como uma questão que atravessa a formação e a postura profissional, mas como uma ação central das práticas (de cuidado,

formação, gestão) - no desenvolvimento da consciência crítica de pessoas, grupos e populações acompanhadas, de estudantes de terapia ocupacional e de outros profissionais.

Se a libertação dos oprimidos envolve a ampliação da consciência do povo sobre sua própria situação social, é preciso operar uma educação diferente daquela utilizada pelas classes dominantes para servir aos seus interesses. No entanto, a tomada de consciência não é suficiente, é preciso unir criticidade e ação no desenvolvimento da *conscientização* (FREIRE, 1979; 1997; 2012).

Desse modo, na relação entre ação e reflexão (que para Paulo Freire é dialética), a conscientização como atitude, requer curiosidade crítica e interferência sobre a realidade, implicadas com a ética e com estética - ou seja, com a decência, com a luta pela liberdade e com a afirmação da boniteza, na experiência humana que assume o seu papel no fazimento e refazimento do mundo (FREIRE, 1979).

Nesse sentido, há de se desvelar a realidade e seus mitos pelo olhar mais crítico possível, o que não pode ser feito a partir da mesma estrutura (dominante) que cria os mitos para a manutenção de si. Para Paulo Freire, o tema da dominação é central, e produz situações limite em que as pessoas são reduzidas ao estado de coisas, por isso a ação crítica libertadora, que deve ser pedagógica em termos não hegemônicos, vai em direção à humanização (FREIRE, 1979).

Portanto, pensar sobre como a vida é produzida em sociedade a partir de suas estruturas organizativas e relações de poder, e qual a relação disso com as possibilidades e necessidades que envolvem nossos modos de ser e fazer, é impreterível na produção de práticas de cuidado que se colocam a favor de pessoas e grupos oprimidos e marginalizados - na vocação, busca e direito de *serem mais* (mais humanos, menos coisas) (FREIRE, 1979; 1997).

Para tal, no âmbito da terapia ocupacional, a conscientização deve ser desenvolvida tanto na formação

profissional quanto no acompanhamento de pessoas, grupos e populações diversas, como prática primordial, no sentido de denunciar o que oprime e anunciar possibilidades outras de relação e vida (FREIRE, 1979). E fazer-pensar nessa direção demanda profundidade na compreensão dos fatos e disponibilidade para revisar as próprias conclusões (FREIRE, 1997).

Desta forma, tendo em vista que a terapia ocupacional é uma profissão produzida e realizada nesse mesmo contexto estrutural de organização da vida, uma prática pautada em princípios éticos, estéticos e políticos que se coloca no enfrentamento de mecanismos que produzem opressão, exploração e dominação, pensa antes de tudo a si mesma. Buscando uma compreensão aprofundada sobre a complexidade das relações entre saber e poder que envolvem as práticas sociais (GALHEIGO, 2011).

Nessa direção, no exercício de pensar o fazer em sua complexidade, não restringimo-nos ao fazer "do outro", volta-se à própria ação e produção epistemológica e social - *a que responde o meu trabalho? A quem serve o que faço? O que produz os modos como faço nas relações que estabeleço?*

Aqui se apresenta um convite a uma responsabilidade ética de duvidar das suas próprias verdades, ser capaz de se abrir para o *perigoso talvez* (NIETZSCHE, 2001), em exercício constante de pensar as verdades em que se ancora - verdades históricas e "fundamentais" da profissão, verdades das práticas e conhecimentos que produz, verdades sobre o mundo onde vive, verdades da própria crítica que tece.

Verdades inclusive sobre nossos "lugares" na trama da produção das opressões. Em uma outra abordagem, Santos vai nos chamar a atenção para os combates a travar na lógica colonial patriarcal capitalista - aquele contra o capitalismo selvagem, sem regras; mas também aquele contra nós mesmos, que produzidos nessa lógica reproduzimos seus princípios, e que talvez seja o mais difícil de enfrentar (SANTOS, 2014). O que em outra perspectiva Foucault já havia anunciado, analisando a crise das

sociedades disciplinares e as novas formas de controle em que a disciplina é interiorizada e somos levados a nos conduzir e conduzir os outros a partir das relações de saber-poder incorporadas (FOUCAULT, 1987).

Nesse campo problemático, Deleuze posteriormente aprofundou e afirmou a emergência das sociedades de controle (DELEUZE, 2013), e com Guattari trouxe novas camadas a essa discussão em reflexões na chave das micropolíticas – sobre a qual aprofundarei adiante. Por ora, esses autores me ajudam a considerar que a (re)produção das hegemonias e dos fascismos acontecem no cotidiano, a partir da circulação de afetos, fluxos e forças instituintes, que são materializadas e expressas em relações de saber-poder, dominação e submissão, em que cada um exerce poder de alguma forma sobre o outro, e é também submetido a poderes de toda ordem.

Assim, cabe aos terapeutas ocupacionais considerarem criticamente seu papel na (re)produção das relações de poder e nas opressões relacionadas, na consciência da complexidade sociocultural, histórica e política em que se dão as diversas relações sociais. Esse convite-provocação foi feito em muitas narrativas compartilhadas na pesquisa⁴¹.

No entanto, o movimento de autocrítica dos profissionais enfrenta desafios de toda ordem, desde a percepção de si como agente na reprodução de práticas opressoras – o que pode ser bastante conflitante e doloroso – até enfrentamentos teórico-metodológicos no campo profissional em suas tensões e disputas paradigmáticas.

Nesse sentido, alguns autores vão destacar a importância de se afirmar uma desobediência epistêmica na terapia ocupacional contemporânea (MIGNOLO, 2010; MORÁN; ULLOA, 2016), no compromisso de pensar o pensado, analisar criticamente as “verdades” sociais e da profissão (CÓRDOBA, 2016). Porém, é importante ressaltar que processos de questionamento de verdades

⁴¹ Ver Catálogo (Volume II).

estabelecidas passam por experiências de silenciamento também no âmbito da profissão, em reprodução das hegemonias nas micropolíticas do campo.

Assim, no exercício reflexivo constante e autocrítico dentro do campo da terapia ocupacional, penso ser importante criar alianças e redes de afeto e resistência, tendo em vista a opressão e a destruição que se operam nas forças de manutenção do *status quo*. Sobre isso voltaremos a conversar mais adiante.

Por fim, uma questão que entendo como importante salientar, envolve a unidade complexa *pensamento-vida* como mais um tensionamento dos pilares dicotômicos hegemônicos.

Os modos de vida inspiram maneiras de pensar, os modos de pensar criam maneiras de viver. A vida *activa* o pensamento e o pensamento, por seu lado, *afirma* a vida (DELEUZE, 2007, p. 18, grifo do autor).

No entanto, o pensamento tem sido há tempos desconectado da sua potência viva e inventiva. Pouco (ou nada) se produz de pensamento afirmativo, inventivo, não meramente reprodutivo.

Ao contrário, a tendência à cisão disciplinar do conhecimento e outras compartimentalizações, classificações, levam à perda da imanência da relação entre pensamento e vida. No lugar da produção viva de um pensamento afirmativo, prevalece a tarefa de julgar, medir, limitar e condenar a vida a partir de valores pretensamente superiores e universalizados, reduzindo as experiências a suas formas menos potentes, em uma contínua negação das contradições e diferenças (DELEUZE, 2013).

É em outra direção que devemos mirar o pensamento crítico, e talvez aí tenhamos um novo rastro a seguir, novos vestígios a produzir.

Figura 14 - (RE)existir.



Fonte: colagem enviada por uma participante do estudo (fase 2).

3 (R)EXISTÊNCIA E INVENÇÃO DE MUNDOS

O mundo precisa de mudanças profundas, radicais. Urge superar as visões simplistas que transformaram o economicismo em eixo da sociedade. Necessitamos outras formas de organização social e novas práticas políticas. Para obtê-las, é imprescindível despertar a criatividade e consolidar o compromisso com a vida, para não nos convertermos em meros aplicadores de procedimentos e receitas caducas.

(Alberto Acosta, Bem Viver)

Desenha-se aqui um segundo vestígio sobre a resistência com a terapia ocupacional, a partir do entrelaçamento de rastros-narrativas que expressam: a) a desvalorização, a exploração e o aniquilamento de formas diversas de existência pelo capitalismo neoliberal, o colonialismo e o patriarcado; b) a captura do desejo e da própria potência da vida pelas micropolíticas reativas do poder; c) a afirmação das singularidades e da pluralidade de modos de ser, saber, fazer e criar como (r)existência e invenção de outros mundos. O emaranhado dessas linhas aponta para modos afirmativos de resistir.

3.1 MODOS DE SER, SABER E FAZER AMEAÇADOS

“Se fere minha existência, serei resistência”

Em um processo contínuo de escravizar o outro e a si mesmo (KRENAK, 2020), a humanidade como conceito ocidental moderno criou categorias, classificações, normas e padrões com a função de organizar, hierarquizar e controlar a vida em busca de sua máxima docilidade, funcionalidade e produtividade.

Tais constructos produzidos e sustentados nas relações de saber-poder, operadas por dispositivos variados e práticas discursivas, foram (e vão) determinando valores e deixando de

fora aquilo que não interessa ou aqueles que, de algum modo, questionam esses valores-verdades.

Nesse sentido, as ações de homogeneização, exploração e exclusão produzem o constrangimento, o isolamento, a criminalização, a punição e a destruição da diferença. Assim, são oprimidos, violentados e marginalizados negros, mulheres, indígenas, dissidentes de gênero, pessoas com deficiência, entre tantos – tudo que não é homem, branco, heterossexual, capitalista, produtivo e que não ocupa o Norte global.

É nesse contexto que resistir é, antes de tudo, sobreviver, como nos apontaram várias terapeutas ocupacionais que participaram do estudo⁴².

Por sobreviver, pode-se entender a mais básica experiência de não morrer, ainda que vivendo as situações mais duras de degradação da vida e da sua dignidade mínima. Também é possível pensar na vida que se leva dia após dia, existindo quase que exclusivamente para sustentar as necessidades básicas de sobrevivência – alimentação e abrigo. Em ambas as situações, as pessoas vivem mais próximas da desumanização que do *ser mais*, do qual fala Paulo Freire (FREIRE, 2012).

⁴² Seguem alguns trechos de narrativas de participantes colaboradoras que ilustram esta discussão: (pessoas envolvidas na minha prática resistem quando...) “nos tempos de agora, resistem quando sobrevivem ao descaso governamental e estigma social” / “permanecem vivos, e buscando cuidado, em um território em que a expectativa de vida não chega aos 60 anos” / “insistem em viver, se fazem presentes e buscarem seu lugar no mundo, ainda que estejam sempre com um alvo de violência na face”; “em primeiro lugar, conseguem se manter vivas. Manter-se vivo tem se constituído um grande ato de resistência” / “Me demorei por estas imagens alguns minutos para digerir a “resistência”, que mais tem cara de “sobrevivência”, ou de subvivências” / “Mas que tipo de ‘resistência’ estamos falando aqui? A resistência daqueles com formação de nível superior, com empregos garantidos, comida na mesa e lugar pra dormir, que precisam ‘sobreviver’ na hierarquia de trabalho? Poderíamos estar falando então de qualquer outro profissional da saúde, da educação, da construção civil, do sistema privado, das faxineiras, etc. Estamos todas/todos lutando contra a precarização de nossos trabalhos, uns em maior e outros em menor grau. Ou será que estamos falando da resistência daqueles que estão representados pelas imagens, que lutam diariamente para sobreviver dentro de um sistema que dá a eles apenas a opção de subvivências?”

Nesse contexto, é preciso que nos perguntemos pelas resistências diante de um sistema que opera uma política de morte (MBEMBE, 2016).

E o que dizer das formas contemporâneas de resistência à necropolítica e a necroeconomia? Em primeiro lugar que são muito diversificadas, pois dependem das situações e dos contextos. Vou tomar o caso sul africano como exemplo. Eu estou extremamente interessado no modo como naquele país as resistências se organizam a partir da ocupação dos espaços, numa busca de visibilidade justo onde o poder quer nos relegar e nos afastar. As formas de resistência que se estão produzindo lá tem a ver com a luta dos corpos por se tornarem presentes [...] São formas exemplares de resistência, pois o poder hoje funciona produzindo ausências: invisibilidade, silêncio, esquecimento. (MBEMBE, 2019, p. 16-17).

Nas mais variadas formas de sobrevivência, se afirmam modos de ser, saber e fazer singulares e suas resistências.

A esse respeito, Jennifer dos Santos (2019) fez a seguinte pergunta - *em que medida sobreviver é resistir?* E foi procurar pistas e debater a questão a partir da experiência de artesãs indígenas e suas práticas de artesanato na Amazônia brasileira, percorrendo um caminho epistêmico e etnográfico pautado pelos estudos feministas e pós-coloniais.

A pesquisadora abordou as práticas acompanhadas em três linhas entrelaçadas: luta instrumental como forma de sobrevivência; luta política como forma de resistência; luta ética como forma de afirmação, e em suas análises identificou que, ao afirmar a diferença de um modo de vida subversivo, as mulheres são convocadas a resistir e a sobreviver pelos limites que questionam (SANTOS, J. 2019, p. 238).

Entre as lutas cotidianas e as redes que se formam nas conexões produzidas, para além da sobrevivência, as artesãs indígenas se afirmam e constroem "identidades corporalmente inscritas" (SANTOS, J. 2019, p. 238). O que se conecta com muitas narrativas do estudo, que destacaram as resistências

relacionadas à experiência de “as pessoas existirem sendo quem são”⁴³.

Essas expressões trazem à tona a opressão e o aniquilamento a que estão sujeitos modos de existência que, de diferentes formas, são ameaçados dentro dos sistemas hegemônicos em que vivemos - “corpos em resistência” (COLEMAN, 2019, p. 234, tradução nossa).

No contexto brasileiro, isso inclui resistir cotidianamente a ameaças estampadas nos elevados índices de assassinato de pessoas negras, especialmente negras e pobres, ou das taxas do feminicídio e dos assassinatos de pessoas dissidentes de gênero ou sexualidade, ou ainda do agravamento do genocídio de povos originários, dentre outros extermínios (CERQUEIRA *et al.*, 2021). Inclui também resistir a opressões e violências de toda ordem que, quando não ameaçam diretamente a sobrevivência das pessoas, ameaçam a sua existência como experiência satisfatória, potente e afirmativa de vida.

Em ambos os casos, ainda que se distingam, resistir “sendo quem se é” diz sobre o direito de existir e afirmar as existências em sua singularidade - “Convivemos com a morte e a violência como marcadores de nossas vidas, mas não como suas definidoras” (COLEMAN, 2019, p. 234, tradução nossa).

Trata-se aqui, entretanto, de pensar a *singularidade* na relação inseparável com a *diferença* e a *pluralidade*, nas afirmações que nos convocam essas articulações.

Isso porque, nos movimentos de produção das dominações, não se ignora as singularidades, na verdade, elas são antes de tudo produzidas para depois serem distinguidas e hierarquizadas (SANTOS, 2021), negando a sua potência em diferenciar.

Dessa forma, associar as singularidades à ideia da diferença acontece como um posicionamento que se contrapõe à hierarquização das variadas formas de existência, como uma ética da convivência sustentada na pluralidade.

⁴³ Trecho narrativo de uma das participantes do estudo.

3.2 A AFIRMATIVIDADE DAS RESISTÊNCIAS

“Eles passarão...nós, passarinhos”⁴⁴

Tomar a diferença como princípio, ou desejar a diferença (LIMA, 2003) a partir de uma ética da singularidade, da variação e da invenção, possibilita uma a(fe)tivação (ROLNIK, 2014) do pensamento sobre as resistências em sua afirmatividade. Em outras palavras, convoca a compreender como as resistências antes mobilizam o poder, mais do que são mobilizadas por ele, e nessa relação produzem deslocamentos e rupturas diante das formas normatizantes, colonizadoras e hegemônicas de (re)produção da vida.

Se muitos movimentos resistem lutando contra o controle e a dominação colonial patriarcal capitalista, é antes esse mesmo sistema com seus múltiplos dispositivos, mecanismos e agentes que luta contra a vida, em sua potência de expandir, criar, diferenciar e transformar.

Se as hegemonias precisam disseminar verdades (em direções intelectuais e morais) e torná-las consenso, ou mesmo as únicas possíveis em um contexto de crise permanente e resignação, os movimentos que questionam essas verdades em si mesmos são forças entendidas como contrárias, e, contra elas, as hegemonias se colocam em combate - intelectual, moral, judicial, vital.

Posto isso, e entendendo que as resistências acontecem em dimensões micro e macropolíticas interconectadas, volto-me para suas expressões em uma dimensão mais micropolítica ativa, ou seja, pensadas como produções (cri)ativas. Para isso, é importante tomar a resistência sob a ótica da força, sempre em relação. Compreendendo que os modos de existir são constituídos

⁴⁴ Aqui uma participante colaboradora, em uma colagem criada para a fase 2 da pesquisa, faz uma dobra em um trecho do célebre poema de Mario Quintana (2013) - “Todos que aí estão / Atravancando meu caminho, / Eles passarão.../ Eu, passarinho!”.

pelos regimes de composição e afecção entre forças e corpos (HUR, 2016).

Nessa perspectiva, o resgate de Deleuze no diálogo com Nietzsche, chama a atenção para a importância de se reconhecer as forças conforme suas qualidades (DELEUZE, 2007; ALVIM, 2011). As forças se diferenciam na relação e as qualidades que assumem podem ser pensadas hierarquicamente - forças inferiores são aquelas *reativas*, que exercem funções de conservação, adaptação e utilidade; e forças superiores são as *ativas*, espontâneas, agressivas, conquistadoras e transformadoras (aquelas que indicam nova direção) (DELEUZE, 2007; ALVIM, 2011).

Trata-se de perceber que as forças só exercem sua qualidade na relação. As forças reativas, por exemplo, estão sempre agindo em relação com as forças ativas, elas não se afirmam por si próprias, e ambas são necessárias. A questão é saber quais prevalecem (DELEUZE, 2007; ALVIM, 2011).

O poder tem afinidade pela reatividade - "sua função é reagir por meio do controle das forças ativas", se opondo a "tudo que tende a agir ativamente" (ALVIM, 2011, p. 86). O reativo prevalece quando há a conversação da energia e se busca a anulação das diferenças. Diante disso, as resistências não cessam de se opor ao poder, "mas só podem continuar o fazendo quando diferenciam de si mesmas" (ALVIM, 2011, p.86), e não se trata de uma mudança relacional, mas de uma mudança em si, em um devir que não cessa, um devir resistente⁴⁵.

⁴⁵ Destaca-se aqui a vontade de potência. As forças (ativas e reativas) em relação dizem sobre o que podem (dominar), o que irá diferenciá-las em afirmativa ou negativa é a vontade de potência (o querer) - o que coloca foco na pergunta *quem resiste*, levando em conta que a ação é o instrumento da vontade que afirma, e a negação é a vontade de aniquilamento, hostilidade. Diante disso, para Nietzsche, nobre, elevado e senhor designam aquilo que é ao mesmo tempo afirmativo e ativo; e mesquinho, vil, escravo, aquilo que ao mesmo tempo nega e reage. Mas há uma cumplicidade na gênese dessas forças, entre afirmação e ação e negação e reação. Sendo assim, na sua incapacidade de criar, "a força reativa e sua qualidade negativa assumem como função impedir que a afirmação se remeta a si mesma e se desdobre em pura potência" ((ALVIM, 2011, p.88), e são vitoriosas quando separam a força ativa daquilo que ela pode, na regulação, na decomposição, na administração, na normatização. Reativa, a força só se "afirma" a partir da negação do outro (o que é uma falsa afirmação) (ALVIM, 2011).

Desse modo, a resistência entendida como força, nômade e molecular, não pode deixar de captar uma potência que é da ordem do enfrentamento, da recusa, mas especialmente da criação - "A criação é a mais intensa energia das resistências, pois é no ato de criação que reside sua força" (ALVIM, 2011, p. 28). Quando se foca no poder e na dominação, perdendo de vista a experiência de criar, a reação e o negativo prevalecem.

Sob esse ponto de vista, cabe abandonar a ideia de que "o poder é o núcleo da criatividade e da invenção humana, e no mesmo sentido, recusar enxergar a vida pelos olhos do poder" (ALVIM, 2011, p. 78). Volta-se assim para uma micropolítica da resistência que se afirma por si só, na potência de agir, criar e se diferenciar, não separando a força daquilo que ela pode.

Seguindo essa direção, acredito que as noções de subjetividade, processos de subjetivação e singularização contribuem para um aprofundamento sobre as resistências, em seu caráter de ativação e criação.

Se a subjetividade é resultante de múltiplos processos e componentes produzidos no âmbito dos dispositivos sociais, os processos de subjetivação acontecem a partir de uma apreensão parcial dos elementos presentes no contexto, em que valores, ideias e sentidos ganham registro singular. Tais processos são abertos e seus efeitos sempre provisórios nas pessoas, que também produzem os contextos (MANSANO, 2009; GUATTARI; ROLNIK, 2013).

Os modos de organização e dominação se exercem na relação constante com esta processualidade, buscando encaixar nos registros de referência hegemônicos os aspectos que colocam a vida em movimento. Essa dinâmica resulta em uma luta para reprimir os *processos de singularização* - da ordem do desejo, da surpresa, da angústia, da vontade de amar, de criar etc. - que são "as próprias raízes produtoras da subjetividade em sua pluralidade" (GUATTARI; ROLNIK, 2013, p. 36) e que acabam por atuar como desvios, linhas de fuga, abalos, fissuras e

representar fatores de resistência diante das tentativas de controle social.

Apresenta-se assim, mais uma vez, a resistência como força com movimento próprio. O que reitera a compreensão mais afirmativa do resistir em sua potência criativa, inventiva, produtora de maneiras de existir em diferenciação e pluralidade. Nessa leitura, é o poder que se contrapõe aos movimentos de fuga, no sentido de impedi-los ou capturá-los (ALVIM, 2011; DELEUZE, GUATTARI, 2012a).

É deste modo que a construção e a manutenção das estruturas de poder operam na identificação e correção de forças que produzem fissuras - "é da própria vida que o capital se apropria; mais precisamente de sua potência de criação e transformação na emergência mesma do seu impulso" (ROLNIK, 2012, p.32), assim como da cooperação que sustenta a efetuação em sua singularidade.

No entanto, forças moleculares de criação e diferenciação não cessam de expandir e, embora possam ser reterritorializadas em favor da própria estrutura, ameaçam a todo tempo a moral e a estética da obra hierárquica, positivista, colonialista, homogeneizante, universalista e perversa de dominação.

Essa dobra, da noção de resistência como contrária ao poder para uma ideia do poder contrário às forças da vida em si, aparece na obra de Foucault. Inicialmente focado na relação da resistência como contraponto, ou seja, antagônica ao poder e às práticas de sujeição, em seus últimos escritos esse enfoque se deslocou nos estudos sobre a ética e o desenvolvimento das noções de cuidado de si e estética da existência como prática de resistência (KRAEMER, 2010; SANTOS, B. 2019).

Em Foucault, a ética se liga à questão da autonomia, no sentido de vencer a sujeição e constituir a si a partir de suas escolhas como um sujeito de liberdade - considerando que "não há outro ponto, primeiro e último, de resistência ao poder político senão na relação de si para consigo" (FOUCAULT, 2006, p. 306).

Trata-se de desenvolver o domínio de si, que requer o conhecimento, a prática e o cuidado de si, e demanda uma atitude crítica sobre as formas de governo que operam na constituição do sujeito (KRAEMER, 2010), considerando tempo, contexto e história.

Nesse sentido, opera-se uma relação entre ética e liberdade, na constante estranheza e na reflexão diante das verdades impostas e expressas no cotidiano - "compondo uma prática de resistência por meio da experimentação de si" (SANTOS, B. 2019, p.76).

Tudo isso acontece como processo inovador que instaura uma estética da existência, na contestação da realidade e na reavaliação do campo de possibilidades, ajudando-nos, inclusive, a perceber nossas próprias vinculações com o poder e nos convocando a produzir deslocamentos subjetivos, diferenciações e sustentações.

Entende-se que a questão da liberdade traz consigo muitas dúvidas sobre suas limitações, no entanto, essa discussão serve como referência na experimentação ética e estética de questionar verdades e criar linhas de fuga e fissuras em favor da vida em sua potência de expansão, diferenciação e criação.

Nesse sentido, Tedeschi e Tedeschi (2019) propuseram uma reflexão sobre a subjetivação na história das mulheres no século XX e XXI e a resistência contra as relações patriarcais e seus assujeitamentos. Em suas análises sobre práticas de resistência, apontaram a importância das experimentações de si e do cuidado de si na produção de uma estética da existência potencializadora de modos outros de existência.

Ainda hoje o corpo das mulheres continua sendo na história, por um lado, o espaço que ocupa, suas fronteiras, as intervenções que nele se operam, a imagem e as narrativas que dele se produz, as 'máquinas de guerra' que nele tentam se conectar, os sentidos que nele marcam, os silêncios que por ele falam, os vestígios. Por outro lado, ao resistirem ao enquadramento do mandato patriarcal, o corpo das

mulheres potencializa um conjunto de forças capazes de provocar mudanças extraordinárias nos modos de existência instituídos. (TEDESCHI; TEDESCHI, p. 525).

No que diz respeito às opressões que produzem estrangulamentos, silenciamentos e outras marcas em existências que, de algum modo, não satisfazem as hegemonias retomo aqui a vivência já mencionada no contexto das experiências com o AHTO (trilha 1, capítulo 2) - "Fissuras que curam: do silenciamento às urgências do gênero que sangra".

Nesse processo, duas terapeutas ocupacionais e uma artista - mulheres, latino-americanas, brancas, professoras, se lançaram na produção de um trabalho artístico-acadêmico seguindo a pergunta: *o que é silenciado em nós?* Sou uma das autoras.

Entre interseccionalidades e distâncias que separam as experiências e narrativas de tantas mulheres ao redor do mundo (e que são muitas e não podem ser relativizadas), seguimos essa pergunta ousando ver também linhas conectivas, que insistem em bordar desenhos singulares e plurais na trama imposta pelo patriarcado, em articulação com o colonialismo e o capitalismo, na produção de *resistências corporalmente inscritas*.

Essa experiência artístico-acadêmico-afetiva compõe o percurso deste estudo, e está relatada em um artigo publicado na revista Interface - Comunicação, Saúde, Educação, na sessão Criação (CARDOSO; SILVA; RIBEIRO, 2022). Suas linguagens múltiplas possibilitam expressar experiências na relação com estruturas e modos de gestão da vida que negam e oprimem as singularidades que resistem, e têm circulado no encontro com outras mulheres e suas marcas. Desejamos que este trabalho possa se expandir ainda mais, na intenção de "afirmar existências e resistências plurais"⁴⁶.

⁴⁶ Trecho narrativo de uma das participantes do estudo.

3.3 (R) EXISTÊNCIA, CRIAÇÃO E TERAPIA OCUPACIONAL

"Dançam, pintam, escrevem, cantam"⁴⁷

Forjarei no estudo o termo *(r)existência* na compreensão micropolítica que destaca as forças ativas expressas na produção inventiva e contra-hegemônica da vida - que se afirmam por si mesmas e mobilizam a reatividade e negação do poder. Nessa chave, interessa especialmente pensar a relação entre resistência e criação.

No combate a favor da "potência afirmativa de uma micropolítica ativa, a ser investida em cada uma de nossas ações cotidianas" (ROLNIK, 2019, p. 89), assume-se o compromisso de reconhecer a multiplicidade das formas de opressão e marcadores que operam no mundo contemporâneo e nos variados contextos de vida, assim como volta-se para a pluralidade nas maneiras de viver e criar que provocam abalos nos modos hegemônicos de governo da vida na modernidade - já que *criar é resistir*, e em alguma medida *libertar a vida*. Isso porque "o homem não para de aprisionar a vida" (DELEUZE, 1994, p.63).

Diante disso, a pergunta colocada por Spinoza - *o que pode um corpo?* - deve guiar cartografias atentas às composições e afecções entre as forças e os corpos, expressas nos mais diversos modos de existência. *O que ali se reproduz e constrange a vida? O que se cria e a diferencia?*

Nessa perspectiva, corpo é território, e não substância, o que convoca a compreendê-lo em seu funcionamento e nos seus regimes de força e afecção (HUR, 2019). Para tanto, é necessário analisar os modos de subjetivação vigentes. De acordo com Suely Rolnik (2019, p. 36), o "inconsciente colonial-capitalístico" opera como um regime atual de apropriação da vida, não mais

⁴⁷ Trecho narrativo de uma participante colaboradora da pesquisa em resposta à seguinte questão apresentada no formulário: *As pessoas envolvidas em suas práticas resistem quando... (complete).*

exclusivamente na apropriação da força de trabalho, mas da força vital de criação e cooperação.

Em sua nova versão, é da própria vida que o capital se apropria; mais precisamente, de sua potência de criação e transformação na emergência mesma de seu impulso - ou seja, sua essência germinativa -, bem como da cooperação da qual tal potência depende para que se efetue em sua singularidade. (ROLNIK, 2019, p. 32).

Nesse sentido, a força vital de criação e de cooperação é canalizada para que sirva ao regime de dominação hegemônico e seus interesses. Sendo assim, é preciso resistir a esse regime em nós mesmos, o que configura como insuficiente atuar exclusivamente na esfera macropolítica, assim como se limitar a uma concepção negativa de resistência.

Torna-se necessário atuar nas micropolíticas e investir na resistência como criação afirmativa, em um "esforço de reapropriação coletiva" (ROLNIK, 2019, p. 33) da potência de criação, transformação e cooperação.

Entendendo que todos têm o direito de existir, ou seja, o direito à vida em sua potência criadora, coloca-se em pauta um ativismo micropolítico que foca na reapropriação das potências de vida, e que se relaciona diretamente com a problemática do desejo (ROLNIK, 2019, p.24).

Rolnik (2014) vai ressaltar que é na relação entre intensidade e língua que está o movimento do desejo, que surge dos agenciamentos dos corpos, na criação de sentido para efetuar a passagem dos afetos.

Nessa relação incessante, constelações singulares se formam, possibilitando a germinação de outros mundos, em pura variação/diferenciação, que compõem a natureza humana - ativar a criação de mundos é uma função ética do desejo (ROLNIK, 2014).

Em tal processo, a produção da realidade é ao mesmo tempo material, semiótica e social, e se dá através dos movimentos do

desejo, que é "criação de mundos", portanto, revolucionário, uma vez que sua eclosão é sempre uma possibilidade de abalar as estruturas estabelecidas (ROLNIK, 2014, p. 56).

A realidade se produz no cotidiano e nos mais variados modos de ser e fazer em que se expressam os afetos, as afecções, as composições e seus sentidos. Dessa forma, a reapropriação da vida está encarnada nas ações, e é "no dia a dia da dramaturgia social que essas ações acontecem, buscando transfigurar seus personagens e a dinâmica de relação entre eles" (ROLNIK, 2019, p. 24), em uma "singularização existencial que coincida com um desejo, um gosto de viver, com uma vontade de construir o mundo no qual nos encontramos" (GUATTARI; ROLNIK, 2013, p. 22).

Nesse sentido, urge à terapia ocupacional, como prática comprometida com o fazer das pessoas e suas resistências, investir em sensibilidades e inteligibilidades atentas às intensidades e aos sentidos produzidos nos movimentos do desejo - um "corpo sensível aos efeitos dos encontros dos corpos e suas reações" (ROLNIK, 2014, p.31), na pergunta constante sobre se e como os afetos encontram passagem.

Terapia Ocupacional como Produção de Vida: uma (r)existência na terapia ocupacional brasileira

"Eu tenho confiança na potência da TO e da produção de conhecimento sobre a questão da produção da vida, da resistência"

Diante desse desafio, e na relação com as emergências do estudo, destaco inicialmente a concepção de Terapia Ocupacional como Produção de Vida (TOPV), desenvolvida por Mariângela Quarentei (1994, 2001, 2006).

No exercício de fazer-pensar terapia ocupacional sustentada em um compromisso ético, estético e político (LIMA, 2017), a autora e seu coletivo de *clínica, estudos e criações em TOPV*

buscam intensificar e afirmar a vida que não para e que segue construindo cenários de existência para si (CASTRO, 2007).

Para Quarentei (2001), as atividades humanas são *acontecimentos* de vida, estão ligadas à sobrevivência, à sociedade, à cultura e à potência de expressão e criação de mais vida.

Nesse sentido, as atividades se “constituem em matérias para a expressão e criação de afetos” (QUARENTEI, 1994, n.p.), e percebê-las sob essa lente convoca a compreender suas processualidades e suas potências

Parte da experimentação/experiência da Terapia Ocupacional é produção, agenciamento ou criação de uma ação, de um fazer, onde há a emergência(s) dos afetos que povoam os acontecimentos de uma vida e dos afetos/forças que os corpos podem efetuar (virtuais). Afetos que são da ordem das forças, das intensidades do vivo e do viver. Afetos perpassados por fluxos de sentidos: históricos, culturais, políticos, sexuais, tecnológicos, organismicos.... (QUARENTEI, 1994, n.p.).

Os corpos estão em um *continnum* de atividades e nos encontros se afetam, gerando novos corpos. A partir do que acontece entre os corpos (e não apenas humanos), Quarentei convida a operar uma atenção sensível às afetações e sentidos produzidos nas atividades dos sujeitos, em um exercício partilhado com as pessoas, que distingue três ações ou “modos de proceder em terapia ocupacional”: *experimental*, *apreciar* e *afirmar* (QUARENTEI, 2006, n.p.)

Experimental envolve arriscar-se para além da posição dos resultados imediatos e previstos; acolher o inesperado, o desconhecido - sem garantias. *Apreciar* diz de um “deixar-se afetar pelo outro” (QUARENTEI, 2006, n.p.), suas produções, modos de ser e fazer. Dessa afetação, emergem efeitos que podem, na interlocução, apontar, nomear, atribuir valores - saber, saber-se, ver, criar belezas. E *afirmar* se refere ao desdobramento da apreciação, muitas vezes, em um exercício de

legitimação que afirma o acontecimento e faz valer o(s) seu(s) sentido(s).

Na prática da TOPV, é imperioso relacionar a ética com o "poder de criação e invenção humana" e com afirmação da beleza (QUARENTEI, 2006, n.p.). Isso porque acredita-se que criar e afirmar a beleza é uma maneira de responder à morte e resistir ao constrangimento imposto à vida.

Dessa forma, assume-se o compromisso ético e estético de apoiar as pessoas na percepção e criação do bonito, do bom, do belo - tendo em vista que o bom e o belo não existem em si, mas ajudam a dar sentido à vida e aos caminhos partilhados.

Porque no trabalho como terapeuta ocupacional e no trabalho com terapeutas ocupacionais, eu entro em contato com a dificuldade, de muitos, de ver beleza.....belezaS....beleza em si próprio, no que faz....dificuldade de ver o bom em si e no que faz.....no outro...no mundo. (QUARENTEI, 2006, n.p.).

Assim, pode-se pensar uma terapia ocupacional que cria territórios "onde emerge/acontece um existir/existires...uma maneira(s) de estar no mundo e a própria fabricação de mundos" (QUARENTEI, 1994, n.p.), em processos que entrelaçam produção de consistência, subjetividade e produção desejante e nos quais "expressar e criar como potência do fazer humano se produzem em infinitos regimes como: registrar, evocar, formalizar" (QUARENTEI, 1994, n.p.), incluindo o aleatório, o inédito, sem garantias.

Nesses termos busca-se atividades que agenciadas no contato (experiência de acolhimento do outro afetado/estado de afetação), componham com os corpos. Busca-se vínculos e fazeres que criem língua e efetuem a expansão da vida, do vivo/que construam corpo/ vitalizem a existência/suscitem começos que engendrem novas formas de viver [...] E busca-se no tempo investir e habitar os fazeres-ações como matéria de expressão e criação da vida. (QUARENTEI, 1994, n.p.).

Nesse sentido, nos conectamos mais uma vez com Krenak (2020, p. 110) que afirma que "viver a experiência de fruir a vida de verdade deveria ser a maravilha da existência".

Investir nessa direção implica criar e intensificar linhas de fuga diante das capturas e experimentar modos de existir que escapam ao sentido utilitário da vida, ainda que por um instante. Tendo em conta que "cada momento que seguimos vivxs e celebrando é um momento político" (COLEMAN, 2019, p. 234, tradução nossa).

Afirmar outros modos de ser-fazer e inventar mundos

"Resistem quando criam momentos de felicidade, festa e celebração da vida em meio a tantas adversidades"

A resistência secular dos povos originários diante da brutalidade de uma compreensão imposta e equivocada de civilização, aponta para a criatividade e a celebração como inspirações.

Se nos modos como a civilização moderna se organizou não temos feito outra coisa senão cair, "vamos aproveitar toda nossa capacidade crítica e criativa para construir paraquedas coloridos" (KRENAK, 2019, p. 32), cantando, dançando e vivendo a experiência mágica de suspender o céu, como muitas tradições não hegemônicas nos ensinam.

Suspender o céu é ampliar o nosso horizonte, não o horizonte prospectivo, mas um existencial. É enriquecer as nossas subjetividades, que é a matéria que este tempo que nós vivemos quer consumir. Se existe uma ânsia por consumir a natureza, existe também uma por consumir subjetividades - as nossas subjetividades. Então vamos vive-la com a liberdade que fomos capazes de inventar, não botar ela no mercado. [...] Porque isso até agora foi só uma maneira de homogeneizar e tirar nossa alegria de estar vivos. (KRENAK, 2019, p. 32-33).

A experiência de expandir a singularidade, afirmar os sentidos de expansão da vida - que contradizem sua produção utilitária programada nos modos hegemônicos de organização em que estamos imersos - se conecta com as experiências de constelações de pessoas-coletivos que vivem e se organizam de outros modos.

Enquanto nos vemos, os humanos ditos civilizados, como a única experiência possível na terra, nos furtamos da oportunidade de imaginar outros mundos e de entender como nossos deslocamentos cotidianos pautados na produção de (mais) vida, na criatividade e na solidariedade nos apontam outras direções, outros modos de existir, outros mundos possíveis.

Eu estou interessado é na caminhada que fazemos aqui, na busca de uma espécie de equilíbrio entre o mover-se na Terra e a constante criação do mundo. Pois a criação do mundo [...] é algo que acontece a cada momento, aqui e agora. (KRENAK, 2020, p. 69).

Nesse sentido, estudos decoloniais colaboram ao aprofundarem a ideia de resistência em seu caráter criativo, afirmativo e inventivo, e me ativa a conversas com o campo da terapia ocupacional, tendo em vista os desafios situados que se enfrenta diariamente e as direções plurais que apontam as expressões e narrativas de terapeutas ocupacionais neste estudo.

Segato (2020), por exemplo, afirma que os processos coloniais essencializaram os corpos a partir da ideia de raça e da binarização e biologização dos gêneros, colocando gesso nesses corpos, essencializados na lógica do corpo vencedor e do corpo perdedor. Diante disso, ressalta a questão - *quais são e o que podem as fissuras produzidas nesse gesso?*

Penso que essa pergunta interessa à terapia ocupacional, no que convoca a olhar, (re)conhecer, afirmar, sustentar e ampliar maneiras de existir e criar que enfrentam o essencialismo fundante da colonialidade e que com seus corpos plurais produzem fissuras. Já temos feito muito nessa direção.

Outro autor decolonial que me chama a atenção nesse âmbito é Albán Achinte (2017), ao defender que a prática decolonial deve se converter em uma práxis da re-existência, interessada em pensar e afirmar o ato de criação como pedagogia emancipatória diante da colonialidade do ser.

O autor, que é antropólogo, pintor e pesquisador colombiano, desenvolve com seu grupo de trabalho um projeto de recuperação e valorização de tradições culturais do Valle Del Patía, na Colombia, principalmente a partir da produção artístico-cultural da sua população afrodescendente. Partindo destas experiências, especialmente, é que desenvolve a noção de *re-existência*, como um convite ao reconhecimento e autoafirmação de singularidades e particularidades socioculturais (ACHINTE, 2017)⁴⁸.

Ao se perguntar - *onde está a práxis decolonial?* - o autor ressalta que a re-existência é cotidiana e diz respeito a todos os espaços da vida. As experiências e reflexões que relata no livro "*Práticas creativas de re-existência: más allá del arte...el mundo de lo sensible*" me ativam a tecer relações com práticas terapêuticas ocupacionais implicadas com a valorização de formas "outras" de vida, que dizem mais sobre o que as pessoas desejam ser e menos sobre o que elas são levadas a ser.

Em especial, salvaguardando distinções teórico-metodológicas, me levam a ressonâncias com a concepção de TOPV. Principalmente na sua compreensão de atividades como *territórios existenciais* e da tessitura de um fazer-pensar ético e estético em terapia ocupacional.

A prática de re-existência consiste em enfrentar todas as formas de dominação, exploração e discriminação, mediante ações implicadas em construir consciência de ser, de sentir, de fazer, de pensar a partir de um lugar concreto de enunciação da vida [...]. (ACHINTE, 2017, p.21).

⁴⁸ Para Mignolo, Achinte avança no desenvolvimento da compreensão da chave *colonialidade e modernidade* de Anibal Quijano (ACHINTE, 2017).

Nesse contexto, Achinte (2017) pensa a arte como pedagogia e estética decolonial, na medida em que permite conceber e afirmar outros sistemas de representação, que enfrentam as hegemonias dos padrões de beleza e criação, sonhando um mundo em que seja possível a presença de muitos mundos.

Novamente, identifico ressonância no campo da terapia ocupacional, e mais especificamente com trabalhos que envolvem a arte e a cultura como eixos centrais. Para ilustrar, convoco um deles, coordenado pela terapeuta ocupacional, pesquisadora e docente Beatriz Takeiti, que atua com juventudes na periferia.

Tendo a arte e a cultura como eixos do saber-fazer que desenvolve, juntamente com Vicentin, Takeiti (2019) apresenta o trabalho *Juventude(s) periférica(s) e subjetivações: narrativas de (re)existência juvenil em territórios culturais*. A partir de uma experiência, as autoras discorrem sobre linhas de subjetivação experimentadas por jovens como produção estético-cultural contra-hegemônica, que configuram a periferia como um território existencial que faz ver e falar modos de afirmação coletiva singular.

O estudo possibilita evidenciar que o engajamento de jovens na produção estética opera "como estratégia de luta contra os estados de dominação hegemônicos e de estigmatização" (TAKEITI; VICENTIN, 2019, p. 257). Uma vez que os jovens revelam, por meio de expressões artísticas e culturais, a vida, as violências locais e globais.

Criam-se outros territórios existenciais a partir das experimentações estéticas e do engajamento nos coletivos culturais (movimentos sociais), principalmente os desenvolvidos no campo das culturas ou das invenções estéticas. Os efeitos estéticos dessas produções "são de ordem política, singular, mas igualmente coletiva, dando mais visibilidade às redes territoriais e sociais existentes" (TAKEITI; VICENTIN, 2019, p. 259).

Nesse sentido, a arte agencia possibilidades de invenção de territórios e de novos modos de subjetivar-se na conversão do estigma em emblema, no orgulho de ser jovem, negro, pobre e periférico (TAKEITI; VICENTIN, 2019).

Tais processos levam a pensar relações entre produção estética, cultura e terapia ocupacional, uma vez que as atividades humanas são expressões singulares-coletivas que efetivam processos criativos e expressam ou produzem a diversidade cultural, bem como sobrevivências e resistências possíveis.

Sob esse ponto de vista, a cultura é também compreendida como forma de existência e resistência humana, especialmente considerando a padronização de saberes, fazeres e corpos, que opera as normatizações que subjulgam e vulnerabilizam determinados grupos e coletivos (SILVA *et al.*, 2019b, p. 244-245). Assim, cabe à terapia ocupacional considerar a dimensão cultural e da diversidade, entendendo que "lutar pela liberdade dos sujeitos e coletivos para criar e expressar seus modos de vida faz parte de um repertório de ação consciente" (SILVA *et al.*, 2019b, p. 246).

São diálogos diversos que relacionam o tema da criação com a terapia ocupacional (perpassando, de maneira não uniforme, interfaces com as temáticas da arte, da cultura e da produção de vida). Muitas discussões teóricas do campo (LIMA *et al.*, 2009, VALENT; CASTRO, 2016; CARDINALLI; CASTRO, 2019; SILVESTRINI; SILVA; ALMEIDA PRADO, 2019; ALBUQUERQUE; CARDINALLI; BIANCHI, 2021, entre tantos), bem como variadas expressões de terapeutas ocupacionais do estudo, sinalizam que a terapia ocupacional se configura como um dispositivo capaz de compor com as pessoas acompanhadas uma práxis de re-existência, nos termos de Achinte.

Trata-se de se colocar à disposição dos encontros e suas afetações, operando uma atenção sensível e uma atitude criativa, em ações partilhadas que experimentam, apreciam e afirmam afetos e sentidos produzidos em favor de uma estética da existência.

Assumindo, assim, um compromisso ético, estético e político com as pessoas e suas (r)existências - e sonhando junto mundos possíveis a serem inventados.

Figura 15 - Fissuras que curam: composição de blocos



Fonte: Acervo das autoras, registro de Fernanda de Cássia Ribeiro (2021).

4 ENCONTRO E COLETIVIDADE

Em um mundo onde um dos pilares do modelo político econômico hegemônico é o individualismo, *acolhimento*, *convivência*, *coletividade* se associam à ideia de resistência para terapeutas ocupacionais brasileiras compondo modos conectivos e coletivos de resistir. Na chave da descolonização, revelam-se corpos coletivos em experimentação.

4.1 ACOLHER E COM-VIVER

“...pequenos e profundos momentos em que as mãos se dão”

Diferentes formas de estar com as pessoas e se relacionar compondo forças de defesa, afirmação e expansão da vida, é algo que muitas terapeutas ocupacionais vivenciam e reconhecem nas suas experiências profissionais. Seja por meio das histórias das pessoas e dos grupos que acompanham, seja pelas suas próprias histórias, dentro e fora da terapia ocupacional.

Nesse sentido, as relações interpessoais e seus desdobramentos expressam resistências quando se relacionam a termos como “encontro”, “disponibilidade para o outro”, “ter apoio”, “escuta”, “acolhimento”, “partilha”, “vínculo”, “viver junto”, “se sentir cuidado”, “respeito”, “solidariedade”, “companheirismo”, “interdependência”, “grupos”, “parcerias”, “equipes”, “coletivos”, “movimentos sociais”, “comunidades”. Tais associações apareceram em diferentes contextos da pesquisa, especialmente quando as participantes apontavam em poucas palavras o que entendiam por “resistência”.

Se falamos muito em autonomia e independência nas discussões em torno dos saberes-fazer da terapia ocupacional, falamos menos em interdependência. Necessitamos do outro para viver, porque isso é indispensável para que a vida siga adiante.

Na produção da vida comum, partilhada, formam-se múltiplas tramas coletivas tecidas por um conjunto de atividades,

trabalhos e energias que, interconectadas, garantem a produção simbólica, afetiva e material da vida - "criam e produzem vida juntos"⁴⁹.

No entanto, a ideia de interdependência vai na contramão das tendências individualistas e utilitaristas da racionalidade moderna capitalista, colonialista e patriarcal. Ou pelo menos a interdependência relacionada à produção da vida em colaboração. Isso porque na égide do capital e suas dobras, que rompem vínculos, criam mediações e servem à acumulação, a interdependência é gerenciada sob a lógica da exploração (NAVARRO; GUTIERREZ, 2018).

Deste modo, me parece pertinente abordar as diversas formas de relação, em um resgate da interdependência como base colaborativa de produção, sustentação e reinvenção da vida.

Trata-se de um posicionamento importante para um campo profissional que tanto aborda a independência. Isso porque nem sempre as terapeutas ocupacionais se colocam atentas às reproduções hegemônicas e opressoras que envolvem a temática. No contexto atual de otimização da funcionalidade e do desempenho atrelada à independência, individualização e exploração da vida são sombras que não se pode ignorar.

"Existimos em nós, e apenas em nós"⁵⁰. Seguindo como rastro a interdependência que se fareja nas narrativas das terapeutas ocupacionais do estudo, gostaria de destacar inicialmente os processos de *acolher* e *com-viver*.

São variadas as relações produzidas no âmbito da terapia ocupacional, mas parto aqui dos encontros que se dão na relação específica entre uma terapeuta e outra pessoa, que em determinado momento ocupam lugares mais ou menos estabelecidos na produção do cuidado. Em leitos, clínicas, casas, oficinas, grupos, ruas - com pacientes, clientes, usuários, moradores, trabalhadores etc - é sempre de encontro que se trata.

⁴⁹ Trecho narrativo de uma das participantes do estudo.

⁵⁰ Trecho narrativo de uma das participantes do estudo.

Não abordarei os debates em torno das diversas formas de denominar as pessoas acompanhadas, tampouco seus múltiplos sentidos nos mais variados contextos de produção do cuidado em terapia ocupacional e para além dele. Interessa pensar as profundidades e delicadezas que envolvem os encontros e as relações terapêuticas, entre situações e pessoas com memórias, marcas, perdas, dores, vulnerabilidades, expectativas, inseguranças, crenças, potências, desejos, medos, (r)existências. Enfim, multiplicidades.

Na formação do terapeuta ocupacional, estudos, discussões, observações, vivências e práticas formam camadas de consistência, construindo atitudes, preparando para um encontro consciente e responsável entre *alguém* que vai optando e se abrindo para receber e acolher de uma maneira especial e singular *um outro alguém* que traz em sua história intensidades, rupturas, demandas ou ausência de demandas, que muitas vezes não temos como saber se estamos preparados para acolher. (CASTRO, 2005, p. 16, grifo da autora).

No estudo, muito foi dito sobre "se sentir escutado", "acolhido" e "reconhecido" como expressões de resistência. Isso me remete à nomeação de Davi Kopenawa (2015), porque se somos *homens da mercadoria*, somos também mercadorias, e objetificamos as relações e os afetos, produzindo distância, anestesia, indiferença e desamparo.

Desta forma, seja na relação terapêutica, seja em outras relações, estar atento ao outro e acolher é resistir.

Resgatando o formulário respondido pelas terapeutas ocupacionais da pesquisa, mais especificamente o espaço em que se pedia para que fosse partilhada uma experiência profissional, é possível supor que todas as respostas apontam para a resistência em alguma medida. Isso levando em conta a atenção e o acolhimento compreendidos como movimentos contínuos, que não se demarcam em determinadas etapas do com-viver terapêutico, mas

o transversalizam como processualidades que se renovam constantemente.

Sobre essas narrativas, não se fez uma leitura para determinar o que era ou não resistência ou para totalizá-la nas experiências, muito pelo contrário. Entretanto, na busca por vestígios, a disponibilidade ao outro, a atenção cuidadosa e o acolhimento foram recorrentes e sugeriram algo na direção das resistências.

É claro que essas experiências acontecem em contextos que revelam a complexa teia de reproduções das hegemonias em que todos estamos imersos, especialmente se tratando de uma prática social que envolve relações de saber-poder na égide da biopolítica.

De toda forma, diante das relações que se operam nos encontros entre terapeutas e outras pessoas na produção do cuidado - em uma realidade de matéria afetiva que se compartilha na junção de mundos (CASTRO, 2005) - há que se ressaltar a delicadeza e a força de gestos atentos e acolhedores que transversalizam o saber-fazer profissional. Gestos esses que se associam a tantos outros que emergem, operam e são apreciados e potencializados nos contextos diversos das práticas em terapia ocupacional, e extrapolam a relação direta com a terapeuta.

Nesse sentido, os encontros e as relações que envolvem as ações terapêuticas ocupacionais sinalizam uma variedade de possibilidades de afirmação e ampliação das existências, a partir da conexão de singularidades e composição de forças. São essas experiências que convocam à afirmação de processos de *com-viver* que dizem sobre modos coletivos de resistir.

Assim como Ferigato, Silva e Lourenço (2016, p. 8510), faço questão de produzir uma certa torção na palavra *conviver*, a partir do destaque do prefixo *com*, para ressaltar a ideia de viver a partir dos encontros. *Com-viver* com o outro na realização da conexão, do compartilhamento, do vínculo, do reconhecimento, das parcerias, da *convivência*.

É a partir dos encontros na experiência de com-viver que se pode estabelecer a convivência como um modo de existir na relação (pessoas, pensamentos, ambientes e coisas), que articula o individual e o coletivo na (re)criação constante dos modos de ser, saber, fazer e viver (FERIGATO; SILVA; LOURENÇO, 2016).

Os encontros são fundamentais na composição de potência dos corpos em relação e na produção de vida. Entretanto, para muitas pessoas, os processos de com-viver e as convivências possíveis são atravessadas por condições e situações que de alguma forma levam a experiências de isolamento, desamparo, assujeitamento, estigmatização e exclusão. O que envolve as populações tradicionalmente acompanhadas pela terapia ocupacional, como pessoas com deficiência, em sofrimento psíquico, idosos, grupos vulnerabilizados, entre outras (FERIGATO; SILVA; LOURENÇO, 2016).

Criar possibilidades e contribuir com a potência dos encontros entre as pessoas, faz parte do repertório teórico-metodológico da terapia ocupacional. E dentre tantas formas de com-viver e estabelecer a convivência com as quais terapeutas ocupacionais brasileiras se comprometem, tiveram destaque nas narrativas analisadas no estudo os *grupos, movimentos e coletivos* que se formam em torno de lutas e (r)existências, que colocam em debate e desafiam estruturas, mecanismos e modos hegemônicos de conduzir e produzir a vida na sociedade moderna contemporânea.

4.2 A COLETIVIDADE COMPONDO FORÇAS E FORMAS DE RESISTÊNCIA

“Ninguém solta a mão de ninguém”

As diversas maneiras de existir se sustentam na conectividade e na coletividade para se afirmarem e expandirem, em infinitos modos de ser coletivo.

As pessoas formam coletivos, e as histórias que as conectam com uma constelação de gente (KRENAK, 2018) estão cheias de sentidos e significações que expressam as teias de atividades, cotidianos e relações na (re)criação das existências - sempre singulares-coletivas. Conhecer e compreender as constelações de seres que se formam e como produzem coletividades e resistências diz sobre as apreciações que nos cabe tecer conjuntamente nas práticas de terapia ocupacional (CARDINALLI *et al.*, 2021).

As experiências coletivas que conectam pessoas que resistem mais radicalmente aos modos de vida modernos hegemônicos (povos indígenas, quilombolas, populações ribeirinhas, entre outras), possivelmente contam sobre a palavra coletividade de perspectivas mais amplas, profundas e conectadas à intensificação e preservação do vivo - aqueles sujeitos coletivos que seguem cuidando dos territórios que habitam e do seu povo em uma vivência do comum que parece tão distante para a maioria de nós (KRENAK, 2018).

Entretanto, me interessam todas as formas de resistir ao estrangimento e ao aniquilamento da vida, que as pessoas vão, conjuntamente, tecendo - partilhando vidas inteiras, cotidianos, casas, aldeias, gerações, ou mesmo processos de cuidado, mobilizações, ocupações, greves, associações, encontros, instantes. Formas que já existem e aquelas ainda por inventar. Isso porque quero pensar a força coletiva da resistência e seus modos de expressão e criação. Tanto em dimensões moleculares quanto macropolíticas, já que essas dimensões não se separam e dizem sobre a "experiência da nossa própria circulação pelo mundo" podendo "contar uns com os outros" (KRENAK, 2019, p. 27).

No estudo, a questão da coletividade e suas formações compondo força de resistência se destacou especialmente em duas direções: a) a relação das terapeutas ocupacionais com diferentes movimentos e lutas contra a opressão, as violências, injustiças e desigualdades, e a favor dos direitos humanos e de

cidadania; b) a importância dos coletivos de afeto e criação na sustentação das (r)existências.

Entendo que essas linhas se interconectam e entrelaçam às ideias de interdependência, com-viver e convivência, mas trazem também outras camadas de reflexão. Dentre tantas, destaco duas: a mobilização coletiva tem poder ou a potência da coletividade; e a importância de criar e fortalecer corpos coletivos de (r)existência.

Movimentos e lutas compondo coletivos de resistência [ou coletivos de resistência compondo movimentos e lutas]

Muitas experiências narradas na pesquisa contam sobre movimentos de luta em torno de questões comuns que envolvem a violação de direitos e outras injustiças sociais.

Em ressonância com produções teóricas do campo, essas narrativas apontam para a politização de movimentos e práticas coletivas baseadas no apoio mútuo e na luta por direitos, bem como a formação de dispositivos de resistência (NÚÑEZ *et al.*, 2019b). Trata-se de coletivos que pautam questões de saúde pública, gênero, raça, classe, capacitismo, dentre outras temáticas que afetam as possibilidades de vida das pessoas, seus modos de ser e fazer no mundo, suas realizações, seus sonhos.

É a partir das experiências, problemáticas e potencialidades cotidianas que as pessoas, juntas, vão ampliando a compreensão da sua realidade em uma sociedade organizada a partir da distribuição desigual de poder e condições de vida. É também nos espaços de partilha e nos processos coletivos que vão aprofundando seus conhecimentos sobre os direitos que envolvem a cidadania em um estado democrático, e os mais variados embates envolvidos.

Nesses contextos, produzem-se práticas sustentadas em modos de fazer compartilhados e na construção de uma identidade coletiva que fortalecem as condições das pessoas e dos grupos de

exercer sua cidadania e de contribuir com a transformação social (NÚÑEZ *et al.*, 2019b).

As experiências de luta coletivas reverberam nos corpos individualizados a importância das redes e da formação de coletivos para resistir às opressões e explorações, que tantas vezes se colocam como única possibilidade de existência.

Como já foi dito anteriormente, a questão dos direitos é fundamental para terapias ocupacionais que se colocam implicadas com a potencialização dos fazeres e da vida. Fala-se de condições dignas de vida, que respeitem a diversidade humana e cultural, e isso envolve necessariamente o exercício da cidadania (SILVESTRINI; SILVA; ALMEIDA PRADO, 2019). Porém, no cenário atual, sua mínima garantia demanda lutas e resistências.

É por isso também que diferentes autores vão tratar do compromisso ético-político na terapia ocupacional, que envolve o questionamento das relações de poder e das instituições, bem como o apoio a diferentes movimentos coletivos em favor da justiça social.

Entretanto, não se pode perder de vista que as práticas profissionais envolvidas em lutas coletivas só serão emancipatórias ao afirmarem o protagonismo das pessoas que compõem os coletivos reivindicando seus direitos (LUSSI, 2020), destacando seus saberes, fazeres, necessidades e percursos.

Muito se tem a aprender com os movimentos que abrem a possibilidade de participação e contribuição de terapeutas ocupacionais - foi o que algumas participantes do estudo ressaltaram. Penso que seja um convite a experimentar relações menos hierárquicas e mais descentralizadas na produção de práticas de terapia ocupacional que se colocam à disposição de coletivos de luta e (r)existência.

Afeto, afetividade e criação na sustentação coletiva das (r)existências

Ainda seguindo os rastros de terapeutas ocupacionais envolvidas no estudo, ressalto aqui, na composição de forças conectivas de resistência, o afeto e a afetividade na sustentação coletiva de existências plurais em partilha e criação. Para pensar nesse aspecto, acesso experiências de terapeutas ocupacionais no contexto acadêmico.

Em 2019, um grupo de professoras de terapia ocupacional de uma universidade pública brasileira publicou no livro do AHTO, já mencionado anteriormente neste texto, um capítulo sobre resistência. Faço parte desse grupo. O texto, que propôs compartilhar a formação de um coletivo de terapeutas ocupacionais, ressaltou percursos e criações que evidenciam uma “potência produzida pelos corpos femininos e em partilha” (CARDOSO *et al.*, 2019 p. 270).

Nós, as autoras, nos dedicamos a contar e evidenciar a importância da formação daquele coletivo como plano de encontro, sustentação e consistência para (r)existir em um contexto constituído por opressões operadas por hegemonias de toda ordem na articulação entre curso-universidade-cidade.

Entre as experiências e linhas que marcaram a formação do coletivo como espaço possível para ser, criar e expandir, está o entrelaçamento de afinidades, singularidades, pluralidades e lutas.

Tais acontecimentos se deram das mais diversas formas, em processos que respeitaram os tempos, modos de existir, pensar e os desejos individuais[...] Na possibilidade de apresentar e compartilhar os pensamentos intuitivos, em espaço de acolher-identificar-diversificar-compor, afirmava-se a criação de um lugar possível de ser/existir com menos constrangimento. (CARDOSO *et al.*, 2019, p. 270-271).

Foi sobre isso também que muitas outras terapeutas ocupacionais falaram em encontros do AHTO, aqui cartografados, e que tantas vezes nomearam como “processos contra-hegemônicos”.

As reuniões gerais do AHTO, realizadas no ano de 2020, foram marcadas por afetividade, emoção, sonhos, compartilhamentos e colaborações, de onde emergiram disparadores para novos rumos e criações do grupo de pesquisa.

Muitos membros do grupo não se conheciam, ou não se encontravam há muito tempo, ou não cansavam de se encontrar em tempos marcados pelo distanciamento social de uma pandemia. O formato era virtual, e as afetações ali produzidas nos ensinaram que o virtual (re)significa possibilidades também quando se trata de ampliação de forças em composição de potência. Foi o que sinalizaram os relatos de várias participantes.

Provavelmente, nem todas as participantes se sentiram assim, mas as vozes que ressoaram afirmaram o grupo como um espaço coletivo de (r)existência, especialmente por produzir e experimentar formas outras de estar-ser-fazer no contexto acadêmico.

Nas reuniões em pequenos *grupos-constelações*, que se seguiram aos encontros gerais do grupo, a temática da coletividade sustentando as formas singulares de existir e resistir em contextos diversos, especialmente acadêmicos, continuaram sendo destaque - afirmando e desejando ampliar a formação de um corpo coletivo contra-hegemônico – algo que já havia aparecido fortemente na oficina “Desafios e resistências nas pesquisas em Terapia Ocupacional, cultura, arte e corpo: tecendo encontros e composições”, realizada durante o I Encontro de Terapia Ocupacional, Cultura, Arte e Corpo: saberes em movimento (2019).

Na ocasião, dois grupos formados por terapeutas ocupacionais professoras, pesquisadoras, técnicas, clínicas e gestoras se dedicaram a sentir, pensar e expressar materialmente as hegemonias que envolvem o fazer pesquisa em terapia

ocupacional, bem como as múltiplas formas de resistir nesse contexto.

A produção de coletividades ancoradas na valorização da diversidade e das singularidade, na colaboração e na cooperação, foi uma das linhas centrais que emergiram das discussões. Esse é um vestígio importante que identifiquei na pesquisa. *Ninguém solta a mão de ninguém* é um grito que deve seguir ressoando, entendendo que existem inúmeras e diversas maneiras de entrelaçar mãos, braços, corpos, mas que juntos somos, sim, mais fortes.

4.3 CORPOS COLETIVOS EM EXPERIMENTAÇÃO

“Nosso desafio é poder se descolonizar - como a gente faz isso? Em construção coletiva!”

O princípio da liberdade baseada no indivíduo e na propriedade, marca do capitalismo sustentada nas tantas separações e dicotomias que constituem a modernidade, se fortalece em um contexto de governos privados (ou privatizados) no neoliberalismo globalizado, e produz uma lógica do isolamento que separa países, classes, indivíduos (MBEMBE, 2019) e incide diretamente sobre a condição de lutar e resistir.

Corpos individualizados são mais facilmente oprimidos, explorados, dominados e massacrados.

Trata-se de estratégia que recai sobre os vínculos e o político, já que se conhece bem como a coletividade pode funcionar como força de resistência - fissuras por toda parte, em conexão, ganham potência capaz de abalar e romper as estruturas.

Nesse sentido, terapeutas ocupacionais deste estudo convocam a “produzir e afirmar um corpo coletivo de (r)existência”, ou corpos coletivos que resistem. Diante desse convite-provocação, que parte da experimentação e da experiência, emergem algumas questões: *que forças são*

mobilizadas quando se instaura um corpo coletivo de (r)existência? Que novas relações e modos estão sendo produzidos? O que podem rachar? O que podem criar?

Penso *corpo coletivo* especialmente na relação com a ideia de (r)existência como um emaranhado que se forma no entrelaçamento de outros corpos, em relação - emaranhado de linhas e forças, intensidades e materialidades.

Corpos coletivos de todo tamanho, em variadas dimensões, abertos, afetivos, porosos, plurais, moventes, múltiplos, em devir, experimentação, diferenciação, afirmação, expansão; que buscam em si outras formas de se relacionar/ser corpo coletivo, que questionam as hierarquias, as dicotomias, a branquitude, o machismo, os epistemicídios, as invisibilidades, as hegemonias.

É preciso experimentar outras formas de com-viver que sustentem a pluralidade e fortaleçam as singularidade, e é disso que trato aqui. Corpos formados por dois, dez, milhares, infinitos. Por um instante, um momento, anos, épocas. Nessa chave de reflexão, compreendo mais em termos de encontro e experimentação do que em formas constituídas.

Aí reside o acontecimento...nos encontros que efetivamente ali se produzem...Ninguém pode antecipar a potência de um encontro. É dessa forma que as insurreições se prolongam, molecularmente, imperceptivelmente, na vida dos bairros, dos coletivos, das ocupações, dos centros sociais, dos seres singulares...potência coletiva que por via da sua consistência e da sua inteligibilidade, condena o poder à impotência, frustrando, uma a uma, todas as suas manobras. (COMITÊ INVISÍVEL, p. 52-53).

Vimos que o desejo se direciona para a criação de mundos - sua ativação busca a diferenciação, o fluxo, as conexões. No entanto, suas produções no campo social são reterritorializadas a todo instante, e nesse processo acontece tanto as singularizações quanto a reprodução das hegemonias.

Faz parte das estratégias do poder atuais a apropriação da força vital (força de criação e de cooperação), assim acontece

com as pessoas, suas conexões e suas coletividades. Estão todas no radar de captura da política de inconsciente do regime dominante – o que Rolnik (2019) nomeia como inconsciente colonial-capitalístico.

Desta forma, trata-se de liberar a vida de sua cafetinagem, resistindo ao regime dominante em nós mesmos e em nossas formas de ser e relacionar, compondo corpos coletivos ou “comunidades temporárias” (ROLNIK, 2019, p. 36).

Se nos interessa experimentar e criar formas de com-viver e ser coletivo com menos constrangimento, e aqui fazendo uma referência à Spinoza – corpos que se encontram na produção de expansão ou constrangimento da potência de agir (SPINOZA, 2013) – é necessário pensar nas relações que se operam nas diversas formações coletivas, incluindo aquelas pautadas nas lutas contra as injustiças e as desigualdades.

Tal tarefa não é simples, pois não depende exclusivamente da vontade ou da consciência, pois incide sobre a micropolítica e requer a reapropriação do impulso de criação, que só se efetua ao

[...] incidir sobre as ações do desejo, de modo a imprimir-lhes sua direção e seu modo de relação com o outro; no entanto, tais ações tendem a chocar-se com a barreira da política de produção da subjetividade e do desejo inerentes ao regime vigente. (ROLNIK, 2019, p. 35).

Agir nesse âmbito, que envolve os processos de subjetivação e singularização, convoca à experimentação sensível e partilhada.

No exercício de colocarmos o corpo para des(colonizar)patriarcalizar (SOLANO, 2019) nossas subjetividades, relações, práticas e modos de vida, torna-se imprescindível olhar para as experiências cotidianas, especialmente onde sinalizam a cafetinagem da vida (ROLNIK, 2019), a reprodução de hegemonias e a produção de opressão sustentadas no binômio saber-poder. Se entendemos que esse é um

exercício menos acusatório e mais revolucionário (aquela revolução “menor”⁵¹, nos cotidianos), menos individualista e mais cooperativo, que diz respeito a cada um e a todos, talvez tenhamos mais porosidade para arriscar e *instaurar* outras maneiras de ser coletivo.

A reprodução do controle e outras violências não se restringe a espaços conservadores assumidamente hierárquicos e autoritários. Não faltam relatos e reflexões sobre opressão e exclusão em contextos de luta progressista (COLEMAN, 2019). É a partir das relações que se operam tais reproduções, em processos variados que sustentam as normatizações e as dominações que despotencializam as pessoas e a coletividade.

A ampliação das forças coletivas de resistência depende da experimentação e instauração de formas de com-viver pautadas em uma ética sensível às relações de poder, às contradições e à reprodução das hegemonias, em toda parte. Isso diz sobre operar uma atenção para não produzir as violências que tanto se combate - o que é imensamente desafiador, em um contexto de política inconsciente sustentada hegemonicamente no regime colonial-capitalístico e suas determinações individualistas, hierarquizantes, classificatórias e deterministas.

Com-viver entre diferenças sem buscar silenciá-las, oprimi-las, resolvê-las, suprimi-las; sem temê-las. Experimentar e formar multidões de singularidades plurais, em multiplicidade, ativadas pela produção do comum sustentado na diferença (HARDT; NEGRI, 2004). Eis o desafio, que articula em si dimensões micropolíticas e macropolíticas.

Autores que já abordei até aqui dão pistas nesse sentido, sob distintos pontos de vista: Guattari e a *transversalidade*⁵²;

⁵¹ Sobre esta discussão sugiro a leitura do livro de Ana Godoy (2008) “A menor das ecologias”.

⁵² Guattari (1985), destaca a ideia de transversalidade como ferramenta conceitual para pensar as complexidades das formações e relações grupais coletivas e institucionais, buscando a ampliação das conexões, da comunicação e da vitalização na produção de realidades partilhadas. Atenta às produções inconscientes, às multiplicidades e às pluralidades, a dimensão da transversalidade - “pretende superar os dois impasses, o de uma pura

Freire com a *comunicação*, a *troca de saberes* e a *co-laboração*⁵³; Santos na *ecologia dos saberes* e na *tradução*⁵⁴. Vibrações na água, que convocam a mergulhos no compromisso de fortalecer processos coletivos e cooperativos na produção das resistências.

No campo da terapia ocupacional também são muitos os convites nessa direção. De uma forma mais ampla, destaco o trabalho de Inmaculada Zango-Martín que pensa a convivência com a pluralidade de saberes-fazerem em campo profissional marcado por hegemonias sustentadas no modelo biomédico. Como caminho reflexivo e inventivo, a autora defende uma perspectiva intercultural (ZANGO-MARTÍN, 2015), que destaca a cultura, a interdependência e a ecologia dos saberes como chaves para operar uma transformação no campo profissional.

Diante da diversidade de maneiras de compreender e viver os processos de saúde-doença que compõem os saberes e fazerem plurais de pessoas, grupos e populações ao redor do mundo, é necessário que se desenvolva uma sensibilidade cultural nas abordagens terapêuticas e que se produza uma valorização de diferentes modelos explicativos sobre saúde e bem-estar (ZANGO-MARTÍN, 2015).

Tais deslocamentos destacam a ocupação como construção cultural, questionam o universalismo e as verdades absolutas sustentadas fora e dentro do campo profissional e se atentam para relações de poder e seus efeitos, inclusive nas próprias

verticalidade e o de uma simples horizontalidade; ela tende a se realizar quando uma comunicação máxima se efetua entre os diferentes níveis e sobretudo nos diferentes sentidos" (GUATTARI, 1985, p. 96).

⁵³ Paulo Freire convoca à co-laboração, à união, à organização e à síntese cultural nos processos pedagógicos coletivos voltados para a libertação dos oprimidos. Tendo como base a teoria dialógica da ação, a pedagogia do oprimido destaca a comunicação e a troca de saberes entre os sujeitos na luta pela transformação do mundo (FREIRE, 2012).

⁵⁴ Para Krenak (2019) a proposta da ecologia dos saberes deveria compor a experiência cotidiana das pessoas e suas ideias de comunidade. Penso que ele diga isso porque a ecologia dos saberes se refere à com-vivência ética entre modos de ser e saberes plurais, criando "outra maneira de entender, outra maneira de articular conhecimentos, práticas, ações coletivas, de articular sujeitos coletivos" (SANTOS, 2007a, p.39). O que demanda criar inteligibilidades outras. É nesta direção que Santos propõe a *tradução*, como processo intercultural e intersocial, que busca traduzir saberes em outros saberes, em uma inteligibilidade canibal contrária a homogeneização.

práticas. Nesse sentido, a autora conclui que a construção da terapia ocupacional em perspectiva intercultural envolve a incorporação de uma perspectiva mais crítica e plural para a teoria e para a prática.

Em conexão com Zando-Martín e as demais experiências e reflexões partilhadas neste capítulo, entendo que enquanto terapeutas ocupacionais devemos nos colocar disponíveis e produzir processos de experimentação e afirmação de corpos coletivos de (r)existência, buscando coletivamente fabricar modos de com-viver sustentados na interdependência, na valorização das existências em pluralidade e singularidade e na amorosidade.

4.4 O RESGATE DO NÓS.COMUM: POR UMA ÉTICA DA MULTIPLICIDADE INSPIRADA NA FLORESTA

¿Qué tal si empezamos a ejercer el jamás proclamado derecho de soñar? ¿Qué tal si deliramos, por un ratito? Vamos a clavar los ojos más allá de la infamia, para adivinar otro mundo posible [...]

(Eduardo Galeano, "El derecho al delirio")

Um rastro me convoca à fabulação, ainda na construção deste vestígio. Será entretanto um breve exercício fabulatório, antes de cair de veras a fabular no capítulo 5. Algo na direção de "um povo porvir" (DELEUZE, 1997, p. 14), já que esse rastro reflete uma questão que não se destacou tanto nas superfícies das expressões e narrativas das terapeutas ocupacionais que fizeram parte do estudo, mas que percorreu como linha pulsante todo o percurso da pesquisa - pulso, fluxo, nó, grito, desejo, utopia no meu corpo cartógrafo.

Trata da multiplicidade de nossas experiências em comunicação e conectividade, e diz respeito não só a como nos relacionamos como seres (humanos) coletivos, mas levanta também

a questão sobre como compreendemos as formações coletivas que compomos em entrelaçamentos múltiplos - já que estamos integrados a diversos vivos, não só humanos, que formam um todo heterogêneo, plural, e ao mesmo tempo comum.

Vou olhar um pouco nessa direção - retomando a produção do *comum* na relação com a reprodução cotidiana da vida (NAVARRO; GUTIÉRREZ, 2018), abordando a compreensão da malha que forma o nós (INGOLD, 2015) e pensando possíveis relações que se pode tecer entre essas linhas, sem perder de vista especificidades do campo da terapia ocupacional.

Começo com Mina Navarro e Raquel Gutiérrez (2018), autoras mexicanas que destacam a *reprodução da vida* e a *produção do comum* como chaves para pensar a interdependência em seu sentido mais básico (não capitalista), a partir da ecologia política crítica e de estudos feministas. Elas me ajudam no desafio deste texto, especialmente por ressaltarem a necessidade de se pensar as conexões, relações e vínculos estabelecidos entre as pessoas e entre tudo que as envolve, nutre e sustenta.

Tais relações, segundo as autoras, são condições para garantir a reprodução da vida, que é entendida como um conjunto de fazeres que geralmente se tornam invisíveis, negados, desvalorizados, feminizados, naturalizados no capitalismo-colonial-patriarcal, e que ao mesmo tempo é a base da exploração e da geração de valor capital.

Como argumentação, elas apontam a importância de se compreender a natureza em sua totalidade dinâmica, na formação do tecido da vida do qual todos são parte. Isso porque a lógica do capital, individualista e utilitarista, produz uma desapropriação múltipla do tecido da vida e nega tanto as relações de interdependência quanto as capacidades políticas, de cuidado coletivo e de invenção dos contextos partilhados. Esses aspectos velados estão intrinsecamente relacionados - interdependemos para que a vida possa seguir adiante, o que

acontece a partir das múltiplas tramas coletivas que se organizam para produzir em comum a existência.

Acontece que, na égide do neoliberalismo colonial e patriarcal, o capital vai gerir a interdependência para explorar, invertendo a relação ao colocar a acumulação como centro e não a reprodução da vida. Tendo como estratégia a separação, essa lógica intervém no tecido da vida. É diante desse cenário contemporâneo que se propõe retomar a reprodução da vida e colocá-la como questão central do debate político, em direção contrária à hegemonia da produtividade. Destaca-se, deste modo, a interdependência e a produção do comum que garantem que a vida se reproduza afetiva, simbólica e materialmente (NAVARRO; GUTIÉRREZ, 2018).

A produção do comum acontece em múltiplas expressões, como atividade coletiva, cotidiana e extraordinária de criação e fortalecimento de vínculos que desafiam as separações e mediações impostas. Esse movimento de resistência envolve diversas lutas feministas, que tornam visíveis e resistem às violências patriarcais articuladas ao capitalismo e ao colonialismo. Processos coletivos que não se conformam com o que impõe a lógica de dominação e que buscam afirmar sua capacidade política para determinar suas próprias atividades e formas de viver (NAVARRO; GUTIÉRREZ, 2018).

Se a reprodução da vida e a produção do comum, nos termos que as autoras colocam, são referências importantes para as lutas e resistências diante da hegemonia capitalista-colonialista-patriarcal, tais aspectos interessam à terapia ocupacional, que lida diretamente com os efeitos dessa hegemonia expressos ali mesmo onde a vida partilhada se (re)produz, nos fazeres das pessoas e seus cotidianos.

Terapeutas ocupacionais, nesse sentido, não podem se abster de "problematizar a visão individualista e meritocrática que prioriza independência e autonomia, tão mencionadas nos processos de cuidado em Terapia Ocupacional" (CARDINALLI *et al.*,

2021, p. 44). Quando a independência está a serviço da produtividade e do consumo, a sua busca incansável opera a favor da lógica hegemônica de desenvolvimento que produz tanta exploração, opressão e exclusão.

Assim, esse debate é relevante ao questionar as separações dicotômicas produzidas pelo regime dominante e seus efeitos, e destacar a interdependência entre as diversas formas de vida no planeta que formam um comum heterogêneo, levando em conta que essa maneira de compreender ressalta a própria força do vivo em sua essência integrada e coletiva.

Nas lutas cotidianas, políticas e sociais travadas, especialmente quando se trata de países do Sul global, não se pode esquivar de debates como esses, que denunciam linhas de produção da vida em formações subjetivas fragmentárias e identitárias sustentadas nas relações de poder e dominação.

Entretanto, visando “à existência em vias de, ao mesmo tempo, se constituir, se definir e se desterritorializar” (GUATTARI, 2012, p. 27-28), convoco ainda outros estudos para me ajudar a compor o pensamento.

Acredito que o conceito de malha de Tim Ingold (2012; 2015; 2016) pode contribuir. Malha, compreendida como uma textura de fios entrelaçados, linhas emaranhadas de vida, crescimento e movimento, que é para o autor o próprio “mundo em que habitamos” (INGOLD, 2015, p. 111). Sob essa percepção, o organismo vivo não é uma entidade limitada rodeada por um ambiente, mas um emaranhado ilimitado de linhas em um espaço fluido.⁵⁵

⁵⁵ A malha, deste modo, se diferencia da rede, pois não se trata de pontos que se conectam, mas linhas que se entrelaçam. Para melhor compreensão da diferença entre essas duas ideias, Ingold propõe uma conversa entre uma formiga e uma aranha, em que expressa semelhanças e diferenças entre a teoria do ator-rede, de Bruno Latour, e sua abordagem da malha e do estar vivo. “A formiga afirma que os eventos são os efeitos de uma agência que é distribuída em torno de uma extensa rede de atos-formigas comparáveis à teia de aranha. Mas a teia, como explica a aranha, não é realmente uma rede nesse sentido. Suas linhas não se conectam; ao contrário, elas são as linhas ao longo das quais ela percebe e age. Para a aranha, elas são de fato linhas da vida” (INGOLD, 2015, p. 113). Assim, não é possível separar a aranha da sua teia, como não é possível separar a ave do ar e o peixe da água.

Outra ideia de Ingold que se une a essa é a de atenção, como um processo ecológico e não cognitivo, no sentido de se juntar às coisas em correspondência. Tal diferença marca uma crítica ao conceito de alteridade. Pois não seria uma questão do "outro", de "eu e você", mas de *nós*. Diante disso, não caberia nem ao menos falar em interdependência, já que o prefixo *inter* diz sobre o entre, e o convite é para se pensar em termos do que acontece ao longo de caminhos que se cruzam e nos fios que se emaranham na correspondência (INGOLD, 2016).

Esse modo de pensar destaca a comunicação, a integração e o fluxo entre as coisas, e coloca em cheque nossa relação com outros seres, ou com o "meio ambiente" baseada na separação *eu e eles*, porque somos antes de tudo *nós* (INGOLD, 2012).

A ideia de malha, de atenção e correspondência pode ajudar a compreender o mundo e a experiência de estar vivo sob outro ponto de vista, não hegemônico, antropocêntrico, fragmentário, dicotômico. E quem sabe ativar um modo de *estar* no mundo, mais que *conhecer* sobre ele. Nesse sentido, estaríamos mais conectados à condição de estar vivos para o mundo, "caracterizada por uma sensibilidade e capacidade de resposta, na percepção e na ação, a um ambiente que está sempre em fluxo" (INGOLD, 2015, p. 116). Experiência vivida por muitos povos não brancos, pelo que nos apontam diversas cosmovisões indígenas no contexto brasileiro.

A vida atravessa tudo, atravessa uma pedra, a acamada de ozônio, geleiras. A vida vai dos oceanos para a terra firme, atravessa de norte a Sul, como uma brisa, em todas as direções. A vida é esse atravessamento do organismo vivo do planeta numa dimensão imaterial. (KRENAK, 2020, p. 28-29).

Talvez, como alerta Krenak diante da eminência do fim do mundo, seja a hora de se olhar diferente para a vida, acessando e ativando a correspondência que une brancos, não brancos, humanos, não humanos em uma teia viva, que está também ameaçada, se não em sua totalidade, certamente em sua diversidade -

“Sentimo-nos como se estivéssemos soltos num cosmos vazio de sentido e desresponsabilizados de uma ética que possa ser compartilhada, mas sentimos o peso dessa escolha sobre as nossas vidas” (KRENAK, 2019, p. 44).

Entendo que, salvo suas distinções teórico-metodológicas, as abordagens aqui compartilhadas convocam em termos contra-hegemônicos a pensar a coletividade de um ponto de vista mais integrativo, que nos reaproxima da vida e do vivo, e que amplifica e aprofunda a resistência como força coletiva.

Reinventar o *nós.comum* configura, assim, um convite para voltar à vida e um desafio coletivo para os nossos tempos. Para a terapia ocupacional, enquanto prática social, penso que se trata de experimentar, ativar, afirmar e ampliar diferentes maneiras de com-viver.

Busca-se para a invenção de novos modos e relações, novas inspirações, e é aqui que a floresta e suas malhas miceliais me parecem congruentes, enquanto afirmação da multiplicidade viva em afetação, comunicação e recriação constantes.

Uma floresta é uma questão de estar junto, de viver junto. Um meio de reunir múltiplos e abundantes modos de vida em interações complexas e propiciar conexões interescolares e colaborações multidimensionais capazes de afetar afirmativamente toda a Terra. (DIAS; PENHA, 2019, n.p.).

De diferentes maneiras a pesquisa evidenciou a resistência como força coletiva. Tendo em vista as potencialidades que envolvem as mais variadas formas de com-viver, bem como os atravessamentos que limitam o universo relacional de muitas pessoas acompanhadas pela terapia ocupacional, me parece que a coletividade compondo sustentação para as existências na afirmação da singularidade e da pluralidade deve ser um eixo central nos saberes-fazer do nosso campo profissional. No entanto, o que ressalto aqui é a importância de não se negligenciar nesse eixo a urgência da criação de outras maneiras de com-viver, de estar no mundo, de ser mundo.

Comecem a produzir floresta como subjetividade, como uma poética de vida, cultivem essa lógica dentro de vocês, diminuindo a velocidade, essa tensão que a vida implica, e criem uma essência afetiva, colaborativa, que é a natureza da floresta. (KRENAK apud REIS, 2021, n.p.).

A compreensão micelial da vida como uma malha múltipla em expansão, comunicação e correspondência, atrelada ao compromisso com a liberação e afirmação das potências criativas, nos convoca à experimentar modos mais intensivos, inventivos, cooperativos e justos de viver o *nós* e produzir o *comum* - o que demanda questionar a desigualdade das relações⁵⁶ e reaprender a integralidade.

Nas lutas cotidianas é preciso incluir também as vidas não humanas, ampliando o conceito de humanidade, *transbordar* o humano - "só nesse entrelaçamento de intercâmbios dinâmicos é que se pode assegurar a própria existência coletiva no planeta" (BRUM, 2021, p. 99).

Não há diferença entre genocídio e ecocídio, concordo com Eliane Brum (2021), porque todos são natureza, e as consequências de ambos se misturam. Assim, se há a intenção de enfrentar as hegemonias e suas violentas consequências, as resistências devem se misturar, na luta e afirmação do *vivo*, em suas mais variadas manifestações. O vivo que se realiza na malha da vida e se compõe junto - menos como um *entre* existências, e mais como uma multiplicidade de linhas emaranhadas que se manifestam em afetação, singularidade e criação.

Passei a me entender como floresta. O entendimento de mim como uma realidade expandida me levou à compreensão de que a luta pela floresta é a luta contra o patriarcado, contra o feminicídio, contra o racismo, contra o binarismo de gênero. E também contra a centralidade da pessoa humana. (BRUM, 2021, p. 49).

⁵⁶ Um importante questionamento sobre o "nós" moderno, sustentado em desigualdade e exploração, que não produz a catástrofe climática de forma homogênea, é feita por Eliane Brum (2018, p. 340) - "não estamos todes no mesmo barco".

A negação da correspondência orgânica de todas as formas de vida que produz um *nós.comum* é o que se tem feito nas epistemologias hegemônicas contemporâneas. Isso talvez explique a necessidade urgente de revisão da ética. As separações entre razão/emoção, corpo/alma, sujeito/objeto, homem/natureza operadas pelos dispositivos hegemônicos comprometem o entendimento da existência comum integrada e corrompem a ética a favor da vida, inclusive na ciência. Em detrimento disso, o comum se revela na interconexão de tormentas e catástrofes as mais diversas. Mesmo a Antártida isolada, derrete em função do que se faz nas outras partes do mundo.

A vida segue deixando cotidianamente rastros da sua integralidade e correspondência complexa, e vai se refazer com ou sem a participação das pessoas que se autodenominam humanas. Creio que temos sim uma urgência de pensarmos nossa permanência por mais tempo na malha da vida. Mas entendo que se trata antes de pensarmos em como permanecer.

Não vejo como a terapia ocupacional possa se desvencilhar desse problema, já que as atividades humanas (ou as ocupações) são também produtoras e produto da destruição da vida no planeta (ALGADO, 2016; LIMA, 2017; CARDINALLI *et al.*, 2021).

A chamada crise ecológica talvez seja primeiro uma crise de subjetividade (COMITÊ INVISÍVEL, 2016), ou a crise de um modo de habitarmos o mundo (GODOY, 2008). Uma crise que se constitui em macro e micropolítica e nos coloca diante de urgências que ressaltam a necessidade de reinventarmos nossas formas de ser-fazer-existir. No centro desse debate está a desconexão do que chamamos de humanidade com os fluxos da vida em sua potência de diferenciar, expandir, criar e cooperar, uma vez sustentada na lógica que sequestra o vivo para as funções individualistas de produzir, consumir e dominar.

Essa discussão diz respeito às terapeutas ocupacionais e as convoca a experimentar outros modos de ser coletivo, por uma ética a favor da multiplicidade.

5 FABULAR

Os percursos, as materialidades e as emergências da pesquisa com terapeutas ocupacionais me ajudaram a (re)conhecer e criar vestígios sobre a resistência, apontando para modos *combativos, afirmativos e coletivos* de resistir.

As intersecções entre esses modos se materializam de maneiras variadas em experiências que compõem o estudo. Trata-se de forças e formas expressas em narrativas diversas, nem sempre em composição, algumas vezes em contradição e tantas outras em porvir. De toda forma, anunciam nossos tempos.

Essas intersecções que formam desenhos moventes e diferentes atravessados pelas emergências analíticas processuais e temáticas, se compõem na experiência singular-coletiva da própria pesquisa, e me ativam a fabular duas linhas transversais para terapias ocupacionais plurais: *a dimensão sensível-crítica* e *terapias ocupacionais sustentadas na experiência*. Linhas inspiradas nos modos de resistir farejados e experimentados no estudo, e ao mesmo tempo linhas autônomas, singulares, que criam outras conexões e novos vetores.

É diante de movimentos que me conectaram a fluxos variados, me emaranharam em linhas conhecidas e desconhecidas, me a(fe)tivaram em várias direções e me convocaram a criar modos de dizer, nomear, partilhar, que ouse fabular com/para o campo da terapia ocupacional.

Fabular como quem experimenta a escrita-pensamento enquanto ato de invenção, na busca por criar vínculos novos mais potentes com o mundo (VINCI, 2021). Em perspectiva deleuziana, o ser que fabula é aquele que foi afetado por algo, em um atravessamento sensível que o coloca em estado de devir - "Pode-se dizer que o indivíduo se deparou com um problema que o levou a fabular. Ou que criou para ele um campo fértil à fabulação" (ZACHARIAS; ZEPPINI, 2017, p. 281). Penso que seja isso que me acontece, em diferentes momentos desta pesquisa.

Vale dizer que tais fabulações, em especial as que apresento a seguir, não intencionam operar como referência estática para uma suposta e inviável terapia ocupacional única, ao contrário, buscam produzir vetores de potencial afetação e ativação que atravessam o campo no tempo presente, abrindo possibilidade de ressonâncias e relações múltiplas com modos vaiados de ser-fazer-pensar terapia ocupacional. Cada abordagem dentro do campo será, assim, atravessada de forma singular por essas linhas, o que pode mobilizar conversas, agenciamentos, novas ativações, descartes, deformações, embates e recriações. Trata-se de produzir encontros, não modelos.

5.1 A DIMENSÃO SENSÍVEL-CRÍTICA

Nas experiências cartografadas, as dimensões sensíveis e críticas se destacam nos modos de perceber e narrar as resistências de diferentes terapeutas ocupacionais brasileiras⁵⁷.

A articulação entre essas dimensões se faz notar das mais diversas maneiras - transversais em relação a campos e áreas de atuação; mais ou menos articuladas; em localizações mais micro ou macrossociais. De toda forma, revelam-se como linhas importantes para a produção do cuidado e das resistências em terapia ocupacional.

Em minha análise, são linhas essenciais, e me interessa pensar, especialmente, como se entrelaçam. Isso porque as diferentes problemáticas que a terapia ocupacional enfrenta no desenvolvimento de suas práticas, na produção do cuidado e do conhecimento, convocam à apreciação de linhas múltiplas de sentidos que envolvem as experiências das pessoas acompanhadas e seus modos de ser-fazer-sentir.

Nessa direção, o que se apresenta como necessidade, demanda, desejo para as práticas terapêuticas ocupacionais revela uma

⁵⁷ Ver Catálogo (Volume II).

complexidade de forças e formas que estão articuladas nas experiências cotidianas.

A produção do cuidado se faz no contexto dessas articulações. No enfrentamento de processos que atravessam as condições e os modos de fazer das pessoas e colocam desafios para a realização singular da/na vida, levando em conta expectativas sociais e culturais.

Por isso, a compreensão aprofundada sobre tais processos em sua produção sociocultural é tão necessária quanto a compreensão de suas expressões subjetivas.

Se cada pessoa é também expressão coletiva, social e cultural de determinado tempo histórico e contexto, a subjetividade não pode ser compreendida como dissociada da dimensão coletiva social. O que faz transparecer a seguinte constatação: a leitura crítica do mundo, de suas produções e relações é inevitável na compreensão dos fazeres, das atividades e das ocupações.

Contudo, as histórias e experiências são também singulares. Revelam processos de subjetivação e a constante (re)invenção da vida em fluxos de desejo, nos jogos de forças e nas formas que abrem passagem e criam consistência para a existência.

Diante disso, é indispensável operar uma atenção *sensível* para as micropolíticas do desejo e sua relação com a realização das pessoas no mundo. Desejo e ação se expandem mutuamente e criam mundos, e isso interessa à terapia ocupacional.

Sem perder de vista, porém, que é a partir da micropolítica do desejo que todas as formas nascem, sejam elas fascistas-colonialistas ou libertárias. Nesse sentido, a dimensão sensível opera também uma atenção às próprias reproduções do fascismo colonial em si, e nas produções do desejo no campo social que grudam no poder e na manutenção das hierarquias que sustentam determinados corpos e seus privilégios, em relação a outros que devem ser oprimidos, silenciados, desvalidados, classificados, violados, explorados e servis.

Nas experiências que compõem a pesquisa, e em estudos realizados envolvendo o campo da terapia ocupacional mais diretamente, as dimensões sensíveis e críticas revelam-se caras à prática, seja ela clínica, assistencial, formativa, investigativa, técnica, de gestão etc. Entretanto, elas nem sempre aparecem articuladas.

O que se afirma a partir da investigação que faço, em uma análise composicional das narrativas, é que diante da complexidade dos modos de existir, fazer e dos cotidianos das pessoas no mundo em que vivemos, somos convocadas a operar esses aspectos fundamentalmente interconectados na produção dos saberes-fazeres dessa profissão.

Assim, apresento *uma dimensão sensível-crítica* como vetor de transversalidade para o campo, que se realiza na produção de uma *atenção*, que diz de um posicionamento, uma atitude em terapia ocupacional.

Sensível a que e como?

Sensível aos acontecimentos e aos modos singulares, distintos e plurais de existir que escapam à racionalidade hegemônica. Sensível ao que os encontros e fazeres revelam e apontam sobre as possibilidades de fazer existir outra coisa, de instaurar outros modos de viver. Sensível à potência de criação e diferenciação do vivo, na produção de sentidos e de mais vida. Sensível porque opera uma atenção/racionalidade outra, disponível aos afetos, às forças, às relações e (re)produções de sentido, tendo em vista a potência de afetação e criação dos corpos, em singularidade plural.

Tudo isso requer uma sensibilidade aberta às expressões e manifestações da beleza no cotidiano, nos gestos miúdos, nos encontros muitas vezes breves, mas marcantes, nos silêncios, nas ausências, nas pausas, no que vibra, no que sussurra sentidos múltiplos e singulares.

Escutar os chamados. Acolher os movimentos. Seguir os rastros. "A expressividade das pessoas deixa rastros em seu caminho que nos inclina a reconhecê-lo e a encontrá-lo" (SABATO, 2011, p. 20, tradução nossa).

Isso dá força aos processos, aos processos com a terapia ocupacional. Pois, produzir uma atenção a toda essa multiplicidade de vida pulsante é resistir a um modo de vida anestesiado, individualizado, asséptico. Algo na direção do que nos provoca Ernesto Sabato (2011) quando destaca o hoje e o aqui, as pequenas coisas e as pessoas em volta, como a possibilidade de alcançar a eternidade e resistir.

Se nos tornamos incapazes de criar um estado de beleza no pequeno mundo ao nosso redor e apenas atendemos às razões do trabalho, tantas vezes desumanizado e competitivo. Como poderemos resistir? (SABATO, 2011, p. 20, tradução nossa).

Não se realiza uma atenção sensível às delicadezas, dores e belezas cotidianas acessando apenas a racionalidade moderna hegemônica.

Para Maffesoli (1998, p. 31 e 32),

É preciso compreender que o racionalismo, em sua pretensão científica, é particularmente inapto para perceber, ainda mais apreender, o aspecto denso, imagético, simbólico, da experiência vivida. A abstração não entra em jogo quando o que prevalece é o fervilhar de um novo nascimento. É preciso, imediatamente, mobilizar todas as capacidades que estão em poder do intelecto humano, inclusive as da sensibilidade.

Já para Suely Rolnik (2014, p. 31) trata-se, em outra vertente, de ativar um corpo vibrátil, "sensível aos efeitos dos encontros dos corpos e suas reações", atento às intensidades e aos sentidos produzidos nos movimentos do desejo, na pergunta constante sobre se e como os afetos encontram passagem.

De toda forma, questiona-se a pretensão totalizante de um modo limitado de acessar e compreender as expressões do vivo sob

um recorte racional cognitivo, voltado às formas e à categorização. E se convida à produção de uma disposição outra para os encontros, afirmando a integralidade dos múltiplos sentidos e sentimentos.

As artes e suas linguagens têm sido importantes aliadas da terapia ocupacional diante desse convite, compondo dispositivos de experimentação que reverberam deslocamentos sensíveis⁵⁸. Processos que possibilitam mudar as lentes e a atenção para perceber os microacontecimentos (LIBERMAN; GUZZO; LIMA, 2020), em ativações do corpo e do estado de presença na produção de sensibilidades mais conectadas às expressões do vivo em si, no outro, no mundo (LIBERMAN, 2007).

Com o corpo todo, perceber, reconhecer os rastros que escapam às percepções e racionalidades habituais, colonizadas. Rastros esses produzidos pelos mais variados modos de existir dos seres e suas atividades ou fazeres.

As atividades são acontecimentos de vida, chama a atenção Mariângela Quarentei (2001). Acontecimentos singulares, já que a experiência situa um acontecimento a partir de quem o vive, percebe (LARROSA, 2015).

Diante disso, penso que para terapeutas ocupacionais envolvidos com os fazeres em sua complexidade, a questão - *O que nos acontece?* - envolve a dimensão sensível e é necessária. Na realização de um exercício constante para si, para o outro, com o eu-outro, voltado para expressões, afetações e deslocamentos diversos que envolvem as atividades, as experiências, seus contextos e sentidos.

Essa pergunta tem a potência de lançar a linhas e experiências infinitamente variadas. Mas em mim ressoou Maria,

⁵⁸ Dentre tantas produções, destaco aqui: Leal, G (2005), "Guardados de gaveta e outros guardados"; Lima et al. (2011), "PACTO: 10 anos de ações na interface arte e saúde e suas ressonâncias no campo profissional"; Almeida, M. V. (2012), "Arte. Loucura e sociedade: ideologias e sensibilidade na terapia ocupacional"; Silva et al. (2018), "Estratégias criativas e a população em situação de rua: terapia ocupacional, arte, cultura e deslocamentos sensíveis"; Inforsato et al. (2021), "Deslizamentos entre a arte e a clínica na formação em terapia ocupacional".

que conheci em um grupo de terapia ocupacional realizado na periferia. Maria me acontece enquanto escrevo. Talvez porque tenha me ensinado sobre o acontecimento como passagem de um modo de existir a outro.

Chegou ao grupo submetida, desvalorizada, fragilizada, ocupando o lugar do não saber. Era isso que Maria trazia para partilhar com outras mulheres, sua existência cotidiana principal. Nos encontros, nos fazeres compartilhados, algo foi acontecendo. Maria foi existindo para aquele grupo como mestre, artesã e produtora de beleza. Algo que não existia passou a existir, algo que não se realizava passou a se realizar, delicadamente. E Maria de pequena e curvada, virou imensa para nós.

Histórias como a de Maria me sugerem que perceber os seres em atividade, respeitando e afirmando o que (lhes) acontece, conforma um sentir-fazer-pensar sensível indispensável à terapia ocupacional.

Crítica, críticas e autocrítica em terapia ocupacional

A dimensão crítica busca desvelar processos estruturais situados no contexto social, histórico, cultural, econômico e político que incidem sobre a produção, o constrangimento e a destruição da vida em suas mais variadas formas de expressão (GALHEIGO, 2012; CASTRO *et al.*, 2013).

A crítica, a meu ver está, antes de mais nada, sustentada no exercício de sentir-pensar-agir no mundo a partir de perguntas sobre como a vida das pessoas se produz e como está organizada.

Mais especificamente, me interessa a produção das subjetividades e do campo social na atualidade, por isso destaco a crítica ao modo hegemônico moderno global de produção da vida e dos contextos sociais, suas estruturas, interesses, mecanismos, dinâmicas e efeitos.

Uma crítica que opera na compreensão da produção da vida em perspectiva micro e macropolítica, já que a subjetividade não pode estar fora da criticidade que considera o cotidiano e as atividades humanas como chaves de produção e reprodução da vida, bem como de suas expansões e seus constrangimentos.

Nesse sentido, como terapeuta ocupacional, inúmeras perguntas (críticas) me convocam, dentre elas:

- a) *Como se realiza a vida cotidiana no entrelaçamento de fatores múltiplos inseridos em um determinado contexto local-global, temporal, político, econômico e cultural?*
- b) *A vida é governada/controlada? Como?*
- c) *O que o cotidiano, as atividades, os fazeres, as ocupações das pessoas, de coletivos e populações expressam sobre relações, organizações, mecanismos, estruturas e regimes na produção e reprodução de mundos?*
- d) *Quais são os efeitos dessas (re)produções, tendo em vista as relações de poder, a desigualdade e as contradições (considerando seres plurais e diversos, "humanos" e "não humanos")?*
- e) *Como se constituem e operam os dispositivos e mecanismos de poder dos nossos tempos? E como se relacionam com a vida em sua potência de diferenciar, expandir e criar?*
- f) *O que as existências (singulares-coletivas-plurais) contam sobre a submissão e a resistência aos dispositivos de governo/controle da vida?*

A crítica para a terapia ocupacional, de onde eu a compreendo e busco operar, talvez tenha mais relação com fazer perguntas. E seguir pistas, rastros, em um caminho sustentado na ética e na estética da vida, tendo a compreensão de que tudo é política. Perguntas que ativam pensamento e ação, e forjam corpos-resistência.

A crítica, portanto, não se reduz a uma perspectiva para determinadas áreas ou campos do saber-fazer profissional. Deve ser transversal. Pois diz respeito ao entendimento dos fazeres

e cotidianos que não podem ser separados dos seus contextos de produção, porque de fato, não são. E precisa ser ativada tanto na formação profissional quanto na prática com as pessoas, grupos e populações acompanhadas.

Além disso, a crítica não se desvincula da história, dos contextos diversos e suas especificidades. Cada vez mais terapeutas ocupacionais têm se atentado a isso, e o que vemos a partir desse movimento é a produção de abordagens críticas plurais, comprometidas com a situação das mulheres, das pessoas negras, dos povos originários, de pessoas dissidentes de gênero, das pessoas pobres, das pessoas do Sul global, e, especialmente, implicadas com as interseccionalidades.

Nesse sentido, reivindico aqui uma crítica situada, interseccional, anticolonial, antipatriarcal e anticapitalista.

Isso inclui considerar nas reflexões críticas as próprias reproduções hegemônicas, a violência em si, no outro, nas atividades.

As práticas profissionais não acontecem fora da realização complexa da vida, por isso, revelam a produção de resistências ao mesmo tempo que apontam a reprodução das hegemonias. Sendo assim, a crítica é antes de tudo autocrítica. Uma atitude diante do próprio paradoxo, das próprias contradições.

Se é pelas brechas nas estruturas que governam, exploram e dominam a vida que a luz pode passar; se é a fissura, o abalo ou o desmoronamento dessas estruturas que interessam, o compromisso maior com as resistências no cuidado co-partilhado em terapia ocupacional demanda um compromisso com a crítica. A crítica que produz uma atitude atenta aos jogos de forças, aos sentidos múltiplos entrelaçados, às próprias reproduções, aos constrangimentos, envolvida com as lutas singulares-coletivas e comprometida com os fluxos que pedem passagem, singularizam e expandem de vida.

Porém, uma questão que muitas vezes escapa é o paradoxo da atividade humana. As atividades também produzem opressão,

violência, cria devastação. *Como terapeutas ocupacionais, o que temos feito em relação a isso?*

É preciso reconhecer a força de destruição das atividades. A partir daí, buscar as possibilidades, fissuras, brechas por onde se cria a favor da vida, do vivo, lançando-se em parcerias nas experimentações da vida que expande, alegra e (re)inventa, desejando a produção da diferença, do fazer diferente, investindo na atividade potencializadora.

Nesse mundo "civilizado" que habitamos, só se vive e só se pratica terapia ocupacional do lugar da complexidade, o que inclui a contradição. Ao invés de negá-la, enfrentá-la; reconhecê-la. E frente a esse embaraço, investir nas linhas de produção de (mais) vida.

Trata-se, portanto, da crítica a favor da vida.

Um posicionamento que resiste

Tendo em vista a malha complexa que produz os modos de existir, expressos nos fazeres e cotidianos das pessoas, conclui-se não ser pertinente pensar as resistências fora de uma abordagem multidimensional, capaz de acessar o caráter múltiplo dos processos, das coisas e dos acontecimentos. "Isso que é gente grita, dói e ama, com tudo misturado", lembra Eliane Brum (2021, p. 14).

Se as atividades e cotidianidades nos convocam para a "constituição artesanal e minuciosa da vida singularmente a cada sujeito" (CARDINALLI *et al.*, 2021, p. 3), também evocam as produções sócio históricas atreladas às macro dinâmicas capital-colonialistas-patriarcais.

O cotidiano se configura, assim, como espaço-tempo de investimentos micropolíticos, a favor da afirmação da vida e contra os fascismos, em nós mesmos, nas relações. E também como contexto de lutas e resistências combativas contra as macroestruturas. De toda forma, cabe a seguinte pergunta: *o que*

atrapalha ou impede as pessoas de realizarem (n)a vida e se realizarem? Realiz.ção como criação, inauguração, singularização, alegria. A complexidade dessa pergunta requisita a terapeutas ocupacionais o movimento constante de produzir suas práticas levando em conta os impactos éticos, políticos e sociais.

É por isso que, diante de diferentes formas de conceber a produção das hegemonias e pensar a ideia de resistência no contexto da terapia ocupacional, afirmo uma compreensão que articula essencialmente dimensões sensíveis e críticas, em uma abordagem ética, estética e política.

Ética por intervir no plano da vida, em seus movimentos de afirmação e resistência.

Estética por tomar a vida como obra de arte, potência de criação, inauguração e beleza.

E política por se comprometer com a explicitação dos jogos de forças micro e macropolíticos que operam na produção da vida; lutar pelas diferenças, pelos direitos e a pela cidadania; e buscar constantemente defender forças e experiências singulares-coletivas-plurais. Nesse sentido, não cabe separar técnica de política no campo profissional.

Aqui, as experiências do grupo de pesquisa AHTO ressoam, por apresentarem um aprofundamento e uma diversidade crítica nas produções e discussões cartografadas no estudo, ao mesmo tempo em que uma linha sensível se revela pulsante e central, voltada para a micropolítica do desejo em fluxos, criações e inaugurações.

Uma sensibilidade crítica, ou uma crítica sensível marcam novas experimentações e composições, em uma relação que desponta como importante sustentação desse coletivo, que por sua vez tem produzido vestígios sobre a resistência, a (r)existência e a com-vivência na/com a terapia ocupacional.

São rastros como esses que pude sentir-pensar a partir do estudo, que me mobilizam a afirmar a dimensão sensível-crítica como possibilidade e potência do/para o campo profissional,

convocando terapeutas ocupacionais a um posicionamento que resiste.

Sobre esses rastros, gostaria ainda de destacar como se relacionam com a experiência.

5.2 TERAPIAS OCUPACIONAIS SUSTENTADAS NA EXPERIÊNCIA

Faço neste texto o exercício-esforço de pensar a crítica e a sensibilidade como duas dimensões distintas que se inter-relacionam. Se o faço, apesar de as perceber cada vez mais conjugadas, é porque a pesquisa sinalizou que nem sempre caminham juntas.

A problematização das macroestruturas e seus efeitos no cotidiano das pessoas, por exemplo, pode estar ausente no discurso ou mesmo não ser considerada nas intervenções. Assim como a compreensão sobre as reproduções micropolíticas das hegemonias. Muitas vezes o questionamento da profissão e da própria prática não contempla a ideia de resistência, suprimindo o entendimento de que as ações profissionais também compõem dispositivos hegemônicos de controle e dominação.

Por outro lado, nem sempre as problematizações realizadas sobre estruturas e relações de poder se localizam nas experiências vivas e cotidianas das pessoas. Nos sentidos múltiplos que seus fazeres expressam, nos fluxos de desejo, no potencial de criação que tantas barreiras encontra para se exercer, na produção de vida e transformação muitas vezes comprometidas. Ali, na delicadeza dos acontecimentos.

As resistências nas narrativas do estudo se destacam pelo sensível ou pelo crítico, porém quando se revelam conjugadas expressam modos ainda mais combativos, afirmativos e conectivos. E quando esse embaraço se sustenta na *experiência*, uma força de (r)existência se lança a quem se encontra com tais expressões.

Aqui, recorro a uma compreensão de experiência que situa acontecimentos que marcam a subjetividade, formam, constituem, convertem em outra coisa, transformam (LARROSA, 2015).

A experiência é algo que (nos) acontece e que às vezes treme, ou vibra, algo que nos faz pensar, algo que nos faz sofrer ou gozar, algo que luta pela expressão, e que às vezes, algumas vezes, quando cai em mãos de alguém capaz de dar forma a esse tremor, então, somente então, se converte em canto. (LARROSA, 2015, p. 10).

Foi assim que, em vários momentos do estudo, eu chorei. Foi nos encontros com um canto.conto.encanto terapêutico ocupacional que entrelaça sensibilidade, crítica, experiência e acontecimento que pude sentir-pensar mais profundamente a resistência.

Os primeiros sinais dessa força se revelaram no meu corpo (todo) - lágrimas, arrepio, ativação, inquietação, expansão. Vestígios de uma experiência.

No percurso da pesquisa, muito acolhi dessas afetações, pensei, compartilhei, estudei, experimentei, afirmei. Em alguns contextos de conversa, falar em uma terapia ocupacional sustentada na experiência pareceu redundante. *Afinal, de onde mais poderíamos falar quando nos atemos aos fazeres das pessoas?*

Acontece que os fazeres das pessoas, nos tempos atuais, se apresentam bastante desconcetados da experiência. A maneira hegemônica de viver, produzida fundamentalmente pela modernidade e seus constructos baseados nas dicotomias hierárquicas, expropria do cotidiano a experiência da vida em acontecimento (AGAMBEN, 2008).

O advento das tecnologias e das redes sociais trazem ainda mais uma camada problemática, e ao que tudo indica definitiva para tais desconexões. Paradoxos contemporâneos. Cada vez mais conectados em desconexão. Os impactos disso são múltiplos, mas a anestesia e a indiferença são sinais preocupantes.

Jorge Larrosa (2015) há tempos vem chamando a atenção para o fato de que os modos de vida hegemônicos contemporâneos se colocam em sentido oposto à experiência. A ciência, dispositivo central na produção da subjetividade moderna, desconfia dos atributos da experiência, e desconfiando a condena (AGAMBEN, 2008).

O conhecimento na lógica cartesiana refere-se principalmente a um conjunto de verdades ou evidências verificáveis e universais. O saber da experiência, por sua vez, remete ao conhecimento encarnado, singular, finito e situado. Demanda abertura aos fluxos, encontros e acontecimentos; alargamento do tempo; exposição à imprevisibilidade da vida; paixão (LARROSA, 2002/2015), aspectos pouco acolhidos no âmbito acadêmico.

É diante desse cenário que o resgate da experiência se torna uma questão ética, estética e política, e se volta para a afirmação da existência em si e de sua potência de afetação, variação e singularização, em defesa do vivo que inaugura modos de ser-fazer.

Mais recentemente me encontrei com Byung-Chul Han que apresenta outra abordagem para a compreensão das desconexões com a força do vivo. O autor pensa os padrões de vida atuais na chave da positividade, da produtividade e da autoexploração, e caracteriza uma sociedade baseada no desempenho. Tal configuração impacta diretamente na potência de criação e transformação, ao se distanciar da contemplação, do aprofundamento e da celebração da vida - "Pura inquietação não gera nada de novo, reproduz e acelera o já existente" (HAN, 2020, p. 34).

É no enfrentamento dessa realidade que o filósofo sul-coreano ressalta a importância de uma atenção contemplativa, como um movimento que demanda demorar-se nos acontecimentos, em uma relação de mergulho com as coisas. Na minha leitura, trata-se mais uma vez de um convite à afirmação da experiência.

Assim, foi no percurso da pesquisa, nos encontros variados que se fizeram e no resgate das minhas próprias vivências, que entendi que afirmar a experiência do vivo e suas expressões é resistir.

Nesse sentido, terapeutas ocupacionais talvez sejam favorecidas. Isso porque diante do foco de estudo da profissão - as atividades, os fazeres, as ocupações, o cotidiano - a provocação sobre tais desconexões se faça mais presente, na "riqueza da experiência do outro, que, por meio de sua narrativa, revela a tessitura de uma vida (GALHEIGO, 2020, p. 23).

De qualquer forma, a percepção disso vai depender da sensibilidade, da crítica e do posicionamento diante das histórias que encontramos e que nos são confiadas, pelas mais diversas pessoas que se relacionam com o cuidado em terapia ocupacional. Até mesmo diante das nossas próprias histórias.

Apreciar e contar histórias: por uma política da narratividade sensível-crítica em terapia ocupacional

Um jeito de enfrentar os processos que colocam em risco a existência de diversas formas de vidas no planeta é "viver nossa própria experiência de circulação pelo mundo" contando uns com os outros (KRENAK, 2019, p. 27). Nesse sentido, resistir é sempre poder contar mais uma história.

Diante dessa provocação de Ailton Krenak, lanço-me duas questões: *Como estamos, enquanto terapeutas ocupacionais, lidando com as inúmeras histórias e experiências que acessamos? O quanto nos colocamos atentas às manifestações mais sutis e plurais dessas histórias?*

Na mobilização dessas perguntas, e das tantas narrativas com as quais me relacionei no estudo, penso-sinto que há uma convocação para pausar um pouco mais nas experiências que compartilham as pessoas acompanhadas pela terapia ocupacional. Contemplar, na escuta, na apreciação, na escavação e na afirmação

dos sentidos expressos, tão variados. Parece que, de modo geral, passa-se rápido demais pelas experiências e suas histórias.

Histórias de gente, de árvores, de grupos, de comunidades, de povos, de bichos, de montanhas, de constelações, as nossas histórias. Histórias que deixam rastros da potência da experiência em acontecimento. Talvez, haja uma busca por respostas longe das histórias, mas não se deveria afastar demasiado delas, porque ali se expressa a multidimensionalidade da vida. Cada um de nós é um universo, já dizia um poeta brasileiro de nome Raul⁵⁹. Algo parecido também ressaltou Ernesto Sabato (2011), nas suas sábias reflexões anciãs no livro *La resistencia*.

Cada universo singular se compõe de inúmeras experiências ao longo da vida, experiências que são assim compreendidas porque envolvem a elaboração e a produção de sentidos (próprios) (LARROSA, 2015). Que revelam a experimentação e criação de novos modos de existir (VINCI, 2021). Experiências que em si expressam o embaraço singular-coletivo fundamental de toda existência. Experiências que fazem e marcam histórias.

Terapeutas ocupacionais escutam e acompanham experiências diversas. Faz parte do papel profissional ajudar a elaborar o que acontece às pessoas em suas vivências cotidianas, tendo em vista a trama singular-coletiva que as constitui. Mas também se realiza na prática profissional a ação de registrar, relatar, comunicar. Nós escutamos relatos, nós relatamos. Embora nem sempre se tenha clareza de que “o relato é a linguagem da experiência, a experiência se elabora em forma de relato, a matéria-prima do relato é a experiência, a vida” (LARROSA, 2015, p 50).

Em diversos contextos, por diferentes motivos, de modos plurais, terapeutas ocupacionais contam as histórias das pessoas. Esse exercício, essa ação no mundo, envolve a ideia de

⁵⁹ Referência a um trecho da canção “Meu amigo Pedro”, composta por Raul Seixas e Paulo Souza.

narrar, e diz de maneiras de se relacionar com as histórias, perceber as forças e as formas que envolvem as experiências e como essas se compõem com as próprias experiências do narrador, o que ativam de pensamento e ação, transformação.

Narrar é, assim, "intercambiar experiências", e essa ação é cada vez mais rara na era da informação (BENJAMIN, 1987, p. 198), especialmente quando se pensa na narrativa que se transfigura não só como relato do acontecimento, mas como o próprio acontecimento. Diante disso, outra pergunta emerge: *Como estamos contando as histórias com as quais nos encontramos no contexto da terapia ocupacional?*

É sobre isso que quero conversar um pouco mais neste tópico, convocada especialmente por algumas narrativas com às quais me encontrei em andanças e sobrevoos da pesquisa. Terapeutas ocupacionais contaram histórias inundadas de complexidade, delicadeza, dor e beleza, e com Krenak penso que, se pudermos fazer isso, contar histórias com essa força de afetação, adiaremos o fim do mundo (KRENAK, 2019, p. 26).

Maneiras sensíveis-críticas de narrar, sem perder a centralidade das experiências, afirmam as (r)existências. São narrativas encarnadas na complexidade viva das existências e das resistências de pessoas diversas que produzem esse vestígio. Narrativas que acessam a delicadeza dos movimentos, mas também dos coágulos, que escapam de respostas fáceis e previsíveis, que problematizam os cenários, e também os afetos, que acolhem as incertezas, as impotências, as angústias, as contradições, inclusive da terapeuta, e que afirmam as singularidades plurais em acontecimento.

Narrar é uma maneira de cartografar a experiência. As histórias expressam, sempre em uma perspectiva do narrador, atividades, relações e sentidos que compõem, marcam e ressignificam existências singulares-coletivas. *Apreciar* as atividades e seus sentidos é algo de que a terapia ocupacional

se ocupa (QUARENTEI, 2006), e narrar compõe os processos de apreciação.

As narrativas são ainda produzidas de acordo com o contexto, recursos disponíveis, condições mais ou menos limitantes, a partir de maneiras próprias de perceber e expressar. Elas, de onde as compreendo, não são sempre textuais, ou apenas construídas com palavras. Tomam formas diversas e muitas vezes deixam rastros de resistência não apenas pelo que contam, mas como contam. Acham brechas, criam fissuras, e fazem escapar o vivo que vem das experiências.

Narrar é um modo de estar no mundo, e as narrativas que produzimos dizem de um posicionamento que é sempre político. Mais ou menos conscientes, nos posicionamos na forma como narramos as histórias.

[...] podemos pensar a política da narratividade como uma posição que tomamos quando, em relação ao mundo e a si mesmo, definimos uma forma de expressão do que se passa, do que acontece. Sendo assim, o conhecimento que exprimimos acerca de nós mesmos e do mundo não é apenas um problema teórico, mas um problema político. (PASSOS; BARROS, 2020b, p. 151).

O percurso desta pesquisa reitera, em diferentes momentos, um convite a operar uma atenção maior a esse fazer que compõe as práticas profissionais (de assistência, de pesquisa, de formação etc.). Uma atenção para os modos de narrar que convoca à uma *política da narratividade sensível-crítica em terapia ocupacional*.

Isso porque os modos de narrar dizem de maneiras de estar com, experimentar, apreciar e afirmar em terapia ocupacional. Diante do paradoxo da produção das hegemonias e das resistências, somos convocadas a forjar posicionamentos em favor da vida, em sua potência de criar, variar, conectar e (r)existir.

Trata-se de um convite à uma (r)existência baseada na criação e na expansão de experiências e mundos plurais. Considerando a produção das subjetividades

como uma forma de resistir às violências e aos aniquilamentos do viver, levantamos a questão: o que as histórias das pessoas nos revelam em sua potência de singularização, diversidade e criação, em sentido contrário à padronização que transforma os humanos em consumidores, limitando a multiplicidade de visões e experiências de vida a uma falsa ideia de que somos iguais? (CARDINALLI *et al.*, 2021, p. 8).

Em tempos de *fake news*, o cuidado com as palavras, significados e sentidos é resistência. E isso inclui o investimento em modos de narrar que revelam a tecitura artesanal da vida e a afirmam em perspectiva ética, estética e política. Ao mesmo tempo em que se investe na recriação, já que o relato, diferente da informação, se compõe na experiência de quem conta. Assim, o narrador imprime um traço, um vestígio próprio, “como a mão do oleiro na argila do vaso” (BENJAMIN, 1987, p. 205).

Fala-se, deste modo, da narrativa que acessa, pensa e (re)cria a multidimensionalidade das experiências, e faz isso como ação que compõe a produção do cuidado em terapia ocupacional. Fala-se de um narrador-artesão que “fia e tece enquanto ouve histórias” (BENJAMIN, 1987, p. 205), e se compromete com as forças do vivo que atravessam os encontros. Fala-se de produzir uma atenção às criações e efeitos dessas forças, ao mesmo tempo que se engaja na compreensão e na denúncia das forças que impedem a vida de expandir, de realizar, de transformar. Fala-se de criar formas de contar essas histórias a partir de uma apreciação terapêutica ocupacional comprometida e inventiva.

A disponibilidade a essa apreciação narrativa remete à resistência também porque vai em direção contrária à fragmentação dos modos hegemônicos de conhecer, entender e contar sobre as pessoas, suas experiências e sentidos. Modos biologicistas tão fortemente disseminados na base estrutural da profissão. Modos convocados pelos padrões institucionais. Modos que suprimem a sensibilidade e a fluidez dos processos “relatados”. Evoluções, prontuários, relatórios...modos de

narrar o outro mesmo, sempre o mesmo outro, sempre o mesmo modo, resumido, suprimido, ocultado, fragmentado.

Se o discurso é um dispositivo central de poder e de produção das subjetividades, as formas de contar as histórias dizem bastante sobre a forma de cuidar. “[...] algumas formas de escrever e de ler, de falar e de escutar, ampliam a submissão, o conformismo, a estupidez, a arrogância e a brutalidade” (LARROSA, 2015, p. 59).

É por isso que convocar uma política da narratividade sensível-crítica é apontar para práticas resistentes em terapias ocupacionais comprometidas com a produção de vida.

Nesse sentido, vejo que há uma urgência dessa discussão nas mais diversas práticas de terapia ocupacional, sejam elas assistenciais, de pesquisa, formação ou gestão. Para essa problematização, penso que a literatura possa ser uma aliada.

Se os modos hegemônicos de narrar processos de cuidado tendem a uma ocultação da sensibilidade e da crítica, e a uma desconexão com a experiência multidimensional e viva dos acontecimentos, a narrativa de Conceição Evaristo por exemplo nos aponta um caminho oposto, na força política, poética e ética de suas escrevivências.

Tem aí uma escrita ou uma proposta de escrita - e eu torno a afirmar que não é só no campo literário -, uma proposta em que tanto a memória como o cotidiano, como o que acontece aqui e agora, se transformam em escrita. Essa história silenciada, aquilo que não podia ser dito, aquilo que não podia ser escrito, são aquelas histórias que incomodam, desde o nível da questão pessoal, quanto da questão coletiva. A escrevivência quer justamente provocar essa fala, provocar essa escrita e provocar essa denúncia. (EVARISTO, 2020, n.p.).

Não se trata aqui de convocar a uma narrativa do tipo escrevivência, simplificando e descontextualizando uma escrita da (r)existência negra, mas, sim, de provocar as narrativas que

tendem à desconexão e à omissão para outras direções, outras sensibilidades, outras forças, outras composições.

O livro *Insubmissas lágrimas de mulheres* é uma das obras de Evaristo repleta de histórias que embarçam ficção e realidade em um precioso modo de narrar.

De um conto partilho um trecho:

Natalina Soledad, a mulher que havia criado o seu próprio nome, provocou o meu desejo de escuta, justamente pelo fato dela ter conseguido se autoneamar. Depois de petições e justificativas, ela conseguiu se desfazer do nome anterior, aquele do batismo e do registro, para conceber um outro nome para si. Mudança aceita pelas autoridades do cartório da pequena cidade em que ela morava. E, a partir desse feito, Natalina Soledad começou a narração da sua história, para quem quisesse escutá-la. E eu, viciada em ouvir histórias alheias, não me contive quando soube da facilidade que me esperava. Digo, porém, que a história de Natalina Soledad, era muito maior e, como em outras, escolhi só alguns fatos [...]. (EVARISTO, 2020, p. 19).

Talvez prontuários e evoluções clínicas, respostas em formulários de pesquisa, relatórios, textos acadêmicos, já muito engessados, possam ser inspirados a fissuras no encontro com outras formas de narrar a vida; formas que contestam a colonização de tantos corpos e modos de fazer, pensar, criar, existir. Se o compromisso é com a potência plural e criativa da vida, as maneiras de relatar as (r)existências cotidianas demandam coerência poética e política na contação de histórias que podem adiar o fim, pois inventam diariamente mundos (im)possíveis.

Sobre experiências e narrativas de terapeutas ocupacionais: ativando corpos em (r)existência singular-coletiva

Se falo da importância de apreciar e contar histórias em terapia ocupacional, gostaria de compartilhar aquela que se compõe nas minhas experiências desta pesquisa.

Inicialmente, chego à temática sobre a qual me debruço no estudo pela força das experiências que me marcaram muito antes do projeto ser institucionalmente aprovado. Experiências que entrelaçam o poder sobre a vida na potência do vivo e se embarçam em linhas profissionais, pessoais, micro e macropolíticas. A partir delas, defino meu interesse por experiências outras, de terapeutas ocupacionais que contam histórias de seus encontros múltiplos, na produção do cuidado, da formação e do conhecimento em terapia ocupacional.

Acontece que, desde o início, essa pesquisa se coloca para mim a partir do desejo de realizar-se como uma experiência de resistência. Não me refiro à uma meta, nem poderia, já que a experiência não se produz, não se planeja. O que ressalto é que a busca pela coerência entre o que se estuda e o que se vive na pesquisa me moveu de maneira central durante todo o percurso. Sem garantias, me lancei atenta a encontros plurais, produzindo um rigor que se baseou no comprometimento, na honestidade e no cuidado com as forças expressas nas experiências envolvidas; no que indicavam de afetação, incômodo, ativação, deslocamento, crise, criação, abalo; no que revelavam de reprodução e também de cura.

Se a experiência é aquilo que marca a subjetividade, (trans)forma e faz nascer outra coisa, ao término do processo de doutoramento posso afirmar que vivi uma experiência que produz em mim, e talvez no próprio campo profissional, um vestígio de resistência. Porque diz de um sentir-fazer que buscou e forjou fluxos, desfez coágulos, teceu parcerias e possíveis. Que afirmou minha existência, no acolhimento de contradições, feridas, fissuras, desejos, marcas e invenções.

Da cartografia da própria experiência de pesquisa emergem linhas múltiplas, mas se destaca uma singularização desejante, combativa, afirmativa, conectiva, sustentada em uma malha coletiva (fundamental) de afetividade, luta e criação.

Emerge um corpo sensível às forças que compõem experiências diversas, incluindo a própria, e que exerce constantemente uma leitura das reproduções hegemônicas e uma atenção para as forças inventivas que escapam. Um corpo com corpos, um singular coletivo. Um corpo desafiado a narrar a complexidade dessas linhas nos limites das palavras e dos engessamentos que também o constituem.

É com esse corpo que me lanço a pensar na importância de ativarmos corpos em terapia ocupacional rigorosos com a experiência. Mas ousou fazer uma torção nessa palavra, como me ensinou Mariângela Quarentei - apresento "rigor" como sinônimo de cuidado comprometido, de honestidade.

Compreendo, desta forma, que ter rigor com as experiências plurais das terapeutas ocupacionais é urgente. Cuidar do que afeta, atravessa, marca, compõe e decompõe potência nas profissionais desse campo e suas práticas variadas; do que as forma e transforma, do que lhes acontece.

Acessar, apreciar, cuidar do que acontece às pessoas que acompanhamos demanda, antes de tudo, um rigor com a própria experiência. Priorizar o acontecimento vivo em si, no outro, no entre, no com. Isso amplia as condições de entrar em contato com as forças e estruturas que oprimem a vida e seus efeitos.

Sustentar as práticas de terapia ocupacional na afirmação da experiência, corporifica e expressa a complexidade da vida, e favorece as possibilidades de compor potência entre existências que se conectam e se reconhecem.

Entendo que formar-se terapeuta ocupacional é uma constante. Mas também implica pensar que aqueles processos formalizados, como a graduação e a pós-graduação, devem estar especialmente atentos às desconexões que operam na própria experiência dos estudantes. Assim, questiono: *que rigor/cuidado estamos exercendo com as experiências de terapeutas ocupacionais em formação?*

Essa pergunta é necessária na medida que se entende a importância de que o profissional desse campo ocupe os espaços em que atua, no sentido de estar presente, de se conectar com as experiências, de experimentar; de estar sensível aos múltiplos afetos e sentidos que produzem os encontros e que se relacionam com a cultura, com a política, com a economia, com os processos de subjetivação, com a constituição de pessoas coletivas plurais e ao mesmo tempo singulares; de se conectar com as dimensões micro e macropolíticas, movimento que depende da afirmação da própria experiência.

Mas não se apresenta aí uma tarefa fácil. Agamben (2008) acredita que o cotidiano moderno já esteja expropriado da experiência e que o desafio atual é compreender que outra "experiência" é essa que se realiza atualmente, ou que se pode realizar. De toda forma, é necessário operar uma atenção profunda para os acontecimentos, suas afetações e produções (de sentidos e efeitos), para reconhecer e compreender o que se passa.

Na pesquisa com terapeutas ocupacionais, muitas narrativas são vestígios produzidos que me ativam ao reconhecimento da experiência como potência de afetação, ação e criação. É notável, entretanto, que suas aparições se revelam contra-hegemônicas, minoritárias, e apontam para (r)existências em conexão. Algo na direção do que diz Eliane Brum (2021, p. 243), um "deslocar-se de si para experimentar outra experiência de ser - e de ser juntas".

Se a experiência - situada, corporificada, partilhada e narrada - é a experiência de linhas que se emaranham em uma malha de criação da vida, sua afirmação tem um caráter fundamentalmente conectivo, múltiplo e inventivo.

É assim que as experiências em (r)existência deste estudo me lançam ao encontro, transbordando em mim a produção do comum.

TRANS . BORDAMENTOS

Gosto dos títulos, no plural. Frequentemente, tenho dois, três para o mesmo texto. Como saída, em alguns momentos, recorro ao "ou", que na verdade quer dizer "e", e me lembro de Deleuze e Guattari⁶⁰. Em tantos outros, faço escolhas, mas não sem experimentar a presença da multiplicidade e deixá-la como rastro ali, onde se começa uma aventura de escrita.

Lidei com essa predileção pela multiplicidade das palavras e seus arranjos várias vezes ao longo da escrita desta tese. No seu fechamento não foi diferente - quis dizer que aqui estão as *considerações finais* que expressam o que se *bordou*, e ao mesmo tempo aquilo que *transbordou* em *porvir*.

Optei por *trans.bordamentos*, no destaque das bordas que remetem a contornos, contingências, significados, sentidos nomeados, reconhecidos; e do transbordar que diz do que não cabe nas bordas, ou por elas escorre, flui, vaza. De todo modo, artesanaria, poiésis, produção de conhecimento. Algo que toma lugar no mundo, inaugura, experimenta formas, nomeações possíveis, transitórias. Afinal, as nomeações são sempre assim, contornos transitoriamente definitivos. Não são?

Interessam-me as bordas e os transbordamentos. Foi assim que me desafiei, nesta pesquisa, a bordar entre contornos e fluxos, entre o que se reconhece e o que se estranha. Entre o que desenha e o que desforma. Entre o que se vê e o que se intui. Entre o que escreve e o que sussurra, geme, grita. No fim, em uma tese tudo vira contorno, bordado. Mas nem tudo se reconhece ou se nomeia tão facilmente. Para esses vazamentos, o risco da escrita do porvir. O risco de dizer do que pouco ou nada se conclui, mas que muito vibra e se sente; o risco de falar a partir do corpo, com o corpo principalmente.

⁶⁰ Ver Deleuze e Guattari (2012) em "O Anti-Édipo: capitalismo e esquizofrenia": sobre o inconsciente maquínico e as sínteses conectiva, disjuntiva e conjuntiva.

Arriscar-se assim foi movimento de todo o processo deste trabalho. Expedição que acolheu o "sem garantias" nas sustentações dos caminhos que se tecem em comunhão, na abertura à experimentação, aos afetos, às sensações, à singularização. Caminhos que anunciam possibilidades e denunciam limites, na caminhada que vai se constituindo como uma experiência de resistência em si, enquanto reconhece as próprias contradições, em um estudo que germina e brota como ação investigativa a partir de uma imersão implicada e comprometida de mais de vinte anos com o campo da terapia ocupacional - imersão como disponibilidade, engolfamento, mergulhos e até mesmo afogamentos⁶¹.

Foi nesse cenário que o doutorado representou na minha trajetória pessoal-profissional uma oportunidade de ampliar conexões e mergulhos com sustentação afetiva - em conectividade, compor malhas de afeto, afetação, pensamento, criação, afirmação, resistência. E então, experimentar a pesquisa como (possível) criação de um modo de fazer mais desejante, imerso, conjunto, comum, singular, se realizou em muitas camadas, e confirmou uma potência nas possibilidades de existir com menos constrangimento.

As linhas duras que atravessam processos acadêmicos também se fizeram presentes, e compuseram ramos e tramas de (des)conexão da *malha micelial*. Mas, no contexto de produção de linhas múltiplas, foi possível afirmar um modo de ser-fazer com menos coágulos - raspagens nesse corpo pesquisadora-mulher-terapeuta ocupacional. Corpo que foi registrando, de diferentes formas, as itinerâncias, interações, experiências, aprendizagens e deslocamentos. Corpo que sangra. Fissuras que curam.

No percurso, muitos corpos foram experimentados, forjados, produzindo experiência, sustentação de mim e da própria pesquisa. *Corpos_pesquia*, *corpos_tese*. Corpos que se fazem e se desfazem no processo. Esse texto é também um registro do

⁶¹ Ver Ferigato(2013).

fazimento e desfazimento de corpos em circulação, expedição, expansão, conexão, composição, contradição, concepção, decomposição, criação. Corpos-pesquisadora-tese. Certa vez escutei que a maior das teses é a transformação do pesquisador na trajetória de pesquisar. Talvez seja mesmo.

E foi com seres humanos e não humanos que fiz esse percurso. Fizemos. Em tempos de pandemia, distanciamento social, risco à democracia no Brasil e agravamento de tantas injustiças, desigualdades e devastações. Nosso comum, a *resistência*. Nosso contorno-campo-território, a *terapia ocupacional*, nossa ética principal, a *produção de vida*, nossos maiores desafios o *capitalismo neoliberal*, o *colonialismo* e o *patriarcado*.

As resistências, como forças, movimentos e ações que constituem a micro e a macropolítica, são também capturadas nos jogos de poder. Tratar de resistência, simplesmente, não garante que se esteja falando de movimentos em favor da pluralidade e da expansão da vida. Dessa forma, sua localização se torna imprescindível. Foi o que busquei fazer destacando os eixos hegemônicos de poder e dominação, suas produções e efeitos.

Em busca de pistas, habitei e coproduzi territórios relacionais, entre *andanças*, *sobrevoos* e *mergulhos*, encontrei com *narrativas* diversas de terapeutas ocupacionais brasileiras. Nelas, expressões em texto, poesia, colagem, dança, entre outras. Materialidades que corporificam experiências, percepções, sensações, criações com pessoas e grupos envolvidos nas práticas profissionais. Variedade preciosa de histórias, reflexões, invenções que se desdobraram a pensar a terapia ocupacional e as resistências que a compõem. Nesse contexto, o que se cartografou evidencia forças e formas emaranhadas produzindo desenhos múltiplos, malhas de sentidos e sentires, devires. Busquei pistas, encontrei rastros e produzi *vestígios*.

Foi com terapeutas ocupacionais, micélias e patos que tracei linhas de afetação, movimento e pensamento que incidiram no reconhecimento de *modos combativos*, *afirmativos* e *coletivos* de

resistir. Saberes e fazeres (bordados) que enfrentam as opressões, violências, injustiças e desigualdades que recaem sobre o cotidiano de gentes; que apontam a afirmação de existências em singularidade plural e (re)criação constante; e que experimentam e pensam a potência nos encontros e nas coletividades.

Com elas, profissionais de diferentes partes do país, envolvidas em práticas e contextos diversos, me pus a *fabular* no/com/para o campo da terapia ocupacional. Território múltiplo, relacional, onde dançam terapias ocupacionais plurais. Território onde se realizam práticas de cuidado, investigação, formação, gestão atreladas às atividades, aos fazeres, aos cotidianos que expressam e engendram a realização afirmativa e criativa das pessoas no mundo, mas que também apontam para as forças e as condições que impedem, constroem, oprimem, exploram, violentam, aprisionam, dominam, matam. Multiplicidade plural que convoca a um posicionamento que opera uma atenção *sensível-crítica* na produção de saberes-fazeres diversos em terapia ocupacional, e à produção de ações que afirmam *(r)existências*, sustentadas nas *experiências* que evocam o acontecimento em conectividade.

Entendo, assim, que pensar as *(r)existências* aciona uma abordagem situada e multidimensional que assume a complexidade da existência singular-coletiva das pessoas, seus fazeres e cotidianos. Volta-se para práticas que consideram os processos micro e macropolíticos de produção da vida interconectados, que se posicionam sensível e criticamente diante de experiências e realidades diversas (incluindo aquelas das terapeutas), e que lutam por uma ética da multiplicidade e da invenção.

Invenção de modos de ser-saber-fazer-sentir-*narrar* a favor do vivo em sua potência de criar beleza, em variação e integração. Invenção de outros modos, outros mundos, não hegemônicos, mas plurais. Desafios do porvir há tempos anunciados por *outras resistências*. Aquelas de Davi Kopenawa,

Ailton Krenak, Eliane Potiguara, Jaider Esbell e tantos outros. Povos-floresta⁶² que afirmam outros modos de existir, outras relações, outros fazeres.

Algo desses povos, com esses povos atravessa o estudo. Transbordamentos em uma experiência investigativa cartográfica que, na atenção sensível-crítica, pôde se conectar não apenas com as bordas em nomeações e outras expressões mais constituídas, mas também com as vibrações, germinações, gestações - com o porvir. Porvir em terapia ocupacional que anuncia o fim de mundos, ou pelo menos de um mundo, hegemônico. Máquinas em risco e gentes-máquina em paradoxo. Destruição e (r)existência.

Em uma perspectiva ético-estético-política, compreende-se as atividades humanas como complexa teia de produção da vida. Nesse sentido, as ações das pessoas são também produtoras de violência e destruição. As atividades forjadas nas hegemonias contemporâneas ressoam em escala global e local forças combativas, afirmativas e coletivas, mas não só de resistência ao poder e suas violências.

Os enfrentamentos, as afirmações e as coletividades que tendemos a produzir nas desconexões que sustentam a modernidade, à serviço dos interesses capitalistas-coloniais-patriarcais, se configuram em conglomerados reprodutivos de individualidades consumistas zumbis. Conglomerados que, na micropolítica do desejo capturado pelo poder, muitas vezes apontam para invenções e coletividades fascistas. Não se fez essa pesquisa em outro tempo, se não entre os anos de 2019 e 2022, e isso diz muito sobre reproduções e resistências, riscos e possíveis, desamparo e utopia.

É diante dessas forças individuais-coletivas, com traços zumbis-fascistas, que somos cada vez mais convocadas e convocados a resgatar e criar outras formas de com-viver, de ser coletivo e de produzir o comum na composição e ampliação de nossas resistências e (r)existências a favor da vida em

⁶² Ver Eliane Brum (2021).

singularização, diferenciação e expansão. Vida que produz beleza, arte, delicadeza, em contemplação, celebração, comunhão.

As florestas e os povos-floresta, experimentam e constituem um *nós.comum* em acontecimento que nos aponta rastros nessa direção. Penso que interessa à terapia ocupacional estar atenta aos fazeres múltiplos que ali se engendram e que compõem as atividades humanas na malha da vida. Transbordar o humano e reflorestar. Experimentar. Transmutar.

Como cartógrafa de rastros e também produtora de vestígios, sigo andando, farejando, sobrevoando, mergulhando, botando ovos...

Seguimos juntas!

REFERÊNCIAS

ACEVEDO, L. O. P. (org.). *Ocupación humana: de la matriz colonial hacia la construcción de saberes sociales del Sur*. Colombia: Universidad Nacional de Colombia, 2021.

ACHINTE, A. A. *Práticas creativas de re-existência: más allá del arte...el mundo de lo sensible*. Buenos Aires: Del Signo, 2017.

ACOSTA, A. *O bem viver: uma oportunidade para imaginar outros mundos*. São Paulo: Autonomia Literária; Elefante, 2016.

AFONSO, G. B. O céu dos índios no Brasil. *In: Reunião Anual da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência*, 66, 2014. *Anais [...]*. Rio Branco: 2014. p. 1-4. Disponível em: http://www.sbpcnet.org.br/livro/66ra/PDFs/arq_1506_1176.pdf. Acesso em: 05 jan. 2023.

AGAMBEN, G. *Infância e história: destruição da experiência e origem da história*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

AKOTIRENE, C. *Interseccionalidade*. São Paulo: Sueli Carneiro; Editora Jandaíra, 2020.

ALBUQUERQUE, G. M. P.; CARDINALI, I.; BIANCHI, P. C. Terapia ocupacional e a expressão "produção de vida": o que dizem as produções brasileiras? *Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional*, São Carlos, v. 29, p. 1-19, 2021. Disponível em: <https://www.cadernosdeterapiaocupacional.ufscar.br/index.php/cadernos/article/view/2820>. Acesso em: 05 jan. 2023.

ALGADO, S. S. Una terapia ocupacional desde un paradigma crítico. *Revista TOG (A Coruña)*, Galicia, v. 12, n. 7, p. 25-40, 2015. Disponível em: <https://www.revistatog.com/mono/num7/critico.pdf>. Acesso em: 05 jan. 2023.

ALGADO, S. S. et al.(org.). *Terapias ocupacionales desde el sur: derechos humanos, ciudadanía y participación*. Santiago de Chile: Editorial USACH, 2016.

ALGADO, S. S. Terapia Ocupacional Eco-social: creando comunidades saludables, inclusivas y sostenibles desde la ecología ocupacional. *In: ALGADO, S. S. et al.(org.). Terapias Ocupacionales desde el Sur: derechos humanos, ciudadanía y participación*. Santiago: Editorial Usach, 2016. p. 189-204.

ALMEIDA, M. V. M. Arte, Loucura e Sociedade: Ideologias e sensibilidade na terapia ocupacional. *Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional*, São Carlos, v. 5, n. 2, p. 87-100, 2010.

<https://www.cadernosdeterapiaocupacional.ufscar.br/index.php/cadernos/article/view/298>.

ALMEIDA, M. V.; COSTA, M. C. Movimento de artes e ofícios: perspectiva ética-política-estética de constituição da Terapia Ocupacional. In: SILVA, C. R. (org.). *Atividades humanas e terapia ocupacional: saber-fazer, cultura, política e outras resistências*. São Carlos: Hucitec, 2019. p. 59-79.

ALMEIDA, S. L. *Racismo estrutural*. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.

ALVAREZ, J.; PASSOS, E. Cartografar é habitar um território existencial. In: PASSOS, E.; KASTRUP, V.; ESCÓSSIA, L. (org.). *Pistas do método da cartografia: pesquisa intervenção e produção de subjetividade*. Porto Alegre: Sulina, 2020. 1v. p. 131-159.

ALVIM, D. M. *Foucault e Deleuze: deserções, micropolíticas, resistências*. 2011. Tese (Doutorado em Filosofia) - Programa de Pós-graduação em Filosofia, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2011. Disponível em: <https://tede2.pucsp.br/bitstream/handle/11561/1/Davis%20Moreira%20Alvim.pdf>. Acesso em: 05 jan. 2023.

ANZALDÚA, G. Falando em línguas: uma carta para as mulheres escritoras do terceiro mundo. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 8, n. 1, p. 229-229, 2000. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/9880>. Acesso em: 05 jan. 2023.

ASSOCIAÇÃO NACIONAL DOS ESPECIALISTAS EM POLÍTICAS PÚBLICAS E GESTÃO GOVERNAMENTAL (ANESP). *Desmonte de políticas públicas no Brasil: contribuições técnicas para o debate*. Brasília: ANESP, 2022. Disponível em: <http://anesp.org.br/todas-as-noticias/anesp-lana-coletnea-sobre-desmonte-de-politicas-pblicas-no-brasil>. Acesso em: 05 jan. 2023.

BARROS, M. E. B.; SILVA, F. H. O trabalho do cartógrafo do ponto de vista da atividade. In: PASSOS, E.; KASTRUP, V.; TEDESCO, S. (org.). *Pistas do método da cartografia: a experiência da pesquisa e o plano comum*. Porto Alegre: Sulinas, 2016. 2v. p. 128-152.

BARROS, L. M. R.; BARROS, M. E. B. O problema da análise em pesquisa. In: PASSOS, E.; KASTRUP, V.; TEDESCO, S. (org.). *Pistas do método da cartografia: a experiência da pesquisa e o plano comum*. Porto Alegre: Sulina, 2016. 2v. p. 175-202.

BENJAMIN, W. *Magia e técnica, arte e política*. Obras escolhidas. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987. 1v.

BOBBIO, N.; MATTEUCCI, N.; PASQUINO, G. *Dicionário de política*. 11. ed. Brasília: Universidade de Brasília, 1998. 1v.

BORRE, L. *Bordando afetos na formação docente*. Conceição da Feira: Andarilha Edições, 2020.

BRASIL. Ministério do Meio Ambiente. *Conheça o pato mergulhão*. [Audiovisual]. Brasília: ICMBio/[canalicmbio](https://www.youtube.com/watch?v=Ox8b81xAfao), 2015. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Ox8b81xAfao>. Acesso em: 05 jan. 2023.

BRASIL. Ministério do Meio Ambiente. *Livro Vermelho da Fauna Brasileira Ameaçada de Extinção*. Volume III - Aves. Brasília: ICMBio, 2018. Disponível em: <https://www.gov.br/icmbio/pt-br/centrais-de-conteudo/publicacoes/publicacoes-diversas/livro-vermelho>. Acesso em: 05 jan. 2023.

BRAUN, V.; CLARKE, V. Using thematic analysis in psychology. *Qualitative Research in Psychology*, Londres, v. 3, n. 2, p. 77-101, 2006.

BRITO, C. et al. Cotidianos vividos e cotidiano imaginado: queremos ser floresta. In: ROCHA, P. H. B.; GUIMARÃES, J. L. Q.; TEIXEIRA, S. G. (org.). *Decolonialidade a partir do Brasil*. São Paulo: Dialética, 2021. 3v. p. 275-341.

BRUM, E. *Banzeiro Òkòtó: uma viagem à Amazônia Centro do Mundo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2021.

BRUTSCHER, V. J.; SCOCUGLIA, A. C. *Discursos da Educação Popular Contemporânea*. João Pessoa: Editora da UFPB, 2017.

CARDINALLI, I. et al. Constelações afetivas: cotidiano, atividades humanas, relações sociais e Terapia Ocupacional entrelaçados à cosmovisão Krenak. *Interface - Comunicação, Saúde, Educação, Botucatu*, v. 25, p. 1-15, 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/icse/a/xFTmrbTkMxB95ZWsPs33cSS/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 05 jan. 2023.

CARDINALLI, I.; CASTRO, E. D. Trajetórias inventivas e produção de conhecimento: terapeutas ocupacionais e suas relações com arte, corpo e cultura. *Revista Interinstitucional Brasileira de Terapia Ocupacional - REVISBRATO*, Rio de Janeiro, v. 3, n. 4, p. 584-601, 2019. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/ribto/article/view/27760>. Acesso em: 05 jan. 2023.

CARDOSO JR, H. R. Foucault e Deleuze em co-participação no plano conceitual. In: RAGO, M.; ORLANDI, L.; VEIGA-NETO, A.

(org.). *Imagens de Foucault e Deleuze: ressonâncias nietzschianas*. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

CARDOSO, P. T. et al. ProCult Diversidade e Cidadania: uma proposta política e poética na academia. In: SILVA, C. R. *Atividades humanas e terapia ocupacional: saber-fazer, cultura, política e outras resistências*. São Paulo: Hucitec, 2019. p. 265-286.

CARDOSO; P. T.; SILVA, C.; RIBIEIRO, F. C. Poder, patriarcado e (r)existência: notas sobre uma experiência sensível e crítica entre mulheres na academia. *Interface - Comunicação, Saúde, Educação, Botucatu*, v. 26, p. 1-27, 2022. Disponível em:
<https://www.scielo.br/j/icse/a/s79gGVMBxQVzfQ4y5XDRRkL/?lang=pt>. Acesso em: 07 jan. 2023.

CARNEIRO, S. Mano Brown recebe Sueli Carneiro. [Entrevista cedida a] Mano Brown. *Podcast Mano a Mano*, São Paulo, ano 2, n. 26, 26 mai. 2022. Disponível em:
<https://open.spotify.com/episode/2eTloWb3Nrjmog0RkUnCPr>. Acesso em: 05 jan. 2023.

CASTRO, E. D. Inscrições da relação terapeuta-paciente no campo da terapia ocupacional. *Revista de Terapia Ocupacional da Universidade de São Paulo*, São Paulo, v. 16, n. 1, p. 14-21, 2005. Disponível em:
<https://www.revistas.usp.br/rto/article/view/13954>. Acesso em: 05 jan. 2023.

CASTRO, E. D. In Pacto: Arte e corpo em terapia ocupacional. *Interface - Comunicação, Saúde, Educação, Botucatu*, v. 11, n. 22, p. 393-398, 2007. Disponível em:
<https://www.scielo.br/j/icse/a/Zr37bNLS5rtq8FqzYktxw8p/?lang=pt>. Acesso em: 05 jan. 2023.

CASTRO, E. D. et al. composições... palavras... imagens... costuras... *Interface - Comunicação, Saúde, Educação, Botucatu*, v. 17, n. 46, p. 743-754, 2013. Disponível em:
<https://www.scielo.br/j/icse/a/hmq65nwHh9FwDrkd5dR5vwM/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 05 jan. 2023.

CASTRO, E. V. Os pronomes cosmológicos e o perspectivismo ameríndio. *Mana*, Rio de Janeiro, v. 2, n. 2, p. 115-144, 1996. Disponível em:
<https://www.scielo.br/j/mana/a/F5BtW5NF3KVT4NRnfm93pSs>. Acesso em: 05 jan. 2023.

CENTELHA. *Ruptura*. São Paulo: n-1 edições, 2019.

CERÓN, M. El grupo de Discusión y el Grupo Focal. In: CERÓN, M. (org.). *Metodologías de investigación social: introducción a los oficios*. Santiago: Lom Ediciones, 2006. p. 265-288.

CERQUEIRA, D. et al. *Atlas da Violência 2021*. São Paulo: FBSP/IPEA, 2021. Disponível em: <https://forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2021/12/atlas-violencia-2021-v7.pdf>. Acesso em: 07 jan. 2023.

CÉSAR, J.; SILVA, F. H.; BICALHO, P. O lugar do quantitativo na pesquisa cartográfica. In: PASSOS, E.; KASTRUP, V.; TEDESCO, S. (org.). *Pistas do método da cartografia: a experiência da pesquisa e o plano comum*. Porto Alegre: Sulina, 2016. 2v. p. 128-152.

COELHO, F. et al. Colonialidade do fazer e re-existências: reflexões a partir de uma Terapia Ocupacional Decolonial. In: ROCHA, P. H. B.; GUIMARÃES, J. L. Q.; TEIXEIRA, S. G. (org.). *Decolonialidade a partir do Brasil*. São Paulo: Dialética, 2021. 3v. p. 341-366.

COLEMAN, D. Cuerpos y existencias cotidianas trans* como ruptura, abertura e invitación. In: SOLANO, X. L.; ICAZA, R. (org.). *En tiempos de muerte: cuerpos, rebeldías, resistencias*. Buenos Aires, Argentina; San Cristóbal de Las Casas, Chiapas; La Haya, Países Bajos: Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales; Cooperativa Editorial Retos; Institute of Social Studies, 2019. p. 221-240.

COLLINS, P. H. Aprendendo com a outsider within: a significação sociológica do pensamento feminista negro. *Sociedade e Estado*, Brasília, v. 31, n. 1, p. 99-127, 2016. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/se/a/MZ8tzzsGrvmFTKFqr6GLVMn/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 05 jan. 2023.

COMITÊ INVISÍVEL. *Aos nossos amigos: crise e insurreição*. São Paulo: n-1 edições, 2016.

CONCEIÇÃO, E. *Insubmissas lágrimas de mulheres*. 4. Ed. Rio de Janeiro: Editora Malê, 2020.

CÓRDOBA, A. G. Enfoque y práxis em terapia ocupacional: reflexiones desde uma perspectiva de uma terapia ocupacional crítica. *Revista TOG (A Coruña)*, Galicia, v. 9, monog.5, p. 18-29, 2012. Disponível em: <https://www.academia.edu/31393097/>. Acesso em: 05 jan. 2023.

CÓRDOBA, A. G. Construcción de identidades, epistemes y prácticas en Terapia Ocupacional en América Latina. In:

ALGADO, S. S. *et al.* (org.). *Terapias ocupacionales desde el sur: derechos humanos, ciudadanía y participación*. Santiago de Chile: Editorial USACH, 2016. p. 41-62.

CÓRDOBA, A. G.; ALGADO, S. S. Una Terapia Ocupacional basada en los derechos humanos. *Revista TOG (A Coruña)*, Galicia, v. 7, n. 12, p. 1-25, 2010. Disponível em: <https://www.revistatog.com/num12/pdfs/maestros.pdf>. Acesso em: 05 jan. 2023.

CÓRDOBA, A. G.; KRONENBERG, F.; RAMUGONDO, E. L. Southern occupational therapies: emerging identities, epistemologies and practices. *South African Journal of Occupational Therapy*, Pretória, v. 45, n. 1, p. 3-10, 2015. Disponível em: <http://www.scielo.org.za/pdf/sajot/v45n1/02.pdf>. Acesso em: 05 jan. 2023.

COSTA, L. B. A cartografia parece ser mais uma ética (e uma política) do que uma metodologia de pesquisa. *Paralelo 31, Pelotas*, v. 15, n. 1, p. 11-35, 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/paralelo/about/contact>. Acesso em: 05 jan. 2023.

COSTA, M. C. *Clínica anímica: agenciamentos entre corpos humanos e não-humanos como produção de subjetividade*. 2017. Tese (Doutorado em Psicologia) – Instituto de Psicologia, Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, 2017. Disponível em: http://slab.uff.br/wp-content/uploads/sites/101/2021/06/2017_t_Marcia_Cabral.pdf. Acesso em: 05 jan. 2023.

DAGNINO, E. Construção democrática, neoliberalismo e participação: os dilemas da confluência perversa · *Política & Sociedade*, Florianópolis, v.3, n. 5, p. 139-164, 2004a. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/politica/article/view/1983>. Acesso em: 05 jan. 2023.

DAGNINO, E. ¿Sociedade civil, participação e cidadania: de que estamos falando? In: MATO, D. (org.). *Políticas de ciudadanía y sociedad civil en tiempos de globalización*. Caracas: FACES, 2004b. p. 95-110.

DELEUZE, G. *Crítica e clínica*. São Paulo: 34, 1997.

DELEUZE, G. *Nietzsche*. Lisboa: Edições 70, 2007.

DELEUZE, G. *Conversações*. São Paulo: Editora 34, 2013.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia* 2. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2011a. 1v.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia* 2. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2011b. 2v.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia* 2. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2012a. 3v.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia* 2. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2012b. 4v.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. *O Anti-Édipo: capitalismo e esquizofrenia*. São Paulo: Editora 34, 2012c.

DENZIN, N.; LINCOLN, Y. Introdução: a disciplina e a prática da pesquisa qualitativa. In: DENZIN, N.; LINCOLN, Y. (org.). *O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens*. Porto Alegre: Artmed, 2006. p. 15-42.

DERRIDA, J. *Gramatologia*. São Paulo: Perspectiva, 1973.

DIAS, S.; PENHA, A. (org.). *Floresta*. Campinas: BCC/Unicamp, 2019.

DÍAZ-LEIVA, M. M.; MALFITANO, A. P. S. Reflexiones sobre la idea de América Latina y sus contribuciones a las terapias ocupacionales del sur. *Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional*, São Carlos, v. 29, p. 1-14, 2021. Disponível em: <https://www.cadernosdeterapiaocupacional.ufscar.br/index.php/cadernos/article/view/2568>. Acesso em: 06 jan. 2023.

DISCONZI, G. O pato-mergulhão *Mergus octoetaceus* Vieillot, 1817 e as águas da chapada dos veadeiros (GO). 2012. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Sustentável) - Centro de Desenvolvimento Sustentável, Universidade de Brasília, Brasília, 2012. Disponível em: <https://core.ac.uk/download/pdf/33544707.pdf>. Acesso em: 06 jan. 2023.

EGGERS, T. M. *A poética dos fungos*. 2021. Dissertação (Mestrado em Artes Visuais) - Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2021. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/220033>. Acesso em: 06 jan. 2023.

ESCÓSSIA, L.; TEDESCO, S. O coletivo de forças como plano de experiência cartográfica. In: PASSOS, E.; KASTRUP, V.; TEDESCO, S. (org.). *Pistas do método da cartografia: pesquisa intervenção e produção de subjetividade*. Porto Alegre: Sulina, 2020. 1v. p. 92-108.

EVARISTO, C. "A escrevivência serve também para as pessoas pensarem". [Entrevista cedida a] Tayrine Santana e Alecsandra Zapparoli. *Itaú Social* - Agência de Notícias, São Paulo, 9 nov. 2020. Disponível em:

<https://www.itausocial.org.br/noticias/conceicao-evaristo-a-escrevivencia-serve-tambem-para-as-pessoas-pensarem/>. Acesso em: 06 jan. 2023.

FERIGATO, S. H. *Cartografia dos centros de convivência de Campinas: produzindo redes de encontros*. 2013. Tese (Doutorado em Saúde Coletiva) - Faculdade de Ciências Médicas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2013. Disponível em: <https://www.repositorio.unicamp.br/acervo/detalhe/906645>. Acesso em: 06 jan. 2023.

FERIGATO, S. H.; SILVA, C. R.; LOURENÇO, G. F. A convivência e o com-viver como dispositivos para a Terapia Ocupacional. *Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional*, São Carlos, v. 24, n. 4, p. 849-857, 2016. Disponível em:

<https://www.cadernosdeterapiaocupacional.ufscar.br/index.php/cadernos/article/view/1402>. Acesso em: 06 jan. 2023.

FIGUEIREDO, M. O. et al. Terapia ocupacional: uma profissão relacionada ao feminino. *História, Ciências, Saúde-Manguinhos*, Rio de Janeiro, v. 25, n. 1, p. 115-126, 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/hcsm/a/9j9DJBWFMBSQqNndBN8hQgk/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 05 jan. 2023.

FOLHA, O. A. A. C. *A terapia ocupacional como campo de conhecimento científico no Brasil: formação pós-graduada e atuação profissional de seus mestres e doutores*. 2019. Tese (Doutorado em Terapia Ocupacional) - Programa de Pós-graduação em Terapia Ocupacional, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2019. Disponível em: <https://repositorio.ufscar.br/handle/ufscar/11709?show=full>. Acesso em: 05 jan. 2023.

FONSECA, T. G.; COSTA, L. A. As durações do devir: como construir objetos-problema com a cartografia. In: PASSOS, E.; KASTRUP, V.; TEDESCO, S. (org.). *Pistas do método da cartografia: pesquisa intervenção e produção de subjetividade*. Porto Alegre: Sulina, 2016. 2v. p. 260-284.

FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA (FBSP). *A violência contra pessoas negras no Brasil 2021*. Infográfico de divulgação. São Paulo: FBSP, 2021. Disponível em: https://forumseguranca.org.br/publicacoes_posts/a-violencia-contra-pessoas-negras-no-brasil-2021/. Acesso em: 05 jan. 2023.

FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA (FBSP). *A violência contra pessoas negras no Brasil 2022*. Infográfico de divulgação. São Paulo: FBSP, 2022a. Disponível em: https://forumseguranca.org.br/publicacoes_posts/a-violencia-contra-pessoas-negras-no-brasil-2022/. Acesso em: 05 jan. 2023.

FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA (FBSP). *Violência contra meninas e mulheres no 1º semestre de 2022*. São Paulo: FBSP, 2022b. Disponível em: https://forumseguranca.org.br/publicacoes_posts/violencia-contra-meninas-e-mulheres-no-1o-semester-de-2022/. Acesso em: 05 jan. 2023.

FOUCAULT, M. Introdução à vida não-fascista. Prefácio. Tradução: Wanderson Flor do Nascimento. In: DELEUZE, G.; GUATARI, F. (org.). *Anti-Oedipus: capitalism and schizophrenia*. New York: Viking Press, 1977. p. 11-14. Disponível em: <http://michel-foucault.weebly.com/uploads/1/3/2/1/13213792/vidanaofascista.pdf>. Acesso em: 05 jan. 2023.

FOUCAULT, M. O sujeito e o poder. In: DREYFUS, H. L.; RABINOW, P. (org.). *Michel Foucault, uma trajetória filosófica: para além do estruturalismo e da hermenêutica*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995. p. 231-249.

FOUCAULT, M. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. 20. ed. Petrópolis: Vozes, 1999.

FOUCAULT, M. *Ética, sexualidade, política*. Ditos e escritos V. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004.

FOUCAULT, M. *A Hermenêutica do Sujeito*. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

FRANCO, M. Não serei interrompida. Discurso na Câmara Municipal do Rio de Janeiro, em sessão ordinária de 08 de março de 2018, Dia Internacional da Mulher. In: *Instituto Marielle Franco [youtube]*, 2022. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=fl8czAgJGUE>. Acesso em: 13 jan. 2023.

FRASER, N. Mercantilização, proteção social e emancipação: as ambivalências do feminismo na crise do capitalismo. *Revista Direito GV*, São Paulo, v. 7, p. 617-634, 2011. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rdgv/a/cmCd9sLNxByF66SHNbyJK9q/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 05 jan. 2023.

FREIRE, P. *Conscientização: teoria e prática da libertação. Uma introdução ao pensamento de Paulo Freire*. São Paulo: Cortez & Moraes, 1979.

FREIRE, P. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

FREIRE, P. *Pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012.

FREITAS, A. S. Contribuições do perspectivismo ameríndio para as pesquisas em Filosofia da Educação. *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*, Brasília, v. 99, n. 252, p. 387-403, 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbeped/a/YMjthXSjpK3WMY9K8xSc9Cy/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 05 jan. 2023.

GALEANO, E. *As veias abertas da América Latina*. Porto Alegre: L&PM, 2016.

GALEANO, E. *Patas arriba: la escuela del mundo al revés*. Buenos Aires: Siglo XXI, 1998.

GALHEIGO, S. M. O cotidiano na terapia ocupacional: cultura, subjetividade e contexto histórico-social. *Revista de Terapia Ocupacional da Universidade de São Paulo*, São Paulo, v. 14, n. 3, p. 104-109, 2003. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/rto/article/view/13924>. Acesso em: 05 jan. 2023.

GALHEIGO, S. M. What needs to be done? Occupational therapy responsibilities and challenges regarding human rights. *Australian Occupational Therapy Journal*, Sydney, v. 58, n. 2, p. 60-66, 2011. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/21418227/>. Acesso em: 05 jan. 2023.

GALHEIGO, S. M. Perspectiva crítica y compleja de terapia ocupacional: actividad, cotidiano, diversidad, justicia social y compromiso éticopolítico. *Revista TOG (A Coruña)*, Galicia, v. 9, n. 5, p. 1-14, 2012. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/278038420>. Acesso em: 05 jan. 2023.

GALHEIGO, S. M. Sobre identidades, latinoamericanidades e construção de saberes em Terapia Ocupacional: diálogos com Boaventura de Sousa Santos. *Cadernos de Terapia Ocupacional da UFSCar*, São Carlos, v. 22, n. 1, p. 215-221, 2014. Disponível em: <https://www.cadernosdeterapiaocupacional.ufscar.br/index.php/cadernos/article/view/979/506>. Acesso em: 05 jan. 2023.

GALHEIGO, S. M. Terapia ocupacional social: uma síntese histórica acerca da constituição de um campo de saber e de prática. In: LOPES, R. E.; MALFITANO, A. P. S. (org.). *Terapia ocupacional social: desenhos teóricos e contornos práticos*. São Carlos: EdUFSCar, 2016. p. 49-68.

GALHEIGO, S. M. Terapia Ocupacional, cotidiano e a tessitura da vida: aportes teórico-conceituais para a construção de perspectivas críticas e emancipatória. *Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional*, São Carlos, v. 28, n. 1, p. 5-25, 2020. Disponível em: <https://www.cadernosdeterapiaocupacional.ufscar.br/index.php/cadernos/article/view/2590/1278>. Acesso em: 05 jan. 2023.

GALHEIGO, S. M.; ALGADO, S. S. Maestras de la terapia ocupacional. Sandra Galheigo: la poderosa emergência de la terapia ocupacional social. *Revista TOG (A Coruña)*, Galicia, v. 9, n. 15, p. 1-41, 2012. Disponível em: <https://www.revistatog.com/num15/pdfs/maestros.pdf>. Acesso em: 05 jan. 2023.

GODOY, A. *A menor das ecologias*. São Paulo: Edusp, 2008.

GONÇALVES, A. C. et al. *A Violência LGBTQIA+ no Brasil*. São Paulo: FGV/Direito, 2020.

GONZALEZ, L. A mulher negra na sociedade brasileira: uma abordagem político-econômica. In: LIMA, M. (org.). *Por um feminismo afro-latino-americano: ensaios, intervenções e diálogos*. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

GORTÁZAR, N. G. Bolsonaro é denunciado por genocídio em Haia, em processo guiado por advogado indígena. *Jornal El País*, Brasil, 09 ago. 2021. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2021-08-09/bolsonaro-e-denunciado-por-genocidio-em-haia-em-processo-guiado-por-advogado-indigena.html>. Acesso em: 05 jan. 2023.

GRAMSCI, A. *Cadernos do cárcere*. Caderno 13. Notas sobre Maquiavel, o Estado e a política. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002. 3v.

GUATTARI, F. *As três ecologias*. 21. ed. Campinas: Papirus, 2012.

GUATTARI, F. *Revolução Molecular: pulsações políticas do desejo*. 3. ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1985.

GUATTARI, F. *Confrontações*. Conversas com Kuniichi Uno e Laymert Garcia dos Santos. São Paulo: n-1 edições, 2016.

GUATTARI, F.; ROLNIK, S. *Micropolítica: cartografias do desejo*. Petrópolis: Vozes, 2013.

HAMMELL, K. W. Resisting theoretical imperialism in the disciplines of occupational science and occupational therapy. *British Journal of Occupational Therapy*, Londres, v. 74, n. 1, p. 27-33, 2011. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/epdf/10.4276/030802211X12947686093602>. Acesso em: 05 jan. 2023.

HARDT, M.; NEGRI, A. *Multitud: guerra y democracia en la era del imperio*. Barcelona: Debate, 2004.

HAYEK, F. Extracts from an Interview with Friedrich von Hayek (El Mercurio, Chile, 12 de abril de 1981). In: Ravier, A. *Punto de vista econômico*, 2016. Disponível em: <https://puntodevistaeconomico.com/2016/12/21/extracts-from-an-interview-with-friedrich-von-hayek-el-mercurio-chile-1981/>. Acesso em: 05 jan. 2023.

HUR, D. U. Poder e potência em Deleuze: forças e resistência. *Mnemosine*, Rio de Janeiro, v. 12, n. 1, p. 210-232, 2016. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/mnemosine/article/viewFile/41669/28938>. Acesso em: 05 jan. 2023.

HUR, D. *Psicologia, política e esquizoanálise*. 2. ed. Campinas: Alínea, 2019.

HUR, D. Cartografia das intensidades: pesquisa e método em esquizoanálise. *Práxis Educacional*, Vitória da Conquista, v. 17, n. 46, p. 275-292, 2021. Disponível em: <https://periodicos2.uesb.br/index.php/praxis/article/view/8392>. Acesso em: 05 jan. 2023.

INFORSATO, E. A. et al. Deslizaamentos entre a arte e a clínica na formação em Terapia Ocupacional. *Interface - Comunicação, Saúde, Educação*, Botucatu, v. 25, p. 1-14, 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/icse/a/S3wRHq6jBK6N9Dk8KjYRznp/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 05 jan. 2023.

INGOLD, T. Trazendo as coisas de volta à vida: emaranhados criativos num mundo de materiais. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, v. 18, n. 37, p. 25-44, 2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ha/i/2012.v18n37/>. Acesso em: 06 jan. 2023.

INGOLD, T. *Estar vivo: ensaios sobre movimento, conhecimento e descrição*. Petrópolis: Vozes, 2015.

INGOLD, T. Chega de etnografia! A educação da atenção como propósito da antropologia. *Educação*, Porto Alegre, v. 39, n. 3, p. 404-411, 2016. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/faceted/article/view/21690>. Acesso em: 06 jan. 2023.

JOB, N. Como a obra de Tim Ingold desdobra a ontologia de Deleuze e Guattari. *Cosmos & Contexto*, Rio de Janeiro, v. 45, n. 1, n.p., 2021. Disponível em: <https://cosmosecontexto.org.br/como-a-obra-de-tim-ingold-desdobra-a-ontologia-de-deleuze-guattari/>. Acesso em: 06 jan. 2023.

KASTRUP, V. O funcionamento da atenção no trabalho do cartógrafo. In: PASSOS, E.; KASTRUP, V.; ESCÓSSIA, L. (org.). *Pistas do método da cartografia: pesquisa intervenção e produção de subjetividade*. Porto Alegre: Sulina, 2020. 1v. p. 32-51.

KASTRUP, V.; PASSOS, E. Cartografar é traçar um plano comum. In: PASSOS, E.; KASTRUP, V.; TEDESCO, S. (org.). *Pistas do método da cartografia: a experiência da pesquisa e o plano comum*. Porto Alegre: Sulina, 2016. 2v. p. 15-41.

KINCHELOE, J. L.; BERRY, K. S. *Rigour and complexity in educational research: conceptualizing the bricolage*. Maidenhead: Open university press, 2004.

KOPENAWA, D.; ALBERT, B. *A queda do céu: palavras de um xamã yanomami*. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

KRAEMER, C. Michel Foucault: o governo de si e dos outros. *História Revista*, Goiânia, v. 15, n. 1, 2010, p. 199-2011. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/historia/article/view/10830>. Acesso em: 05 jan. 2023.

KRENAK, A. A Potência do Sujeito Coletivo. Parte II. [Entrevista cedida a] Jailson de Sousa e Silva. Apresentação: Júlia Sá Earp. *Revista Periferias - Entrevista*, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, 2018. Disponível em: <https://imja.org.br/revista/materia/ailton-krenak-a-potencia-do-sujeito-coletivo-parte-ii/>. Acesso em: Acesso em: 06 jan. 2023.

KRENAK, A. *Ideias para adiar o fim do mundo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

KRENAK, A. *A vida não é útil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

KRONENBERG, F.; ALGADO, S. S.; POLLARD, N. (org.). *Terapia ocupacional sin fronteras: aprendiendo del espíritu de supervivientes*. Buenos Aires; Madrid: Médica Panamericana, 2006.

LARROSA, J. *Tremores: escritos sobre a experiência*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015.

LEAL, L. G. P. *Terapia ocupacional: guardados de gaveta e outros guardados*. Recife: Ed. do Autor, 2005.

LEÓN, M. *Del discurso a la medición: propuesta metodológica para medir el Buen Vivir en Ecuador*. Quito: Instituto Nacional de Estadística y Censos (INEC), 2015. Disponível em: <https://www.ecuadorencifras.gob.ec/wp-content/uploads/downloads/2016/10/Buen-Vivir-en-el-Ecuador.pdf>. Acesso em: 06 jan. 2023.

LIBERMAN, F. *Delicadas coreografias: instantâneos de uma terapia ocupacional*. 2007. Tese (Doutorado em Psicologia Clínica/Estudos da Subjetividade) - Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia: Psicologia Clínica, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2007. Disponível em: <https://tede2.pucsp.br/handle/handle/15625>. Acesso em: 06 jan. 2023.

LIBERMAN, F.; GUZZO, M. S. L.; LIMA, E. M. F. A. Pequenos deslocamentos: corpo, arte, saúde e educação. *Revista Educação, Artes e Inclusão*, Florianópolis, v. 16, n. 4, p. 196-215, 2020. Disponível em: <https://www.revistas.udesc.br/index.php/arteinclusao/article/view/17844>. Acesso em: 06 jan. 2023.

LIBERMAN, F.; LIMA, E. M. F. A. Um corpo de cartógrafo. *Interface - Comunicação, Saúde, Educação*, Botucatu, v. 19, n. 52, p. 183-194, 2015. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/icse/a/MWxPQ5YZH9FgTTdV5GNZ3Fr/?lang=pt>. Acesso em: 06 jan. 2023.

LIMA, E. M. F. A. Desejando a diferença: considerações acerca das relações entre os terapeutas ocupacionais e as populações tradicionalmente atendidas por estes profissionais. *Revista de Terapia Ocupacional da Universidade de São Paulo*, São Paulo, v. 14, n. 2, p. 64-71, 2003. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/rto/article/view/13918>. Acesso em: 06 jan. 2023.

LIMA, E. M. F. A. et al. Ação e criação na interface das artes e da saúde. *Revista de Terapia Ocupacional da Universidade de São Paulo*, São Paulo, v. 20, n. 3, p. 143-148, 2009. Disponível em:

<https://www.revistas.usp.br/rto/article/view/14069>. Acesso em: 06 jan. 2023.

LIMA, E. M. F. A. *et al.* Pacto: 10 anos de ações na interface arte e saúde e suas ressonâncias no campo profissional. *Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional*, São Carlos, v. 19, n. 3, p. 369-380, 2011. Disponível em: <https://www.cadernosdeterapiaocupacional.ufscar.br/index.php/cadernos/article/view/507>. Acesso em: 06 jan. 2023.

LIMA, E. M. F. A. *Vida ativa, mundo comum, políticas e resistências: pensar a terapia ocupacional com Hannah Arendt*. 2017. Tese (Livres Docência) - Departamento de Fisioterapia, Fonoaudiologia e Terapia Ocupacional, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/livredocencia/5/tde-05022018084711/publico//ElizabethMariaFreiredeAraujoLima.pdf>. Acesso em: 05 jan. 2023.

LIMA, E. M. F. A. Uma perspectiva ético-estético-política para as atividades em terapia ocupacional. *In: SILVA, C. R. (org.). Atividades humanas e terapia ocupacional: saber-fazer, cultura, política e outras resistências*. São Paulo: Hucitec, 2019. p. 97-127.

LIMA, E. M. F. A. Atividades, mundo comum e formas de vida: contribuições do pensamento de Hannah Arendt para a terapia ocupacional. *Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional*, São Carlos, v. 28, n. 3, p. 1037-1050, 2020. Disponível em: <https://www.cadernosdeterapiaocupacional.ufscar.br/index.php/cadernos/article/view/2622/1377>. Acesso em: 05 jan. 2023.

LIMA, J. C.; BRIDI, M. A. C. Trabalho digital e emprego: a reforma trabalhista e o aprofundamento da precariedade. *Caderno CRH*, Salvador, v. 32, n. 86, p. 325-341. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/crh/article/view/30561>. Acesso em: 06 jan. 2023.

LOPES, R. E. Cidadania, direitos e terapia ocupacional social. *In: LOPES, R. E.; MALFITANO, A. P. S. (org.). Terapia ocupacional social: desenhos teóricos e contornos práticos*. São Carlos: EdUFSCar, 2016. p. 29-48.

LOPES, R. E. *et al.* Terapia Ocupacional no campo social no Brasil e na América Latina: panorama, tensões e reflexões a partir de práticas profissionais. *Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional*, São Carlos, v. 20, n. 1, 26 abr. 2012. Disponível em: <https://www.cadernosdeterapiaocupacional.ufscar.br/index.php/cadernos/article/view/545>. Acesso em: 05 jan. 2023.

LOPES, R. E.; MALFITANO, A. P. S. (org.). *Terapia ocupacional social: desenhos teóricos e contornos práticos*. São Carlos: EdUFSCar, 2016.

LUGONES, M. Colonialidad y género: hacia un feminismo descolonial. In: MIGNOLO, W. et al. (org.). *Género y descolonialidad*. Pensamiento crítico y opción descolonial. Buenos Aires: Del Signo, 2008. p. 13-54.

LUSSI, I. A. O. et al. Saúde mental em pauta: afirmação do cuidado em liberdade e resistência aos retrocessos. *Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional*, São Carlos, v. 27, n. 1, p. 1-3, 2019. Disponível em: <https://www.cadernosdeterapiaocupacional.ufscar.br/index.php/cadernos/article/view/2502>. Acesso em: 05 jan. 2023.

LUSSI, I. A. O. Emancipação social e terapia ocupacional: aproximações a partir das Epistemologias do Sul e da Ecologia de Saberes. Editorial. *Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional*, São Carlos, v. 28, n. 4, p. 1335-1345, 2020. Disponível em: <https://www.cadernosdeterapiaocupacional.ufscar.br/index.php/cadernos/article/view/2647>. Acesso em: 05 jan. 2023.

MACHADO, R. Introdução. Por uma genealogia do poder. In: FOUCAULT, M. *Microfísica do Poder*. 13. ed. Rio de Janeiro: Edição Graal, 1998. p. 8-23.

MAFFESOLI, M. *Elogio da razão sensível*. Petrópolis: Vozes, 1998.

MALFITANO, A. P. S. Campos e núcleos de intervenção na terapia ocupacional social. *Revista de Terapia Ocupacional da Universidade de São Paulo*, São Paulo, v. 16, n. 1, p. 1-8, 2005.

Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/rto/article/view/13952>. Acesso em: 05 jan. 2023.

MANSANO, S. Sujeito, subjetividade e modos de subjetivação na contemporaneidade. *Revista de Psicologia da Unesp, Assis*, v. 8, n. 2, p. 110-117, 2009. Disponível em: <https://seer.assis.unesp.br/index.php/psicologia/article/view/946>. Acesso em: 05 jan. 2023.

MBEMBE, A. Necropolítica: biopoder soberania estado de exceção política da morte. *Arte & Ensaios*, Revista do PPGA/EBA/UFRJ, Rio de Janeiro, n. 32, p. 122-151, 2016. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/ae/article/view/8993/7169>. Acesso em: 05 jan. 2023.

MBEMBE, A. *Poder brutal, resistência visceral*. São Paulo: n-1 edições, 2019.

MIGNOLO, W. *Desobediencia Epistémica: retórica de la modernidad, lógica de la colonialidad, gramática de la descolonialidad*. Buenos Aires: Ediciones del Signo, 2010.

MORÁN, J. P. *Cuerpo(s) en luchas: itinerarios disidentes de la discapacidad en Chile*. 2020. Tese (Doutorado em Sociologia) – Universitat Autònoma de Barcelona, Barcelona, 2020. Disponível em: <https://www.tesisenred.net/bitstream/handle/10803/670160/jampm1del.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 05 jan. 2023.

MORÁN, J. P.; ULLOA, F. Perspectiva crítica desde latinoamérica: hacia una desobediencia epistémica en terapia ocupacional contemporánea. *Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional*, São Carlos, v. 24, n. 2, p. 421-427, 2016. Disponível em: <https://www.cadernosdeterapiaocupacional.ufscar.br/index.php/cadernos/article/view/1385>. Acesso em: 05 jan. 2023.

NAVARRO, M. L.; GUTIÉRREZ, R. Claves para pensar la interdependencia desde la ecología y los feminismos. *Bajo el Volcán*, Puebla, v. 18, n. 28, p. 45-57, 2018. Disponível em: <http://www.apps.buap.mx/ojs3/index.php/bevol/article/view/1113>. Acesso em: 05 jan. 2023.

NIETZSCHE, F. W. *Além do bem e do mal ou prelúdio de uma filosofia do futuro*. Curitiba: Hemus, 2001.

NÚÑEZ, C. M. V. Terapias Ocupacionales del Sur: una propuesta para su comprensión. *Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional*, São Carlos, v. 27, n. 3, p. 671-680, 2019a. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cadbto/a/yVqRgnfDxvSZwrTtVbBRRMs/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 05 jan. 2023.

NÚÑEZ, C. M. V. et al. Ocupación colectiva como medio de superación del Apartheid Ocupacional: el caso de la lucha por el derecho a la salud de la Agrupación Mama Cultiva. *Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional*, São Carlos, v. 27, n. 1, p. 4-16, 2019b. Disponível em: <https://www.cadernosdeterapiaocupacional.ufscar.br/index.php/cadernos/article/view/2295>. Acesso em: 05 jan. 2023.

OLIVEIRA, R. G. et al. Desigualdades raciais e a morte como horizonte: considerações sobre a COVID-19 e o racismo estrutural. *Cad. Saúde Pública*, Rio de Janeiro, v. 36, n. 9, p. 1-14, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csp/a/QvQqmGfwsLTFzVqBfRbkNRs/?lang=pt>. Acesso em: 05 jan. 2023.

OYĚWÙMÍ, O. *La invención de las mujeres: una perspectiva africana sobre los discursos occidentales del género*. Bogotá: Editorial en la frontera, 2017.

PAREDES, J. *Hilando fino desde el feminismo comunitario*. México: Melanie Cervantes, 2013.

PASSOS, E. Psicologia, pesquisa cartográfica e transversalidade. *Revista Polis e Psique*, Porto Alegre, v. 9, p. 128-139, 2019. Número especial. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/PolisePsique/article/view/98377>. Acesso em: 05 jan. 2023.

PASSOS, E.; BARROS, R. B. A cartografia como método de pesquisa-intervenção. In: PASSOS, E.; KASTRUP, V.; ESCÓSSIA, L. (org.). *Pistas do método da cartografia: pesquisa intervenção e produção de subjetividade*. Porto Alegre: Sulina, 2020a. 1v. p. 17-31.

PASSOS, E.; BARROS, R. B. Por uma política da narratividade. In: PASSOS, E.; KASTRUP, V.; ESCÓSSIA, L. (org.). *Pistas do método da cartografia: pesquisa intervenção e produção de subjetividade*. Porto Alegre: Sulina, 2020b. 1v. p. 150-171.

PASSOS, E.; EIRADO, A. Cartografia como dissolução do ponto de vista do observador. In: PASSOS, E.; KASTRUP, V.; ESCÓSSIA, L. (org.). *Pista do método da cartografia: pesquisa intervenção e produção de subjetividade*. Porto Alegre: Sulina, 2020. 1v. p. 109-130.

PASSOS, E.; KASTRUP, V.; ESCÓSSIA, L. (org.). *Pistas do método da cartografia: pesquisa intervenção e produção de subjetividade*. Porto Alegre: Sulina, 2020. 1v.

PASSOS, E.; KASTRUP, V.; TEDESCO, S. (org.). *Pistas do método da cartografia: a experiência da pesquisa e o plano comum*. Porto Alegre: Sulina, 2016a. 2v.

PASSOS, E.; KASTRUP, V.; TEDESCO, S. A experiência cartográfica e a abertura de novas pistas. In: PASSOS, E.; KASTRUP, V.; TEDESCO, S. (org.). *Pista do método da cartografia: a experiência da pesquisa e o plano comum*. Porto Alegre: Sulina, 2016b. 2v. p. 7-14.

PINHEIRO, D. et al. Dossiê Fabulações Miceliais. Editorial. *ClimaCom Cultura Científica - pesquisa, jornalismo e arte*, Campinas, v. 6, n. 14, 2019. n.p. Disponível em: <http://clima.com.mudancasclimaticas.net.br/apresentacao-editorial-dossie-fabulacoes-miceliais>. Acesso em: 06 jan. 2023.

POLLARD, N.; SAKELLARIOU, D. Prólogo. In: ALGADO, S. S. et al. (org.). *Terapias Ocupacionales desde el Sur: derechos humanos, ciudadanía y participación*. Santiago do Chile: Editorial USACH, 2016. p. 27-29.

POTIGUARA, E. *Metade cara, metade máscara*. 3. ed. Rio de Janeiro: Grumin, 2019.

QUARENTEI, M. Atividades: territórios para expressão e criação de afetos. *Boletim de psiquiatria - EPM*, São Paulo, v. 27, n. 1, p. 26-27, 1994.

QUARENTEI, M. Terapia ocupacional e Produção de Vida. In: VIII Congresso Brasileiro de Terapia Ocupacional. *Anais [...]*. Porto Alegre: Abrato, 2001.

QUARENTEI, M. Criações contemporâneas: novos olhares, produções teóricas e ousadias práticas. In: Seminário aberto - Estudos coletivos de Terapia Ocupacional e produção de vida. *Anais [...]*. Botucatu, 2006.

QUIJANO, A. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: LANDER, E. (org.). *A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas*. Buenos Aires: CLACSO, 2005. p. 118-142. Disponível em: http://biblioteca.clacso.edu.ar/clacso/sur-sur/20100624103322/12_Quijano.pdf. Acesso em: 05 jan. 2023.

QUINTANA, M. *Poeminha do contra*. Cadernos H. Rio de Janeiro: Objetiva, 2013.

REIS, V. "Comecem a produzir floresta como subjetividade, como uma poética de vida", diz Ailton Krenak à plateia portuguesa. *Amazônia Real - Cultura*, 2021. Disponível em: <https://amazoniareal.com.br/comecem-a-produzir-floresta-como-subjetividade-como-uma-poetica-de-vida-diz-ailton-krenak-a-plateia-portuguesa/>. Acesso em: 21 abr. 2022.

ROLNIK, S. *Cartografia sentimental: transformações contemporâneas do desejo*. 2. ed. Porto Alegre: Sulina/UFRGS, 2014.

ROLNIK, S. *Esferas da insurreição: notas para uma vida não cafetinada*. 2. ed. São Paulo: n-1 edições, 2019.

SABATO, E. *La resistencia*. Buenos Aires: Seix Barral, 2011.

SANTOS, B. S. Os processos da globalização. In: SANTOS, B. S. (org.). *A Globalização e as Ciências Sociais*. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2002. p. 25-94.

SANTOS, B. S (org.). *Semear outras soluções: os caminhos da biodiversidade e dos conhecimentos rivais*. Porto: Edições Afrontamento, 2004.

SANTOS, B. S. *Renovar a teoria crítica e reinventar a emancipação social*. São Paulo: Boitempo, 2007a.

SANTOS, B. S. *Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes*. Novos estudos CEBRAP, São Paulo, n. 79, p. 71-94, 2007b. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/nec/a/ytPjkXXYbTRxnJ7THFDBrgc/?lang=pt> Acesso em: 21 abr. 2022.

SANTOS, B. S. *Um discurso sobre as ciências*. São Paulo: Cortez, 2009.

SANTOS, B. S. *A universidade no século XXI: para um reforma democrática e emancipatória da universidade*. 3. Ed. São Paulo: Cortez, 2011a.

SANTOS, B. S. *A crítica da razão indolente: contra o desperdício da experiência*. 8. ed. São Paulo: Cortez, 2011b. 1v.

SANTOS, B. S. Epistemologías del Sur. *Utopía y Praxis Latinoamericana*, Maracaibo, v. 16, n. 54, p. 17-39, 2011c. Disponível em: <https://produccioncientificaluz.org/index.php/utopia/article/view/3429>. Acesso em: 06 jan. 2023.

SANTOS, B. S. *Pela mão de Alice: o social e o político na pós-modernidade*. 14. ed. São Paulo: Cortez Editora, 2013.

SANTOS, B. S. *Do desenvolvimento alternativo às alternativas ao desenvolvimento* (Master Class #4). Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra. Publicado pelo canal Alice CES [youtube]. Coimbra, 2014. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=AJsYGIkc5D>. Acesso em: 06 jan. 2023.

SANTOS, B. S. *Contra a dominação*. *Jornal de Letras: Ideias*, Lisboa, 2017. Disponível em: <https://www.boaventuradesousasantos.pt/pages/pt/opiniaio/2017.php>. Acesso em: 06 jan. 2023.

SANTOS, B. S. *Boaventura reexamina as formas de luta*. *Outras palavras: jornalismo de profundidade e pós capitalismo*, São Paulo, 2018. Disponível em: <https://outraspalavras.net/outrapolitica/boaventura-reexamina-as-formas-de-luta/>. Acesso em: 06 jan. 2023.

SANTOS, B. S. *O fim do império cognitivo: a afirmação das epistemologias do sul*. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.

SANTOS, B.S. *A Cruel Pedagogia do Vírus*. Coimbra: Almedina, 2020.

SANTOS, B.S.; MENESES, A. P. (org.). *Epistemologias do Sul*. Coimbra: Almedina; CES, 2009.

SANTOS, J. *Em que medida sobreviver é resistir?* Porto Alegre: CirKula, 2019.

SANTOS, J.; SILVA, R. Medeia, práticas discursivas e anormalidade. *Revista Porto das Letras*, Palmas, v. 7, n. 2, p. 236-250, 2021.

SCHÓPKE, R. *Por uma filosofia da diferença: Gilles Deleuze, o pensador nômade*. Rio de Janeiro: Edusp/Contraponto; São Paulo: Edusp, 2004.

SEGATO, R. L. Aula Pública sobre Gênero e Colonialidade. In: HOLANDA, M.; GONTIJO, D. (org.). *Disciplina direitos humanos, cultura e sociedade*. Programa de Pós-graduação em Bioética, Universidade de Brasília. Publicado pelo canal UnBTv [youtube]. Brasília, 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=VgcSZmwn8I4>. Acesso em: 06 jan. 2023.

SILVA, C. R. et al. Estratégias criativas e a população em situação de rua: terapia ocupacional, arte, cultura e deslocamentos sensíveis. *Cadernos Brasileiros De Terapia Ocupacional*, São Carlos, v. 26, n. 2, p. 489-500, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.4322/2526-8910.ctoRE1128>. Acesso em: 06 jan. 2023.

SILVA, C. R. (org.). *Atividades humanas e terapia ocupacional: saber-fazer, cultura, política e outras resistências*. São Paulo: Hucitec, 2019.

SILVA, C. R. et al. Terapias Ocupacionais do Sul: demandas atuais a partir de uma perspectiva sócio-histórica. *Revista Interinstitucional Brasileira de Terapia Ocupacional - REVISBRATO*, Rio de Janeiro, v. 3, n. 2, p. 172-178, 2019a. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/ribto/article/view/24867>. Acesso em: 06 jan. 2023.

SILVA, C. R. et al. Proposições da terapia ocupacional na cultura: processos sensíveis e demandas sociais. In: SILVA, C. R. *Atividades humanas e terapia ocupacional: saber-fazer,*

cultura, política e outras resistências. São Paulo: Hucitec, 2019b, p. 203-224.

SILVA, V. P. Resistência e diversidade: narrativas culturais de uma comunidade quilombola. *Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional*, São Carlos, v. 24, n. 1, p. 69-76, 2016.

Disponível em:

<https://www.cadernosdeterapiaocupacional.ufscar.br/index.php/cadernos/article/view/1269>. Acesso em: 06 jan. 2023.

SILVEIRA, L. F. O pato mais ameaçado das Américas. *Cães & Cia*, Campinas, n. 381, p. 52-53, 2011. Disponível em:

[file:///C:/Users/User/Downloads/merg%20\(2\).pdf](file:///C:/Users/User/Downloads/merg%20(2).pdf). Acesso em: 06 jan. 2023.

SILVESTRINI, M. S.; SILVA, C. R.; ALMEIDA PRADO, A. C. S. A. Terapia ocupacional e cultura: dimensões ético-políticas e resistências. *Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional*, São Carlos, v. 27, p. 929-940, 2019. Disponível em:

<https://www.cadernosdeterapiaocupacional.ufscar.br/index.php/cadernos/article/view/2244>. Acesso em: 06 jan. 2023.

SOARES, L. B. *Terapia Ocupacional: lógica do capital ou do trabalho?* São Paulo: Editora Hucitec, 1991.

SOARES, M. L. A. *Vestígios: conversas entre o teórico e o artístico*. 2012. Tese (Doutorado em Psicologia) - Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia: Psicologia Clínica, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2012.

SOLANO, X. L. Poner el cuerpo para des(colonizar)patriarcalizar nuestro conocimiento, la academia, nuestra vida. In: SOLANO, X. L.; ICAZA, R. (org.). *En tiempos de muerte: cuerpos, rebeldías, resistencias*. Buenos Aires, Argentina; San Cristóbal de Las Casas, Chiapas; La Haya, Países Bajos: Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales; Cooperativa Editorial Retos; Institute of Social Studies, 2019. p. 339-362.

SOUZA, H. G. *Contra-hegemonia: um conceito de Gramsci?* 2013. Dissertação (Mestrado em Educação) - Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2013. Disponível em:

<https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/BUOS-9QBFMY>. Acesso em: 07 jan. 2023.

SOUZA, L. K. Pesquisa com análise qualitativa de dados: conhecendo a Análise Temática. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, Rio de Janeiro, v. 71, n. 2, p. 51-67, 2019. Disponível em:

http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-52672019000200005. Acesso em: 07 jan. 2023.

SPINOZA, B. *Ética*. 3. ed. Belo Horizonte: Autentica, 2013.

TAKEITI, B. A.; VICENTIN, M. C. G. Juventude(s) periférica(s) e subjetivações: narrativas de (re)existência juvenil em territórios culturais. *Fractal - Revista de Psicologia*, Niterói, v. 31, p. 256-262, 2019. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/fractal/article/view/29028>. Acesso em: 07 jan. 2023.

TEDESCHI, L. A.; TEDESCHI, S. L. A História das Mulheres (séc. XX - XXI): entre poder, resistência e subjetivação. *Tempo e Argumento*, Florianópolis, v. 11, n. 26, p. 508-529, 2019. Disponível em: <https://revistas.udesc.br/index.php/tempo/article/view/2175180311262019508>. Acesso em: 06 jan. 2023.

TOBOSO-MARTÍN, M. Capacitismo. In: PLATERO, L.; ROSÓN, M.; ORTEGA, E. (org.). *Barbarismos queer y otras esdrújulas*. Barcelona: Ediciones Bellaterra, 2017. p. 73-81.

TSING, A. L. *O cogumelo no fim do mundo: sobre a possibilidade de vida nas ruínas do capitalismo*. São Paulo: n-1 edições, 2022.

VALENT, I. U.; CASTRO, E. D. Por entre as linhas dos dispositivos: desafios das práticas contemporâneas na interface terapia ocupacional e cultura. *Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional*, São Carlos, v. 24, n. 4, p. 837-848, 2016. Disponível em: <https://www.cadernosdeterapiaocupacional.ufscar.br/index.php/cadernos/article/view/1292>. Acesso em: 06 jan. 2023.

VINCI, C. F. R. G. Crer, experimentar, fabular: ensaio sobre a experiência. *Educação e Filosofia*, Uberlândia, v. 35, n. 73, p. 341-372, 2021. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/EducacaoFilosofia/article/view/54303>. Acesso em: 06 jan. 2023.

ZACHARIAS, P; ZEPPINI, P. S. Sobre aprender e fabular em educação. *Linha mestra*, Campinas, v. 12, n.35, p.278-285, 2018. Disponível em: <https://www.lm.alb.org.br/index.php/lm/article/view/56>. Acesso em: 06 jan. 2023.

ZANGO-MARTÍN, I. Z. *Terapia ocupacional desde una perspectiva intercultural: análisis de las asunciones teóricas básicas*. 2015. Tese (Doutorado em Investigação Sócio-Sanitária) -

Centro de Estudios Socio-Sanitarios, Universidad de Castilla, La Mancha, 2015.

ZOURABICHVILI, F. *O vocabulário de Deleuze*. Campinas: IFCHU/UNICAMP [Digitalização e disponibilização da versão eletrônica], 2004. Disponível em: <https://www.redehumanizaus.net/sites/default/files/deleuze-vocabulario-francois-zourabichvilil.pdf>. Acesso em: 06 jan. 2023.

ZOURABICHVILI, F. *O que é um devir para Gilles Deleuze? Parte 1*. Transcrição da conferência pronunciada em Horlieu (Lyon), em 1997. Blog do Labemus, 2019. Disponível em: <http://blogdolabemus.com/2019/12/09/o-que-e-um-devir-para-gilles-deleuze-parte-1-por-francois-zourabichvili/>. Acesso em: 22 abr. 2022.

APÊNDICE A - EXPERIÊNCIAS COM O AHTO (DETALHAMENTOS) ⁶³**Grupo de Trabalho "Terapia Ocupacional, Cultura, Arte e Corpo"**

No V Seminário Nacional de Pesquisa em Terapia Ocupacional (SNPTO) "Resistir e avançar: T.O., democracia e diversidade na atualidade", organizado pela Rede Nacional de Ensino e Pesquisa em Terapia Ocupacional (RENETO) e realizado na Universidade Federal de São Paulo (Unifesp/campus Baixada Santista) entre 17 e 18 de outubro de 2018, foi proposto um Grupo de Trabalho (GT) denominado "outros", que contou com a participação de membros do AHTO, além de outros coletivos e pessoas envolvidas com pesquisa em Terapia Ocupacional.

A presença ativa de pesquisadoras nas temáticas relacionadas a cultura, corpo e arte e suas interfaces com a terapia ocupacional levou a um reconhecimento de aproximações entre as participantes, resultando na formalização desse grupo como *GT Terapia Ocupacional, Cultura, Arte e Corpo* junto à RENETO.

As apresentações de experiências e discussões realizadas, em torno de práticas de pesquisa especialmente, possibilitaram a identificação de pontos congruentes e linhas divergentes nos contextos diversos de produção dessas interfaces.

As pesquisadoras participantes do primeiro encontro tinham inserções em diferentes Universidades do Brasil (Unifesp, UFSCar, UFTM, Universidade Federal de Pelotas - UFPel, Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ), representando diversos laboratórios e coletivos, tais como: Terapia Ocupacional e Cultura (CNPq), AHTO (CNPq), PACTO (CNPq), METUIA (CNPq), GEPPPS, Coletivo ProCult (UFTM); Laboratório Corpo e Arte (Unifesp - Baixada Santista); Coletivo Terapia Ocupacional como Produção de Vida; entre outros. Muitas das pesquisadoras eram vinculadas a Programas de Pós-Graduação como docentes credenciadas, dentre eles: o Programa de Pós-Graduação de

⁶³ Detalhamento realizado com base nas informações do quadro 1, p. 66 e 67.

Terapia Ocupacional (PPGTO) da UFSCar, o Programa de Pós-Graduação Interunidades em Estética e História da Arte (PGEHA) da Universidade de São Paulo, o Programa de Mestrado Profissional em Ensino em Saúde da Universidade Federal de São Paulo, o Programa Interdisciplinar em Ciências da Saúde (PICS) da Unifesp - Baixada Santista.

Nas experiências de pesquisa partilhadas, identificou-se uma diversidade de contextos relacionados: equipamentos de saúde, educação, cultura e da assistência social prioritariamente, mas também outros, incluindo movimentos sociais, grupos independentes, espaços públicos; e a utilização de materiais e métodos múltiplos, em que se destacaram: cartografia, pesquisa-intervenção, etnografia, revisão bibliográfica, análise documental, análise de conteúdo, mapas corporais, diários de campo, fotografia, processos audiovisuais colaborativos, narrativas, oficinas de atividades, atividades terapêuticas-ocupacionais, entre outras.

Em relação às populações acompanhadas, identificaram-se ações realizadas com diversos grupos e cursos de vidas. Quanto aos temas mais específicos trabalhados, destacaram-se: questões sociais; saúde mental; infância; arte; dança; atividades humanas; eixo da cultura no ensino, pesquisa e extensão; arte e comunidade; políticas públicas; políticas culturais; mediação cultural; práticas corporais e artísticas; acessibilidade estética; cultura como direito para todos; acessibilidade; gestão, produção e fruição cultural; arte e filosofia; entre outros.

Nas partilhas de perfis, histórias e experiências durante o evento, o GT levantou a necessidade de responder a algumas das demandas e inquietações das pesquisadoras participantes e seus coletivos. Foram muitos os temas abordados nesse encontro, indicando a potência e necessidade em aprofundar pontos, discutir conceitos, procedimentos, perspectivas, delinear outras questões e discussões. Tal constatação foi comum a todas as

participantes apontando a pertinência em promover novos encontros em torno das temáticas e problematizações emergentes. E mobilizaram como tarefa do GT, o compromisso de seguir olhando para as emergências ali acolhidas e ampliar o alcance da conversa por meio da realização de encontros e mapeamentos no campo da terapia ocupacional brasileira. Com intuito de que outras práticas e perspectivas envolvendo as relações entre terapia ocupacional, cultura, arte e corpo pudessem ser partilhadas.

Para isso, o GT propôs duas frentes de trabalho para o ano de 2019: um mapeamento de terapeutas ocupacionais que desenvolvem ações nas interfaces, destacando produções diversas, com o objetivo de compreender o desenho do campo atualmente e suas problemáticas; e a organização de um evento que pudesse apresentar resultados preliminares desse mapeamento, momento fundamental para planejar as próximas estratégias do grupo e criação um espaço de encontro e troca entre pesquisadores, profissionais e estudantes que constelam nessa temática.

Movimentos foram realizados ao longo de 2019 em torno do mapeamento, resultando em um levantamento preliminar. A amplitude e complexidade da proposta levou o grupo a compreender a questão como uma demanda para um projeto de pesquisa, o que foi encaminhado como discussão para o evento, que foi se configurando como uma oportunidade de reunir pessoas interessadas nas interfaces em destaque, a partir das mais diversas atuações em terapia ocupacional. O evento foi pensado como oportunidade para (re)conhecimento de práticas de pesquisa, ensino, extensão e assistência e reflexões conjuntas sobre o campo, com possibilidades de conexões, parcerias e, quem sabe, de formação de uma rede. Para convidar as terapeutas ocupacionais brasileiras, foi elaborado um plano de comunicação com divulgação e convite para o evento considerando diversidade de áreas, contextos de atuação, populações acompanhadas e regiões do país.

O evento "I Encontro de Terapia Ocupacional, Cultura, Arte e Corpo: saberes em movimento", organizado pelo GT e coordenado pelo laboratório AHTO com apoio da Proex UFSCar, foi realizado entre os dias cinco e seis de dezembro de 2019 no campus São Carlos.

"Através da realização de rodas de conversas temáticas e apresentações de trabalhos com utilização de diferentes linguagens, o evento teve como objetivo promover o encontro entre pesquisadores, profissionais, docentes e estudantes interessados na interface das temáticas abordadas; promover a troca de pesquisas, produções e metodologias na interface e ampliar a discussão na área". (Fonte: Relatório de Extensão, Proex UFSCar, 2020)

A programação e atividades realizadas foram: "PANORAMA (abertura): o si e os saberes em movimento" (roda de conversa, coordenação Carla Silva, Beatriz Takeiti e Isadora Cardinalli); "Falhas, fracassos, desafios e forças na temática Corpo, Arte e Terapia Ocupacional (vivências e experimentações, coordenação Flávia Liberman, Andrea Amparo e Renata Mecca); "CACTO (Corporeidade, Arte, Cultura e Terapia Ocupacional) e o corpo com deficiência" (vivências e experimentações, coordenação Alessandra Rossi Paolillo e Marco Antônio Gavério); "Experiências, alianças teóricas e outras inspirações na linha corpo, arte e cultura" (vivências e experimentações, coordenação Mariana Louver); "Terapia Ocupacional: entrelinhas do conhecimento entre a arte, a cultura e o corpo" (sarau, coordenação Antonio Lavacca, Beatriz Takeiti, Carla Silva); "Desafios e resistências na pesquisa em Terapia Ocupacional, Cultura, Arte e Corpo: tecendo encontros e outras composições" (vivências e experimentações, coordenação Paula Tatiana Cardoso e Grasielle Tavares); Apresentação de Trabalhos (pôster); Lançamento do Livro do AHTO "Atividades humanas e Terapia Ocupacional: saber-fazer, cultura, política e outras resistências"; "PANORAMA (encerramento): Os nós e a construção

coletiva" (roda de conversa e círculo dos sonhos, coordenação Carla Silva, Beatriz Takeiti, Isadora Cardinalli).

"Para a finalização do evento foi realizado um Círculo de Sonhos, do qual surgiram ideias para a construção de novas propostas coletivas e celebração das produções deste evento". (Fonte: Relatório de Extensão, Proex UFSCar, 2020).

A reprodução das hegemonias (do poder) e produção de resistências no exercício da terapia ocupacional com populações plurais nas interfaces com a cultura, a arte e o corpo, foram questões frequentes abordadas durante todo o processo acompanhado. E se destacou como linha transversal das experiências e relatos, o que nos mobilizou a incluir na pesquisa as narrativas sobre essa vivência localizada na produção do campo profissional investigado.

Nesse sentido, o Relatório Final do evento, enquanto atividade (de extensão), conta detalhes das experiências de cada atividade proposta e foi materialidade analisada no estudo. Anotações e reflexões mais específicas sobre a oficina "Desafios e resistências na pesquisa em Terapia Ocupacional, Cultura, Arte e Corpo: tecendo encontros e outras composições" também foram incluídas nas análises, assim como minhas anotações sobre processos vivenciados no mapeamento inicial do GT, na organização e participação no evento.

Estudos e criações em Terapia Ocupacional como Produção de Vida

O Coletivo de Terapia Ocupacional como Produção de Vida (TOPV) iniciou formalmente suas atividades de formação em terapia ocupacional no ano de 2003, a partir do

"[...] desejo de compartilhar conhecimentos e aprofundar uma concepção em T.O. que ultrapassasse as visões reducionistas centradas exclusivamente em déficits, patologias ou nos ditos objetos específicos como, por exemplo: comportamento ocupacional. Articulado com o interesse e a curiosidade de profissionais recém-formados, identificados com a

proposta da terapia ocupacional como produção de vida". (Fonte: Projeto de Extensão "Cristaleira", Proex UFSCar, 2020).

Desenvolvida por Mariângela Quarentei, a concepção da TOPV se volta para a produção dos modos de existir no mundo, e a própria produção de mundos, na compreensão da vida como um *continuum* de atividades e das atividades humanas como matéria de vida na criação de territórios existenciais (QUARENTEI, 2001). Nesse contexto, pensa o trabalho do terapeuta ocupacional envolvido com a criação e recriação da vida destacando os afetos e a produção de sentidos (QUARENTEI, 2001, p. 2; ALBUQUERQUE; CARDINALLI; BIANCHI, 2021).

A partir dessa concepção e recriando-se constantemente, o Coletivo coordena estratégias que visam promover formação e construção de conhecimento, na ativação, partilha e afirmação de modos diversos de pensar-fazer terapia ocupacional.

"Com o histórico do Coletivo, temos constatado a implicação dos profissionais que o frequentam na construção e protagonismo de um pensar auto-posicionado e autônomo, o que dispara potência de produção de conhecimento de T.O., novas práticas e, conseqüentemente, contribui para o desenvolvimento da profissão". (Fonte: Projeto de Extensão "Cristaleira", Proex UFSCar, 2020).

Desde 2018 o Coletivo representado por Mariângela Quarentei, em parceria com o AHTO, vem desenvolvendo atividades que envolvem experimentações, experiências e criações em torno da TOPV, sustentadas na apreciação de fazeres e afetos e na afirmação de sentidos partilhados no contexto de vivências com/na terapia ocupacional. Nesse cenário, emerge em 2020 o projeto Cristaleira.

"[...] de um grupo que constituiu, em tempos de pandemia, um espaço-tempo-acolhimento possível de existência e num processo produtivo sensível [...]"

A constituição desse território Cristaleira quer criar estratégias para que todo e qualquer potencial de expressão e pensamento se efetive, ganhe

visibilidade no mundo e possa acrescentar força/intensidade às vidas (QUARENTEI, 1999). Há apreciação dos acontecimentos, escuta das vozes e afetos, busca por "múltiplas maneiras de fabricar estórias e os seus momentos: estórias coletivas/colchas de retalhos, contar "causos" e rir de nossas estórias; diários, poesias, cartas, bilhetes; estórias a partir de desenhos; imagens que são enigma-narrativas só para os olhos; e quando só era possível falar, um outro atento registrava o fluxo das palavras" (Quarentei, 1999, p.198)". (Projeto de Extensão "Cristaleira", Proex UFSCar, 2020).

O projeto cadastrado na Pró-Reitoria de Extensão da UFSCar (2020-2022) é coordenado pela professora Alessandra Paollillo e conta com a participação de terapeutas ocupacionais, docentes, pesquisadoras, estudantes de graduação e pós-graduação, na parceria entre AHTO_UFSCar, o Coletivo de Estudos em TOPV, o Coletivo ProCult Diversidade e Cidadania (UFTM), o Grupo Cartografias Mentais - Saúde Mental (UFPel) e o Coletivo Unsquepensa Arte.

Suas propostas de ação envolvem: a) encontros virtuais semanais entre a equipe do projeto; b) encontros virtuais abertos para docentes, profissionais e estudantes de terapia ocupacional ou outras áreas que se interessem pelos temas; c) trabalho de levantamento, registro e acervo de materiais e memórias sobre o Coletivo de Estudos de TOPV e seleção, curadoria e formatação para divulgação de material escrito; d) trabalho de revisão e publicação de textos reflexivos já existentes, escritos por Mariângela Quarentei e composições com outras autorias; e) elaboração e criação do site, redes sociais, identidade visual e comunicação.

Um dos desdobramentos do projeto foi a atividade de ensino, pesquisa e extensão (ACIEPE) - *Ocupado, pode entrar!* também cadastrada na Pró-Reitoria de Extensão da UFSCar, sob coordenação da professora Carla Regina Silva. A atividade desenvolvida entre junho e dezembro de 2021 realizou encontros semanais entre a equipe dos projetos e estudantes de quatro universidades (UFSCar, UFTM, UFPel, UnB) em um plano de trabalho

que articulou uma proposta de formação sensível e implicada com o fazer-pensar TO a partir da concepção de TOPV.

As experiências aqui relatadas foram acompanhadas por mim, que participei dos encontros afetivos e formativos desde 2018, e integro os projetos Cristaleira e ACIEPE. As produções envolvendo essas vivências e que compõem as materialidades analisadas no estudo são: registros dos encontros (a partir de 2019); projetos submetidos à Proex UFSCar (Cristaleira e ACIEPE); artigo elaborado e publicado por parte do grupo; trabalhos publicados em eventos científicos; e anotações da pesquisadora.

“Ao pensar os desafios impostos pela pandemia, passos a criar possíveis fazeres que não cabem em um manual. Operamos na composição de ideias com fragmentos de escritas singulares em conexão, sem perder a oportunidade de dar espaço ao desconexo e a partir dele, propor a colagem de nossos próprios cotidianos atualizados em poesias, crônicas, narrativas, costuras e reflexões teóricas. Desta colagem resultou um conjunto de trocas de experiências, estratégias e fazeres terapêuticos ocupacionais para apoiar sujeitos individuais e coletivos em seus cotidianos atravessados por medos e alegrias, sofrimentos e resistências”. (Fonte: Experiências com TOPV - QUARENTEI *et al.*, 2020, p. 304⁶⁴).

Ciclo de debates sobre Boaventura de Sousa Santos

O ciclo de debates sobre Boaventura de Sousa Santos, que aconteceu no período entre maio e outubro de 2020, como proposta do AHTO coordenada por mim e pela professora Carla Silva, nasceu de um desejo envolvendo processos e demandas de aprofundamento teórico da presente pesquisa.

Inicialmente, foi proposto um plano de estudos considerando as questões levantadas pelos estudos iniciais que estávamos realizando. Os estudos seriam partilhados entre orientandos da

⁶⁴ Quarentei *et al.* (2020) - “Nós-em-pandemia - um antimanual do fazer em tempos de paradoxos na atividade”, produzido a partir de encontros envolvendo o AHTO e o Coletivo de Terapia Ocupacional como Produção de Vida (TOPV). Disponível em <https://revistas.ufrj.br/index.php/ribto/article/view/34476>. Acesso em: 05 jan. 2023.

professora Carla com interesses próximos. No entanto, a comunicação sobre a proposta até então restrita, identificou muitas pessoas interessadas em participar, o que nos levou à decisão de ampliá-la. Assim, o plano de estudos tornou-se um projeto de extensão vinculado ao AHTO, para estudo compartilhado, que contou com a participação de vinte e nove pessoas, predominantemente mulheres, dentre elas: estudantes de graduação, pós-graduação e docentes em terapia ocupacional de diferentes regiões e universidades; profissionais da terapia ocupacional, da educação e do campo das artes.

O "Ciclo de debates sobre Boaventura Santos Sousa para Terapias Ocupacionais do Sul" (Proex UFSCar 2020) teve como objetivo promover reflexões partilhadas a partir de temáticas e referências propostas em um plano de estudos.

"O grupo compreende que são reflexões urgentes e essenciais para debates sobre pensamentos críticos do 'Sul Global', de modo que o objetivo é refletir sobre as Terapias Ocupacionais do Sul necessariamente Decoloniais". (Fonte: Relatório de Extensão, Proex UFSCar, 2020, p. 2).

Nesse processo, o plano de estudos inicial foi mantido e novas temáticas foram incluídas de acordo com sugestões levantadas no primeiro encontro. Foram realizados nove encontros pela plataforma *google meet*, com média quinzenal de frequência e duração de no mínimo duas horas, em que os seguintes temas estudados foram debatidos: 1) Para descolonizar a produção de conhecimento; 2) Perspectivas epistemológicas em Boaventura de Sousa Santos: posicionamentos, conversas, aproximações e distanciamentos; 3) Emancipação Social e Democracia; 4) Epistemologias do Sul: ecologia dos saberes; 5) Resistências; 6) Estado, proteção social e direitos humanos; 7) A cruel pedagogia do vírus.

Ao fim do processo, avaliações sobre a experiência afirmaram o que já vinha sendo sentido, verbalizado e refletido ao longo

dos encontros - o grupo se tornou um espaço de acolhimento importante em tempos especialmente desafiadores para o país.

“Observou-se na fala dos participantes que além da temática central, também foram fatores de interesse e vinculação com a proposta: a) a viabilidade virtual de encontro com diferentes pessoas, em especial terapeutas ocupacionais, de diferentes regiões e contextos de atuação, o que se torna mais difícil no formato presencial; b) o desejo de compartilhar momentos - estar junto, em ambiente acolhedor, para se expressar e pensar conjuntamente questões contemporâneas e cotidianas, especialmente considerando as especificidades e desafios do período de Pandemia”. (Fonte: Relatório de Extensão, Proext 2020).

As materialidades produzidas no contexto do ciclo de debates (relatório de extensão, anotações da pesquisadora e trabalhos publicados em eventos científicos) foram incluídas nas análises desta pesquisa, tendo em vista a experiência em seu caráter processual compondo o plano comum de forças e formas aqui investigado. Diz de um movimento localizado na pesquisa que, uma vez comunicado, possibilitou a emergência de desejos e interesses consonantes que foram acolhidos no que podemos entender como a propensão conectiva e interventiva do estudo, já que “atos dos cartógrafos participam e intervêm nas mudanças” (BARROS; SILVA, 2016, p. 131).

Nesse sentido, o processo não diz somente sobre o acolhimento e a partilha de interesses teóricos, mas expressa também a criação de um espaço de encontro, afetivo, que compôs sentidos em um momento desafiador para a grande maioria das pessoas no planeta - estávamos em meados de 2020, há poucos meses do início da pandemia de Covid-19.

“Pra mim o que ficou mais marcado foi a promoção de um espaço de estudo e compartilhamento que acabou unindo pessoas de diferentes instituições, cidades e inserções na prática da TO. E cujos temas, disparados pelo grupo, não se detiveram a ele e provocaram discussões amplas que abordavam o contexto nacional atual e as questões da pandemia (participante, pós

doutoranda, vinculada à instituição localizada na região Sudeste)". (Fonte: Diário de campo da pesquisa).

"A pandemia nos uniu, possibilitou esse encontro com tanta diversidade (lugares, formação, visão, momento de carreira), porém imbuídas da mesma força do desejo de ampliar a visão, pensar fora da caixa, olhar pra si, para nossa realidade e para a profissão... a pandemia nos uniu, mas não foi dela que nos ocupamos... para mim produziu vida e potência para inclusive passar por ela..." (participante, docente, vinculada à instituição localizada na região Sul)". (Fonte: Diário de campo da pesquisa).

Nesse contexto, em que o plano de estudos foi se configurando como disparador, mas não definidor das discussões, a resistência foi um tema recorrente que trouxe questões conhecidas e levantou problemáticas ainda pouco habituais para pensarmos juntas. E mais que isso, para experimentarmos juntas.

"Consideramos que a intensificação dos espaços virtuais cotidianos apresenta desafios de várias ordens, inclusive relacionais e inclusivos. No entanto, nos permitiu encontros potentes a partir de diálogos e compartilhamento, priorizando formas híbridas, afetivas e cooperativas de produzir encontros de aprendizagem coletiva. Em consonância com os debates sobre os pensamentos críticos do 'Sul Global' e as Terapias Ocupacionais do Sul, favorecendo experiências e produções contra-hegemônicas na direção de uma ecologia dos saberes que fortaleça (r)existências e rupturas no contexto das linhas abissais". (Fonte: Anais do Endto, 2020, p. 179⁶⁵).

Encontros de celebração, reconhecimento e atualização do Grupo de Pesquisa

Um grupo de pesquisa composto por mais de cem pessoas, se conecta e se diferencia em multiplicidade - são diversos campos, áreas, populações e contextos de atuação representados

⁶⁵ REDE NACIONAL DE ENSINO E PESQUISA EM TERAPIA OCUPACIONAL. A pandemia de Covid-19 e o cenário para a formação em terapia ocupacional nos diferentes contextos virtuais. Anais [...]. XVII Encontro Nacional de Docentes de Terapia Ocupacional - ENDTO [livro eletrônico]. São Carlos: RENETO, 2020.

(no Brasil e em outros países). Alguns membros se encontram com mais frequência, subgrupos se formam, especialmente nos entrelaçamentos constituídos pelas relações de intermediação entre os coletivos parceiros, entre os grupos de orientação das pesquisas (orientadores e seus orientandos) e entre temas específicos de interesse e envolvimento e entre afetividades.

Nessa rede-malha, que no caso do AHTO nos remete mais uma vez às *micélias*, em alguns momentos somos convocadas/convocamos ao todo, a olharmos juntas para a floresta (acima e abaixo da terra), singular-coletivo, comum-heterogêneo, visível e invisível, material e imaterial. Isso aconteceu ao longo dos anos de existência do AHTO especialmente em eventos (no ENCANTO 1 em 2014 e no ENCANTO 2 em 2016), na produção de um livro (de 2014 a 2019); e na celebração do grupo e revisão de suas linhas (entre 2020 e 2021 - e ainda acontecendo).

Esses momentos, de encontros mais coletivos e conjuntivos no grupo de pesquisa, produzem (re)conhecimentos, partilha de experiências, de afetos e afetividades, de reflexões, de sonhos...de resistências. Encontros gerais do AHTO realizados nos anos de 2020 e 2021 são processos incluídos no presente estudo a partir de algumas materialidades produzidas (registros/memórias escritas dos encontros; anotações da pesquisadora).

Nesses encontros, os membros já cadastrados no diretório do CNPq e aquelas pessoas que manifestaram interesse em compor foram convidadas para celebrar os sete anos de existência do AHTO e a publicação do livro; para se olharem em comuns e heterogêneos; para pensarem os fluxos, desejos e urgências que pedem passagem na atualização de suas linhas de pesquisa; para inaugurarem as linhas novas que emergem. Dentre os encontros mencionados, foram incluídos nas análises da pesquisa: Encontro do AHTO 1 (junho de 2020), Encontro do AHTO 2 - Círculo dos Sonhos (julho de 2020), Encontro do AHTO 3 - (julho de 2020); Reunião das Constelações (reuniões em três pequenos grupos para

aprofundamento nas emergências do Encontro 1 e 2 e proposição de caminhos a seguir - linhas, conexões, criações, de agosto a outubro de 2020); Dança das Constelações (reunião geral de partilha das experiências nas constelações em novembro de 2020)

“Precisamos criar mundos possíveis para que possamos (r)existir e promover a resistência/existência de outros plurais, assim o AHTO assumindo sua responsabilidade como um grupo de pesquisa: precisa ser um lugar onde possamos sonhar; estar e colaborar, assumir para si; lugar de trocas - intercâmbios; ser espaço para a calma, para os silêncios, para as pausas; precisa empretecer e enviar-se, criar resistências, transformação social, descolonizar e ser descolonizado; precisa priorizar questões étnico raciais - LINHA AAFFRONTA” .(Fonte: Encontro 2 - Círculo dos Sonhos, registro/memória da reunião, acervo do AHTO).

Experiência da criação artística “Fissuras que curam: do silenciamento às urgências do gênero que sangra”

Entre o final de 2020 e início de 2021 vivemos a experiência de uma criação artística, disparada pelo trabalho final de uma disciplina ofertada no Programa de Pós-Graduação em Terapia Ocupacional e ministrada pela professora Carla Silva. A proposta que se expandiu para além da disciplina, teve uma primeira experimentação entre Fernanda Ribeiro, arte educadora e hoje mestranda no Programa, Carla e eu.

A criação *Fissuras que curam: do silenciamento às urgências do gênero que sangra* é um primeiro resultado da proposta de produção sensível de blocos de cimento, que recebem intervenções de diferentes técnicas, materiais, formas e elementos na expressão de vivências de mulheres e fragmentos de suas histórias. Pensada para culminar em uma instalação de arte, tem como intuito possibilitar a expressão de memórias, marcas e forças que compõem corpos femininos na relação com o patriarcado e demais eixos hegemônicos de poder e dominação articulados - capitalismo e colonialismo, e promover espaço de encontro e relação com essas expressões.

Considerando as produções e efeitos do poder patriarcal nos diversos espaços-tempos (SANTOS, 2007a), constituídos por processos macro e micropolíticos (DELEUZE; GUATTARI, 2011b) na relação incessante entre crenças, desejos e interesses, duas questões foram disparadoras da proposta - *como as opressões e violências se revelam nas expressões dos corpos, histórias, marcas e resistências de mulheres? O que é silenciado em nós?*

Tínhamos a intenção inicialmente de levar as perguntas para fora, encontrar mulheres interessadas, mas fomos nós, as proponentes, que nos vimos em urgências e emergências de respondê-las. Sendo assim, essa criação se localizou nas vivências de três mulheres brancas latino-americanas com distintas trajetórias na docência do ensino superior, que partilham deslocamentos e identificações na relação com seus cotidianos, faixa etária, condição social, região onde vivem e privilégios; e que se permitiram criar juntas em meio a experiência cotidiana da pandemia.

figura 16 - Blocos de cimento/Fissuras que curam



Fonte: acervo das autoras, registro de Fernanda de Cássia Ribeiro.

Esse foi um importante processo vivenciado no decorrer da pesquisa e no contexto do AHTO, com afetações e intensidades transformadoras materializadas e partilhadas, que disparou

reflexões conjuntas sobre a resistência, resultando na publicação de um artigo - *Poder, patriarcado e (r)existência: notas sobre uma experiência sensível e crítica entre mulheres na academia*⁶⁶.

Temos a intenção de dar continuidade ao projeto, expandindo para experimentação artística com mulheres diversas e realizando a instalação, uma vez que

Identificamos a importância das expressões de cada existência e suas singularidades, ao mesmo tempo ressaltamos a necessidade de que vozes e expressões plurais ressoem, se conectem, se componham, cooperem nas lutas e resistências diante dos efeitos dos poderes que se configuram na modernidade sustentados nos eixos do capitalismo neoliberal, do colonialismo e do patriarcado. (CARDOSO; SILVA; RIBEIRO, 2022, p.3).

São materialidades produzidas a partir desse processo e analisadas na pesquisa: relatório final apresentado na disciplina em questão; texto/artigo; trabalho publicado em evento científico; anotações da pesquisadora/diário de campo.

Essa experiência, incluída como processo que compõe a trajetória cartográfica no estudo, nos remete ao que Liberman e Lima (2015) destacam como um exercício de potencialização de um corpo cartografo - no nosso caso, corpo imerso no plano comum investigado, em coprodução desse plano. Nesse sentido, afirma-se o corpo como matéria viva do trabalho do cartógrafo, na ideia de que "para realizar uma pesquisa na perspectiva cartográfica, é preciso um corpo que mobilize algumas qualidades como: atenção, presença, disponibilidade e sensibilidade" (LIBERMAN; LIMA, 2015, p. 190). Essas qualidades, segundo as autoras, podem ser exercitadas num trabalho de produção permanente de si que, em exercício constante de sensibilidade e vitalização, possibilitam expandir e redimensionar repertórios pessoais, existenciais e profissionais, na ampliação da capacidade de afetação.

⁶⁶ Cardoso, Silva e Ribeiro (2022).

APÊNDICE B – FORMULÁRIO VIRTUAL

25/04/2022 18:51

Pesquisa "Seguindo as pistas da resistência com a Terapia Ocupacional: mapas, mergulhos e composições"

Pesquisa "Seguindo as pistas da resistência com a Terapia Ocupacional: mapas, mergulhos e composições"

Você está sendo convidada(o) a participar da primeira etapa da pesquisa "Seguindo as pistas da resistência com a Terapia Ocupacional: mapas, mergulhos e composições". A participação será por meio deste formulário virtual, cujo tempo estimado para as respostas é de aproximadamente 25 minutos. É critério de inclusão ser terapeuta ocupacional brasileira(o) que desenvolve ou desenvolveu práticas na profissão por pelo menos dois anos. Estão incluídas práticas de assistência, pesquisa, formação, gestão, entre outras.

Dado que processos de opressão, desigualdade e exclusão são produzidos em um sistema moderno de poderes hegemônicos. Dado que a Terapia Ocupacional, em diferentes campos, áreas e perspectivas, é uma profissão interessada no cuidado de pessoas e coletivos que sofrem os efeitos destes processos de maneiras diversas. Entendemos que as práticas de terapeutas ocupacionais envolvem uma série de ações, estratégias e outras criações que podem ser compreendidas como "resistências", considerando os contextos políticos, econômicos, sociais e culturais em que se encontram.

Assim, esse estudo tem como objetivo geral desvelar relações entre as dimensões políticas, sensíveis e críticas em práticas de terapeutas ocupacionais, tendo em vista a produção de hegemonias, singularidades e resistências. Para isso pretende: (i) cartografar experiências profissionais de terapeutas ocupacionais com perfis diversos, seguindo como pistas as problemáticas, ações, objetivos, populações acompanhadas, contextos, percepções e reflexões; (ii) reconhecer experiências e estratégias que se articulam como resistência na relação com os modos hegemônicos de produção e governo da vida.

Essa é uma pesquisa de doutorado que está sendo realizada no Programa de Pós-Graduação em Terapia Ocupacional da Universidade Federal de São Carlos junto ao Laboratório de Pesquisas AHTO - Atividades Humanas e Terapia Ocupacional, pela doutoranda Paula Tatiana Cardoso (Telefone: 16 33066734 ou 34 91440846 e e-mail: paulatcar@yahoo.com.br), sob orientação da Profa. Dra. Carla Regina Silva (Telefone: 16 35518743 e e-mail: carlars@ufscar.br).

Sua contribuição será de grande importância!

Caso se interesse em participar, pedimos que leia atentamente o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido que se segue e aponte sua concordância para prosseguir.

*Obrigatório

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para o formulário

Riscos e Benefícios: O debate científico em que a pesquisa está envolvida possui tensões e relações de poder, como em qualquer campo do saber, que podem representar algum tipo de risco com caráter emocional, físico, moral, intelectual, social ou cultural. A participação nesta pesquisa pode gerar: cansaço ou desgaste ao responder o questionário; exposição de ideias referentes à Terapia Ocupacional que podem comprometer o anonimato da(o) participante, considerando que a profissão e as publicações na área ainda são restritas; comparação e julgamento de valor das ideias das(os) participantes realizados por terceiros. As pesquisadoras garantem que a(o) participante terá direito a indenização por qualquer tipo de dano resultante da sua participação na pesquisa. A participação nessa pesquisa também compreende benefícios como: oferecer informações sobre a especificidade da assistência, docência ou investigação em Terapia Ocupacional; incentivar estudos, pesquisas e produção de conhecimento da profissão; compor uma caracterização atual da produção de conhecimento no Brasil; contribuir com material que possa qualificar a concepção, o ensino e a formação sobre o tema. Haverá confidencialidade de qualquer elemento que caracterize identidade aos dados e garantia de manutenção do sigilo e da privacidade das(os) participantes da pesquisa durante todas as suas etapas, sendo que a futura divulgação dos mesmos será feita sem a sua identificação. Além disso, não haverá gastos para você pela sua participação.

A sua participação nesta pesquisa não é obrigatória. Sua participação é voluntária, isto é, a qualquer momento você irá decidir se deseja participar e preencher o questionário, se deseja desistir da participação durante o preenchimento do questionário ou após o preenchimento, e poderá retirar seu consentimento sem nenhuma penalização ou prejuízo em sua relação com as pesquisadoras ou com a instituição.

Ao aceitar participar da pesquisa você irá:

1. Eletronicamente aceitar participar da pesquisa, o que corresponderá à assinatura deste termo (TCLE), o qual será disponibilizado em versão pdf no final do formulário, poderá ser impresso ou, se assim o desejar, poderá ser solicitado às pesquisadoras via endereço de e-mail fornecido ou de outra maneira como preferir;

2. Responder ao questionário on-line que terá tempo gasto para seu preenchimento em torno de 25 minutos.

Caso não concorde, basta fechar a página do navegador. Caso desista de participar durante o preenchimento do questionário e antes de finalizá-lo, os seus dados não serão gravados, enviados e nem recebidos pelas pesquisadoras e serão apagados ao se fechar a página do navegador.

Caso tenha finalizado o preenchimento e enviado suas respostas do questionário e após decida desistir da participação, deverá informar as pesquisadoras desta decisão e estas descartarão os seus dados recebidos sem nenhuma penalização.

O projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de São Carlos – (CEP/UFSCar, número do parecer 4.642.379), com sede localizada no prédio da Reitoria (área sul do campus São Carlos) na Rodovia Washington Luiz, km 235 – Caixa Postal 676, CEP 13.565-905 – São Carlos – SP – Brasil (016) 3351-8028. Endereço eletrônico: cephumanos@ufscar.br. A principal ação do CEP é analisar todos os projetos de pesquisa que envolvam seres humanos, em qualquer uma das áreas do conhecimento. Sua missão é prezar pela seguridade aos direitos dos participantes da pesquisa e os direitos e deveres da comunidade científica e do Estado, fazendo cumprir o disposto nas Resoluções do Conselho Nacional de Saúde (CNS), no que diz respeito aos aspectos éticos das pesquisas envolvendo seres humanos. O CEP está vinculado à Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP) do CNS, e o seu funcionamento e atuação são regidos pelas normativas do CNS/Conep. A CONEP é uma comissão do Conselho Nacional de Saúde (CNS), que tem a função de implementar as normas e diretrizes regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos, aprovadas pelo CNS, também atuando conjuntamente com uma rede de Comitês de Ética em Pesquisa – CEP – organizados nas instituições onde as pesquisas se realizam. Desta forma, a CONEP e o CEP da UFSCar têm a função neste projeto em educar, orientar e aprovar as questões éticas envolvidas, assim como fiscalizá-las para garantir o cumprimento das normas por eles estabelecidas.

1. Caso concorde com os termos acima e deseje compartilhar suas respostas com as pesquisadoras, assinale a opção abaixo para prosseguir *

Marcar apenas uma oval.

Declaro que entendi os objetivos, riscos e benefícios de minha participação na pesquisa e concordo em participar e em divulgar os dados solicitados anonimamente. As pesquisadoras me informaram que o projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos da Universidade Federal de São Carlos (CEP/UFSCar).

Dados pessoais

25/04/2022 18:51

Pesquisa "Seguindo as pistas da resistência com a Terapia Ocupacional: mapas, mergulhos e composições"

2. CPF *

3. E-mail (opcional)

4. Idade *

5. Identidade autopercebida (raça/etnia/cor da pele) *

Marcar apenas uma oval. Afro-indígena Amarela Branca Indígena Negra Parda Preta Outros

25/04/2022 18:51

Pesquisa "Seguindo as pistas da resistência com a Terapia Ocupacional: mapas, mergulhos e composições"

6. Identidade autopercebida (Gênero) *Cis/cisgênero: refere ao indivíduo que se identifica, em todos os aspectos, com o gênero atribuído ao nascer; Trans/transgênero: terminologia utilizada para descrever pessoas que transitam entre os gêneros ou não se identificam com algum(uns) aspecto(s) do gênero designado ao nascer, transcendendo definições convencionais de sexualidade. Referência: REIS, T. (Org). Manual de Comunicação LGBTI+. Curitiba: Aliança Nacional LGBTI / GayLatino, 2018. *

Marcar apenas uma oval.

- Mulher cis
- Mulher trans
- Homem cis
- Homem trans
- Trans não binarie
- Outros

7. Identidade autopercebida (Sexualidade)

Marcar apenas uma oval.

- Heterossexual
- Lésbica
- Gay
- Bissexual/Pansexual
- Outros

Perfil profissional

25/04/2022 18:51

Pesquisa "Seguindo as pistas da resistência com a Terapia Ocupacional: mapas, mergulhos e composições"

8. Tempo de formação graduada *

Marcar apenas uma oval.

- Até 5 anos
- De 6 a 10 anos
- De 11 a 15 anos
- De 16 a 20 anos
- De 21 a 25 anos
- Acima de 26 anos

9. Demais processos formativos *

Marque todas que se aplicam.

- Grupo de Estudos
- Especialização ou Aprimoramento
- Residência
- Comunidade de Práticas
- Mestrado
- Doutorado
- Pós-doutorado
- Outro: _____

25/04/2022 18:51

Pesquisa "Seguindo as pistas da resistência com a Terapia Ocupacional: mapas, mergulhos e composições"

10. Região do País em que atua (Estado ou Distrito Federal) *

Marque todas que se aplicam.

- Acre
- Alagoas
- Amapá
- Amazonas
- Bahia
- Ceará
- Distrito Federal
- Espírito Santo
- Goiás
- Maranhão
- Mato Grosso
- Mato Grosso do Sul
- Minas Gerais
- Pará
- Paraíba
- Paraná
- Pernambuco
- Piauí
- Rio de Janeiro
- Rio Grande do Norte
- Rio Grande do Sul
- Rondônia
- Roraima
- Santa Catarina
- São Paulo
- Sergipe
- Tocantins

25/04/2022 18:51

Pesquisa "Seguindo as pistas da resistência com a Terapia Ocupacional: mapas, mergulhos e composições"

11. Classificação da(s) prática(s) profissional(is) atual *

Marque todas que se aplicam.

- Assistência/Técnica/Clínica
- Docência/Formativa
- Gestão
- Pesquisa/Investigativa
- Representação Política/Atuação em Entidades Representativas da Categoria
- Outro: _____

12. Esfera(s) de desenvolvimento do trabalho *

Marque todas que se aplicam.

- Público
- Privado
- Terceiro Setor
- Movimentos Sociais

13. Setores em que localiza sua atuação *

Marque todas que se aplicam.

- Assistência Social
- Cultura
- Direitos Humanos
- Educação
- Saúde
- Segurança
- Trabalho
- Outro: _____

14. Poderia especificar espaço(s)/serviço(s)/organização(ões) onde realiza seu trabalho a partir da(s) esfera(s) e setor(es) selecionados? (Exemplos: hospital, escola, unidade básica de saúde, empresa, etc) *

25/04/2022 18:51

Pesquisa "Seguindo as pistas da resistência com a Terapia Ocupacional: mapas, mergulhos e composições"

Práticas e percepções

Entendemos que as práticas de terapeutas ocupacionais se relacionam, de diferentes formas e em diferentes contextos, com a produção do cuidado de pessoas, grupos e coletivos. Assim, consideramos aqui práticas assistenciais, técnicas, de pesquisa, docência, gestão, entre outras realizadas no âmbito da profissão.

15. Aponte TRÊS principais processos que se relacionam com as DEMANDAS apresentadas pelas pessoas, grupos e coletivos envolvidos na sua prática profissional *

Marque todas que se aplicam.

- Alienação
- Baixo desempenho
- Capacitismo
- Desigualdade
- Despotencialização
- Desumanização
- Disfunção
- Discriminação
- Dominação
- Estigma
- Exclusão
- Incapacidade
- Invisibilidade
- LGBTQIA+fobia
- Machismo/Sexismo
- Marginalização
- Opressão
- Racismo
- Violência
- Violação de direitos
- Vulnerabilidade social
- Outro: _____

25/04/2022 18:51

Pesquisa "Seguindo as pistas da resistência com a Terapia Ocupacional: mapas, mergulhos e composições"

16. Aponte TRÊS principais processos que são enfrentados na sua PRÁTICA como terapeuta ocupacional

*

Marque todas que se aplicam.

- Alienação
- Baixo desempenho
- Capacitismo
- Desigualdade
- Despotencialização
- Desumanização
- Disfunção
- Discriminação
- Dominação
- Estigma
- Exclusão
- Incapacidade
- Invisibilidade
- LGBTQIA+fobia
- Machismo/Sexismo
- Marginalização
- Opressão
- Racismo
- Violência
- Violação de direitos
- Vulnerabilidade social
- Outro: _____

17. Você percebe relações ou articulações entre os processos que apontou nas duas questões anteriores e os modos e/ou estruturas e/ou sistemas sociais hegemônicos - econômicos, políticos, culturais, científicos, de comunicação, conexão e mídias, etc? *

Marcar apenas uma oval.

- Sim
- Não
- Em parte

25/04/2022 18:51

Pesquisa "Seguindo as pistas da resistência com a Terapia Ocupacional: mapas, mergulhos e composições"

18. Se desejar, justifique a resposta da questão anterior (opcional)

25/04/2022 18:51

Pesquisa "Seguindo as pistas da resistência com a Terapia Ocupacional: mapas, mergulhos e composições"

19. Aponte TRÊS principais OBJETIVOS e/ou ESTRATÉGIAS que compõem sua prática profissional *

Marque todas que se aplicam.

- Adaptação
- Ampliação de Direitos
- Autoconhecimento/Autoestima
- Autoeficácia
- Autonomia
- Capacitação
- Cidadania
- Conscientização
- Condicionamento
- Criação
- Desenvolvimento/Aquisição de habilidades
- Desempenho
- Deslocamento
- Dignidade da condição humana
- Ecologia dos saberes
- Emancipação
- Empoderamento
- Estimulação
- Funcionalidade
- Inclusão
- Inserção
- Independência
- Interdependência
- Justiça
- Facilitação
- Mediação
- Participação
- Participação Social
- Potencialização
- Pluralidade
- Produção de vida
- Produtividade
- Reabilitação
- Singularidade
- Transformação social
- Treino/Treinamento
- Outro: _____

25/04/2022 18:51

Pesquisa "Seguindo as pistas da resistência com a Terapia Ocupacional: mapas, mergulhos e composições"

20. Nos conte uma experiência profissional que relacione um ou mais processos enfrentados na sua prática, com uma ou mais estratégias e/ou objetivos que foram apontados nas questões anteriores? *

Conversando sobre "resistência" com terapeutas ocupacionais

21. Apresente até TRÊS palavras e/ou frases curtas que se relacionem com a ideia de resistência para você *

22. Continue o trecho a seguir – As pessoas e/ou grupos e/ou coletivos relacionados à minha prática profissional resistem quando... *

25/04/2022 18:51

Pesquisa "Seguindo as pistas da resistência com a Terapia Ocupacional: mapas, mergulhos e composições"

23. Continue o trecho a seguir – Na Terapia Ocupacional eu resisto quando... *

Agradecimentos e encaminhamentos!

Agradecemos sua participação e imensa contribuição para este estudo. Disponibilizo o Termo de Consentimento livre e Esclarecido (TCLE) apresentado no início deste formulário, caso você tenha interesse em ter uma cópia (acesso no link: https://drive.google.com/file/d/19r4u7DPkseEZQWPe5QK_rHpEOpz3DAyR/view?usp=sharing)

24. Esta pesquisa será realizada em três etapas. A segunda etapa se refere ao envio de narrativas (escritas ou orais) para maior aprofundamento sobre as experiências profissionais de terapeutas ocupacionais. Na terceira etapa, as(os) participantes que enviarem narrativas serão convidadas(os) para um grupo de discussão. Caso você seja selecionado, gostaria de receber o convite para participação nestas etapas? Se sim, deixe um e-mail e/ou número de telefone para contato.

25. Solicitamos que, se possível e desejável, nos ajude na divulgação da pesquisa, por meio de compartilhamento do nosso convite, que contém o link de acesso ao formulário (<https://forms.gle/6dygi4SpQ5yJKv5Y6>). Além disso, caso você conheça alguém que teria interesse em participar do estudo, por favor, deixe um contato para enviarmos o convite (e-mail ou telefone). Obrigada!

Este conteúdo não foi criado nem aprovado pelo Google.

Google Formulários